

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2010 - 2011



Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina

2010-2011

Estado de Santa Catarina

Governador do Estado - João Raimundo Colombo

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca - João Rodrigues

Secretário Adjunto da Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca - Airtton Spies

Presidente da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Epagri

Luiz Ademir Hessmann

Diretores da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Epagri

Extensão Rural - Ditmar Alfonso Zimath

Ciência, Tecnologia e Inovação - Luiz Antônio Palladini

Administração e Finanças - Paulo Roberto Lisboa Arruda

Desenvolvimento Institucional - Eduardo Medeiros Piazeria

Chefe do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola - Epagri/Cepa - Ilmar Borchardt

Coordenação

Luiz Marcelino Vieira

Elaboração

Alex Alves dos Santos
André Luis Tortato Novaes
Daniel Rogério Schmitt
Diogo Campello da Pieva
Evandro Uberdan Anater
Fabiano Muller Silva
Fernando Soares Silveira
Francisco Assis de Brito
Francisco Carlos Heiden
Gilberto Luiz Curti
Giovani Canola Teixeira
Guilherme Sabino Rupp
Irceu Agostini
Júlio Alberto Rodigheri
Luis Augusto Araujo
Luiz Marcelino Vieira
Luiz Toresan
Márcia Janice Freitas da Cunha Varaschin
Marco Antônio Lucini
Robson Ventura de Souza
Sérgio Winckler da Costa
Tabajara Marcondes

Colaboração

Cléverson Buratto
Édila Gonçalves Botelho
Eugênio Moretti Garcia
Getúlio Tadeo Tonet
José Osório Guardini Ortiz
Saturnino Claudino dos Santos
Telmelita Senna
Valdir Cembranel

Editoração

Sidaura Lessa Graciosa
Zélia Alves Silvestrini

Revisão de texto

Laertes Rebelo

Revisão técnica

Júlio Alberto Rodigheri

Capa

Vilton Jorge de Souza

Foto

Aires Carmem Mariga
Nilson Otávio Teixeira

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina. v.1 1976 -
Florianópolis: Epagri/Cepa, 1976-
Anual

Título anterior: Síntese Informativa sobre a Agricultura
Catarinense, 1976-1981.

Publicada em 2 volumes de 1984 a 1991.

Publicação interrompida em 1992.

Editada pela Epagri-Cepa (2005 -)

1. Agropecuária - Brasil SC - Periódico. I. Instituto de Planejamento e
Economia Agrícola de Santa Catarina, Florianópolis, SC. II. Empresa de
Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina/Centro de
Socioeconomia e Planejamento Agrícola - Epagri/Cepa, Florianópolis, SC.

ISSN 1677-5953

Epagri/Cepa - Rod. Admar Gonzaga, 1.486 - Itacorubi - C.P. 1587 - 88034-001 - Florianópolis - SC

Tel. (48) 3239.3900 - Fax: 3239.3990

<http://cepa.epagri.sc.gov.br>

Apresentação

Esta é a 32ª edição da Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina, trabalho que, anualmente, procura informar o público sobre os acontecimentos relevantes relacionados às principais cadeias produtivas da agropecuária estadual, e também sobre outros assuntos importantes para o espaço rural catarinense.

No que diz respeito ao desempenho produtivo, apesar de eventos climáticos adversos em regiões restritas, pode-se considerar que o período 2010-2011 foi bastante positivo, pois a maioria dos produtos analisados contou novamente com condições climáticas favoráveis, o que redundou em boas produtividades e produções.

Do ponto de vista mercadológico, o quadro não foi exatamente o mesmo, com alguns problemas de mercado que afetaram produtos como fumo e o trigo e, de maneira especial, o arroz, o que é sempre um alerta para a relação entre oferta e demanda, fator importante para o planejamento mais adequado da produção e, eventualmente, até para reestruturações produtivas.

No que diz respeito ao valor bruto da produção, nossos principais produtos continuam sendo: 1º, a carne de frangos; 2º, os suínos; 3º, o leite; 4º, o fumo; 5º, o milho; 6º, a soja; 7º, a maçã; 8º, o arroz; 9º, os bovinos de corte e, 10º, a banana. Entre esses produtos, um destaque especial é dado para a produção de leite, que continua sendo fortemente incrementado no Estado, com crescimento muito acima do que se observa na quase totalidade dos demais estados do País, e que é a responsável pelo maior valor adicionado bruto (13%) da agropecuária estadual.

Em relação ao mercado internacional, depois da queda de 2008, as exportações do agronegócio catarinense voltaram a bater recordes. As principais *commodities* exportadas pelo Estado estão bastante demandadas e com bons preços no mercado internacional.

Na capa dessa edição destacamos as pessoas, as famílias do “mundo rural e pesqueiro”, que, com seu trabalho e conhecimento, estão entre os grandes responsáveis pelo desenvolvimento catarinense.

A Epagri agradece a todos que colaboraram na elaboração desta Síntese, bem como ao patrocinador que tem viabilizado sua impressão. Vale destacar que o documento está disponível em dois formatos: versão impressa e em arquivo eletrônico no site <http://cepa.epagri.sc.gov.br>.

Desejamos que as informações sejam úteis e que, no somatório dos esforços, continuemos a comemorar anos de sucesso da agricultura e da pesca de Santa Catarina.

Luis Ademir Hessmann
Presidente da Epagri

Convenções

= números entre parênteses em tabela, tão somente, não em texto, significam números negativos.

... o dado é desconhecido, podendo o fenômeno existir ou não existir.

– o fenômeno não existe.

0; 0,0; 0,00: o dado existe, mas seu valor é inferior à metade da unidade adotada na tabela.

Nota: As diferenças porventura apresentadas entre soma de parcelas e totais são provenientes de arredondamento de dados.

Sumário

Parte I

Uma breve análise da agropecuária catarinense em 2010 e no primeiro semestre de 2011	7
--	---

Desempenho da produção vegetal

Alho	11
Arroz	18
Banana	23
Cebola	30
Feijão	34
Fumo	40
Maçã	47
Mandioca	53
Milho	58
Soja	64
Tomate	70
Trigo	76
Uva e Vinho	83
Flores e plantas ornamentais	89
Hortifrutigranjeiros	94
Comercialização de produtos hortifrutigranjeiros na Ceasa/SC - Unidade de São José	94
Calendário agrícola	97

Desempenho da produção animal

Carne bovina	98
Carne de frango	103
Carne suína	109
Leite	117

Desempenho da pesca e da aquicultura	124
--	-----

Desempenho do setor florestal 134

Crédito rural 153

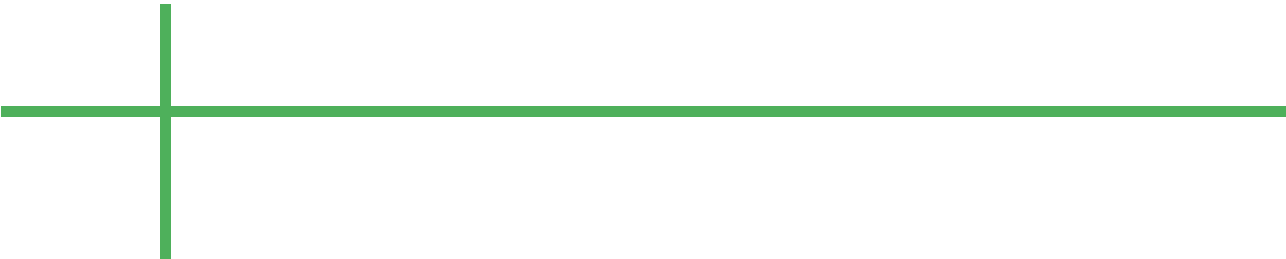
Crédito fundiário no estado de Santa Catarina..... 157

Parte II

Divisão do território catarinense e população 158

Informações econômicas da agropecuária 164

Preços agrícolas 169



Uma breve análise da agropecuária catarinense em 2010 e no primeiro semestre de 2011¹

Márcia J. F. da Cunha Varaschin, MSc
Econ. Epagri/Cepa
marciacunha@epagri.sc.gov.br

A instabilidade econômica mundial, resultante da crise por que passam os Estados Unidos e a Europa, tem causado grandes apreensões em todo o mundo, sobretudo naquelas economias fortemente dependentes do comércio internacional.

No caso do Brasil de um modo geral e de Santa Catarina em particular, embora o desempenho da balança comercial e outros indicadores da economia deixem poucas dúvidas de que existe um processo de inserção crescente na economia internacional, o mercado interno ainda tem peso expressivo na explicação do desempenho de muitos setores.

Essa combinação entre mercado externo e interno e suas relações ajudam a entender o que ocorreu no ano de 2010 e no primeiro semestre de 2011 no setor agropecuário catarinense. A análise nos próximos parágrafos aborda alguns aspectos que permitem que se tenha uma visão resumida do desempenho setorial.

A agropecuária catarinense apresentou um bom desempenho nos primeiros meses de 2011. O Valor Bruto da Produção (VBP) do primeiro semestre de 2011 teve um crescimento médio de 10,8%, em relação ao primeiro semestre de 2010. O VBP agrícola cresceu 9,6% e o da pecuária, 11,9%. Tal resultado é bastante positivo, visto que de 2009 para 2010 o VBP da agropecuária havia caído 0,31%: o VBP da pecuária até aumentou 6,7%, mas isso não foi suficiente para um crescimento setorial consistente, já que o VBP agrícola caiu 6,8% (Tabela 1).

A análise por produto permite entender esse desempenho geral e constatar as expressivas diferenças de desempenho. No primeiro semestre de 2011 o milho foi o campeão em rentabilidade, com uma variação de 5,2% em seu VBP. Outros bons desempenhos foram os da soja (29,9%), o dos bovinos de corte (24,4%) e o da banana (22,2%). Por outro lado, o primeiro semestre foi bastante ruim para a batata-inglesa, para a cebola e para o arroz, com quedas de VBP, respectivamente, de 52%, 49,8% e 29,9%.

Ao se analisar apenas as quantidades produzidas², o desempenho setorial do primeiro semestre de 2011 muda sensivelmente. Houve um crescimento de apenas 0,93%, sendo que o índice da agricultura decresceu 2,5% e o da pecuária aumentou 4,1%. Tal resultado é muito diferente do observado em 2010, cujo índice aumentou 7,1%: o da agricultura cresceu 9,1% e o da pecuária, 4,9% (Tabela 2)

Esse resultado reflete os problemas climáticos enfrentados pelas principais culturas na safra 2010/11, sobretudo no caso do trigo, cebola, feijão, milho, arroz e fumo. Vale lembrar que os dados relativos ao primeiro semestre de 2011 ainda são estimativas e, portanto, podem sofrer alterações.

¹ As tabelas dos índices de preços, índice de *quantum* e do VBP são de autoria do economista Paulo Zoldan.

² Para isso utilizamos aqui o índice de *quantum*, que permite verificar não apenas a variação da quantidade produzida por produto, mas, através de ponderações, chegar também na variação da produção setorial.

Tabela /I. Quantidade, preço, valor e índice de preços da produção agropecuária segundo produtos e grupos de atividade econômica - Santa Catarina – 2010-11

Produto/atividade econômica	Produção (t)	Preço (R\$/kg) ¹		VBP (mil R\$)		Part. % 2011	Índice de preços ² qi ² pi/qi ² po
	2011 (qi)	2010 (po)	2011 (pi)	2010 (qi ² po)	2011 (qi ² pi)		
Lavoura temporária				4.723.007	5.234.795	38,77	10,84
Alho	17.992	4,87	4,66	87.681	83.915	0,62	-4,30
Arroz em casca	984.190	0,57	0,40	561.185	393.676	2,92	-29,85
Batata inglesa	107.545	0,72	0,34	76.895	36.931	0,27	-51,97
Cebola	466.429	0,68	0,34	316.239	158.819	1,18	-49,78
Feijão	158.290	1,19	1,14	188.840	180.055	1,33	-4,65
Fumo	237.900	5,72	6,18	1.360.392	1.470.222	10,89	8,07
Mandioca	518.027	0,19	0,22	96.533	112.149	0,83	16,18
Milho em grão	3.524.644	0,26	0,40	905.834	1.423.565	10,54	57,16
Soja em grão	1.472.146	0,56	0,73	828.491	1.075.893	7,97	29,86
Tomate	185.805	1,19	1,16	221.037	215.682	1,60	-2,42
Trigo em grão	210.600	0,38	0,40	79.882	83.889	0,62	5,02
Lavoura permanente				1.185.493	1.247.272	9,23	5,21
Banana	663.035	0,30	0,37	199.176	243.466	1,80	22,24
Maçã	666.312	1,49	1,51	991.540	1.003.806	7,43	1,24
Produção pecuária³				4.707.574	5.244.213	38,85	11,40
Bovinos	105.800	2,68	3,33	283.021	352.173	2,61	24,43
Frangos	1.818.000	1,44	1,59	2.617.920	2.887.590	21,39	10,30
Suínos	830.000	2,18	2,42	1.806.633	2.004.450	14,85	10,95
Produção de origem animal				1.568.160	1.775.520	13,15	13,22
Leite (mil litros)	2.592.000	0,61	0,69	1.568.160	1.775.520	13,15	13,22
Lavoura temporária				4.723.007	5.234.795	38,77	10,84
Lavoura permanente				1.190.715	1.247.272	9,24	4,75
Pecuária				4.707.574	5.244.213	38,84	11,40
Produção de origem animal				1.568.160	1.775.520	13,15	13,22
Agricultura				5.913.722	6.482.067	48,01	9,61
Pecuária				6.275.734	7.019.733	51,99	11,86
Valor Bruto da Produção				12.189.456	13.501.801	100,00	10,77

Fonte: Epagri/Cepa e IBGE. Produção Agrícola Municipal e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, maio de 2011.

¹ Preço médio recebido pelo produtor no primeiro semestre do respectivo ano.

² Indica a variação dos preços médios recebidos pelo produtor no primeiro semestre dos respectivos anos.

³ Estimativa do abate total com base na taxa de crescimento de janeiro a junho do mesmo ano.

Tabela 2/I. Quantidade, preço, valor e índice de Quantum da produção agropecuária, segundo produtos e grupos de atividade econômica - Santa Catarina - 2010-11

Produto/Atividade econômica	Quantid. produzida		Preço (R\$/kg) ¹	Valor da produção 2011 (mil R\$)		Part.% 2011	Índice de Quantum
	2010	2011		2010	2011		
Lavoura temporária				4.657.819	4.537.013	37,0	-2,59
Alho	16.442	17.992	4,81	79.135	86.595	0,7	9,43
Arroz em casca	1.041.587	984.190	0,56	579.843	547.891	4,5	-5,51
Batata inglesa	105.373	107.545	0,47	49.501	50.521	0,4	2,06
Cebola	537.521	466.429	0,64	341.444	296.285	2,4	-13,23
Feijão em grão	169.753	158.290	1,09	185.710	173.169	1,4	-6,75
Fumo (estufa)	243.474	237.900	5,68	1.382.932	1.351.272	11,0	-2,29
Mandioca	541.476	518.027	0,19	102.880	98.425	0,8	-4,33
Milho em grão	3.693.312	3.524.644	0,26	960.261	916.407	7,5	-4,57
Soja em grão	1.374.045	1.472.146	0,54	741.984	794.959	6,5	7,14
Tomate	186.802	185.805	0,75	140.102	139.354	1,1	-0,53
Trigo em grão	241.093	210.600	0,39	94.026	82.134	0,7	-12,65
Lavoura permanente				1.228.058	1.204.478	9,8	-1,92
Banana	672.892	663.035	0,31	208.058	205.010	1,7	-1,46
Maçã	680.000	666.312	1,50	1.020.000	999.468	8,2	-2,01
Produção pecuária²				4.786.044	4.925.576	40,2	2,92
Bovinos	108.700	105.800	2,92	317.404	308.936	2,5	-2,67
Frangos	1.723.000	1.818.000	1,43	2.463.890	2.599.740	21,2	5,51
Suínos	825.000	830.000	2,43	2.004.750	2.016.900	16,5	0,61
Produção de origem animal				1.464.000	1.581.120	12,9	8,00
Leite (mil litros)	2.400.000	2.592.000	0,61	1.464.000	1.581.120	12,9	8,00
Agricultura Pecuária				5.885.877	5.741.491	46,9	-2,45
				6.250.044	6.506.696	53,1	4,11
Total				12.135.921	12.248.187	100,0	0,93

Fonte : Abipecs (Assoc. Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carnes Suína), UBA (União Brasileira de Avicultura), Abiec (Assoc. Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes), IBGE, Produção Agrícola Municipal e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, maio de 2011, IBGE. Produção Pecuária Municipal, Epagri/Cepa. Preços Recebidos pelo Agricultor.

¹ Preço médio ponderado recebido pelo produtor.

² Produção total de carnes em Santa Catarina.

Com relação às exportações catarinenses, em 2010 houve um crescimento de 17%. Embora, a princípio, esse resultado pareça positivo, deve-se levar em conta que o ano de comparação (2009) foi bastante ruim para o comércio exterior, já que estava em plena repercussão toda a crise econômica mundial iniciada em 2008. Portanto, a base de cálculo de 2009 estava inferior ao que o Estado normalmente exporta. Quando se toma um ano normal por base, como 2008, por exemplo, constata-se que o valor das exportações catarinenses de 2010 decresceu 8,8%: foram US\$ 7,582 bilhões, em 2010, contra US\$ 8,311 bilhões, em 2008.

De 2009 para 2010, o valor das exportações do agronegócio catarinense cresceu 14,8%; portanto, menos que os 17% observados no valor das exportações totais. Por outro lado, houve uma queda de 4,9% entre 2008 e 2010, que é explicada pelo aumento que ocorreu nos preços das *commodities* agrícolas, já que em termos de quantidade, os embarques foram reduzidos.

Nos primeiros dez meses de 2011, o valor das exportações totais de Santa Catarina já superou em 18,7% o valor do mesmo período do ano anterior. No mesmo período, as exportações do

agronegócio tiveram um aumento de 16,3%, o que ainda é explicado pelo alto preço alcançado pelas *commodities*, já que o crescimento das quantidades exportadas de vários produtos foi bem mais discreto, havendo inclusive em alguns casos até redução da quantidade exportada.

Em 2010, os Estados Unidos, a Holanda e a Argentina foram os principais mercados para as exportações catarinenses, seguidos pelo Japão e Alemanha. Nos dados acumulados dos primeiros dez meses de 2011, entretanto, a Argentina já aparece na segunda posição, o Japão na terceira, a Holanda na quarta e a China substituindo a Alemanha na quinta colocação.

As importações catarinenses de 2010, por sua vez, aumentaram 61,9% em relação a 2009 e 48,5% em relação a 2008, o que reflete a valorização do Real frente a outras moedas, particularmente em relação ao Dólar, tornando os produtos importados extremamente atrativos e competitivos no mercado nacional. No agronegócio, os percentuais de crescimento das importações são bem mais discretos: em 2010, o valor das importações catarinenses de produtos desse setor aumentou 13,6% em relação a 2009 e 12,8% em relação a 2008.

Em 2011, até outubro, as importações já tiveram elevação de 24,9% em relação ao mesmo período de 2010. Para os produtos do agronegócio esse percentual chega a 31,8%.

A China está se consolidando como o principal fornecedor de produtos importados para Santa Catarina. Em 2011, os outros principais países dos quais o Estado adquiriu produtos foram: Chile, Argentina, Estados Unidos e Alemanha.

Na Parte 2 deste documento constam duas tabelas com informações detalhadas sobre exportações e importações catarinenses atualizadas.

Outro dado importante e que sinaliza a saúde econômica do Estado é sua arrecadação de impostos. No caso específico do ICMS, houve crescimento de 21,3% na arrecadação no último ano, sendo que o setor de comércio/serviços foi o que mais contribuiu para esse resultado (Tabela 3). Em 2010 o Estado pulou para a 6ª posição no ranking nacional em relação ao ICMS *per capita* (éramos o 8º em 2000), com o valor de R\$ 1.659,00. A média nacional é de R\$ 1.362,00.

Tabela 3/I. Arrecadação de ICMS, por atividade econômica - Santa Catarina - 2006-10

(1.000 R\$)					
Atividade econômica	2006	2007	2008	2009	2010
Agricultura	15.566	15.665	17.546	20.223	24.267
Indústria	2.396.487	2.739.586	3.018.342	3.356.998	4.011.055
Comércio e serviços	3.704.945	4.009.388	4.695.954	4.949.877	6.066.443
Total	6.116.998	6.764.639	7.731.842	8.327.098	10.101.765

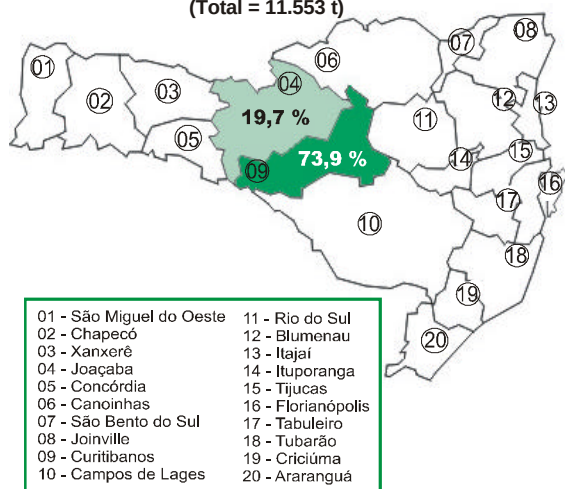
Fonte: Confaz e Secretarias de Fazenda, Finanças ou Tributação - IBGE.

Desempenho da produção vegetal

Alho

Marco Antônio Lucini
Engº Agrº Epagri/Curitibanos
marcolucini@epagri.sc.gov.br

Alho - Concentração da produção por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safra 2009
(Total = 11.553 t)



Produção e mercado mundial

A produção mundial de alho no ano de 2009, segundo a FAO, Tabela 1, foi de 22,28 milhões de toneladas, com uma área cultivada de 1.370,6 mil hectares. Dados extra-oficiais dão conta de aumentos nas áreas de cultivo e produtividade do alho no mundo, na safra 2010/2011, em especial a chinesa. Informações vindas do país asiático indicam que a produção de alho na China na safra de 2010/11 aumentou 20%. Essa não é uma boa notícia para os produtores de alho do Brasil, pois os chineses, diante de uma supersafra, voltaram a vender alho barato no mercado internacional, com reflexos imediatos no mercado interno nacional.

Existem no mundo quatro grandes centros de produção de alho: asiático, europeu, norte-americano e sul-americano. O centro mais importante é o asiático, onde se destaca a China como o maior produtor, consumidor e exportador mundial de alho. Os dados de 2009 indicam que o país asiático plantou 779,2 mil hectares e colheu 17.96,9 mil toneladas, representando 80% da produção mundial. A China exporta 8% do que produz durante os doze meses do ano, utilizando a frigoconservação.

No centro europeu, destacam-se a Espanha, tradicional produtor e exportador de alho, e a Federação Russa. Com o domínio do mercado de alho pela China nos últimos anos, a Espanha reduziu consideravelmente sua produção e exportação. Na safra de 2009, cultivou 16 mil hectares e colheu 154 mil toneladas, já a Federação Russa plantou 27,2 mil hectares e produziu 227,3 mil toneladas.

O centro norte-americano produz alho basicamente para os mercados dos Estados Unidos e México. O México exporta uma pequena quantidade de alho todo ano para o Brasil e em 2010 foi de apenas 229 toneladas.

No centro sul-americano o destaque é a Argentina, maior exportador regional de alho. Já o Brasil é o segundo maior importador mundial desse bulbo. Na safra de 2009, a Argentina cultivou 13.937 hectares e colheu 120.391 toneladas, 75% das quais destinadas à exportação, tendo no Brasil seu maior comprador.

A China domina o mercado mundial do alho, com exportações anuais de 150 milhões de caixas de 10 kg, segundo a FAO. Poucos são os países onde não se encontra o bulbo asiático, de boa aparência e tamanho, mas de pouca pungência. Do total exportado pela China, o Brasil compra 6,5%.

Alho

O aumento do preço Fob do alho chinês, no período de março de 2009 a maio de 2011, puxou o preço do mercado brasileiro para cima, o que onerou o alho argentino e nacional, beneficiando os produtores sul-americanos. Com o aumento da oferta de alho chinês na safra nova de 2010/11, os asiáticos abriram o mercado em junho de 2011 a US\$ 12,50/caixa de 10 quilos, preço Fob. Quando se fala em um aumento de produção e oferta de 20% do alho chinês, é bom lembrar que a China cultiva em torno de 800 mil hectares de alho todo ano (Tabela 1).

Tabela 1/I. Alho - Área colhida e produção obtida - Mundo e principais países - Safras 2005/09

País	Área colhida (mil ha)					Produção (mil t)				
	2005	2006	2007	2008	2009	2005	2006	2007	2008	2009
Mundo	1.264,1	1.177,7	1.309,5	1.410,6	1.370,6	14.948,8	15.281,8	20.076,3	22.693,8	22.282,1
China	648,1	656,6	756,6	822,1	779,2	11.083,0	11.567,5	16.064,7	18.357,0	17.967,9
Índia	144,1	134,9	159,2	205,1	205,0	646,6	598,2	776,3	1.068,4	1.070,0
Fed. Russa	30,8	29,9	29,7	25,5	27,2	257,3	255,9	249,0	226,7	227,3
Rep. da Coreia	31,8	28,6	27,0	28,4	30,0	375,0	331,4	347,5	375,5	380,0
Bangladesh	25,6	26,7	38,8	33,6	34,3	90,2	102,5	176,7	144,8	154,8
Myanmar	23,8	24,3	26,3	28,7	30,0	140,7	146,2	161,0	197,3	20,0
Espanha	17,3	15,9	16,7	15,5	16,0	136,4	145,4	151,7	133,6	154,0
Ucrânia	19,1	18,1	18,3	17,3	18,9	145,6	145,6	131,5	136,8	150,1
Argentina	13,7	15,5	15,6	14,1	13,9	116,4	135,5	140,0	125,1	120,4
Turquia	16,8	15,0	14,9	16,0	16,0	109,0	96,1	98,2	105,0	105,4
Tailândia	16,8	13,3	12,1	13,8	11,1	106,6	81,4	74,7	85,6	71,4
Brasil	10,4	10,5	11,3	10,2	10,1	86,2	87,8	99,0	91,7	86,8

Fonte: FAO (julho de 2011).

A produção de alho na América do Sul está presente em dez países, segundo a FAO. A área plantada no continente na safra de 2009 foi de 34.854 hectares e a produção, de 299.162 toneladas (Tabela 2).

Tabela 2/I. Alho - Área colhida e produção obtida - América do Sul - Safras 2005/09

Discriminação	Área (ha)					Produção (t)				
	2005	2006	2007	2008	2009	2005	2006	2007	2008	2009
Total	37.269	40.438	41.435	38.411	34.854	298.165	339.466	351.164	313.907	299.162
Argentina	14.000	15.500	15.600	15.600	13.937	16.441	135.505	140.000	140.000	120.391
Brasil	10.362	10.486	11.035	10.214	10.063	86.199	87.779	92.934	91.649	86.752
Peru	6.451	7.849	8.000	7.974	5.883	54.896	73.503	75.000	80.896	57.613
Chile	2.800	2.900	3.000	1.044	1.253	19.500	20.000	20.500	7.000	11.915
Venezuela	1.560	1.554	1.600	1.437	1.500	11.629	12.591	12.600	12.078	12.000
Bolívia	695	719	720	733	771	4.749	4.993	5.000	5.177	5.334
Equador	620	620	620	620	572	1.030	1.030	1.030	1.030	651
Paraguai	350	300	350	350	400	500	445	500	500	570
Colômbia	256	260	260	265	340	2.513	2.520	2.500	3.536	3.348
Uruguai	175	250	250	174	135	708	1.100	1.100	751	588

Fonte: FAO (julho de 2011).

Alho

Os países com maior área colhida são Argentina, 13.937 hectares, seguida pelo Brasil, 10.063 hectares, Peru, 5.883 hectares e Chile com 1.253 hectares.

Exceto a Argentina, que é o segundo maior exportador de alho do mundo, a produção dos demais países da América do Sul é basicamente destinada ao mercado interno. Dados extraoficiais vindos da Argentina dão conta também do aumento nas áreas de cultivo do alho na safra de 2010/11, acompanhando a onda mundial, na faixa de dez por cento. A variedade com maior aumento de plantio nos últimos anos é a de origem chinesa em detrimento ao alho nobre roxo que permanece estável.

Produção e mercado nacional

A área colhida e a produção das safras brasileiras mostram que a cultura vem perdendo espaço desde meados dos anos 1990, quando o alho chinês desembarcou no Brasil. Naquela época, plantavam-se dezoito mil hectares de alho, e o destaque ficava por conta de Santa Catarina, que cultivava 4,4 mil hectares, ocupando o primeiro lugar entre os estados brasileiros.

Nas safras de 2006 a 2009 (Tabela 3), as áreas de cultivo de alho no Brasil mostram um comportamento similar, ao redor dos dez mil hectares. Nesse período, o que cresceu foi a produtividade média, que passou de 8,36 toneladas por hectare em 2006 para 9,92 toneladas em 2010.

Dados preliminares da safra de 2011 indicam um pequeno aumento nas áreas de cultivo de alho em todo o País. Esse aumento é decorrência do bom resultado econômico das últimas três safras, quando os preços foram remuneradores.

No Brasil existem duas regiões bem distintas responsáveis por 80% da área de plantio de alho, especialmente os nobres de dente roxo, exigentes em frio e/ou fotoperíodo: o Sul do País, especialmente nos Campos de Curitiba e na Serra Gaúcha; a outra região produtora é o “Cerrado” de Goiás, Minas Gerais e Bahia, onde os destaques são a Cristalina-Goiás, no Alto Paranaíba, São Gotardo em Minas e a Chapada Diamantina na Bahia. O alho produzido nessa região quente necessita de choque frio em câmaras frigoríficas e sua produção destina-se aos grandes centros consumidores e distribuidores do bulbo no Brasil.

Os alhos comuns, com 15% da área cultivada no Brasil, possuem uma baixa exigência de frio e/ou fotoperíodo, baixa produtividade média e produzem do Rio Grande do Sul até o Nordeste. Esses bulbos destinam-se aos mercados regionais, que são menos exigentes em aparência e apresentação.

A produção nacional de alho em 2010 foi de 104.586 toneladas, volume superior ao ano anterior. Esse aumento da produtividade deve-se em grande parte ao clima favorável à cultura e à alta tecnologia usada pelos produtores nacionais.

Os estados de Goiás, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Minas Gerais apresentaram as maiores áreas colhidas do bulbo em 2010, com 2.671, 2.626, 1.767 e 1.635 hectares respectivamente (Tabela 3).

Alho

Tabela 3/I. Alho - Área plantada e produção - Brasil e por estado - Safras 2006/11

Brasil/ estado	Área plantada (ha)						Produção (t)					
	2006	2007	2008	2009	2010	2011 ⁽¹⁾	2006	2007	2008	2009	2010	2011 ⁽¹⁾
Brasil	10.490	11.258	10.228	10.163	10.543	10.880	87.779	99.002	91.174	86.752	104.586	102.205
Rio G. do Sul	3.320	3.293	2.904	3.014	2.626	2.777	21.438	22.167	19.658	17.819	17.739	18.582
Minas Gerais	2.304	2.192	1.958	1.844	1.635	1.677	25.552	23.895	22.094	22.188	19.120	19.707
Goiás	1.024	1.870	1.900	1.650	2.671	2.671	12.277	22.707	23.330	21.260	39.252	33.215
Santa Catarina	1.530	1.876	1.577	1.476	1.767	1.864	12.904	17.274	14.215	11.553	16.442	17.992
Paraná	833	810	755	701	679	707	3.955	3.872	3.718	3.148	2.924	3.304
Bahia	938	776	628	661	729	801	7.398	5.382	4.320	5.144	5.478	6.060
São Paulo	200	200	197	197	197	111	1.700	1.774	1.717	1.750	1.738	954
Distrito Federal	161	190	176	176	146	146	1.601	1.989	1.825	1.770	1.592	1.518
Espírito Santo	129	113	113	91	93	126	70	744	743	691	301	873

⁽¹⁾ Dados preliminares sujeitos a confirmação (2011 - dados do IBGE SC dão conta do plantio de 1.864 ha em SC e não apenas 1.684 ha como esta no LSPA de abril/2011, por isso aumentou um pouco a área de cultivo e produção de 2011.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2005-2009) e LSPA-jul/2010.

Dados preliminares da safra de 2011 mostram o Rio Grande do Sul com a maior área, seguido de Goiás, Santa Catarina e Minas Gerais.

Santa Catarina, que já foi o maior produtor nacional, aparece na safra de 2010 na quarta colocação em produção, com 16.442 toneladas e uma produtividade de 9,30 t/ha.

Ano após ano, as importações brasileiras de alho estão batendo recordes (Tabela 4), segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior/Secex. O volume importado em 2010 foi recorde novamente, com 153.141 toneladas no valor de US\$ 251.692 mil e preço médio declarado de US\$ 16,44 por caixa. A oferta mensal de alhos importados foi de 1,27 milhões de caixas de 10 kg para um consumo mensal de 2 milhões.

O maior fornecedor de alho para o Brasil, desde 2005, é a China. Em 2010, o volume de alho que de lá entrou foi de 97.189 toneladas, representando 63,34% do total importado. O preço médio declarado por caixa foi de US\$ 14,48 contra os US\$ 6,71 do ano de 2009.

O segundo maior fornecedor de alhos para o Brasil é a Argentina. No ano de 2010 foram importadas 54.083 toneladas, 35,31% do total, a um preço médio de US\$ 24,02, um valor bem superior ao ano anterior, que foi de US\$ 9,46/caixa.

O cenário para a safra de 2011/12 não é tão favorável como nas safras passadas. O aumento do plantio e da produção da China foi da ordem

de 20% (colheram a safra em maio/junho de 2011) e os preços Fob despencaram no mercado internacional. Por isso, o produtor nacional deve ter muita cautela, evitar exageros e gastos desne-

Tabela 4/I. Alho – Importação por país de origem – Brasil - 2006/11⁽¹⁾

Ano	Tonelada						Média cx/mês	Valor (US\$1000)
	Argentina	China	Chile	Espanha	México	Totais		
2006	56.690	62.907	172	22	120	119.911	9.993	80.339
2007	74.698	57.786	0	-	-	132.484	11.040	103.193
2008	58.214	86.899	0	-	-	145.113	12.093	88.235
2009	54.898	91.915	391	2.984	1.530	151.718	12.643	118.168
2010	54.083	97.189	232	1.089	286	153.141	12.762	251.692
2011 ⁽¹⁾	51.600	26.994	323	-	299	79.412	13.235	169.618

⁽¹⁾ Dados até junho de 2011.

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Alho

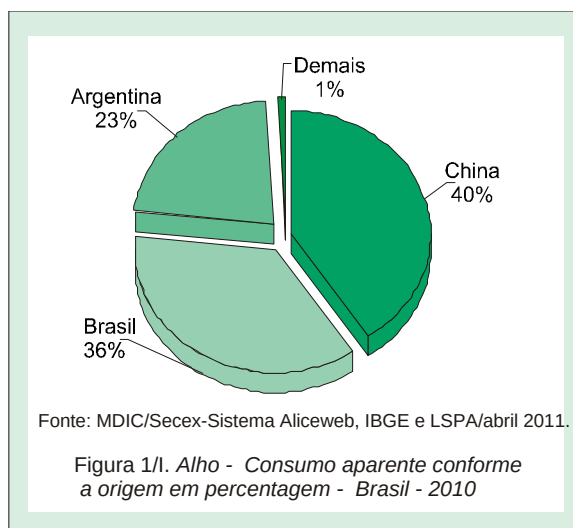
cessários na safra de 2011/12. Recomenda-se procurar melhorar cada vez mais a produtividade, pois é a melhor forma de ser competitivo nesse mercado globalizado do alho.

O Brasil consumiu, em 2010, 240 mil toneladas de alho ou 24 milhões de caixas de 10 quilos. A média mensal foi de dois milhões de caixas. Desse total, 153.141 toneladas foram de alhos importados e 86.859 toneladas de alho nacional. O restante da produção nacional foi para semente, alhos abaixo do padrão e perdas na pós-colheita.

O alho importado em 2010 foi responsável por 63,80% do abastecimento nacional. Coube à China ofertar 40,50% do nosso consumo, enquanto a Argentina ficou com 22,50%, o nacional com 36,20% e os demais países exportadores com apenas 0,80% (Figura 1). O Brasil tem uma “China-dependência e Argentina-dependência” no abastecimento do alho.

O consumo *per capita* no País tem aumentado significativamente, de acordo com a Conab. Passou de 400 gramas/habitante/ano na década de 1980 para 1,26 quilos em 2010. O aumento do consumo nacional tem acompanhado o crescimento econômico do Brasil e, para a safra de 2011, prevê-se que o País precisará de 25 milhões de caixas para o abastecimento.

A variedade de alho mais consumida hoje no Brasil é a chinesa, com 53%, seja produzida pela China ou pela Argentina. O alho nobre roxo é o segundo mais consumido, com 42%, enquanto o alho comum aparece em último com 5%.



Produção e mercado estadual

A safra catarinense de alho de 2010 (Tabela 5) foi maior e melhor que a anterior, devido ao clima extremamente favorável e à tecnologia utilizada pelo produtor, em especial o tamanho e a qualidade do alho-semente. O alho produzido na safra de 2010 foi de excelente qualidade, com túnicas brancas e dentes roxos, como é o desejo dos mercados exigentes do Brasil.

Em 2010, os produtores de Santa Catarina cultivaram 291 hectares a mais que na safra anterior e a produção foi 16.442 toneladas, 42% a mais que em 2009.

Na safra 2010/11, o preço no mercado nacional foi puxado pelo aumento do preço Fob/China. Os produtores catarinenses foram recompensados com bons preços que motivaram um leve aumento da área de plantio em 2011 para 1.864 hectares e a previsão de produção é de 17.992 toneladas, segundo dados preliminares do IBGE/LSPA (junho de 2011).

Alho

A permanecerem os preços remuneradores do alho no Brasil, com certeza, Santa Catarina retomará aos poucos parte do mercado nacional que perdeu para os alhos importados, uma vez que já possui a infraestrutura (terra, água, mão de obra e tecnologia) para produzir alhos de alta qualidade.

Após três safras com preços compensadores, os produtores de Santa Catarina foram aumentando as áreas de cultivo e têm consciência dos riscos do mercado globalizado e do clima. Eles sabem que, por problemas de excesso de ofertas de alhos importados ou por problemas climáticos, estarão sujeitos a safras ruins. Por isso, a Epagri/Curitibaños sempre recomenda em suas tradicionais reuniões pré-plantio a poupança e a adoção de tecnologias adequadas, pois os produtores devem estar preparados para eventuais frustrações de safra.

Os últimos quinze anos foram um período crítico para a produção de alho não só em Santa Catarina, mas em todo o País. O alho chinês foi comercializado nesse período no Brasil por um preço muito baixo, mesmo pagando todos os impostos e taxas. A exceção foi de março de 2009 a maio de 2011, período em que o país asiático vendeu alho acima da média tradicional.

No tocante ao rendimento médio, a expectativa dos produtores é que ela aumente nos próximos anos, como ocorreu de 2006 com 8,43 t/ha para 9,30 t/ha em 2010, devido à entrada no mercado de sementes de alho livre de vírus. Esses bulbos-sementes são produzidos pela Epagri e outros laboratórios de biotecnologia e têm se mostrado num primeiro momento superiores aos clones hoje cultivados na região. Por trás dessa melhora significativa da produtividade, está a Epagri, reconhecida nacionalmente pela geração e difusão de tecnologias de produção de alho.

O maior produtor individual do Estado é o município de Curitibaños, que plantou em 2010, 800 hectares e produziu 8 mil toneladas. Em seguida, aparece Frei Rogério, Fraiburgo e Brunópolis, com 330, 180 e 100 hectares cultivados respectivamente (Tabela 5). Os aumentos previstos nas áreas de cultivo em Santa Catarina em 2011 ficarão ao redor de 5%. Os municípios que aumentarão as áreas são: Fraiburgo, Lebon Régis e Brunópolis. Os demais deverão manter as áreas de plantio da safra de 2010.

Tabela 5/I. Alho - Área plantada, produção e principais municípios - Santa Catarina - Safras 2007/11

Estado/município	Área (ha)					Produção (t)				
	2007	2008	2009	2010	2011 ⁽¹⁾	2007	2008	2009	2010	2011 ⁽¹⁾
Santa Catarina	1.796	1.577	1.476	1.767	1.864	16.474	14.215	11.553	16.442	17.992
Curitibaños	1.000	800	650	800	800	10.000	8.000	4.800	8.000	8.000
Frei Rogério	300	330	250	330	320	2.400	2.640	2.000	2.640	2.560
Campos Novos	80	80	50	80	80	800	800	800	800	800
Brunópolis	100	50	100	100	130	1.000	500	500	1.000	1.300
Fraiburgo	70	70	180	180	200	385	420	1.800	1.800	2.400
Lages	28	24	24	24	24	336	288	388	288	288
Ponte Alta	30	30	30	30	30	249	249	249	249	360
Lebon Régis	30	35	35	85	125	165	210	280	850	1.250
Correia Pinto	20	20	10	10	10	200	200	100	100	100
Caçador	20	20	20	20	30	120	120	160	160	300

⁽¹⁾Dados preliminares.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2007-2009) e LSPA-abril/2011 (2010-2011).

Alho

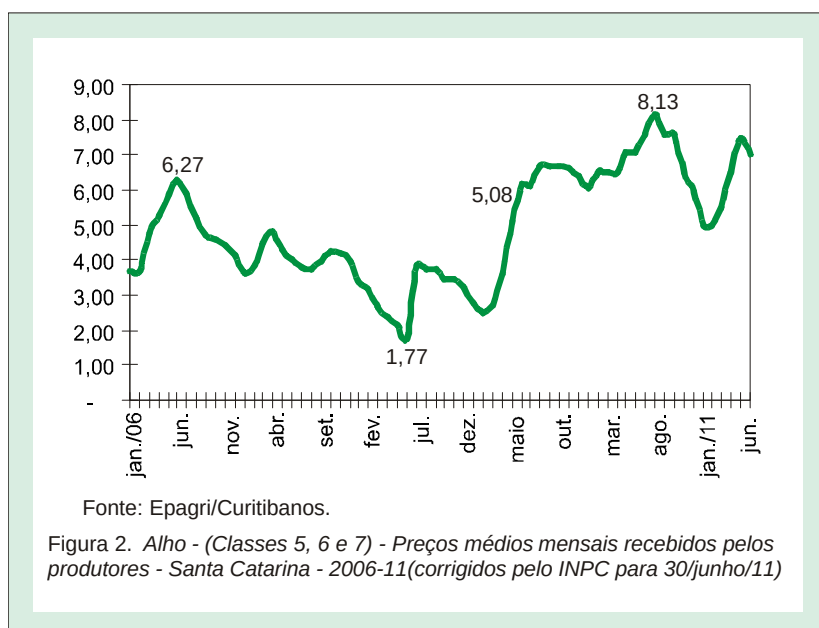
Para a safra de 2011/12, que está em fase de plantio, a expectativa é que aumente a produtividade média para onze toneladas por hectare, já que tivemos um inverno frio e o alho-semente plantado é de qualidade superior à da safra passada.

O alho cultivado em Santa Catarina é, na sua maioria, nobre roxo adaptado às regiões frias do Estado. Planta-se o alho via “dentes” ou bulbilhos, nos meses de maio, junho e julho e colhe-se no final de novembro e dezembro.

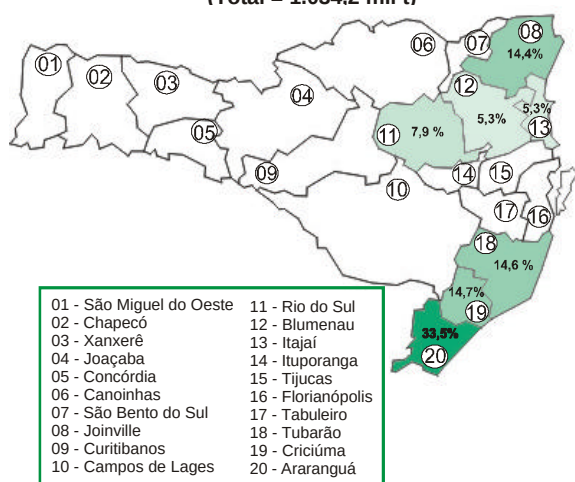
A oferta do alho catarinense ao mercado inicia no mês de dezembro com um volume de 5%. Os meses de maiores ofertas são os de janeiro, fevereiro e março com 20, 25 e 20% respectivamente, caindo em abril, maio e junho. Visando aumentar o período de oferta, costuma-se aplicar regulador anti-brotante com registro no Ministério da Agricultura. Dessa forma, parte da produção catarinense pode ser comercializada em maio e junho sem o risco do dente brotar.

Os preços recebidos pelos produtores de Santa Catarina nas últimas safras (Figura 2) são referentes às classes 5, 6 e 7. Em média, uma lavoura não produz apenas alhos graúdos. Há também os miúdos, alhos industriais. Durante o período de janeiro de 2006 a junho de 2011, os preços oscilaram bastante. Os piores preços recebidos foram em 2008. A partir de abril de 2009, os preços começaram a subir e permaneceram altos até junho de 2011.

Para a próxima safra, devido à maior oferta internacional de alho e o baixo preço praticado pela China, prevê-se uma queda no preço médio recebido pelo produtor de Santa Catarina e do Brasil.



Arroz - Concentração da produção por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safra 2008/09
(Total = 1.034,2 mil t)



Arroz

Irceu Agostini
Engº Agrº Epagri/EEI
irceu@epagri.sc.gov.br
Luiz Marcelino Vieira
Economista Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundial - Safra 2010/11

Depois do milho, o arroz é o cereal mais produzido no mundo. É cultivado em todos os continentes, sendo que o asiático tem a maior concentração, com destaque para China, Índia, Indonésia, Vietnã e Tailândia, responsáveis por 30,2%, 21,3%, 8,2%, 5,6% e 4,5% da produção mundial, respectivamente (Tabela 1).

Quanto ao consumo *per capita* mundial de arroz, segundo a FAO, ele é de 58 kg/hab/ano, sendo que a demanda do cereal é crescente nos últimos seis decênios. Os maiores consumos *per capita* estão localizados na China, Birmânia e Indonésia, com uma média de 80 kg/hab/ano. Já o Brasil, a Colômbia e o Senegal têm um consumo *per capita* em nível intermediário, que oscila entre 40 e 60 kg/hab/ano, enquanto os Estados Unidos, a Espanha e a França se enquadram como de baixo consumo *per capita*, com menos de 10 kg/hab/ano.

Tabela 1/I. Arroz beneficiado – Produção e principais países produtores – Safras 2006/07-2011/12

(milhões de t)						
Discriminação	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12
Mundo	420,43	433,75	448,07	440,06	450,01	456,39
China	127,20	130,22	134,33	136,57	137,00	138,00
Índia	93,35	96,69	99,18	89,90	94,50	97,00
Indonésia	35,30	37,00	38,31	36,37	36,90	37,60
Vietnã	22,92	24,38	24,39	24,99	25,53	25,43
Tailândia	18,25	19,30	19,85	20,26	20,26	20,75
Burma	10,60	10,73	10,15	10,55	10,75	11,00
Filipinas	9,78	10,48	10,60	9,77	10,55	10,80
Brasil	7,70	8,20	8,57	7,66	9,45	7,90
Japão	7,79	7,93	8,03	7,71	7,72	7,68
USA	6,27	6,34	6,40	7,13	7,55	6,40

Fonte: Usda – Abril e junho de 2011.

De acordo com as estimativas da USDA, na próxima safra (2011/12) a produção mundial de arroz beneficiado será de 456,39 milhões de toneladas. Houve um ligeiro recuo no estoque final em relação ao da safra anterior, de 96,48 milhões para 94,9 milhões de toneladas de arroz beneficiado. Contribuíram para esse recuo do estoque final o aumento no consumo, que superou ligeiramente a produção, e o aumento das exportações, que superaram as importações em mais de 10%, as quais caíram ligeiramente em relação à safra anterior (Tabela 2).

Tabela 2/I. Arroz beneficiado – Balanço de oferta e demanda mundial – Safras 2005/06 -2011/12

(milhões de t)							
Discriminação	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12
Estoque inicial	74,44	75,68	74,90	80,61	91,48	93,87	96,48
Produção	418,06	420,43	433,75	448,07	440,06	450,01	456,39
Importação	25,94	28,52	29,31	27,15	28,08	29,58	28,92
Consumo	416,03	421,21	428,22	436,87	437,72	447,40	457,97
Exportação	30,21	31,32	31,12	28,91	31,07	31,49	32,34
Estoque final	75,68	74,90	80,61	91,48	93,87	96,48	94,90

Fonte: Usda – Abril e junho de 2011.

Arroz

Embora seja o segundo cereal mais produzido no mundo, o comércio internacional deste produto é pouco expressivo. Mais de 93% do arroz produzido num país é consumido no próprio país. Nos três maiores produtores, quase todo o arroz é consumido no próprio país.

Na última safra a Índia exportou apenas 2,9% da produção, a China 0,4% e a Indonésia nem figura na lista dos maiores exportadores. As Filipinas, que também estão na lista dos maiores produtores mundiais, também são os maiores importadores. Outros grandes produtores, porém, exportam grande parte do que produzem. A Tailândia, maior exportadora mundial, exporta 48,2% da sua produção, o Vietnã 25% e os Estados Unidos 53%. Os maiores exportadores mundiais são, pela ordem, a Tailândia e o Vietnã, os maiores importadores são a Tailândia e a Nigéria.

Os mercados mundiais de arroz, de uma maneira geral, estão segmentados da seguinte forma: a Tailândia comercializa principalmente para os países da África e da Ásia; o Vietnã, para os países asiáticos; os Estados Unidos, para os países da América Central e Caribe, Ásia (Japão) e Europa; o Paquistão e a Índia, para os países do Oriente Médio, África (Egito) e Leste Europeu; a Austrália, para o Japão; a Argentina e o Uruguai, para o Brasil; a Itália e a Espanha, para os países da União Europeia.

Produção e mercado nacional

Mesmo tendo aumentado 7,5% no principal estado produtor (Rio Grande do Sul), a área de arroz no Brasil permaneceu praticamente estável na safra 2010/11 em relação à safra anterior, uma vez que, dentre os principais estados produtores, ela diminuiu em todos, a exceção do Rio Grande do Sul (Tabela 3).

A produtividade no País aumentou 18,2%, puxada pelo aumento de 18,6% no Rio Grande do Sul, devido ao efeito benéfico do fenômeno climático conhecido como *La Niña*. O que também contribui para este expressivo aumento percentual na produtividade desse estado foi o valor tomado como referência, a produtividade da safra anterior, que foi prejudicada pelo *El Niño*.

A combinação de aumento da produtividade e da área proporcionou ao Rio Grande do Sul um aumento de sua produção em 27,6%, produzindo 66% de toda a produção brasileira que, em

Tabela 3/I. Arroz em casca – Área plantada, produção e rendimento – Brasil e principais estados produtores – Safras 2006/07-2010/11⁽¹⁾

Discriminação	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11
Área plantada (ha)					
Brasil	2.915.316	2.869.285	2.905.202	2.766.761	2.761.849
Rio Grande Sul	942.151	1.065.633	1.110.601	1.079.600	1.162.100
Santa Catarina	154.812	153.100	148.900	150.473	151.100
Mato Grosso	275.728	239.808	280.707	235.287	206.847
Maranhão	507.210	467.405	472.621	481.544	466.694
Tocantins	145.501	156.481	127.908	137.946	136.618
Produção (mil t)					
Brasil	11.061	12.061	12.651	11.309	13.345
Rio Grande Sul	6.340	7.336	7.978	6.920	8.832
Santa Catarina	1.038	1.018	1.034	1.042	984
Mato Grosso	707	683	793	687	655
Maranhão	685	686	609	590	704
Tocantins	365	421	376	447	462
Rendimento médio (kg/ha)					
Brasil	3.794	4.204	4.355	4.087	4.832
Rio Grande Sul	6.729	6.885	7.183	6.410	7.600
Santa Catarina	6.708	6.650	6.946	6.922	6.511
Mato Grosso	2.565	2.846	2.824	2.920	3.168
Maranhão	1.350	1.467	1.289	1.225	1.509
Tocantins	2.508	2.688	2.941	3.243	3.380

⁽¹⁾Safra 2009/10 e 2010/11: dados preliminares sujeitos a retificação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2007-2009) e LSPA-maio/2011.

Arroz

consequência, subiu 18% em relação à safra anterior. A produção do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, somada, representa 73,5% da produção do País, mas alcança apenas 47,5% da área. O cultivo nestes dois estados é feito quase que exclusivamente na forma irrigada, pois assim a produtividade é bem superior à do sequeiro.

O aumento na produção do País se refletiu no estoque final (ou estoque de passagem), da safra 2010/11, que aumentou de 1.686 mil para 1.819 mil toneladas, segundo o levantamento de julho/2011 da Conab (Tabela 4). O impacto no estoque final só não foi bem maior porque houve uma grande compensação nas estimativas de consumo, de exportação e de importação que, somadas, provocaram uma redução no estoque final em 1.518 mil toneladas. O consumo aumentou de 12.500 mil para 12.800 mil toneladas, as exportações aumentaram de 627 mil para 1.300 mil toneladas e as importações diminuíram de 1.045 mil para 500 mil toneladas.

O preço caiu expressivamente no primeiro semestre de 2011. Por ocasião do plantio da safra 2010/11, o preço se encontrava acima de R\$ 26,00 e, em abril/2011, caiu abaixo de R\$ 20,00. Esta queda foi provocada pelo aumento na estimativa do estoque final da safra 2009/10, medido em 28 de fevereiro de 2011, que previa 584,1 mil toneladas no levantamento da Conab de agosto/2010 e depois subiu para 1.207,8 mil toneladas no levantamento de fevereiro/2011.

Quanto ao comércio internacional, a maior parte das importações de arroz feitas pelo Brasil é proveniente de três países do Mercosul (Uruguai, Argentina e Paraguai). Há alguns anos, quase a totalidade de nossas importações é oriunda destes países. No fluxo inverso, as exportações do arroz brasileiro são dirigidas, na maior parte (cerca de 80%), para a África do Sul, Nigéria, Senegal, Benin, Suíça, Gâmbia e Camarões, pela ordem.

Tabela 4/I. Arroz em casca - Balanço da oferta e demanda - Brasil - Safras 2005/06 - 2010/11

Discriminação	(mil t)					
	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11
Estoque inicial	3.732	3.070	2.327	1.892	2.108	1.686
Produção	11.972	11.421	12.265	12.702	11.661	13.733
Importação	828	1.070	590	908	1.045	500
Suprimento	16.532	15.570	15.182	15.502	14.813	15.919
Consumo	13.000	12.930	12.500	12.500	12.500	12.800
Exportação	452	313	790	894	627	1.300
Estoque final	3.079	2.327	1.892	2.108	1.686	1.819

Fonte: Conab – Julho de 2011.

Produção e mercado estadual

O Estado de Santa Catarina é o segundo maior produtor nacional de arroz, ainda que com uma área bem inferior a de vários outros estados (Tabela 3). As informações do IBGE relativas ao Estado de Santa Catarina, para a safra 2010/11 (Tabela 5), são de uma área plantada de 151.100 hectares, produção de 984 mil toneladas e rendimento médio de 6.513 kg/ha (130 sacos/ha). Praticamente todo o arroz é irrigado. Cerca de um terço da área e da produção se concentram numa única MRG (Microrregião Geográfica), a de Araranguá. O sul do Estado (Araranguá, Criciúma e Tubarão) contribui com 61% da área e 59% da produção.

Na última safra (2010/11), a produtividade foi bastante prejudicada em todo o Estado por problemas climáticos, principalmente a falta de insolação, atingindo apenas 6.511 kg/ha, uma queda de 6% em relação à safra anterior.

Arroz

O preço iniciou o ano de 2010 acima de R\$ 33,00 e terminou um pouco abaixo de R\$ 27,00. Em abril de 2011 já havia caído abaixo dos R\$ 20,00, o preço mais baixo dos últimos 35 anos ou mais (Tabela 6). Este nível de preço está provocando uma crise sem precedentes entre os produtores de arroz, sobretudo entre os arrendatários, por causa do alto preço pago pelo arrendamento (30% da produção, em média) e também por causa da alta participação dos custos variáveis, acima de 85% do custo total.

Quanto à viabilidade econômica da cultura, quando analisada por um período maior, constata-se que o maior preço das últimas três safras ocorreu em outubro de 2008, atingindo R\$ 38,20 e o menor em maio de 2011, que chegou a R\$ 19,18. Na média deste período, o preço foi de R\$ 29,60. Todos os preços foram corrigidos para abril/2011. Pelo lado do custo, segundo dados da Epagri/Cepa, o da safra 2010/11 foi de R\$ 30,80 por saco, considerando-se a produtividade média dos últimos três anos (Tabela 5 e Figura 1), que foi de 135,8 sacos por hectare. Portanto, para os produtores com produtividade de 135,8 sc/ha (ou acima), considerando-se o preço médio do período, que foi de R\$ 29,60, a cultura não foi economicamente viável nas últimas três safras, embora tenha faltado pouco. Bastaria atingir a produtividade de 145 sc/ha, para ela ser economicamente viável.

Tabela 5/I. Arroz - Área plantada e produção por Microrregião Geográfica - Santa Catarina - Safras 2006/07 - 2010/11

Discriminação	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11
Área plantada (ha)					
Santa Catarina	154.812	153.100	148.900	150.473	151.130
Joinville	20.512	20.642	20.556	20.552	20.539
Rio do Sul	11.824	11.804	10.910	10.913	10.972
Blumenau	8.975	8.985	8.812	8.987	8.874
Itajaí	10.925	10.490	8.180	8.900	10.290
Tijucas	3.015	2.713	2.710	2.713	2.713
Florianópolis	3.126	3.120	3.308	3.410	3.410
Tubarão	20.690	21.066	21.337	22.057	21.133
Criciúma	20.769	20.666	20.726	20.847	20.883
Araranguá	50.220	50.130	49.480	49.480	50.092
Outras MRG ⁽¹⁾	4.756	3.484	2.881	2.614	2.224
Produção (mil t)					
Santa Catarina	1.038	1.018	1.034	1.042	984
Joinville	140	149	149	151	147
Rio do Sul	97	61	82	91	64
Blumenau	74	66	55	66	69
Itajaí	74	72	55	62	74
Tijucas	21	19	19	20	21
Florianópolis	17	15	17	19	19
Tubarão	144	133	151	156	129
Criciúma	148	150	152	135	132
Araranguá	313	344	347	334	319
Outras MRG ⁽¹⁾	11	8	8	8	7

⁽¹⁾São as outras 11 MRG com área menor que 1.000 ha.
Fonte: IBGE.

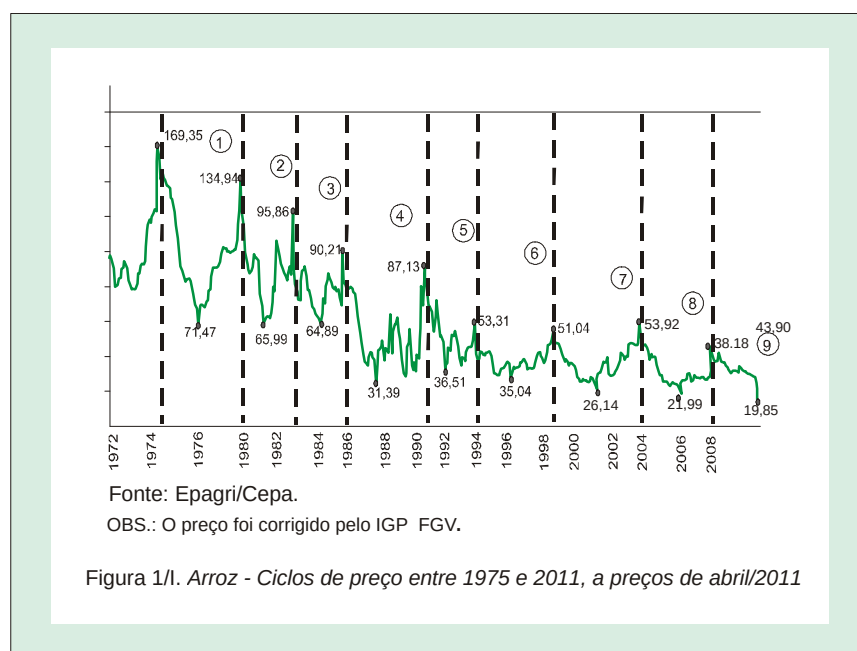
Tabela 6/I. Arroz - Preços pagos ao produtor (corrigidos para abr./2011) - Santa Catarina - 2000-11

[R\$/saca 50 kg]												
Mês/ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Jan.	35,44	28,96	39,89	40,34	53,92	35,05	24,34	27,43	26,19	35,67	33,37	23,51
Fev.	33,08	28,24	30,46	38,09	49,64	31,34	23,80	25,11	27,00	35,71	32,20	20,90
Mar.	28,95	26,59	29,31	40,56	46,21	29,34	23,78	25,80	27,51	34,02	31,14	20,60
Abr.	27,75	26,34	29,25	40,05	46,31	28,77	23,32	28,49	31,12	33,01	30,40	19,85
Maio	26,57	27,69	29,61	47,19	46,86	25,30	21,99	27,23	38,22	31,30	30,40	19,18
Jun.	26,50	30,73	30,21	47,77	44,97	25,45	24,10	27,16	37,39	29,38	29,66	
Jul.	27,92	31,46	31,29	47,86	42,98	25,52	25,92	27,06	36,11	29,66	28,82	
Ago.	27,30	31,57	33,09	47,56	38,25	25,34	25,97	26,68	36,34	30,55	28,43	
Set.	27,11	33,47	35,15	47,07	41,32	23,69	25,84	27,58	36,44	30,55	27,99	
Out.	26,52	37,33	38,33	46,87	39,65	22,89	26,80	27,43	38,18	30,69	27,63	
Nov.	26,14	37,24	42,36	46,64	39,59	23,60	29,52	26,87	36,98	30,25	27,07	
Dez.	26,68	37,17	41,62	48,00	39,28	24,84	30,17	26,12	36,23	29,58	26,83	

Fonte: Epagri/Cepa com base no IGP-DI da FGV.

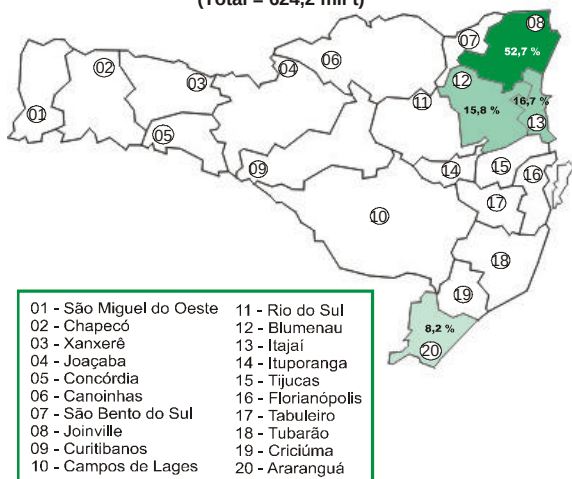
Arroz

Desde que o mercado continue repetindo o comportamento observado há mais de 35 anos, as perspectivas para os próximos anos são de preços em alta. É o que se pode concluir da leitura da Figura 1. Nos oito ciclos (trajetória do preço entre um pico e o pico seguinte) de preço ocorridos entre 1975 e 2008, o preço fez o mínimo do ciclo sempre na metade do período. Como de 1994 para cá todos os ciclos duraram cerca de cinco anos, supõe-se que no momento atual (meados de 2011) o preço esteja na metade do ciclo 9 e, assim, ele já teria atingido o mínimo deste ciclo. Desta forma, pode-se projetar para o final de 2013 e início de 2014 o pico final do ciclo atual (ciclo 9 da Figura 1). Portanto, do momento atual até esta data, a projeção gráfica indica que se pode esperar por um período de preços crescentes, a não ser que o preço não repita o mesmo comportamento histórico observado nos últimos 35 anos.



Os orizicultores, mais do que ninguém, torcem para que essas projeções se confirmem, pois a crise pela qual estão passando é, por diversas razões, mais grave do que as ocorridas anteriormente: a produtividade não aumentou nos últimos anos, ao contrário do que acontecia nos anos precedentes às crises; aumentou muito o número de lavouras arrendadas; aumentou o endividamento dos produtores nos últimos anos; os preços dos insumos não caíram como acontecia nas quedas anteriores do preço porque, desta vez, o arroz é a única entre as grandes culturas com o preço historicamente baixo.

Banana - Concentração da produção por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safra 2009
(Total = 624,2 mil t)



Fonte: IBGE.

Banana

Luiz Marcelino Vieira
Economista - Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundial

O cultivo da banana é desenvolvido em aproximadamente 115 países. A atividade está presente em todos os continentes, sendo que o asiático contribui com 58%, o americano, com 27% (América do Sul, com 19% e a América Central, com 8%) e o africano, com 13% do volume produzido. Em alguns países, essa fruta se destaca como uma das principais fontes de arrecadação e geradora de emprego e renda.

Dentre as frutíferas, a banana ocupa a segunda posição na produção mundial, sendo superada apenas pela melancia, com 100,7 milhões de toneladas (FAO, junho de 2011).

Nos últimos trinta anos, a banana praticamente triplicou o volume produzido, passando de 34,5 milhões de toneladas na safra 1978 para 95,6 milhões de toneladas na safra 2009.

Na safra 2009, os dados da FAO apresentam um crescimento de 2,4% no volume produzido em comparação com a safra passada. Esse desempenho positivo é resultante, principalmente, de uma melhor produtividade obtida em decorrência de um maior uso de tecnologia pelos produtores.

No ranking mundial, a Índia é responsável por 28,1% da produção, seguida pelas Filipinas, com 9,3%; China, com 8,6%; Brasil, com 7,5%; Equador, com 7,2% e Indonésia, com 6,1%.

A Nicarágua mantém a maior produtividade, com 65,5 t/ha, sendo 3,4 vezes maior que a média mundial que é de 19,3 t/ha. Portanto, os países maiores produtores não necessariamente obtêm os maiores rendimentos por área colhida. (Tabela 1).

Tabela 1/I. Banana – Área colhida, quantidade e rendimento - Mundo e principais países – Safras 2005/09

País	2005	2006	2007	2008	2009
Área colhida (1000ha)					
Mundo	4.664	4.909	5.012	4.835	4.844
Índia	570	604	658	709	-
Filipinas	418	429	437	439	446
China	285	296	318	311	311
Brasil	491	505	515	513	512
Equador	221	209	197	216	216
Indonésia	352	321	338	106	105
Quantidade (1000t)					
Mundo	78.823	84.306	89.413	93.391	95.596
Índia	18.888	20.998	23.823	26.217	-
Filipinas	6.298	6.795	7.484	8.688	9.013
China	6.667	7.115	8.038	8.043	8.208
Brasil	6.703	6.956	7.098	6.998	7.193
Equador	6.118	6.127	6.002	6.701	7.637
Indonésia	5.178	5.037	5.454	5.741	6.273
Os cinco maiores rendimentos mundiais (kg/ha)					
Mundo	16.899	17.174	17.838	19.316	19.737
Nicarágua	45.878	54.608	61.229	49.570	65.534
Timor-Leste	36.106	38.391	40.712	58.898	60.780
Indonésia	14.722	15.686	16.145	54.268	59.743
Costa Rica	45.568	53.003	53.632	47.999	55.539
Suriname	34.900	33.763	37.275	47.985	51.424

Fonte: FAO (jun./2011). (Disponível em <http://www.fao.org>).

Banana

A banana é a segunda fruta mais consumida no mundo, com 10,38 kg/hab/ano, sendo que a primeira é a laranja, com 12,83 kg/hab/ano (FAO, 2011). O seu consumo cresce a cada ano, graças ao empenho do setor produtivo que atua na qualificação da produção e do setor mercadológico envolvendo aspectos de apresentação, embalagem, bem como de divulgação dos benefícios gerados para o consumidor. A população da América do Sul é a maior consumidora, com 21,13 kg/hab/ano, seguida pela da América Central, com 13,9 kg/hab/ano, e da Oceania, com 11,26 kg/hab/ano.

Dentre as frutas “in natura” comercializadas nos principais centros consumidores mundiais, a banana aparece em primeiro lugar gerando o maior volume financeiro, seguido pela maçã, uva e laranja.

Em 2008, as exportações mundiais tiveram um desempenho positivo, movimentando 77,7 milhões de toneladas vendidas que totalizaram 8,5 bilhões de dólares. Embora o volume negociado tenha crescido 5,1%, o montante financeiro representou 17,3%, em comparação com o ano anterior. Quem alcançou o melhor desempenho nas vendas foi o mercado equatoriano, com 19,1% de participação no montante mundial, seguido pela Bélgica, com 17,8% (Tabela 2).

Nas importações, os mercados adquiriram 16,7 milhões de toneladas, resultando num montante de 11,1 bilhões de dólares. Os Estados Unidos se consagraram como os principais compradores, responsáveis por 23,9% do volume total comercializado, representando 1,1 bilhão de dólares. Entretanto, a Bélgica, com apenas 8,9% do volume adquirido, desembolsou um total de 1,9 bilhão de dólares (Tabela 3).

Tabela 2/I. Banana – Valor das exportações mundiais e dos principais países – 2004-08
(US\$ milhão)

Ano	2004	2005	2006	2007	2008
Mundo	5.009	5.666	5.722	7.246	8.504
Equador	973	1.069	1.184	1.282	1.626
Bélgica	880	1.096	1.110	1.304	1.510
Filipinas	326	430	405	856	1.084
Costa Rica	546	483	634	675	703
Colômbia	398	465	482	532	616
Alemanha	215	296	385	453	525

Fonte: FAO (jun./2011). (Disponível em <http://www.fao.org>).

Tabela 3/I. Banana – Valor das importações mundiais e dos principais países – 2004-08
(US\$ milhão)

Ano	2004	2005	2006	2007	2008
Mundo	7.862	8.328	8.521	9.479	11.113
Bélgica	1.117	1.085	1.304	1.477	1.915
Estados Unidos	1.244	1.037	1.101	1.127	1.250
Alemanha	887	933	851	1.032	1.091
Japão	589	589	564	581	829
Reino Unido	552	604	588	680	697
Federação Russa	359	450	480	584	670
Itália	418	461	414	477	560

Fonte: FAO (jun./2011). (Disponível em <http://www.fao.org>).

Produção e mercado nacional

Depois da laranja, a banana é a segunda fruteira mais cultivada no Brasil. O seu consumo per capita tem aumentado gradativamente nos últimos anos, atingindo aproximadamente 31kg/hab/ano (FAO, 2011).

Banana

Safra nacional 2010

A safra nacional 2010 de banana apresenta uma área colhida de 480,1 mil hectares, quantidade de 6,98 milhões de toneladas e rendimento médio de 14,4 toneladas por hectare, resultando num acréscimo de 0,1%, 2,9% e 2,8%, respectivamente, em comparação com os dados da safra passada (IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, junho de 2011).

Embora a área colhida tenha se mantido praticamente estável, o aumento de produtividade dos bananais contribuiu para um aumento na produção nacional.

Observa-se que os estados com maiores produções não têm necessariamente os melhores ganhos por área colhida. É o caso dos estados do Rio Grande do Norte, que obteve um total de 26,1 toneladas por hectare, superando em 56% a média nacional; a seguir, vem o Paraná, com 23,2 toneladas por hectare; São Paulo, com 21,8 toneladas por hectare e Santa Catarina, com 20,2 toneladas por hectare (Tabela 4).

O clima brasileiro favorece que a produção nacional de banana seja ofertada no mercado interno durante todo o ano, com maiores variações para cima nas estações mais quentes, influenciando para que os preços declinem em alguns centros consumidores do País.

A produção nacional, além de atender o consumo interno, gera um excedente que é comercializado para alguns países do Mercosul e da Europa.

Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, em 2010, mostram que as exportações nacionais de banana alcançaram 139,6 mil toneladas, sendo 3% menor que em 2009, com 143,9 mil toneladas. A atividade gerou um montante financeiro de 45,4 milhões de dólares, indicando um incremento de 15,2% em relação a 2009, resultante do bom desempenho do preço médio, com 18,9% superior ao do ano passado. Isso foi possível devido ao aprimoramento do sistema de produção e à qualificação da mão de obra empregada na atividade, os quais foram gradativamente assimilados pelos agentes de produção e de comercialização, gerando um produto de qualidade e mais competitivo (Figura 1).

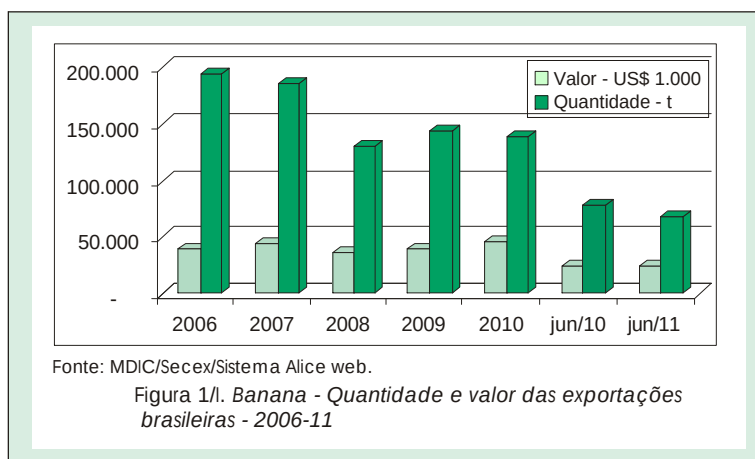
Tabela 4/I – Banana – Área colhida, produção e rendimento – Brasil e principais estados produtores – Safras 2007/11

Discriminação	2007	2008	2009	2010	2011 ⁽¹⁾
Área colhida (ha)					
Brasil	515.346	513.097	479.614	480.087	488.194
São Paulo	52.379	56.224	53.078	52.710	56.846
Bahia	89.466	91.259	65.487	66.623	66.768
Santa Catarina	31.090	30.931	30.922	30.409	30.613
Minas Gerais	36.745	36.372	39.194	40.472	41.058
Pará	44.552	43.213	38.925	38.706	39.961
Pernambuco	38.919	42.530	42.910	45.538	40.992
Ceará	42.910	43.511	44.742	46.220	46.928
Quantidade produzida (t)					
Brasil	7.098.353	6.998.150	6.783.490	6.978.312	7.015.386
São Paulo	1.386.016	1.417.537	1.257.539	1.271.500	1.240.001
Bahia	1.121.261	1.225.083	1.015.505	1.079.050	1.087.409
Santa Catarina	655.973	575.798	624.204	672.892	675.704
Minas Gerais	536.576	535.824	620.931	654.444	657.473
Pará	570.951	555.814	501.344	514.922	532.495
Pernambuco	382.417	395.209	437.155	517.285	468.602
Ceará	385.455	423.016	429.506	445.169	476.958
Os cinco maiores rendimentos médios (kg/ha)					
Brasil	13.774	13.639	14.144	14.536	14.370
Rio Grande do Norte	27.916	22.265	26.077	26.002	25.643
São Paulo	26.461	25.212	23.692	24.123	21.813
Paraná	23.300	25.025	23.200	23.077	23.000
Santa Catarina	21.099	18.616	20.186	22.128	22.072
Bahia	12.533	13.424	15.507	16.196	16.286

⁽¹⁾Safra 2011 dados preliminares sujeitos a retificação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2007-2009) e LSPA-jun./2011.

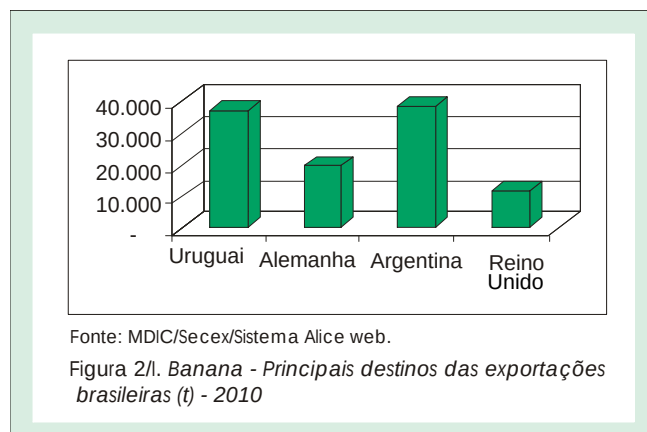
Banana



Uma peculiaridade das vendas brasileiras para o mercado externo é que os estados produtores das regiões Sul e Sudeste vendem a maior parte das produções para os países do Mercosul, principalmente para a Argentina e Uruguai, enquanto os estados do Nordeste, principalmente o Rio Grande do Norte e o Ceará, comercializam a fruta para os mercados da Europa, destacando-se o Reino Unido, a Holanda, a Alemanha e a Itália. Esses mercados, além de mais seguros, garantem ao setor melhores resultados financeiros.

Em 2010, Santa Catarina continuou liderando as exportações nacionais, com 52,0% do volume vendido, seguido pelo Rio Grande do Norte, com 28,9% e Ceará, com 18,2%.

No ano, os países que desembolsaram os maiores volumes financeiros na aquisição da fruta brasileira foram o Uruguai, com 21,0%, seguido pela Alemanha, com 19,3%, a Argentina, com 16,3% e o Reino Unido, com 11,6%, perfazendo 31 milhões de dólares (Figura 2).



Safra nacional 2011

Para a safra nacional 2011 de banana, estimam-se uma área a ser colhida de 488,2 mil hectares, quantidade produzida de 7,02 milhões de toneladas e um rendimento médio de 14,4 toneladas por hectare (IBGE/LSPA, junho de 2011).

Embora o rendimento médio caísse 1,1%, em decorrência de fatores climáticos adversos, dificultando a realização dos tratos culturais em alguns bananais, o aumento de 1,7% na área colhida

Banana

contribuiu para que a produção se mantivesse praticamente estável, com apenas 0,5% de aumento em relação à safra passada (Tabela 4).

No primeiro semestre de 2011, a comercialização da banana no mercado nacional transcorre de forma normal, com os estados produtores ofertando o produto para os principais centros consumidores do País, normalmente através das centrais de abastecimento, redes de supermercados e atacadistas.

Exceto no Ceará, as vendas para os centros consumidores internacionais nos demais estados brasileiros diminuíram em relação ao mesmo período de 2010, com queda de 13,3% no volume comercializado e de 1,9% no valor (Figura 1).

Produção e mercado estadual

Safra catarinense 2010

Santa Catarina destaca-se no cenário nacional como o terceiro maior produtor de banana. São aproximadamente seis mil produtores que exploram essa atividade, sendo que o Litoral Norte do Estado concentra 85% da produção, predominando os cultivares Nanica e Nanicão, componentes do tipo Caturra, também conhecida como Banana D'água e no Litoral Sul, que representa cerca de 9% da produção, os cultivares mais usados são a Enxerto e a Branca de Santa Catarina, componentes do tipo Prata também conhecidas como Branca em alguns estados da Federação.

A safra catarinense 2010 colheu um total de 30,4 mil hectares, que representou 672,9 mil toneladas, obtendo um rendimento médio de 22,1 toneladas por hectare. Embora ocorra um decréscimo de 1,7% na área colhida, houve um expressivo ganho de 9,6% no rendimento médio, fato que proporcionou um aumento de 7,8% na produção em relação à safra passada (Tabela 4).

Durante a safra foi observada a ocorrência de excesso de chuvas (provocando alagamento), temperaturas altas (nos meses de janeiro e fevereiro), excesso de umidade, vendaval, pouca luminosidade e queda de granizo em municípios das regiões produtoras (Litoral Norte, Sul Catarinense, Médio e Baixo Vale do Itajaí). Embora tenham ocasionado preocupações aos produtores, esses eventos provocaram apenas prejuízos pontuais, tais como: dificuldade de acesso à propriedade e de transporte do produto, interrupção das práticas de manejo e dos tratamentos culturais, aceleração no amadurecimento da fruta, aumento da oferta e queda de preços.

No quadro do balanço e oferta de banana, Santa Catarina é superavitária. O excedente gerado é comercializado nos principais centros consumidores do País, bem como nos países do Mercosul.

Em 2010, a produção estadual foi comercializada seguindo um roteiro bastante semelhante ao do ano anterior: no Litoral Norte, cerca de 42% foi absorvida no mercado interno (distribuída entre 26% para consumo "in natura" e 16% pelas indústrias de processamento), 25% seguiu para o mercado

Banana

interestadual, principalmente para os centros consumidores do Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Grande Belo Horizonte e 15% foram para exportação, destinados principalmente para a Argentina e o Uruguai.

Da produção obtida no Sul do Estado, aproximadamente 60% é comercializada na própria região, seja para atender o consumo do produto “in natura” ou para suprir a demanda das indústrias que utilizam a matéria-prima com vista à produção de balas, doces, dentre outras. A preferência desse mercado pela banana prata se dá em função do seu maior rendimento e do melhor sabor do produto final. Os restantes 40% da produção destinam-se, principalmente para os grandes mercados consumidores do Rio Grande do Sul.

Há que ressaltar as acentuadas perdas com a fruta, em torno de 20%, que ocorrem desde a colheita até a mesa do consumidor, onerando sobremaneira os custos financeiros dessa atividade.

Em 2010, os preços, no produtor e atacado, declinaram em alguns meses do ano (com queda mais acentuada da banana caturra), em decorrência das condições climáticas desfavoráveis que geraram maior oferta de fruta de baixa qualidade em determinado período do ano (Figuras 3 e 4). Houve, também, uma maior concorrência com o produto de outros estados, bem como uma redução de 3% nas vendas para os países do Mercosul, embora isso tenha sido compensado pelo aumento de 15,2% no valor comercializado.

Safra catarinense 2011

A safra catarinense 2011 de banana registra uma área a ser colhida de 30,6 mil hectares, quantidade produzida de 675,7 mil toneladas e rendimento médio obtido de 22,1 toneladas por hectare. Comparados com os resultados da safra passada, a área colhida cresce 0,67% e a produção 0,42%, enquanto o rendimento médio tem perda de 0,25% (IBGE/LSPA, junho de 2011) – Tabela 4.

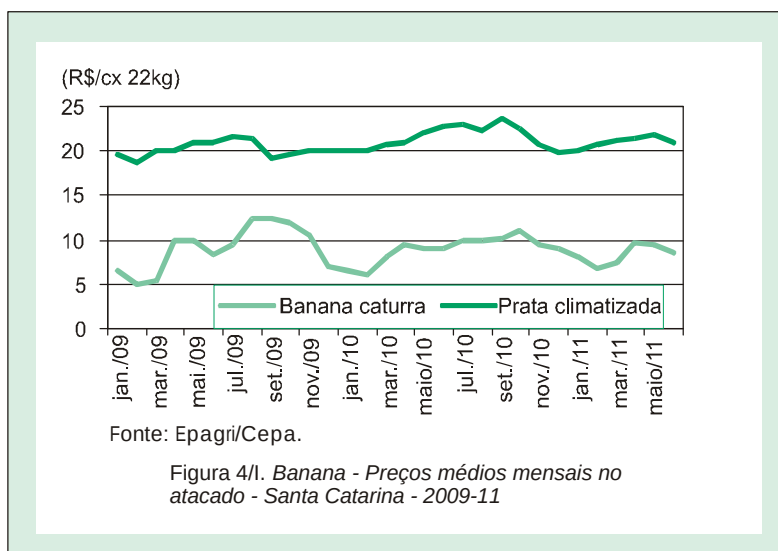
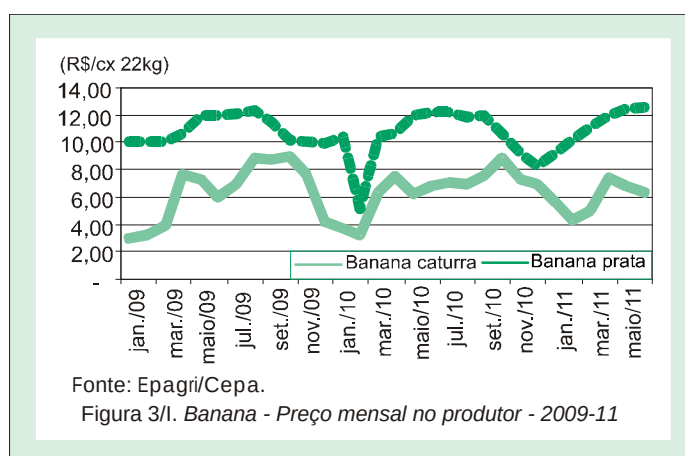
Corupá é o maior município produtor, com 22,3% da quantidade produzida, seguido por Luiz Alves, com 18,8%, Massaranduba, com 8,2%, Jaraguá do Sul, com 7,0%, Jacinto Machado e Garuva, com 4,2%, cada. A soma desses municípios perfaz 64,7% da produção estadual.

Durante o primeiro semestre de 2011, a ocorrência de excesso de chuva – com alagamento de lavouras na microrregião geográfica de Joinville nas primeiras quinzenas de fevereiro e março –, o frio fora de época, a queda de granizo e os vendavais afetaram de forma isolada os bananeiros catarinenses, gerando alguns prejuízos ao setor.

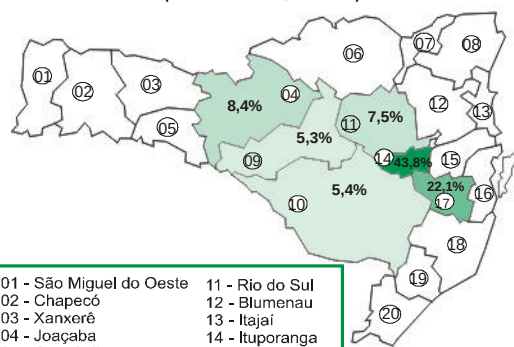
Nesse período, os preços no produtor da banana caturra decresceram nos meses de fevereiro e março, enquanto que para a banana prata foram crescentes. No atacado, a variedade caturra apresenta uma curva de crescimento ascendente, enquanto para a prata as cotações variaram entre R\$ 20,00 e R\$ 21,80 a caixa de 22 quilos, tendo um comportamento estável em relação ao mesmo período de 2010 (Figuras 3 e 4).

Banana

O mercado estadual mantém um quadro bastante semelhante ao nacional, com os preços oscilando de acordo com a demanda e a concorrência da fruta oriunda de outros estados brasileiros. As vendas, em 2011, seguem ritmo normal, com os agentes atendendo os compromissos contratuais de comércio e primando pela qualidade e apresentação do produto.



Cebola - Concentração da produção por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safra 2009 - (Total = 454,3 mil t)



01 - São Miguel do Oeste	11 - Rio do Sul
02 - Chapecó	12 - Blumenau
03 - Xanxerê	13 - Itajaí
04 - Joaçaba	14 - Ituporanga
05 - Concórdia	15 - Tijucas
06 - Canoinhas	16 - Florianópolis
07 - São Bento do Sul	17 - Tabuleiro
08 - Joinville	18 - Tubarão
09 - Curitibaanos	19 - Criciúma
10 - Campos de Lages	20 - Araranguá

Fonte: IBGE.

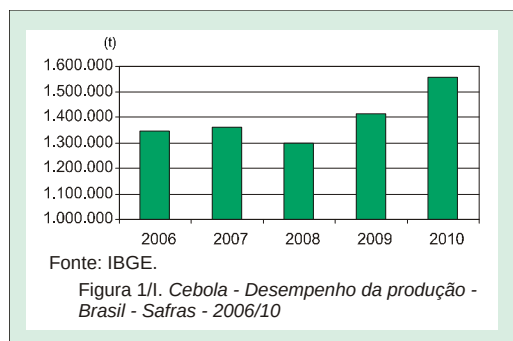
Cebola

Daniel Rogério Schmitt
Engº Agrº Epagri/Ituporanga
dschmitt@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado nacional

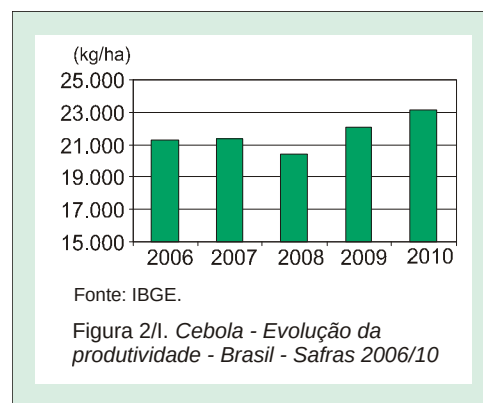
A produção de cebola no Brasil alcançou em 2010, segundo os dados preliminares do IBGE, 1.556 mil toneladas. Este valor caracteriza produção recorde e representa um aumento de 2,9% sobre a safra do ano anterior. Ressalta-se que a safra de 2009 já fora recorde e representava um aumento mais significativo, ou seja, 10,6% de crescimento sobre a produção de 2008 (Figura 1 e Tabela 1).

A área plantada em 2010 foi de 68.324 hectares e o rendimento médio de 22.774 kg/ha (Figura 2 e Tabela 1).



Fonte: IBGE.

Figura 1/I. Cebola - Desempenho da produção - Brasil - Safras - 2006/10



Fonte: IBGE.

Figura 2/I. Cebola - Evolução da produtividade - Brasil - Safras 2006/10

Tabela 1/I. Cebola – Área plantada, produção e rendimento dos principais estados produtores – Safras 2008/10

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2008	2009	2010 ⁽¹⁾	2008	2009	2010 ⁽¹⁾	2008	2009	2010 ⁽¹⁾
Bahia	10.884	9.757	12.654	255.851	224.961	297.045	23.507	23.056	23.474
Pernambuco	5.844	6.575	5.245	111.850	142.870	107.974	19.139	21.729	20.586
Minas Gerais	2.496	2.228	2.101	116.438	110.264	118.649	46.650	49.490	56.473
São Paulo	6.531	7.058	6.250	187.937	211.286	181.727	28.776	29.936	29.076
Paraná	6.698	7.297	7.650	105.900	129.728	132.896	15.811	17.778	17.372
Rio G. do Sul	10.140	10.789	11.130	145.130	171.736	180.186	14.313	15.918	16.189
Santa Catarina	21.057	21.271	22.224	377.023	454.348	537.521	17.905	21.360	24.187
Brasil	65.164	66.216	68.324	1.367.066	1.511.853	1.555.998	20.979	22.832	22.774

⁽¹⁾Dados sujeitos a modificações.

Fonte: IBGE.

Cebola

Na última década a produção brasileira cresceu de forma gradual, como resultado da maior adoção de tecnologia e pelo crescimento da área de cultivo na região do Cerrado Brasileiro, onde as produtividades historicamente são mais altas. Deste modo, entre 2001 e 2010, houve um crescimento de 48% na produção bruta, enquanto que a área cultivada aumentou apenas 6%. Portanto, o aumento significativo na produção é resultado direto da maior produtividade, que teve neste período aumento de 38,6%, crescendo de 16.430 para 22.774 kg/ha.

Do ponto de vista da comercialização e do preço recebido pelos cebolicultores nacionais, 2010 foi um ano bastante atípico. No primeiro semestre faltou cebola no mercado nacional, por conta da queda de safra no final de 2009 no Sudeste e Sul. Os preços foram bastante promissores de setembro de 2009 a julho de 2010, mantendo-se acima de R\$ 0,80/kg para a classe 3.

Com a falta de produto no mercado nacional, ocorreu também uma importação recorde de cebola em 2010. O Brasil importou 238,4 mil toneladas nesse ano, tendo como principais fornecedores a Argentina com 211,3 mil toneladas, o Chile com 12,3 mil toneladas, e a Holanda com 11,7 toneladas. Quando se considera o período de 09/2009 a 08/2010, no qual efetivamente o mercado brasileiro operou com preços mais altos pela carência de produto, a importação atinge a cifra recorde de 264,4 mil toneladas. Destacam-se, além da Argentina com 218 mil toneladas, a Holanda, que abasteceu o Brasil com 23,2 mil toneladas, e a Espanha, com 10,2 mil toneladas. Surpreendeu a agilidade dos exportadores destes países europeus que, em prazo inferior a um mês, colocaram volume considerável de cebola nos principais centros consumidores do País, aproveitando os preços elevados (acima de R\$ 2,50 no mercado atacadista) no verão de 2009/10.

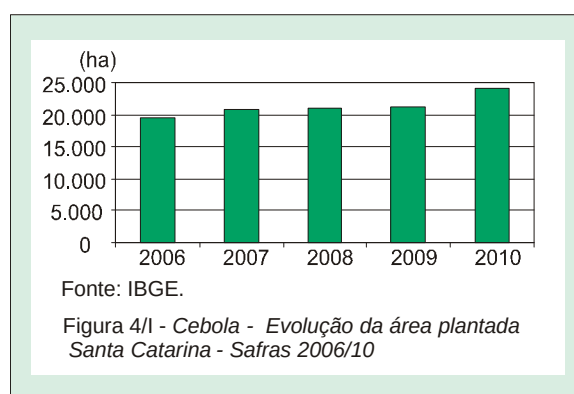
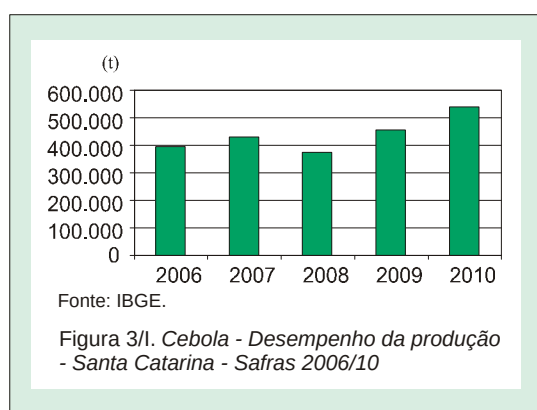
Na safra 2010/11, a importação brasileira sofreu drástica redução, fruto principalmente do excesso de oferta no mercado nacional e dos baixos preços. No primeiro semestre de 2011 foram importadas apenas 159,4 mil toneladas, contra 219,7 mil toneladas no mesmo período de 2010, significando uma redução de 27,5%. A queda na qualidade da produção argentina nesse ano também contribuiu para essa redução.

Produção e mercado estadual

Segundo os dados do IBGE a safra catarinense de 2010/11 teve produção bruta de 537,5 mil toneladas, com área cultivada de 22.224 hectares e rendimento médio de 24.187 kg/ha. Esses valores são recordes históricos, tanto na produção bruta quanto no rendimento médio, e representam, respectivamente, aumentos de 18,3 % e 13,2% em relação à jornada anterior. Já a área cultivada cresceu apenas 4,5%, caracterizando a estabilidade da cultura da cebola em Santa Catarina. Enquanto em outras regiões do País houve aumento expressivo da área e da produção, como resultado direto dos bons preços recebidos no período de primavera e verão de 2009/10, no Estado catarinense, apenas nas regiões do Planalto Norte e de Curitiba, houve aumento significativo na área plantada. Na região tradicional de produção, representada principalmente por municípios do Alto Vale do Itajaí, da Grande Florianópolis e do Planalto Catarinense, e que tem como polo de produção o município de Ituporanga, os aumentos não foram expressivos. A maior adoção de tecnologia de produção, aliada à necessidade de maiores investimentos para o custeio das lavouras, bem como do

Cebola

uso de equipamentos e instalações específicas, aparentemente determinou que os produtores desta região se especializassem, eliminando consequentemente a participação de aventureiros no processo produtivo (Figuras 3 e 4).



Na safra 2010/11, as condições climáticas foram muito favoráveis no período de implantação e desenvolvimento da cultura. Todavia, na fase final de preenchimento e maturação dos bulbos, principalmente no caso das cultivares mais tardias, o excesso de chuva dos meses de dezembro e janeiro causou muitas perdas por podridões bacterianas e ataques de fungos. Os atrasos na colheita, na cura a campo e no recolhimento, fizeram com que as perdas pós-colheita atingissem o valor estimado de 35%, fazendo com que a oferta líquida da produção se resumisse a 349,4 mil toneladas. Esse montante é 17,2 % superior à safra anterior.

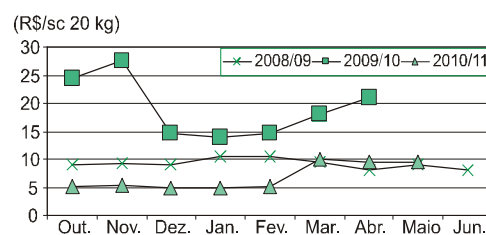
Segundo a Epagri/Cepa, os preços recebidos pelos produtores catarinenses variaram de R\$ 0,21/kg (novembro/10) a R\$ 0,67/kg (abril/11) para cebola da classe 3. O preço médio ponderado da safra catarinense de 2010/11 foi calculado em R\$ 0,36/kg, ou seja, muito inferior ao certame anterior, que foi de R\$ 0,89/kg. Uma vez que o custo de produção por quilo é estimado em R\$ 0,34 R\$/kg, pode-se perceber como o resultado financeiro foi péssimo para os cebolicultores, resultando em prejuízo ou baixa lucratividade.

Da oferta líquida de 349,4 mil toneladas, estima-se que somente 297 mil toneladas (85%) foram classificadas como cebolas de calibre adequado ao mercado nacional, ou seja, cebolas de classe 3. O restante – 52,4 mil toneladas – foi selecionado para as classes 2, 4 ou 5, e a sua comercialização rendeu para os produtores valores em média equivalentes a 60% da classe 3, considerada referência de preço

A oferta líquida para comercialização foi 17,2% superior à safra anterior, mas o preço recebido foi cerca de 2,5 vezes menor. Assim, o resultado financeiro total foi de R\$ 116,3 milhões na safra 2010/11 contra R\$ 232,1 milhões da safra passada, com redução aproximada de 50%. O impacto na economia dos municípios da região de Ituporanga foi expressivo, afetando o comércio regional e os investimentos em geral. Estudos mostram que a cultura da cebola representa cerca de 20 % do PIB dos nove municípios da abrangência da Secretaria de Desenvolvimento Regional de Ituporanga.

Cebola

O comportamento dos preços médios mensais recebidos pelos produtores nas safras 2008/09, 2009/10 e 2010/11, de acordo com os dados coletados pela Epagri/Cepa, apresentou-se conforme demonstra a Figura 5. No caso específico da última safra, os preços iniciais foram muito baixos e permaneceram abaixo do custo médio de produção de R\$ 0,34/kg até o final de fevereiro. Em outubro e novembro havia oferta de remanescentes das safras no Sudeste e do Nordeste, haja vista os altos rendimentos obtidos nas lavouras dessas regiões. De dezembro a fevereiro, a grande oferta de cebola ocorreu por conta da produção acima da média dos estados do Sul do Brasil. Já a reação nos preços ocorrida em março decorreu do encerramento da safra gaúcha e da diminuição da oferta do Paraná e de Santa Catarina. Todavia, restavam apenas 40% da safra catarinense para ser comercializada e as perdas decorrentes do processo de armazenagem representavam mais de 30%.



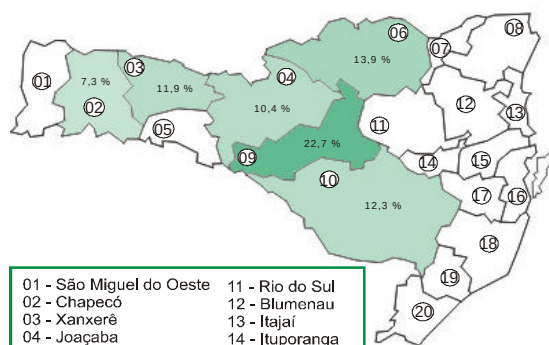
(1) Cebola da classe 3 a 5.

Fonte: Epagri/Cepa.

Figura 5/1. Cebola - Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - Safras - 2008/09-2010/11

Para a safra 2011/12, a expectativa é de redução na área de cultivo em todo o Brasil. Técnicos do setor projetam que a área plantada deve recuar para aproximadamente 64 mil hectares. Este número representa a média histórica da última década. Para Santa Catarina as avaliações iniciais do IBGE assinalam uma área plantada de 19.840 hectares, representando queda de 11,3% quando comparada com a jornada anterior. Mesmo que os dados sejam preliminares, as informações sobre a procura por sementes e crédito rural corroboram com essa perspectiva.

Feijão - Concentração da produção por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safra 2008/09
(Total = 178,5 mil t)



01 - São Miguel do Oeste	11 - Rio do Sul
02 - Chapecó	12 - Blumenau
03 - Xanxerê	13 - Itajaí
04 - Joaçaba	14 - Ituporanga
05 - Concórdia	15 - Tijucas
06 - Canoinhas	16 - Florianópolis
07 - São Bento do Sul	17 - Tabuleiro
08 - Joinville	18 - Tubarão
09 - Curitibaanos	19 - Criciúma
10 - Campos de Lages	20 - Araranguá

Fonte: IBGE.

Feijão

Márcia J. F. da Cunha Varaschin
Econ. Epagri/Cepa
marciacunha@epagri.sc.gov.br

Produção mundial

Mais da metade (61%) da produção mundial origina-se de apenas seis países. O Brasil, nos últimos anos tem sido o maior produtor mundial, seguido por Myanmar, Índia, China, Estados Unidos e México (Tabela 1).

Tabela 1/I. Feijão - Produção mundial - 2005-09

País	Área (mil ha)					Produção (mil t)				
	2005	2006	2007	2008	2009	2005	2006	2007	2008	2009
Brasil	3.748,7	4.034,4	3.788,3	3.781,9	4.100,0	3.021,6	3.457,7	3.169,4	3.461,2	3.486,8
Myanmar	2.184,0	2.394,0	2.536,0	2.725,0	2.850,0	2.175,0	2.502,0	2.814,0	3.218,0	3.000,0
Índia	8.047,0	8.549,3	10.000,0	8.000,0	6.000,0	2.630,8	3.270,0	3.930,0	3.010,0	2.440,0
China	1.225,5	954,8	990,9	1.004,2	904,1	1.806,9	1.558,5	1.531,9	1.707,9	1.489,1
Estados Unidos	617,8	619,8	598,6	584,9	592,1	1.205,5	1.095,7	1.160,6	1.159,3	1.150,3
México	1.261,2	1.723,2	1.489,2	1.505,7	1.205,3	826,9	1.385,8	993,9	1.122,7	1.041,4
Tanzânia	1.100,0	1.200,0	1.173,7	1.085,7	1.266,9	750,0	850,0	872,8	782,2	949,0
Quênia	1.034,5	995,4	846,3	641,9	960,7	382,3	531,8	429,8	265,0	465,4
Uganda	828,0	849,0	870,0	896,0	925,0	478,0	424,0	435,0	440,0	452,0
Indonésia	309,3	313,2	310,0	330,1	320,0	321,0	327,4	320,0	325,0	330,0
Outros	6.084,4	5.999,4	6.225,3	6.070,5	6.439,8	5.289,7	5.361,2	5.536,0	5.652,8	5.895,1
Mundo	26.440,4	27.632,4	28.828,3	26.625,7	25.563,9	18.887,7	20.764,1	21.193,4	21.144,2	20.699,0

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2011. 19 May 2011.

A maior área plantada da leguminosa, contudo, está na Índia. Em 2009, segundo a FAO, alcançou 6 milhões de hectares, contra 4,1 milhões em território brasileiro.

Produção Brasileira

A cultura do feijão, nos últimos anos, tem enfrentado os altos e baixos que caracterizam a atividade. Na safra 2009/10, o feijão voltou a perder área para outras culturas. A principal razão foram os preços que, ao contrário da safra anterior, estiveram bastante desestimulantes. Além disso, o Governo não fez qualquer reajuste no preço mínimo oficial, que na safra anterior havia sido reajustado em 65,2%. Fixado em R\$ 80,00 a saca de 60 kg em novembro/2009, este valor permanece o mesmo até o fechamento desta edição. Consequentemente, a área caiu 13% e a produção 8%.

Feijão

Nesta safra (2010/11) deve haver um aumento na produção, em virtude de uma melhora nos preços do produto, principalmente na primeira safra, que é a mais importante. A área deve crescer 6,5% e a produção 19,2% (Tabela 2). A produtividade esperada é a maior dos últimos cinco anos (973 kg/ha), mesmo considerando que durante o desenvolvimento da primeira safra o clima foi bastante desfavorável em diversas regiões produtoras como o Sul do País e em alguns estados nordestinos (Piauí e Pernambuco).

Os principais estados produtores de feijão, em 2011, são apresentados na Tabela 3. Santa Catarina ocupa a 8ª posição no ranking nacional, com 158,3 mil toneladas.

Tabela 2/I. Feijão - Área plantada, produção e rendimento médio - Brasil - Safras 2006/07-2010/11

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (kg/ha)
2006/07	4.018.549	3.245.236	847
2007/08	3.965.275	3.460.067	915
2008/09	4.263.915	3.522.979	849
2009/10	3.709.513	3.202.148	925
2010/11 ⁽¹⁾	3.950.352	3.815.516	973

⁽¹⁾Dados sujeito a alterações.

Fonte: IBGE.

Tabela 3/I. Feijão - Principais estados produtores - Brasil - Safras 2006/07-2010/11

Estado	Área (mil ha)					Produção (mil t)				
	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾
Piauí	233,9	238,5	245,5	213,8	232,9	38,4	65,3	62,0	32,8	104,1
Ceará	561,2	592,7	610,3	464,6	613,6	129,5	252,7	129,8	83,3	295,0
Pernambuco	299,0	342,7	343,8	313,0	334,3	113,7	152,3	130,0	61,9	150,0
Bahia	634,1	589,3	552,8	607,3	586,8	319,4	318,5	342,0	307,4	439,0
Mato Grosso	43,0	71,6	156,0	107,8	145,7	60,3	109,9	190,5	133,8	173,1
Goiás	124,4	97,4	113,9	118,4	132,7	253,7	220,4	261,9	288,9	302,9
Minas Gerais	396,0	421,1	420,5	422,9	399,4	480,9	584,3	602,3	623,7	591,4
São Paulo	192,8	179,7	195,6	161,0	138,8	314,8	284,0	325,9	288,0	194,6
Paraná	567,9	504,4	642,8	520,8	519,3	766,8	771,3	787,2	792,0	818,2
Santa Catarina	130,5	107,3	129,1	110,7	105,6	214,9	180,9	178,5	169,8	158,3
Rio Grande do Sul	118,0	98,5	116,9	106,7	92,4	142,1	102,4	125,3	115,3	123,9
Outros Estados	717,7	722,1	736,7	562,5	581,7	410,7	418,1	387,6	527,4	343,4
Brasil	4.018,5	3.965,3	4.263,9	3.709,5	3.883,2	3.245,2	3.460,1	3.523,0	3.424,3	3.693,9

⁽¹⁾Dados sujeito a alterações.

Fonte: IBGE.

No Brasil, 63% do volume produzido é de feijão-cores, enquanto 18% é de feijão-preto e 19% de macaçar (caupi). O feijão carioca está distribuído de forma uniforme nas três safras anuais, o feijão-preto concentra-se no Sul do País e aproximadamente 70% de sua produção origina-se da primeira safra. A variedade macaçar, cultivada na Região Nordeste, concentra-se na segunda safra, à exceção da produção do Estado da Bahia.

Quando se analisam as safras separadamente, percebe-se que a produção da safra 2010/11 está assim composta: 48,1% do feijão colhido é proveniente da primeira safra, 37,3% da segunda safra e 14,6% da terceira safra.

Feijão

Produção em Santa Catarina

Em Santa Catarina, na safra 2009/10, em função dos baixos preços praticados pelo mercado na época do plantio da primeira safra (principal produção), da manutenção do preço mínimo oficial fixado em R\$ 80,00 a saca de 60 kg e que entrou em vigor ainda no início da safra (2008/09), os produtores ficaram desestimulados e, por isso reduziram a área semeada 14,3% em relação à safra 2008/09.

Na safra atual (2010/11), estima-se que a área plantada seja reduzida ainda mais (4,5%), o que resultará em uma produção 7,7% menor. O rendimento médio esperado é de 1.483 kg/ha (Tabela 4).

A primeira safra representa 82% da produção total de feijão no Estado. Este ano houve um aumento de 5,6% na área plantada na primeira safra (em relação à temporada anterior), por conta dos bons preços praticados no momento do plantio. Já a produção caiu levemente (0,8%) em virtude do excesso de chuvas durante o período de colheita que afetou o desenvolvimento da leguminosa, comprometendo tanto a qualidade (excesso de umidade) quanto o rendimento do grão. Isso acabou tendo reflexos nos preços recebidos pelos agricultores, que ficaram abaixo do esperado.

Tabela 4/I. Feijão - Produção catarinense - Safras 2006/07-2010/11

Safra	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento Médio (Kg/ha)
2006/07	130.528	214.924	1.647
2007/08	107.279	180.892	1.686
2008/09	129.113	178.516	1.383
2009/10	110.685	169.753	1.534
2010/11 ⁽¹⁾	105.661	156.744	1.483

⁽¹⁾Dados preliminares.

Fonte: IBGE/GCEA.

No Planalto Norte, por exemplo, dos 10.000 hectares a plantados, de 15 a 20% foram perdidos por conta das chuvas excessivas. A queda de preços só não foi maior por que o feijão extra (de alta qualidade) se tornou escasso e pressionou os preços dos demais tipos.

A área cultivada na segunda safra (ou safrinha), por sua vez, foi reduzida em 29,3%. Em algumas regiões, como o Planalto Norte, esta redução foi ainda maior (-70%). A razão para isso é que, além das adversidades climáticas que prejudicaram a primeira safra, os preços despencaram e, assim, os agricultores acabaram optando por outras atividades. As estimativas para a produção também indicam uma queda de 29,7%, em relação à temporada anterior.

O feijão safrinha é plantado, em algumas regiões, mais com o objetivo de aproveitar os resíduos de adubo das culturas de fumo e milho do cedo, sem muita tecnologia. Por isso a produtividade não é tão elevada como a do produto da primeira safra (1.533 contra 1.1483 kg/ha, na safra 2010/11).

As microrregiões produtoras de Santa Catarina estão na Tabela 5. A maior produção vem da região de Curitibaanos, com 48,8 mil toneladas (28,8% do total produzido no Estado). Na sequência, encontram-se Xanxerê (22,8 mil t), Campos de Lages (22 mil t), Joaçaba e Canoinhas, empatadas com 17,5 mil toneladas.

Feijão

Tabela 5/I. Feijão - Área, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras 2006/07-2009/10

Microrregião Geográfica	Área plantada (ha)				Produção (t)				Rendimento médio (kg/ha)			
	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10 ¹	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10 ¹	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10 ¹
Araranguá	1.770	1.685	1.845	1.745	1.781	1.568	1.677	819	1.006	931	909	469
Blumenau	262	257	312	372	267	237	297	345	1.019	922	952	927
Campos de Lages	20.428	17.358	20.310	18.010	27.744	23.883	21.197	21.592	1.358	1.376	1.044	1.199
Canoinhas	20.150	16.470	16.460	11.140	43.378	31.752	23.982	17.524	2.153	1.928	1.457	1.573
Chapecó	16.059	9.274	12.013	10.184	21.260	10.326	12.581	13.364	1.324	1.113	1.047	1.312
Concórdia	1.750	1.410	1.305	1.092	2.306	1.733	1.268	1.381	1.318	1.229	972	1.265
Criciúma	6.772	6.105	6.301	5.441	6.488	8.552	5.757	3.123	958	1.401	914	574
Curitibanos	29.190	22.890	27.210	25.020	55.664	50.704	47.784	48.785	1.907	2.215	1.756	1.950
Florianópolis	328	328	231	273	345	340	186	276	1.052	1.037	805	1.011
Itajaí	37	88	81	44	35	91	79	37	946	1.034	975	841
Ituporanga	1.260	1.705	3.693	2.290	1.926	2.613	5.312	2.865	1.529	1.533	1.438	1.251
Joaçaba	9.698	8.543	10.094	7.870	19.248	17.366	17.987	17.547	1.985	2.033	1.782	2.230
Joinville	48	44	48	46	46	38	37	32	958	864	771	696
Rio do Sul	1.568	1.440	3.348	2.996	2.162	1.820	3.914	3.734	1.379	1.264	1.169	1.246
São Bento do Sul	1.865	1.875	2.205	2.205	3.728	3.657	3.552	2.692	1.999	1.950	1.611	1.221
São Miguel do Oeste	4.200	3.540	4.407	4.165	5.414	4.179	5.958	5.895	1.289	1.181	1.352	1.415
Tabuleiro	525	540	658	1.010	794	809	679	1.326	1.512	1.498	1.032	1.313
Tijucas	785	725	898	619	871	730	802	659	1.110	1.007	893	1.065
Tubarão	5.013	4.660	5.021	4.531	6.457	5.954	4.956	4.353	1.288	1.278	987	961
Xanxerê	8.820	8.342	12.673	12.482	15.010	14.540	20.511	22.799	1.702	1.743	1.618	1.827
Santa Catarina	130.528	107.279	129.113	111.535	214.924	180.892	178.516	169.148	1.647	1.686	1.383	1.517

(¹) Informações preliminares sujeitas a alterações.

Fonte: IBGE.

Comercialização e perspectivas

O mercado mundial de feijão movimenta, por ano, aproximadamente 20 milhões de toneladas da leguminosa. Além de maior produtor, o Brasil é o segundo maior importador e consumidor mundial do produto (Tabelas 1, 6, 7 e 8). A China é o principal exportador de feijão no mundo e a Índia o maior importador.

O Brasil não costuma exportar feijão. Apenas em 2007 e em 2009 as exportações foram mais significativas, alcançando 29,9 e 27,8 mil toneladas, respectivamente. As importações, ao contrário, costumam ocorrer e vêm aumentando nos últimos anos. Em 2009 o Brasil importou 109 mil toneladas e, em 2010, foram importadas 180 mil toneladas (Tabela 9). A maior parte das importações ocorre no segundo semestre, quando o produto nacional entra na entressafra. Argentina, China e Bolívia são, respectivamente, nossos principais fornecedores.

Tabela 6/I. Feijão - Principais países exportadores - Mundo - 2004-08

(t)					
País	2004	2005	2006	2007	2008
China	713.496	795.429	747.567	794.740	959.823
Mianmar	873.200	630.000	1.150.000	1.370.000	675.000
Estados Unidos	270.316	272.354	354.827	309.331	415.321
Canadá	316.322	271.135	309.892	325.171	293.595
Argentina	167.793	199.499	226.479	280.905	229.199
Subtotal	2.341.127	2.168.417	2.788.765	3.080.147	2.572.938
Outros	648.826	646.350	567.863	554.694	721.838
Total mundial	2.989.953	2.728.340	3.335.541	3.826.516	3.312.773

Fonte: FAO. FAOSTAT, FAO Statistics Division 2011, 20 May 2011.

Feijão

Tabela 7/I. *Feijão - Principais países importadores - Mundo - 2004-08*

(t)

País	2004	2005	2006	2007	2008
Índia	281.424	304.112	620.527	486.159	604.518
Brasil	79.191	100.697	70.064	96.269	209.690
Estados Unidos	154.238	147.413	152.424	171.151	166.783
Reino Unido	109.729	114.528	124.429	122.920	148.055
Japão	136.314	117.509	119.567	122.838	119.113
Itália	103.000	92.424	106.836	104.908	109.875
China	47.814	46.151	50.554	47.463	103.602
México	62.190	79.032	131.727	91.712	95.038
Cuba	151.600	118.800	138.700	132.400	70.869
África do Sul	50.312	52.998	69.264	86.642	70.040
Subtotal	1.175.812	1.173.664	1.584.092	1.462.462	1.697.583
Outros	1.306.638	1.290.705	1.271.408	1.514.084	1.516.612
Total mundial	2.482.450	2.464.369	2.855.500	2.976.546	3.214.195

Fonte: FAO. FAOSTAT, FAO Statistics Division 2011, 20 May 2011.

Tabela 8/I. *Feijão - Maiores países consumidores - 2003-07*

(t)

País	2003	2004	2005	2006	2007
Índia	4.023.950	2.635.448	2.406.922	3.235.426	3.712.224
Brasil	3.127.442	2.794.182	2.856.644	3.055.167	3.075.112
México	1.203.032	1.189.028	1.116.479	1.168.451	1.163.590
Estados Unidos	960.000	920.000	980.000	980.000	980.000
Tanzânia	364.292	382.180	432.426	473.263	405.009
Quênia	352.079	337.202	332.952	363.126	388.796
Uganda	453.976	401.130	396.244	335.224	360.098
Indonésia	300.602	273.595	279.933	292.925	283.980
Coreia do Norte	275.398	277.699	282.314	264.734	278.028
Paquistão	137.057	149.011	166.733	186.382	261.562
Subtotal	11.060.771	9.210.464	9.083.914	10.168.316	10.646.837
Outros Países	5.193.122	5.051.251	5.111.515	5.200.839	5.302.228
Total Mundial	16.253.893	14.261.715	14.195.429	15.369.155	15.949.065

Fonte: FAOSTAT. FAO Statistics Division 2010. 18 June 2010.

Tabela 9/I. *Feijão - Importação brasileira, por país de origem - 2007-11*

(t)

País de Origem	2007	2008	2009	2010	2011 ⁽¹⁾
Argentina	77.722	85.157	58.504	97.487	21.091
China	1	88.710	11.223	50.255	46.036
Bolívia	17.674	26.288	37.514	29.806	1.535
Paraguai	81	52	592	1.979	15
Outros Países	40	4.689	1.165	853	22
Total Brasil	95.518	204.897	108.998	180.379	68.698

⁽¹⁾ Até Junho.

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Feijão

Com relação ao balanço de oferta e demanda nacional, a partir da safra 2007/08 o País conseguiu recuperar seus estoques finais, os quais tinham alcançado na safra 2006/07 apenas 81,4 mil toneladas. Este ano os estoques previstos serão recorde: 689,4 mil toneladas (Tabela 10).

Nas Tabelas 11 e 12 estão os preços pagos ao produtor dos feijões preto e carioca em Santa Catarina (tomando-se por base os preços praticados em Chapecó). No caso do feijão preto, em 2010, apenas no período entre setembro e novembro os preços estiveram acima dos preços mínimos do Governo Federal (R\$ 80,00/saca de 60 kg). Em 2011, até quando este artigo foi fechado, os preços não haviam ultrapassado aquele patamar.

Tabela 10/I. Feijão – Balanço de oferta/demanda - Brasil - Safras 2006/07-2010/11

	(mil t)				
Discriminação	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11
Estoque inicial	176,2	81,4	230,0	317,7	366,9
Produção	3.339,7	3.520,9	3.502,7	3.322,5	3.796,9
Importação	96,0	209,7	110,0	181,2	80,0
Suprimento	3.611,9	3.812,0	3.842,7	3.821,4	4.243,8
Consumo	3.500,0	3.580,0	3.500,0	3.450,0	3.550,0
Exportação	30,5	2,0	25,0	4,5	4,4
Estoque final	81,4	230,0	317,7	366,9	689,4

Fonte: Conab (Julho/11 - 10º. levantamento).

Tabela 11/I. Feijão-preto⁽¹⁾ - Preço médio - Santa Catarina - 2007-11

	(R\$/saco 60kg)				
Mês	2007	2008	2009	2010	2011
jan.	41,57	116,67	138,00	65,00	65,00
fev.	37,67	118,00	107,19	61,47	60,50
mar.	38,00	118,60	72,95	68,65	67,71
abr.	36,17	94,37	70,00	79,21	74,83
maio	37,00	123,29	67,45	74,76	73,33
jun.	38,67	142,22	65,63	71,00	72,50
jul.	40,00	132,17	70,00	70,00	
ago.	46,25	120,00	63,25	70,00	
set.	55,00	122,25	61,90	82,50	
out.	55,00	130,00	65,00	90,00	
nov.	55,00	100,00	63,44	86,00	
dez.	65,00	100,00	54,22	70,00	

⁽¹⁾Produtor Chapecó.
Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 12/I. Feijão-carioca⁽²⁾ - Preço médio - Santa Catarina - 2007-11

	(R\$/saco 60kg)				
Mês	2007	2008	2009	2010	2011
jan.	-	176,67	109,50	55,67	65,00
fev.	37,4	156,22	77,19	55,00	59,00
mar.	40,18	139,97	70,00	67,35	67,71
abr.	40,56	101,70	70,00	85,79	72,00
maio	42,73	111,76	67,45	84,76	69,33
jun.	46,00	145,56	65,63	84,00	70,50
jul.	46,00	132,17	70,00	80,23	
ago.	49,10	150,00	63,25	80,00	
set.	55,00	122,25	60,00	90,00	
out.	55,00	130,00	60,00	100,00	
nov.	57,55	92,22	58,44	96,00	
dez.	60,00	99,00	51,56	71,67	

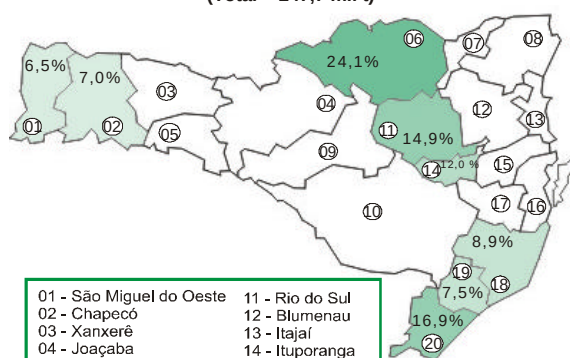
⁽²⁾Produtor Chapecó.
Fonte: Epagri/Cepa.

Já os preços do feijão carioca tiveram uma oscilação maior: variaram, em 2010, de R\$ 55,00 a R\$100,00 a saca de 60 kg. Em 2011 sua cotação esteve abaixo do preço mínimo oficial.

O governo anunciou que a partir de 1º de julho o feijão tipo 2 terá uma redução de 10% em seu preço mínimo – que passará de R\$ 80,00 para R\$ 72,00 a saca de 60 kg. Essa medida será válida para todas as regiões produtoras, ou seja: isso servirá para desestimular ainda mais a produção da leguminosa.

Por enquanto ainda é cedo para se projetar números para a safra 2011/12, cujo plantio deve iniciar somente a partir de setembro, mas levando-se em consideração os movimentos nos preços pagos ao produtor e a redução no preço mínimo, a tendência é de redução na área a ser cultivada.

Fumo - Concentração da produção por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safra 2008/09
(Total = 247,7 mil t)



01 - São Miguel do Oeste	11 - Rio do Sul
02 - Chapecó	12 - Blumenau
03 - Xanxerê	13 - Itajaí
04 - Joaçaba	14 - Ituporanga
05 - Concórdia	15 - Tijucas
06 - Canoinhas	16 - Florianópolis
07 - São Bento do Sul	17 - Tabuleiro
08 - Joinville	18 - Tubarão
09 - Curitibaanos	19 - Criciúma
10 - Campos de Lages	20 - Araranguá

Fonte: IBGE.

Fumo

Márcia J. F. da Cunha Varaschin
Econ. Epagri/Cepa
marciacunha@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundial

Os dez maiores produtores de fumo respondem por 81% da produção mundial. A China sozinha é responsável por 43% desta produção. A produção mundial em 2009 foi de 7.193 mil toneladas – a maior dos últimos cinco anos – e o Brasil destacou-se como o segundo maior produtor mundial (Tabela 1).

Tabela 1/I. Fumo - Principais países produtores - 2005-08

País	2005		2006		2007		2008	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
China	1.364.312	2.685.743	1.375.877	2.746.193	1.164.503	2.397.152	1.250.703	2.836.725
Brasil	493.761	889.426	495.706	900.381	459.481	908.679	431.378	850.421
Índia	366.500	549.100	372.800	552.200	370.000	520.000	370.000	520.000
Estados Unidos	120.610	290.170	137.188	329.918	144.068	353.177	142.010	360.225
Irã	13.799	22.180	11.874	15.479	12.000	16.000	13.500	180.000
Argentina	90.000	163.528	90.000	165.000	92.000	170.000	92.000	170.000
Indonésia	198.212	153.470	168.692	146.265	194.517	164.851	199.031	169.668
Malawi	141.527	93.598	136.527	121.600	118.551	118.000	161.626	160.238
Paquistão	50.500	100.500	56.360	112.592	50.861	103.240	51.398	107.765
Itália	34.372	115.983	36.000	110.000	35.000	100.000	35.000	100.000
Turquia	185.342	135.247	146.166	98.137	144.904	74.584	120.871	100.000
Subtotal	3.058.935	5.198.945	3.027.190	5.297.765	2.785.885	4.925.683	2.867.517	5.555.042
Outros Países	902.049	1.538.203	862.232	1.368.037	839.975	1.302.785	830.590	1.326.392
Total mundial	3.960.984	6.737.148	3.889.422	6.665.802	3.625.860	6.228.468	3.698.107	6.881.434

OBS: Fumo não manufaturado.

Fonte: FAO. FAOSTAT, FAO Statistics Division 2010, 27 August 2010.

O Brasil é o maior exportador mundial de fumo, participando com 26% do total exportado em 2008 (Tabela 2). Rússia, Estados Unidos e Alemanha, por sua vez, são os principais importadores de fumo no mundo (Tabela 3).

Fumo

Tabela 2/I. Fumo - Principais países exportadores - 2003-07

(t)

País	2003	2004	2005	2006	2007
Brasil	465.981	579.365	616.467	566.027	694.325
Estados Unidos	156.894	165.781	152.978	180.064	187.859
Índia	120.637	135.383	142.702	158.254	173.345
China	183.701	184.661	167.822	149.454	168.836
Malawi	102.980	93.296	115.688	156.684	130.183
Itália	120.883	116.348	105.568	95.477	113.429
Turquia	113.711	114.774	134.276	128.480	111.166
Argentina	78.437	91.007	96.631	100.942	100.399
Grécia	80.831	76.544	94.165	86.324	81.285
Alemanha	50.585	80.202	90.462	95.271	66.046
Sub-total	1.474.640	1.637.361	1.716.759	1.716.977	1.826.873
Outros	705.151	842.946	712.576	728.285	802.039
Total Mundial	2.179.791	2.480.307	2.429.335	2.445.262	2.628.912

Nota: Fumo não manufaturado.

Fonte: FAOSTAT. FAO Statistics Division 2010, 30 August 2010.

Tabela 3/I. Fumo - Principais países importadores - 2003-07

(t)

País	2003	2004	2005	2006	2007
Rússia	280.721	272.974	291.683	271.841	309.921
Estados Unidos	261.107	257.522	224.070	234.263	229.210
Alemanha	195.289	240.917	248.771	249.267	212.185
Países Baixos	109.700	169.350	171.777	168.544	119.900
China	64.335	50.225	76.148	93.038	93.865
França	75.106	137.727	152.598	126.254	91.990
Bélgica	71.855	74.567	59.956	62.936	83.749
Polónia	19.248	46.620	59.833	75.221	77.202
Ucrânia	66.308	75.169	76.883	74.408	76.111
Egito	64.168	72.909	58.381	67.873	69.436
Subtotal	1.207.837	1.397.980	1.420.100	1.423.645	1.363.569
Outros países	1.008.944	1.146.874	1.041.879	1.110.007	1.159.249
Total mundial	2.216.781	2.544.854	2.461.979	2.533.652	2.522.818

Nota: Fumo não manufaturado.

Fonte: FAOSTAT. FAO Statistics Division 2010, 30 August 2010.

Produção e mercado nacional

Existe uma expectativa por parte do IBGE de que a safra 2010/11 seja a maior dos últimos cinco anos, com uma produção de 927,7 mil toneladas, e um rendimento médio de 2.076 kg/ha (Tabela 4). O clima nesta safra foi favorável, diferentemente do ocorrido na temporada anterior, que esteve sob o efeito do fenômeno El Niño, motivo pelo qual a primavera acabou sendo uma estação de pouco sol e muita chuva, clima ruim para o fumo.

Fumo

Tabela 4/I. Fumo - Área, produção e rendimento - Brasil - Safras 2001/02-2009/10

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
2001/02	338.983	657.444	1.939
2002/03	392.417	656.112	1.672
2003/04	460.750	919.770	1.996
2004/05	498.760	894.025	1.792
2005/06	499.485	905.352	1.813
2006/07	460.211	912.787	1.983
2007/08	431.891	850.421	1.969
2008/09	442.255	862.355	1.950
2009/10 ⁽¹⁾	446.900	773.521	1.731

⁽¹⁾Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

A fumicultura é uma atividade cuja importância social é irrefutável. Por meio de uma análise mais ampla sobre a cadeia produtiva do tabaco, no Brasil, verifica-se que, segundo informações da Afubra, a atividade envolve cerca de 2,5 milhões de pessoas. Entre elas estão as fábricas (de agroquímicos, materiais de construção, máquinas e implementos), transportadores, postos de distribuição, usinas de processamento, exportadores, fábricas de cigarros, varejistas, além dos próprios fumicultores.

A atividade gera 1.080.000 empregos diretos, considerando-se o total de pessoas que trabalham na lavoura e na indústria, além de 1.440.000 empregos indiretos. Somando ambos, tem-se 2.520.000 pessoas trabalhando com a atividade no País.

Além desse fato, 60,5% da produção de fumo no Sul do Brasil é conduzida por famílias cujos estabelecimentos possuem área inferior a 10 hectares (Tabela 6). Destas, 25,4% não possuem terra alguma, trabalham em regime de parceria. Apenas 1% das propriedades é composta de grandes produtores, aqui considerados aqueles que possuem áreas superiores a 50 hectares.

Os principais estados produtores de fumo no Brasil estão na Tabela 7. O Sul do País responde por 97% da produção brasileira, com base na produção da safra 2010/11. O Rio Grande do Sul é o maior produtor brasileiro (46% da produção), seguido de Santa Catarina (32%) e Paraná (18%).

Nesses três estados, a produção de fumo é realizada em regime de integração com a indústria e, assim, o dimensionamento do plantio se dá de acordo com as necessidades internas e de exportação do produto.

Segundo a Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), na última safra (2010/11) existiam no Brasil 223.830 produtores de fumo, sendo que 83% deles estão na Região Sul, mais especificamente, 42% no Rio Grande do Sul, 25% em Santa Catarina e 16% no Paraná (Tabela 5).

Tabela 5/I. Fumo - Número de fumicultores - Brasil - Safras 2006/07- 2010/11

Estado/Região	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾
Paraná	34.490	34.110	33.020	35.210	35.080
Santa Catarina	56.450	55.120	58.150	55.170	54.860
Rio Grande do Sul	91.710	91.290	95.410	94.780	94.370
Região Sul	182.650	180.520	186.580	185.160	184.310
Outros estados	37.240	36.850	37.060	36.950	37.020
Brasil	219.890	217.370	223.640	222.110	221.330

⁽¹⁾Estimativa Afubra.

Fonte: Afubra.

Tabela 6/I. Fumo - Distribuição fundiária dos fumicultores - Brasil - Região Sul - Safra 2009/10

Hectares	Família	%
Menos de 1	47.010	25,4
De 1 a 10	65.050	35,1
De 11 a 20	47.110	25,4
De 21 a 30	17.750	9,6
De 31 a 50	6.400	3,5
Mais de 50	1.840	1,0
Total	185.160	100

Fonte: Afubra.

Fumo

Tabela 7/I. Fumo - Área, produção e rendimento - Brasil - Região Sul - Safras 2007/08-2010/11

Estado	Área plantada (ha)				Produção (t)				Rendimento (kg/ha)			
	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾
Rio Grande do Sul	168.920	183.170	180.930	177.310	357.830	372.810	317.780	357.150	2.039	2.035	1.756	2.014
Santa Catarina	116.250	125.620	124.630	118.540	230.630	243.410	241.960	232.190	1.891	1.938	1.941	1.959
Paraná	63.550	65.270	65.270	132.190	125.410	128.060	124.480	2.083	1.976	1.962	2.024	1.952
Região Sul	348.720	374.060	370.830	359.630	713.870	744.280	691.870	713.820	1.978	1.990	1.866	1.985

⁽¹⁾Dados preliminares da Afubra.
Fonte: Afubra.

A maior parte da produção brasileira de fumo tem como destino o mercado internacional (Tabela 8). Em 2008 as exportações bateram recorde: cerca de 82% da produção teve como destino o mercado internacional (691,6 mil toneladas). Já no ano passado esse percentual atingiu 65% (ou 505,6 mil toneladas). A causa principal desta queda nas exportações foi o câmbio. Com o real valorizado em relação ao dólar, o preço do fumo brasileiro já não é tão competitivo. Para agravar ainda mais a situação, alguns países africanos, como o Zimbábue, retornaram com força total ao mercado e, por terem um fumo de excelente qualidade, com preço inferior, estão retomando a parcela de mercado que lhes foi tomada no passado. Sua produção nas duas últimas safras mais do que dobrou.

Tabela 8/I. Fumo - Quantidade produzida e exportada - Brasil - 2001-2010

Ano	Produção (t)	Exportação (t)	Exp./Prod. (%)
2001	564.536	443.846	78,6
2002	657.444	474.472	72,2
2003	656.112	477.550	72,8
2004	919.770	592.844	64,5
2005	894.025	629.629	70,4
2006	905.352	581.380	64,2
2007	912.787	710.154	77,8
2008	850.421	691.608	81,3
2009	862.355	674.731	78,2
2010 ⁽¹⁾	773.521	283.720	36,7
Média⁽²⁾	799.632	586.246	73,3

⁽¹⁾Dado de produção sujeito a alterações e dado de exportação até o mês de julho/2010.

⁽²⁾A média das exportações não considera o ano de 2010, pois o mesmo só possui dados até julho.

Fonte: IBGE e MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Produção mercado estadual

A Tabela 9 traz uma série comparativa dos últimos cinco anos da produção catarinense de fumo. Na Tabela 10, tem-se a produção segundo as microrregiões. Com base nos resultados da safra 2009/10, as principais regiões produtoras foram: Canoinhas (29,5% da produção catarinense), Rio do Sul (15,3%) e Ituporanga (12,2%).

A temporada 2010/11 foi marcada pela estiagem no momento do plantio e durante o desenvolvimento inicial da lavoura em algumas regiões produtoras. Já na fase final da colheita as chuvas foram excessivas, o que acabou comprometendo a qualidade e o peso do produto.

Tabela 9/I. Fumo - Comparativo das safras - Santa Catarina - Safras 2001/02 a 2009/10

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
2001/02	112.067	223.382	1.993
2002/03	120.899	213.339	1.765
2003/04	143.112	284.825	1.990
2004/05	145.806	280.045	1.921
2005/06	138.712	244.011	1.759
2006/07	121.969	249.013	2.042
2007/08	116.268	230.627	1.984
2008/09	125.557	247.758	1.973
2009/10 ⁽¹⁾	126.500	245.000	1.937

⁽¹⁾ Dados preliminares.
Fonte: IBGE.

Fumo

Tabela 10/I. Fumo - Comparativo de safras, segundo as micro e mesorregiões - Santa Catarina - 2005/06-2008/09

Micro/Mesorregião	Área plantada (ha)				Produção (t)				Rendimento (kg/ha)			
	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09
São Miguel do Oeste	10.391	8.614	8.108	8.740	16.644	15.708	13.641	15.058	1.602	1.824	1.682	1.723
Chapécó	10.943	9.320	8.824	9.496	17.703	16.826	14.951	16.315	1.618	1.805	1.694	1.718
Xanxerê	2.107	1.903	1.605	1.806	3.344	3.352	2.765	3.094	1.587	1.761	1.723	1.713
Joaçaba	1.607	1.300	1.130	1.105	2.550	2.390	1.968	1.871	1.587	1.838	1.742	1.693
Concórdia	939	606	477	481	1.527	1.142	840	819	1.626	1.884	1.761	1.703
Oeste Catarinense	25.987	21.743	20.144	21.628	41.768	39.418	34.165	37.157	1.607	1.813	1.696	1.718
Canoinhas	29.525	27.760	26.415	27.638	60.470	66.311	58.867	56.041	2.048	2.389	2.229	2.028
São Bento do Sul	976	904	846	764	2.066	2.135	1.875	1.440	2.117	2.362	2.216	1.885
Joinville	49	14	21	19	89	29	47	39	1.816	2.071	2.238	2.053
Norte Catarinense	30.550	28.678	27.282	28.421	62.625	68.475	60.789	57.520	2.050	2.388	2.228	2.024
Curitibanos	1.079	895	786	763	1.166	1.489	1.263	1.324	1.081	1.664	1.607	1.735
Campos de Lages	1.277	1.131	943	971	1.771	2.073	1.905	1.868	1.387	1.833	2.020	1.924
Serrana	2.356	2.026	1.729	1.734	2.937	3.562	3.168	3.192	1.247	1.758	1.832	1.841
Rio do Sul	23.390	20.434	18.918	17.575	44.210	44.572	37.999	34.720	1.890	2.181	2.009	1.976
Blumenau	1.214	930	838	812	2.304	1.962	1.767	1.689	1.898	2.110	2.109	2.080
Itajaí	4	1	1	7	8	2	2	14	2.000	2.000	2.000	2.000
Ituporanga	16.374	14.405	13.623	13.891	30.323	32.480	27.918	27.962	1.852	2.255	2.049	2.013
Vale do Itajaí	40.982	35.770	33.380	32.285	76.845	79.016	67.686	64.385	1.875	2.209	2.028	1.994
Tijucas	3.627	3.171	3.117	3.041	6.413	6.620	6.536	6.269	1.768	2.088	2.097	2.061
Florianópolis	6	9	-	-	12	18	-	-	2.000	2.000	-	-
Tabuleiro	1.302	1.091	960	962	2.760	2.497	1.856	1.846	2.120	2.289	1.933	1.919
Grande Florianópolis	4.935	4.271	4.077	4.003	9.185	9.135	8.392	8.115	1.861	2.139	2.058	2.027
Tubarão	10.428	9.558	9.721	10.218	15.355	16.182	19.495	20.747	1.472	1.693	2.005	2.030
Criciúma	7.201	5.813	6.409	8.455	10.293	9.268	13.164	17.412	1.429	1.594	2.054	2.059
Araranguá	16.275	14.110	13.526	18.813	25.003	23.959	23.782	39.230	1.536	1.698	1.758	2.085
Sul Catarinense	33.904	29.481	29.656	37.486	50.651	49.409	56.441	77.389	1.494	1.676	1.903	2.064
Total	138.714	121.969	116.268	125.557	244.011	249.015	230.641	247.758	1.759	2.042	1.984	1.973

(¹) Estimativa do IBGE, dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Contudo o maior problema foi e está sendo a comercialização do produto, que segue bastante lenta, como nunca o foi. As empresas estão muito exigentes em relação à classificação das folhas e, além, disso, o preço do produto está baixo.

Os produtores reclamam que estão tendo perdas de R\$1,00 por quilo do produto. Como as fumageiras ainda possuem estoques da safra anterior, estão comprando apenas o que contrataram e aqueles que produziram mais do que o estipulado não têm para quem vender. Por conta disso, houve diversos protestos de fumicultores nos municípios onde existem empresas fumageiras.

As Tabelas 11 e 12 trazem os preços médios recebidos pelos produtores de fumo, nos três estados da Região Sul do Brasil nas cinco últimas safras. A Tabela 11 traz os pre-

Tabela 11/I. Fumo - Preço médio recebido pelos produtores - Brasil - Região Sul - Safras 2000/01-2009/10

Safral	(R\$/kg)				(US\$/kg)			
	Virgínia	Burley	Comum	Média	Virgínia	Burley	Comum	Média
2000/01	2,52	2,22	1,44	2,45	1,16	1,02	0,66	1,13
2001/02	2,92	2,62	1,69	2,85	1,18	1,06	0,69	1,15
2002/03	3,94	3,43	2,21	3,82	1,23	1,07	0,69	1,20
2003/04	4,36	3,76	2,65	4,24	1,46	1,26	0,89	1,42
2004/05	4,43	3,93	2,74	4,33	1,76	1,56	1,08	1,72
2005/06	4,24	3,78	2,43	4,15	1,92	1,71	1,10	1,88
2006/07	4,33	3,93	2,51	4,25	2,13	1,93	1,24	2,09
2007/08	5,46	5,36	3,17	5,41	3,24	3,18	1,89	3,22
2008/09	6,10	5,05	3,58	5,90	2,79	2,31	1,64	2,70
2009/10	6,49	5,72	4,00	6,35	3,60	3,17	2,22	3,52

Fonte: Afubra.

Fumo

ços para a região como um todo, segundo as variedades de fumo. Percebe-se que a maior queda de preço ocorreu para o tipo Virginia: -17,3% (em reais) e -12,3% em dólar.

Com relação às diferenças de preços entre os estados, o Rio Grande do Sul foi o Estado que, na safra 2010/11, teve a maior redução nos preços: -18,1% (em reais), seguido por Santa Catarina - 16,4% (Tabela 12).

As exportações estão na Tabela 13. Os reflexos da valorização do real frente ao dólar podem ser vistos no volume de fumo exportado pelo Brasil: em 2010, o volume caiu 25,11% em relação ao ano anterior. As exportações catarinenses, por sua vez, tiveram queda menos acentuada: 14,1%. Ao que tudo indica, 2011 seguirá no mesmo ritmo de 2010, pois até a metade do ano o comércio não retomou os patamares alcançados anteriormente a 2010.

Tabela 12/I. Fumo - Preço médio recebido pelos produtores - Brasil - Região Sul - Safras 2000/01-2009/10

Safra/ Estado	(R\$/kg)				(US\$/kg)			
	RS	SC	PR	Região Sul	RS	SC	PR	Região Sul
2000/01	2,51	2,43	2,25	2,45	1,16	1,12	1,04	1,13
2001/02	2,86	2,89	2,71	2,85	1,16	1,17	1,10	1,15
2002/03	3,88	3,82	3,67	3,82	1,21	1,19	1,15	1,20
2003/04	4,34	4,19	4,03	4,24	1,45	1,40	1,35	1,42
2004/05	4,23	4,51	4,25	4,33	1,68	1,79	1,69	1,72
2005/06	4,17	4,25	3,91	4,15	1,89	1,92	1,77	1,88
2006/07	4,34	4,21	4,05	4,25	2,14	2,07	1,99	2,09
2007/08	5,40	5,57	5,17	5,41	3,21	3,31	3,07	3,22
2008/09	5,94	6,04	5,50	5,90	2,72	2,76	2,52	2,70
2009/10	6,46	6,38	6,04	6,35	3,58	3,54	3,35	3,52

Fonte: Afubra.

Tabela 13/I. Fumo - Exportações brasileiras e catarinenses - 2001-10

Ano	Brasil		Santa Catarina	
	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)
2001	443.846	944.316	48.101	90.579
2002	474.472	1.008.169	45.968	88.211
2003	477.550	1.090.259	43.264	88.232
2004	592.844	1.425.763	57.811	133.424
2005	629.629	1.706.520	76.319	213.366
2006	581.380	1.751.726	134.566	465.898
2007	710.154	2.262.374	160.284	534.483
2008	691.608	2.752.032	181.536	758.662
2009	674.731	3.046.032	181.943	813.660
2010 ⁽¹⁾	345.666	1.803.502	119.611	649.638

⁽¹⁾Até Agosto/2010.

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

A partir de 2006, vem ocorrendo um maior processamento de fumo para exportação dentro do próprio Estado, com a instalação de novas indústrias que estão migrando de outros estados, sobretudo do Rio Grande do Sul. Assim, a participação de Santa Catarina nas exportações brasileiras vem crescendo. Em 2008, 26,2% do total das exportações brasileiras tiveram como origem o Estado catarinense. Em 2009 esse percentual foi 27% e, em 2010, chegou a 31%. No primeiro semestre de 2011, estava em 34,8%.

Os principais países que compram fumo de Santa Catarina estão na Tabela 14. Países Baixos, Rússia e Bélgica foram os principais compradores em 2010. Somados aos outros sete, esses países totalizam 62,7% das exportações catarinenses de fumo (em quantidade). Uma novidade foi o crescimento das exportações para a Coreia do Sul, país asiático que surge como um novo mercado para o fumo catarinense.

Fumo

Tabela 14/I. Fumo - Exportações, por país de destino - Santa Catarina - 2007-10

País de destino	2007		2008		2009		2010 ⁽¹⁾	
	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)
Bélgica	12.721	49.516	20.259	79.543	29.569	140.968	6.461	43.091
Países Baixos	7.263	35.410	10.556	59.075	14.485	72.941	18.558	87.256
Estados Unidos	15.092	43.867	19.496	88.571	16.419	70.818	8.382	44.027
Rússia	17.773	53.265	18.283	69.481	16.635	59.102	12.309	46.551
Alemanha	16.052	62.027	13.205	64.356	11.148	54.755	7.369	52.250
África do Sul	2.016	7.391	3.626	20.845	8.082	41.014	4.170	24.678
Polônia	10.310	32.329	10.870	47.205	8.751	37.553	8.787	52.990
Turquia	3.312	13.909	4.427	20.122	5.190	26.122	5.105	33.582
Reino Unido	3.802	10.400	4.058	16.350	4.649	22.882	2.515	15.230
Austrália	3.213	10.613	2.404	11.008	3.662	17.982	2.422	16.240
Subtotal	91.554	318.728	107.183	476.555	118.590	544.137	76.078	415.894
Outros países	160.284	534.483	181.536	758.662	181.943	813.660	43.533	233.745
Santa Catarina	251.838	853.211	288.720	1.235.218	300.533	1.357.797	119.611	649.638

⁽¹⁾Até Agosto/2010.

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

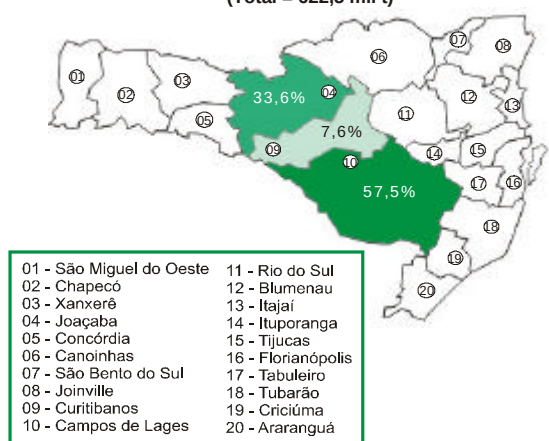
Perspectivas para a próxima safra

Ao que tudo indica, a safra 2011/12 deve apresentar uma diminuição na área plantada, como resultado de todos os problemas enfrentados pelos fumicultores nesta safra, sobretudo na comercialização do produto, a qual se estendeu muito além do normal durante o período e foi bastante difícil em termos de preços e classificação. As estimativas iniciais da Afubra apontam para uma queda de 10% na área.

No curto prazo não existe perspectiva de aumento das exportações, nem por conta da valorização da moeda americana, nem por conta da queda da produção africana (nosso principal concorrente).

É importante que os produtores centralizem seus esforços no sentido de aumentar a qualidade de suas produções, visto que produtos de qualidade inferior, como os da safra atual, não conseguem mais obter um preço que garanta uma rentabilidade que sustente a atividade.

Maçã - Concentração da produção por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safra 2008/09 (Total = 622,5 mil t)



Fonte: IBGE.

Maçã

Luiz Marcelino Vieira
Economista Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundial

A FAO estima para a safra mundial de maçã 2008/09 uma produção de 71,3 milhões de toneladas, área colhida de 4,9 milhões de hectares e rendimento de 14,4 toneladas por hectare.

A China é o maior produtor mundial, com 44,4% do volume total produzido. Possui um rendimento de apenas 14,9 toneladas por hectare, porém, possui uma expressiva área cultivada: 41,6%. Os Estados Unidos aparecem na segunda posição, com 6,3%, seguido pela Turquia, Irã, Itália, com participação entre 3,2% e 3,9%, França, Índia e Federação Russa, entre 2,2% e 2,7%, e Brasil, Chile, Alemanha, Argentina, entre 1,4% e 1,7%. A soma desses países perfaz um total de 78,8% da produção mundial (Tabela 1).

Embora o rendimento médio mundial de 14,5 toneladas tenha se mantido praticamente constante nos últimos anos, países como a Áustria, Suíça, Holanda, Bélgica e Itália têm observado mais ganho por área cultivada, consequência do uso maior de tecnologia, prática de manejo e investimento em pesquisa.

As exportações mundiais de maçãs para os principais centros consumidores têm apresentado comportamento crescente entre os anos de 2004 a 2008, com taxa média anual de 3,8% na quantidade e de 13,0% no valor (FAO, junho de 2011).

Em termos financeiros, em 2008, há uma disputa bastante acirrada nas vendas entre os mercados italiano, com 13,2%, francês, com 12,4%, americano, com 12,2%, e o chinês, com 11,6%. Num segundo bloco, aparecem o mercado chileno e o holandês, com participação, no valor, entre 8% e 9%, respectivamente. Com participação nas vendas entre 3,0% e 4,2%, vem a Bélgica, a África do Sul, a Nova Zelândia e a Polônia (Tabela 2).

Tabela 1/I. Maçã – Quantidade produzida total e dos principais países – Safra 2004/05-2008/09

País/mundo	(mil t)				
	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09
Mundo	62.429	64.175	65.528	69.304	71.287
China	24.017	26.065	27.866	29.851	31.684
Estados Unidos	4.409	4.569	4.123	4.359	4.515
Turquia	2.570	2.002	2.458	2.504	2.782
Polônia	2.075	2.305	1.040	2.831	2.626
Irã	2.662	2.700	2.660	2.719	2.432
Itália	2.192	2.131	2.230	2.210	2.314
França	2.241	2.081	2.144	1.940	1.954
Índia	1.739	1.756	2.001	1.985	1.795
Federação Russa	1.779	1.619	2.333	1.467	1.596
Brasil	851	863	1.115	1.124	1.223

Fonte: FAO (jun./2011). Disponível em (<http://www.fao.org>).

Tabela 2/I. Maçã – Valor exportado – Total e dos principais países – 2004-08

País	(milhão US\$)				
	2004	2005	2006	2007	2008
Mundo	3.821	3.883	4.368	5.503	6.222
Itália	433	482	562	747	821
França	575	507	572	681	771
Estados Unidos	384	500	549	651	749
China	296	322	386	533	724
Chile	338	304	382	552	558
Holanda	297	274	304	384	480
...	...	...	...	...	...
Brasil	73	46	32	69	81

Fonte: FAO (jun./2011). Disponível em (<http://www.fao.org>).

Maçã

No quadro das importações, as movimentações financeiras na maioria dos países apresentam-se crescentes, alcançando em 2008 um total de US\$ 6,6 bilhões para um volume de maçã adquirido de 7,4 milhões de toneladas.

Para os próximos anos, é bastante provável que o mercado mundial continue demandando mais quantidade de maçãs, caracterizando-se como uma excelente fonte alternativa de alimento para a população de muitos países (Tabela 3).

Tabela 3/I. Maçã – Valor importado – Total e dos principais países – 2004-08

(milhão US\$)					
País	2004	2005	2006	2007	2008
Mundo	4.286	4.107	4.836	5.974	6.601
Alemanha	596	501	559	623	679
Reino Unido	553	529	566	642	613
Federação Russa	237	295	351	453	520
Holanda	279	271	347	423	469
China	183	185	186	298	338
Espanha	207	178	165	248	268
Brasil	20	30	48	43	48

Fonte: FAO (jun./2011). Disponível em (<http://www.fao.org>).

Produção e mercado nacional

Safra 2009/10

A safra nacional 2009/10 de maçã registrou uma produção de 1,28 milhão de toneladas, numa área colhida de 38,6 mil hectares, com rendimento médio de 32,1 toneladas por hectare. A área cresceu 0,93% e o rendimento médio 8,7%, proporcionando um incremento de 4,3% no volume produzido, em comparação com a safra passada (IBGE, maio de 2011).

Santa Catarina é o maior produtor, com 53,3% do total nacional, seguido pelos estados do Rio Grande do Sul, com 42,1%, Paraná, com 4,4%, e São Paulo, com 0,1% (Tabela 4).

Nos pomares catarinenses e gaúchos predomina a exploração dos cultivares Gala, Fuji e Golden Delicious, os quais são responsáveis por 95% da produção nacional. A colheita da Gala começa em fevereiro e representa em torno de 46% do volume total produzido. A Fuji abrange 45% da safra e é colhida de abril até meados de maio. Essa variedade é bem mais resistente para frigo-conservação. A Golden Delicious é colhida em março, alcança cerca de 6% da produção. Os 3% restantes são compostos por outros cultivares.

No estado, o uso de tecnologias recomendadas, as práticas adequadas de manejo e a quantidade de horas de frio, dentro da média histórica, foram os principais responsáveis pelo bom desempenho da fruta.

Tabela 4/I. Maçã – Área colhida, quantidade produzida e rendimento médio – Brasil e principais estados – Safras 2006/07 - 2010/11

Discriminação	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾
Área colhida (ha)					
Brasil	37.832	38.072	38.205	38.563	39.628
Santa Catarina	19.259	19.638	19.817	20.014	20.190
Rio G do Sul	16.365	16.206	16.278	16.293	17.192
Paraná	1.930	1.900	1.800	2.110	2.100
Quantidade produzida (t)					
Brasil	1.115.379	1.124.155	1.222.885	1.275.852	1.355.904
Santa Catarina	598.680	562.988	622.501	680.000	666.312
Rio G do Sul	469.389	514.717	556.556	537.507	631.041
Paraná	43.425	41.800	39.600	56.497	56.700
Rendimento médio (kg/ha)					
Brasil	23.902	29.482	29.527	32.084	34.216
Santa Catarina	26.530	31.086	28.668	31.412	33.002
Rio G do Sul	21.500	28.682	31.761	34.191	36.706
Paraná	18.535	22.500	22.000	22.000	27.000

⁽¹⁾Safra 2010/11 dados preliminares sujeitos a retificação.

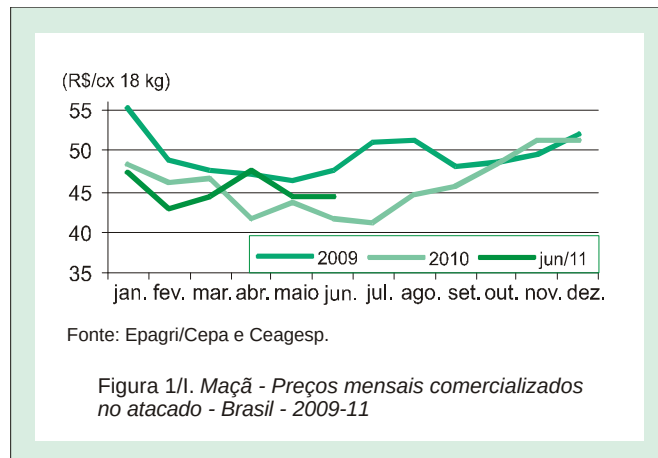
Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2006-2009) e LSPA-maio/2011.

Maçã

Durante a safra ocorreram alguns fatores climáticos, como granizo, vendaval, excesso de precipitação e temperaturas altas. O tempo chuvoso proporcionou condições favoráveis ao aparecimento de doenças um pouco acima da média, aumentando a quantidade de fruta para o descarte, principalmente da variedade Gala, além de tornar o produto menos resistente ao resfriamento e ao tempo de câmara. Por outro lado, o forte calor nos meses de janeiro e fevereiro de 2010 acelerou o processo de maturação do cultivar Gala, acelerando a colheita.

Apesar desse quadro nebuloso, pode-se considerar que a condição da safra foi normal, obtendo-se frutos de boa qualidade, com tamanho e coloração dentro da expectativa do segmento produtivo, atendendo perfeitamente as exigências e necessidades de mercado.

No ano, exceto em novembro, os preços médios mensais no atacado (ponderados), foram decrescentes (em alguns casos apresentaram quedas que variaram entre 2,5 e 20%), com uma desvalorização anual de 7,2%, em comparação com os de 2009, conforme levantamento da Companhia de Entrepósitos de Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp), o que refletiu de forma negativa nos preços ao produtor, contribuindo para uma maior descapitalização e forma de desestímulo do segmento produtivo (Figura 1).

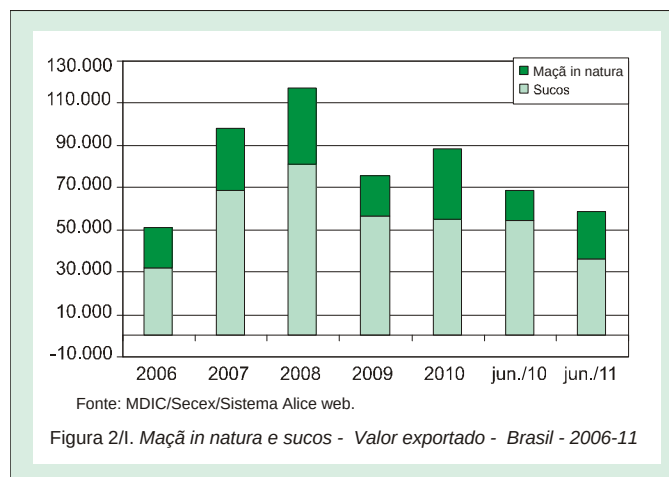


Em 2010, a moeda nacional frente ao dólar continuou valorizada, propiciando um aumento das importações. As exportações reduziram, devido às condições normais da safra nos principais países produtores, assim como as oportunidades de novos negócios para o mercado externo foram pequenas.

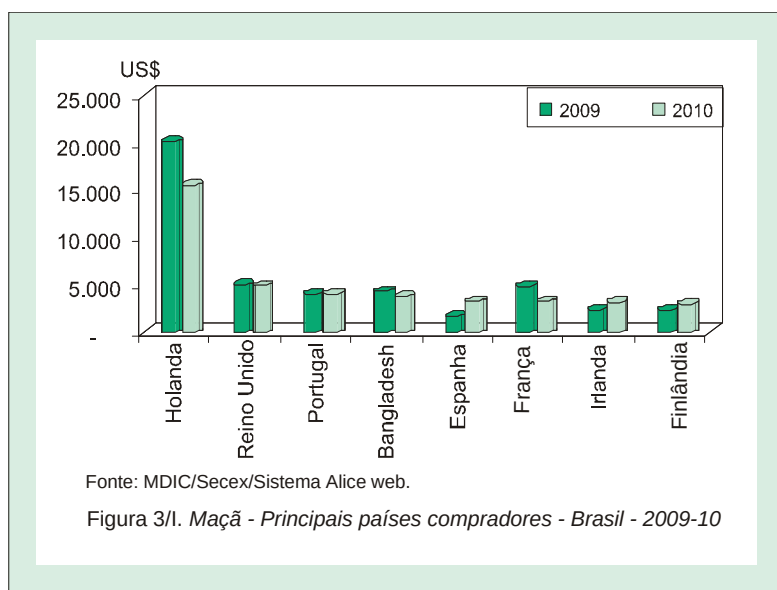
Diante desse quadro pouco estimulante, com a oferta nacional ampliada, as atenções se voltaram para o mercado interno, contribuindo para um aumento de consumo da fruta, o qual alcançou a cifra de 5,8 quilos/habitante/ano.

Nos anos de 2007 e 2008, as vendas de maçã "in natura" para o mercado externo tiveram desempenhos praticamente iguais, com cerca de 112,0 mil toneladas anuais comercializadas. Em 2009, caíram 12,4%, com 98,3 mil toneladas negociadas. Em 2010, desaceleraram, ainda mais, com 90,9 mil toneladas vendidas (Figura 2).

Maçã



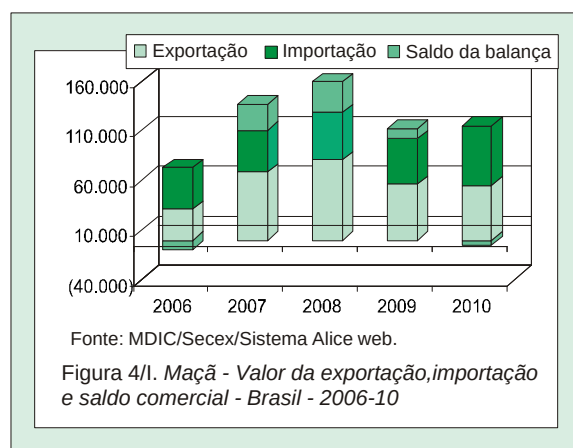
O maior volume de negócios é realizado durante os meses de abril a junho, período de entressafra da maçã nos países europeus, os maiores parceiros comerciais do Brasil, responsáveis pela aquisição de cerca de 80% da fruta nacional (Figura 3).



Maçã

Tendo em vista as dificuldades de ampliar os negócios para os mercados tradicionais, o Brasil tem procurado intensificar as operações comerciais com países da Ásia, África e do Oriente Médio, proporcionando certo equilíbrio na balança comercial (Figura 4).

As exportações brasileiras de sucos de maçã começam a ter uma maior expressão comercial a partir de 2002, atingindo em 2008 um montante de 36,2 milhões de dólares. No ano seguinte caíram praticamente pela metade, voltando a crescer novamente, em 2010, perfazendo um total de 32,4 milhões de dólares. No primeiro semestre de 2011, apresentaram um crescimento de 58,8%, (com 22,9 milhões de dólares), em relação ao período correspondente em 2010.



Os maiores parceiros comerciais do suco de maçã do Brasil são os Estados Unidos, responsáveis, em 2010, por 76,4% das compras nacionais, seguidos pelo Japão, com 10,1% e Holanda, com 4,2% (Figura 2).

No quadro das importações, nos anos mais recentes, verificou-se uma maior entrada de maçã no mercado nacional, tornando-se mais acentuadas a partir de 2008, perfazendo um total de 76,9 mil toneladas, em 2010 (Figura 4).

Num comparativo entre o preço médio exportado e o importado, verifica-se que no período entre os anos de 2008 a 2010 ocorreu uma menor remuneração da maçã brasileira em relação ao produto importado.

Safra 2010/11

As estimativas para a safra nacional 2010/11 de maçã são de 1,356 milhão toneladas, área colhida de 39,6 mil hectares e rendimento médio de 34,2 tonelada por hectare. Em comparação com os resultados obtidos na safra passada, houve um incremento de 2,8% na área colhida, 6,5% no rendimento e de 6,3% na produção (IBGE/GCEA, maio de 2011).

A safra do Rio Grande do Sul teve um excelente desempenho, registrando um aumento de 5,5% na área colhida, 7,3% no rendimento médio e 17,4% na produção.

A safra catarinense, embora tenha apresentado um incremento de 0,9% na área colhida (20,1 mil hectares) e 5,5% no rendimento médio, teve queda de produção de 2,0% em relação à safra passada, que produziu um total de 680 mil toneladas (recorde).

Maçã

A produção de maçã está concentrada nas microrregiões geográficas de Campos de Lages, com 412 mil toneladas (59,8%) e de Joaçaba, com 217 mil toneladas (31,5%).

São Joaquim é o maior município produtor, com 251 mil toneladas, seguido por Fraiburgo, com 158 mil toneladas, Bom Jardim da Serra, com 49 mil toneladas, Bom Retiro e Monte Carlo, com 39 mil toneladas, cada, Lebon Régis, com 26 mil toneladas, Urubici e Água Doce, com 24 mil toneladas, cada. Esses municípios são responsáveis por 88% da produção estadual.

Durante a safra, em alguns municípios produtores foram registrados queda de granizo, frio fora de época, ocorrência de pragas - ataques da mosca da fruta e da grafolita (mariposa) e doenças como a sarna da macieira e a mancha foliar da gala, bem como o aparecimento do vírus "russeting", o que exigiu uma revisão dos dados de produção em relação às estimativas iniciais.

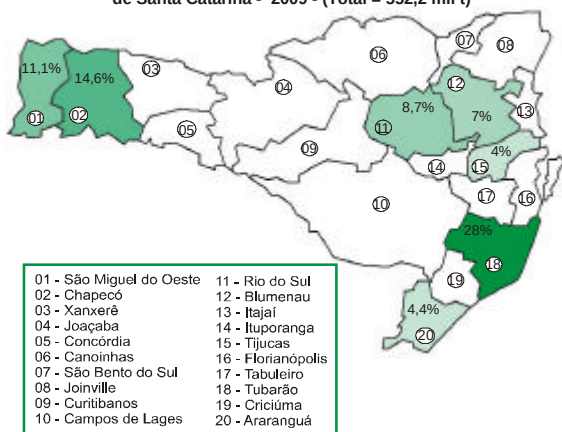
Durante o primeiro semestre de 2011, a comercialização da maçã, no mercado nacional, apresentou um desempenho bastante semelhante ao período correspondente de 2010, com as vendas variando entre 60 e 67 mil toneladas mensais.

Os preços no mercado atacadista informados pela Companhia de Entrepósitos de Armazéns Gerais de São Paulo apontam um decréscimo de 4,5% no primeiro trimestre. No segundo trimestre, entretanto, quando é comercializado fruto de melhor qualidade e de maior calibre, os preços reagiram e apresentaram um crescimento de 7,5%, em comparação com o mesmo período de 2010.

Para o segundo semestre de 2011, com as vendas concentradas no mercado interno, a expectativa do setor é de uma gradativa valorização nos preços do produto.

No mercado externo, com as exportações brasileiras praticamente encerradas no primeiro semestre, verifica-se um fraco desempenho do setor, com as vendas atingindo 48,5 mil toneladas (-45,6%) e um montante de US\$ 36 milhões (-33,8%), conforme Figura 2.

Produção agrícola - Mandioca por microrregião geográfica de Santa Catarina - 2009 - (Total = 552,2 mil t)



Fonte: IBGE.

Mandioca

Luiz Marcelino Vieira
Economista Epagri/Cepa
marcelino@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundial

Na safra 2008/09, a área total mundial colhida alcançou 18,9 milhões de hectares e gerou 233,8 milhões de toneladas produzidas, representando um incremento de 0,4% e 0,2%, respectivamente, em relação à safra passada.

O continente africano lidera o cultivo da mandioca, com 50,8% do volume total produzido, seguido pelo asiático, com 34,9%, e o americano, com 14,2%.

Embora a mandioca seja explorada por um número bastante expressivo de países, apenas cinco deles são responsáveis por mais da metade da produção mundial (56%), conforme demonstrado na Tabela 1.

Nem sempre os países de maior produção e de expressivo destaque no mercado possuem os melhores ganhos por área cultivada (Tabela 1).

O modelo de exploração da lavoura difere de continente para continente. Enquanto no continente africano a mandioca é considerada um alimento básico para importante parcela da população, adquirindo maior importância comercial somente nos anos mais recentes, nos continentes asiático e americano a cultura diferencia-se justamente pelo crescente avanço da industrialização, pelo uso de tecnologia e pelas alternativas de mercado.

O desempenho das exportações mundiais dos subprodutos da mandioca (raiz seca, farinha, fécula e tapioca), com exceção de 2008, tem crescido nos últimos dez anos. O mercado tailandês lidera as vendas internacionais, responsável por cerca de 80% de todo o movimento financeiro. A participação brasileira é de apenas 1% (Tabela 2).

No quadro das importações, o mercado chinês apresenta os maiores desembolsos na fécula (45%), tapioca (20,4%) e mandioca seca (43,5%), enquanto nas farinhas o Reino Unido, com 40,7%, é o maior comprador (Tabela 3).

Tabela 1/I. Raiz de mandioca - Área colhida, produção e rendimento - Mundo e principais países - Safras 2004/05 - 2008/09

País	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09
Área colhida (1000 ha)					
Mundo	18.423	18.578	18.635	18.849	18.917
Nigéria	3.782	3.810	3.875	3.778	3.127
Tailândia	986	1.071	1.174	1.184	1.327
Brasil	1.902	1.897	1.894	1.889	1.761
Indonésia	1.213	1.227	1.201	1.193	1.176
Rep. Dem. do Congo	1.846	1.877	1.849	1.851	1.850
Quantidade produzida (1000 t)					
Mundo	207.609	223.170	225.848	233.359	233.796
Nigéria	41.565	45.721	43.410	44.582	36.804
Tailândia	16.938	22.584	26.916	25.156	30.088
Brasil	25.872	26.639	26.541	26.703	24.404
Indonésia	19.321	19.987	19.988	21.593	22.039
Rep. Dem. do Congo	14.975	14.989	15.004	15.014	15.000
Os cinco maiores rendimentos mundiais (t/ha)					
Índia	30.498	32.113	32.220	33.541	34.368
Ilhas Cook	25.863	26.143	25.000	23.500	27.973
Suriname	19.124	20.000	25.471	25.165	25.330
Panamá	11.830	16.557	14.996	19.402	23.073
Tailândia	17.180	21.091	22.922	21.255	22.678

Fonte: FAO (junho de 2011). (Disponível em <http://www.fao.org>).

Mandioca

Tabela 2/II. Mandioca - Raiz e derivados – Quantidade e valor das exportações - Mundo – 2004-08

Discriminação	2004	2005	2006	2007	2008
Quantidade (1000 t)					
Total	8.014	5.639	7.380	8.162	5.589
Mandioca seca	6.467	3.936	5.512	6.480	4.152
Fécula	1.377	1.556	1.742	1.572	1.333
Farinha	82	57	64	55	56
Tapioca	88	90	62	55	48
Valor (US\$ 1000)					
Total	876.816	797.508	1.080.779	1.380.016	1.339.181
Mandioca seca	551.468	471.876	641.846	880.727	794.361
Fécula	269.158	275.591	390.390	448.481	488.362
Farinha	19.237	16.669	17.016	19.373	23.179
Tapioca	36.953	33.372	31.527	31.435	33.279

Fonte: FAO (junho de 2011). (Disponível em <http://www.fao.org>).

Tabela 3/II. Mandioca - Raiz e derivados – Quantidade e valor das importações - Mundo - 2004-08

Produto	2004	2005	2006	2007	2008
Quantidade (1000t)					
Total	8.561	5.595	7.745	8.802	5.630
Mandioca seca	6.672	4.115	5.591	6.785	4.009
Fécula	1.817	1.415	2.095	1.949	1.534
Farinha	15	18	15	17	29
Tapioca	57	47	44	51	58
Valor (US\$ 1000)					
Total	1.140.707	956.263	1.268.637	1.679.208	1.575.722
Mandioca seca	735.555	565.523	739.835	1.060.477	913.028
Fécula	374.619	360.967	497.840	581.123	612.711
Farinha	4.555	5.392	5.165	5.973	10.744
Tapioca	25.978	24.381	25.797	31.635	39.239

Fonte: FAO (junho de 2011). (Disponível em <http://www.fao.org>).

Produção mercado nacional

Safra 2009/10

Na safra nacional 2009/10 de mandioca foram colhidos 1,773 milhão de hectares, obtidos 24,354 milhões de toneladas e rendimento médio de 13,7 toneladas por hectare, ocasionando um acréscimo de 0,68% e decréscimos entre 0,20 % e 0,88%, respectivamente, em relação aos resultados da safra passada. O rendimento médio nacional é considerado baixo, em relação a outros países e não consegue ganhar força devido ao fraco desempenho de algumas lavouras, principalmente nas regiões Norte e Nordeste do País, as quais, além de terem sido atingidas pelo excesso ou falta de chuvas, caracterizam-se pelo uso inexpressivo de tecnologia e práticas de manejo.

Apenas três estados (Pará, Paraná e Bahia) são responsáveis por praticamente a metade (48,2%) da produção nacional, sendo que a lavoura paraense lidera o ranking brasileiro, com participação de 19,7% da produção nacional (Tabela 4).

Tabela 4/II. Mandioca - Raiz – Área colhida, produção e rendimento médio - Brasil e principais estados – Safras 2006/07 - 2010/11

Discriminação	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾
Área colhida (1000 ha)					
Brasil	1.894	1.889	1.761	1.773	1.773
Pará	324	305	290	291	294
Paraná	150	141	153	172	205
Bahia	339	337	272	262	255
Maranhão	213	223	182	210	208
Rio Grande do Sul	89	85	84	82	79
São Paulo	43	44	41	46	46
Quantidade produzida (1000 t)					
Brasil	26.541	26.703	24.404	24.354	26.131
Pará	5.217	4.799	4.549	4.506	4.651
Paraná	3.365	3.326	3.655	4.013	4.592
Bahia	4.481	4.359	3.437	3.211	3.459
Maranhão	1.766	1.730	1.216	1.541	1.783
Rio G. do Sul	1.372	1.340	1.282	1.314	1.258
São Paulo	1.027	1.038	982	1.081	1.081
Os cinco maiores rendimentos estaduais (t/ha)					
São Paulo	24,1	23,5	24,0	23,5	23,5
Paraná	22,4	23,5	23,9	23,3	22,4
Acre	19,1	21,7	21,7	21,0	20,6
Mato G. do Sul	17,6	19,7	19,3	20,4	20,3
Santa Catarina	19,5	19,1	18,2	18,1	18,2

⁽¹⁾Safras 2010/11 dados preliminares sujeitos a retificação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2005-09) e LSPA-junho/2011.

Mandioca

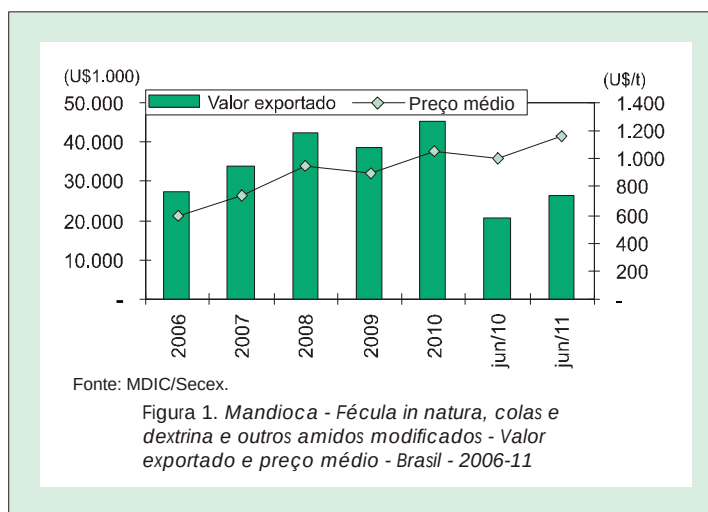
Durante a fase de desenvolvimento e de maturação da cultura, observou-se em alguns estados a ocorrência de fatores climáticos adversos, como falta ou excesso de chuvas, bem como algumas doenças e pragas que foram devidamente controladas, sem maiores prejuízos para a atividade.

Em 2010, o mercado nacional de farinha e fécula esteve bem movimentado, com os preços tendo comportamento acima da média histórica em alguns meses do ano, principalmente nos estados que já possuem uma estrutura de comercialização melhor adaptada à sensibilidade e ao gosto do mercado consumidor.

No segmento de farinha, os estados produtores das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, além de atender as necessidades internas, têm como foco de suas vendas os estados nordestinos.

No segmento de fécula, o Estado do Paraná lidera a produção. A melhor organização dos agentes de produção e comercialização permitiu certa estabilidade nos níveis de vendas em todo o mercado nacional.

No ano, as vendas brasileiras para o mercado externo de dextrina, colas e outros amidos e féculas modificados movimentaram um total de 45,2 milhões dólares, com um crescimento de 16,8% em comparação a 2009, sendo que os principais parceiros comerciais nacionais para esses produtos, além dos países do Mercosul, Estados Unidos, Angola, Japão e Reino Unido, conforme os dados da Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – Figura 1.



Safra 2010/11

Na safra nacional 2010/11 de mandioca, as estimativas preliminares do IBGE (junho/2011) indicam uma produção de 26,131 milhões de toneladas, numa área a ser colhida de 1,773 milhão de hectares de lavoura. Embora a área se mantenha estável, um ganho de 7,3% no rendimento propiciou um incremento de 1,777 milhão de toneladas em relação à safra passada.

Nos estados produtores, é dado prosseguimento aos trabalhos de processamento da raiz com vistas à produção de farinha, fécula e polvilho azedo.

Nos estados das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, os preços da raiz são remunerados de acordo com o teor de amido.

Mandioca

A disputa pela aquisição da matéria-prima entre as agroindústrias de farinha e fécula torna o produto mais competitivo e melhora a remuneração para o agricultor.

No primeiro semestre de 2011, o aumento da produção dos derivados da raiz (farinha, fécula e polvilho azedo) propiciou, em alguns estados, a formação de estoques, enquanto o mercado adquiriu o estritamente necessário, apostando em preços mais acessíveis.

Para o segundo semestre, como os segmentos de farinha e fécula continuam aumentando a produção é bastante provável que os preços nos diferentes níveis e o volume de negócios permaneçam estáveis até meados de agosto. A partir do quarto trimestre, entretanto, os níveis de negócios aumentarão e os preços tendem a ficar mais remuneradores.

Em 2011, as exportações brasileiras de fécula “in natura”, dextrina e colas devem crescer, em relação a 2010, graças à competência dos agentes do setor que têm conseguido romper algumas barreiras impostas por países que concedem ao produtor amplo apoio à política de subsídios à produção e comercialização de seus produtos.

Produção e mercado estadual

Safra 2009/10

No cenário nacional, Santa Catarina possui o 5º maior rendimento do País. É o 13º produtor de mandioca, com 2,2% de participação na safra 2009/10 brasileira. O Estado produziu 541,5 mil toneladas, numa área colhida de 30,0 mil hectares e obteve um rendimento médio de 18,1 toneladas por hectare.

Em Santa Catarina, a cada ano diminui o número de produtores que se dedicam a essa atividade. Permanece explorando a lavoura, para fins comerciais, somente o agricultor melhor estruturado e mais organizado, localizado nas regiões Sul Catarinense, Vale do Itajaí e em alguns municípios da Grande Florianópolis. Nas demais regiões do Estado predominam o cultivo de mandioca, com vistas à alimentação humana (consumo “in natura”) e animal (ração).

Durante a safra ocorreram alguns fatores climáticos adversos como excesso de chuvas – com alagamento em alguns municípios das regiões do Litoral Sul Catarinense e Alto Vale do Itajaí –, baixo índice de insolação, baixa temperatura fora de época e vento forte. Além de prejudicar parcialmente o desenvolvimento da lavoura, essas adversidades ocasionaram algumas perdas por podridão da raiz, influenciando no rendimento médio do produto em alguns municípios catarinenses.

Nas regiões produtoras do Alto Vale do Itajaí, Litoral Sul Catarinense e em alguns municípios da Grande Florianópolis, a colheita e o processamento da matéria-prima tiveram início no mês de abril, intensificando-se no período de maio a julho. As agroindústrias, de uma maneira geral, remuneraram o produto considerando a quantidade de teor de amido, fato bastante animador para o produtor, que conseguiu obter uma maior valorização no produto vendido e consequente aumento na renda.

Mandioca

Em 2010, a venda catarinense dos derivados da raiz (farinha, fécula e polvilho azedo) transcorreu dentro do esperado pelos agentes de produção e comercialização. Ampliou-se o número de negócios e os preços se mantiveram em ritmo crescente em todos os segmentos de mercado, com a farinha fina crescendo 49,1%, a farinha grossa, 46,1%, a fécula, 45,4%, o polvilho azedo, 25,8% e a raiz 43,7% (Figura 2).

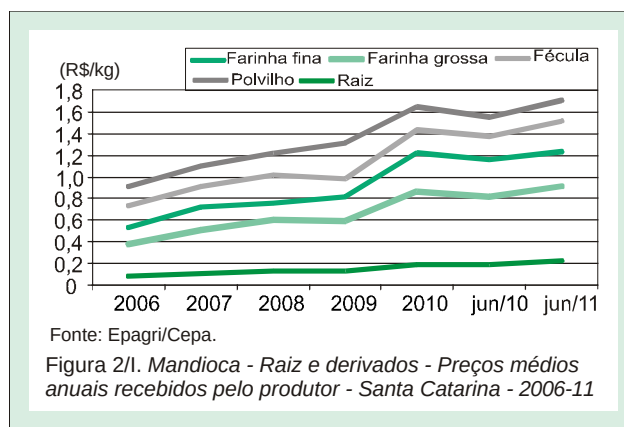
No ano, o setor conseguiu atender as necessidades internas e manteve o ritmo das vendas, principalmente para os centros consumidores do Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Safra 2010/11

De acordo com a estimativa do IBGE (junho/2011), a safra catarinense deve ser de 511,6 mil toneladas, com área a ser colhida de 28,1 mil hectares e rendimento médio de 18,2 toneladas por hectare. Neste período, a mandioca encontra-se em plena colheita. Para adquirir a matéria-prima para a produção de farinha, fécula e polvilho azedo, as indústrias processadoras pagam a raiz de acordo com o teor de amido. Em algumas regiões, devido à escassez do produto, aumenta a disputa entre esses segmentos pela aquisição da raiz, remunerando melhor o produtor.

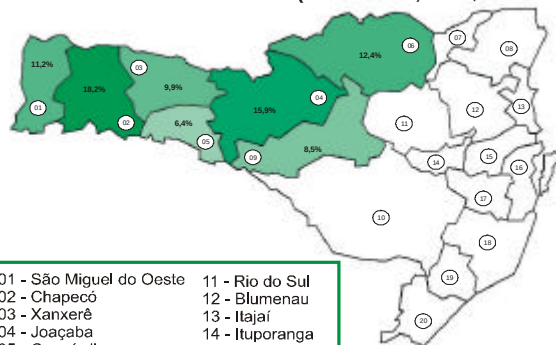
Excepcionalmente nesta safra, devido à melhor remuneração da raiz e dos derivados no ano passado, sobrou menos mandioca de dois ciclos para ser comercializada, principalmente no Alto Vale do Itajaí, o que obrigou algumas indústrias processadoras a rever o cronograma de suas atividades.

No primeiro semestre de 2011, os preços da raiz e derivados continuam estimulantes para o produtor, devendo apresentar um leve crescimento, em relação ao mesmo período de 2010, em todos os segmentos: raiz (15,7%), farinha fina (5,6%), farinha grossa (12,0%), fécula (9,9%) e polvilho azedo (9,6%). Durante os meses de julho a setembro é bastante provável que os preços percam força, mantendo-se estáveis, em decorrência da maior produção e consequente aumento dos estoques. Para o quarto trimestre do ano, os preços devem voltar a subir, porém num ritmo menor que no primeiro semestre do ano. (Figura 2)



Para este ano, o ritmo das vendas catarinenses continuará favorável. A expectativa é de um leve aumento no volume de negócios das farinhas, fécula e polvilho azedo nos mercados estadual e interestadual (Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro), com a possibilidade inclusive de ampliar os negócios para outros estados da Federação.

Milho - Produção agrícola por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2009 - (Total = 3.244,5 mil t)



01 - São Miguel do Oeste	11 - Rio do Sul
02 - Chapecó	12 - Blumenau
03 - Xanxerê	13 - Itajaí
04 - Joaçaba	14 - Ituporanga
05 - Concórdia	15 - Tijucas
06 - Canoinhas	16 - Florianópolis
07 - São Bento do Sul	17 - Tabuleiro
08 - Joinville	18 - Tubarão
09 - Curitibanos	19 - Criciúma
10 - Campos de Lages	20 - Araranguá

Fonte: IBGE.

Milho

Julio Alberto Rodigheri
Eng. Agr. Epagri/Cepa
juliorodigheri@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundial

A safra mundial de milho 2011/12 deverá crescer, segundo o Usda, 5,6% em relação à anterior. O consumo teria acréscimo de 3% e as exportações de 2,9%.

Nas exportações, o primeiro colocado (EUA) e o terceiro (Brasil) teriam decréscimos nos embarques (-5,6% para ambos). As médias seriam aumentadas pela Argentina (segunda) e pelos países da FSU-12 (ex-União Soviética sem Rússia e Ucrânia) e pela Ucrânia (terceira) (Tabela 1).

Entre os países grandes produtores, excluído o Brasil, que repetiria a produção, haveria crescimento diferenciado: a Argentina e o México teriam os maiores crescimentos (18% e 14%); abaixo ficariam a União Europeia e os EUA (6,8 e 5,9%). A China ficaria abaixo

(2,9%) superando apenas o Brasil (Tabela 2). Essas previsões sobre o Brasil devem ser vista com cautela, pois a estimativa de 55 milhões de toneladas já foi superada na safra 2009/10 (56 milhões) e a Conab prevê 57,1 milhões para 2010/11.

Os estoques mundiais iniciais continuariam em queda ainda maior no próximo ano do que neste (-2,6% e -18,1%) e o estoque final de 2012 cairia mais 4,7% (Tabela 3).

Essa performance mundial deve muito aos EUA (38,7% da produção mundial), uma vez que o desempenho americano tem sido pior ultimamente: no ano de 2012, estoque inicial 57,4% menor e estoque final ainda em queda, -4,9% (Tabela 4).

Tabela 1/I. Milho - Principais países do mercado – Safras 2010/11-2011/12

(milhões de t)

País	Produtores		Importadores		Consumidores		Exportadores	
	2010/11	2011/12	2010/11	2011/12	2010/11	2011/12	2010/11	2011/12
Estados Unidos	316,7	335,3	0,6	0,5	293,4	291,0	48,3	45,7
China	173,0	178,0	1,5	0,5	172,0	181,0	0,1	0,2
Brasil	55,0	55,0	1,0	1,0	48,8	50,5	8,5	8,0
União Europeia-27	55,5	59,3	7,0	5,0	61,6	63,2	1,0	1,0
Argentina	22,0	26,0	0,0	0,0	7,1	7,5	14,5	18,0
México	21,5	24,5	8,8	9,2	29,3	32,1	0,1	0,3
Sudeste Ásia	23,1	12,5	7,2	7,1	30,4	31,6	0,2	0,2
Fsu-12	18,6	25,3	0,5	0,2	13,2	16,3	6,1	7,6
Canadá	11,7	11,5	0,8	1,4	11,1	12,0	1,6	1,0
África do Sul	12,0	12,5	0,0	0,0	10,6	10,8	2,0	2,0
Ucrânia	11,9	15,0	0,0	0,0	6,1	6,9	6,0	7,5
Egito	6,5	6,7	5,4	5,6	12,1	12,4	0,0	0,0
Coreia do Sul	0,1	0,1	8,0	7,7	8,1	7,8	0,0	0,0
Japão	0,0	0,0	16,1	16,1	16,2	16,1	0,0	0,0
Subtotal	727,6	761,7	56,9	54,3	720,0	739,2	88,4	91,5
Outros países	93,0	104,5	34,1	36,0	126,6	132,5	2,2	1,7
Total mundial	820,6	866,2	91,0	90,3	846,6	871,7	90,6	93,2

Fonte: Usda (junho de 2011).

Milho

Tabela 2/I. Milho - Principais produtores - Mundo – Safras 2007/08-2011/12

(milhões t)					
País	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾
Estados Unidos	332,1	307,1	332,5	316,7	335,3
China	151,8	165,9	158,0	173,0	178,0
União Europeia	47,7	61,4	57,3	55,5	59,3
Brasil	57,5	51,0	56,1	55,0	55,0
Argentina	22,0	15,0	22,8	22,0	26,0
México	22,6	24,2	20,4	21,5	24,5
Subtotal	633,7	624,6	647,1	643,7	678,1
Outros	155,4	173,2	165,9	176,9	188,1
Total	789,1	797,8	813,0	820,6	866,2

⁽¹⁾Previsão.

Fonte: Usda (junho de 2011).

Tabela 3/I. Milho – Oferta e demanda - Mundo - Safras 2007/08-2011/12

(milhões t)					
Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾
Estoque inicial	109,0	131,3	147,2	143,4	117,4
Produção	789,1	797,8	813,0	820,6	866,2
Consumo doméstico	769,9	781,6	816,8	846,6	871,7
Exportação	98,6	84,4	97,0	90,6	93,2
Estoque final	131,3	147,5	143,4	117,4	111,9

⁽¹⁾Previsão.

Fonte: Usda (junho de 2011).

As quedas dos estoques americanos têm muito a ver com o uso crescente de milho para a produção de etanol. Neste ano, a colheita de milho com essa finalidade já chegou a 130 milhões de toneladas, ou seja, 41% da produção. Essa tendência deve se manter e superar os 50%, o que fará com que o uso do milho para alimentação animal e humana fique menor que o consumo de etanol (Tabela 5).

Tabela 4/I. Milho - Oferta e demanda - Estados Unidos - Safras 2007/08-2011/12

(milhões de t)					
Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾
Estoque inicial	33,1	41,3	42,5	43,4	18,5
Produção	331,2	307,1	332,5	316,2	335,3
Cons. doméstico	261,7	259,3	281,4	293,4	291,0
Exportação	61,9	47,0	50,5	48,3	45,7
Estoque final	41,3	42,5	43,4	18,5	17,6

⁽¹⁾Previsão.

Fonte: Usda (junho de 2011).

Tabela 5/I. Milho e etanol - Produção - Estados Unidos - Safras 2006/07-2010/11

(milhões de t)					
Produção	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11
Milho	267,6	331,2	307,4	332,5	316,2
Etanol ⁽¹⁾	76,9	95,2	104,1	91,4	130,0
Etanol/milho %	28,7	28,7	33,9	27,5	41,1

⁽¹⁾Volume de milho usado para etanol.

Fonte: Usda (junho de 2011).

A Argentina produz muito menos milho do que o Brasil, mas segue à frente, perdendo apenas para os EUA nas exportações. As exportações da safra 2010/11 foram menores que as da safra anterior, mas na próxima safra deverá continuar a curva ascendente, exportando 18 milhões de toneladas. Na safra 2009/10, o Brasil exportou em números reais, levantados pelo MDIC/Secex, 10,8 milhões de toneladas (Tabelas 6 e 7).

Tabela 6/I. Milho – Oferta e demanda - Argentina - Safras 2007/08-2011/12

Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾
Estoque inicial	1,7	2,2	1,0	0,6	1,0
Produção	22,0	15,0	22,8	22,9	26,0
Cons.doméstico	7,0	6,4	6,7	7,1	7,5
Exportação	14,8	10,3	16,5	14,5	18,0
Estoque final	2,2	0,5	0,6	1,0	1,5

⁽¹⁾Previsão.

Fonte: Usda. (junho de 2011).

Milho

Tabela 7/I. Milho - Valor, volume e preço das exportações - Brasil e Santa Catarina - 2005-11

Discriminação	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2010 ⁽¹⁾	2011 ⁽¹⁾
Brasil								
Valor (milhões US\$)	123	493	1.936	1.417	1.313	2.229	421	739
Volume (milhões t)	1.091	3.975	10.987	6.463	7.810	10.848	2.088	2.809
Preço (US\$/kg)	0,11	0,12	0,18	0,22	0,17	0,21	0,20	0,26
Santa Catarina								
Valor (milhões US\$)	1	6	43	32	7	4	2	8
Volume (milhões t)	8	42	251	126,0	34	14	2	0
Preço (US\$/kg)	0,13	0,14	0,17	0,25	0,21	0,29	1,00	...

⁽¹⁾Até junho de 2011.

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Produção mercado nacional

As participações dos estados brasileiros na produção de milho têm se alterado sensivelmente desde a safra 2006/07: o Paraná continua ocupando a primeira posição, mas sua participação diminuiu de 27% para 22%; o Mato Grosso aumentou de 11,5% para 13% e se tornou segundo (era quarto); Minas Gerais decresceu de 12 para 11% e passou de segundo para terceiro; São Paulo estabilizou; o Rio Grande do Sul caiu de 11,7 para 10%. Goiás e Mato Grosso do Sul mais que dobraram suas participações. Bahia e outros estados menos expressivos do Nordeste também cresceram. Neste período a produção brasileira aumentou de 51,4 para 57,1 milhões de toneladas (Tabela 8).

Tabela 8/I. Milho - Principais estados produtores - Brasil - Safras 2006/07-2010/11

								(milhões t)
Estado	2006/07	Part. %	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	Part%10/11	
Paraná	13,9	27,0	15,4	11,1	13,4	12,6	22,1	
Mato Grosso	5,9	11,5	7,8	8,1	8,1	7,4	13,0	
Minas Gerais	6,3	12,3	6,6	6,5	6,1	6,4	11,2	
Rio Grande do Sul	6,0	11,7	5,3	4,2	6,0	5,7	10,0	
Goiás	3,9	7,6	5,0	4,9	4,8	5,3	9,3	
São Paulo	4,0	7,8	4,7	4,3	4,5	4,4	7,7	
Mato G. do Sul	2,9	5,6	3,5	2,3	3,7	3,7	6,5	
Santa Catarina	3,9	7,6	4,1	3,3	3,8	3,6	6,3	
Bahia	1,7	3,3	2,0	2,0	2,3	2,3	4,0	
Sergipe	0,2	0,4	0,4	0,6	0,7	1,0	1,8	
Maranhão	0,4	0,8	0,5	0,5	0,6	1,0	1,8	
Ceará	0,3	0,6	0,8	0,6	0,2	0,8	1,4	
Subtotal	48,6	94,6	54,8	47,3	54,2	54,2	94,9	
Outros	2,8	5,4	3,8	3,7	1,8	2,9	5,1	
Total	51,4	100,0	58,6	51,0	56,0	57,1	100,0	

Fonte: Conab (junho de 2011).

Da safra 2006/07 até a previsão de safra do USDA para 2011/12, o ano de melhor estoque inicial do Brasil foi 2009. Para este ano, o órgão prevê queda dos estoques iniciais, a qual deverá ser ainda maior no próximo ano e se elevar ainda mais para o estoque final de 2012. Esta é a mesma trajetória que os EUA prevêem para si mesmos, ou seja, o Brasil estaria agora totalmente ligado ao mercado mundial como exportador, depois de ter, em 2006/07 e 2009/10, exportado 11 e 12 milhões de toneladas, segundo o USDA e 11 e 10,8 milhões segundo o MDIC/Secex (Tabelas 8 e 9).

Milho

Como, no caso da soja e das carnes, em que o Brasil permanece nessa situação há mais tempo, o complexo milho/soja/carne de frango/carne bovina/carne suína está, agora, todo atrelado aos mercados internacionais destes produtos interdependentes.

Os preços internacionais do milho, que haviam caído depois de 2008, a exemplo do que ocorreu com vários outros produtos, foram se recuperando, mas só no primeiro semestre de 2011 ultrapassaram os preços de 2008 (US\$0,26/kg e US\$0,22/kg) – Tabela 9.

O destino das exportações brasileiras está em constante modificação. Nos anos selecionados de 2004 e 2007 eram considerados importantes apenas seis países. No ano de 2007, quando a exportação foi praticamente igual à de 2010 em volume, esses seis países concentravam 75,7% das importações. Em 2010, foram necessários 12 países, importando mais de 300 mil toneladas cada, para se chegar a 82,4%. Houve, portanto, uma grande desconcentração de destinos e o Irã, que foi o maior importador de 2010, importou menos da metade do que a Espanha, maior de 2007 (Tabela 10). Isso irá a cada ano consolidar o Brasil como exportador de milho.

Tabela 9/I. Milho - Oferta e demanda - Brasil – Safras 2006/07-2011/12

(milhões t)						
Discriminação	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾
Estoque inicial	5,6	3,6	12,6	12,1	10,0	8,7
Produção	51,4	58,6	51,0	56,1	55,0	55,0
Importação	1,1	0,7	1,1	0,4	1,0	1,0
Consumo	43,5	42,5	45,5	47,0	48,8	50,5
Exportação	10,9	7,8	7,1	11,6	8,5	8,0
Estoque final	3,6	12,6	12,1	10,0	8,7	6,2

⁽¹⁾Previsão.

Fonte: Usda (junho de 2011).

Tabela 10/I. Milho - Maiores países importadores do grão - Brasil - 2004, 2007 e 2010

Ano	2004	2007	2010	2010
País	Volume (mil t)	Volume (mil t)	Volume (mil t)	Valor (milhão US\$)
Irã	1.305	2.724	1.491	276
Taiwan			1.091	220
Marrocos			959	187
Malásia			924	186
Espanha	461	2.924	819	154
A. Saudita			816	167
Colômbia			752	152
Japão			607	116
Indonésia			445	86
Portugal	166	767	405	81
Holanda	265	679	324	64
Egito			307	62
Coreia Sul	1.450	660	191	39
Itália	332	558	15	3
Subtotal	3.979	8.312	9.146	1.793
Outros	1.021	2.675	1.702	436
Total	5.000	10.987	10.848	2.229

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Produção e mercado estadual

A maior área cultivada e a maior produção de milho em Santa Catarina ocorreram na safra 2002/03. Daí em diante os números oscilaram até 2007/08 e depois só diminuíram. A Área de 2010/11 foi a menor de todas e, embora tenha alcançado nesta safra a maior produtividade, o Estado não conseguiu reverter a queda da produção. Em resumo, na safra 2010/11 a produtividade foi maior, mas a área e produção menores (Tabela 11).

Com os dados de produção oscilando e o consumo crescendo, salvo raras exceções, o déficit de produção do Estado tem variado muito. De 2004 até o presente momento, esteve entre 1,3 milhão e 2,1 milhões de tonelada. A média do período foi de 1.707 mil tonelada e o déficit estimado para

Milho

2011 é de 1.791 mil toneladas. O equivalente a 1/3 da produção catarinense tem que ser adquirido de outros estados ou outros países (Tabela 12).

Tabela 11/I. Milho - Área, produção e rendimento - Santa Catarina - Safras 2006/07-2010/11

Discriminação	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾
Produção (mil t)	3.793,4	4.089,4	3.265,2	3.798,4	3.538,6
Área (mil ha)	695,0	715,8	648,5	593,5	548,2
Rendimento (kg/ha)	5.458	5.713	5.035	6.400	6.455

⁽¹⁾Previsão Conab junho de 2011.

Fonte: Conab.

Tabela 12/I. Milho - Déficit na produção - Santa Catarina - 2004-11

Ano	Produção	Consumo	Déficit	% Déficit
2004	3.300	4.611	1.311	28,4
2005	2.695	4.797	2.102	43,8
2006	2.886	4.864	1.978	40,7
2007	3.794	5.215	1.421	27,2
2008	4.089	5.391	1.302	24,2
2009	3.265	5.369	2.104	39,2
2010	3.798	5.447	1.649	30,3
2011	3.539	5.330	1.791	33,6
Média	3.421	5.128	1.707	33,3

Fonte: Conab (produção).

Com os preços nacionais e internacionais bastante elevados, a diferença de preço entre Santa Catarina e Mato Grosso, por exemplo, não é tão grande como já foi, mas trazer milho de longas distâncias o encarece e faz com que os preços da ração também aumentem, uma vez que ela embute os preços altos do farelo de soja. Na cadeia milho/soja/suínos/aves, os produtores de grãos estão satisfeitos, mas os produtores de animais, principalmente os suinocultores, têm reclamado e estão buscando apoio político para amenizar a situação. O frango, embora não esteja em boa situação, adapta-se um pouco melhor, pois é praticamente todo produzido em regime de integração e tem ciclo muito curto, apesar de poder diminuir a postura. A esperança é na subida dos preços de suínos e frangos vivos, pois as indicações de mercado não apontam para a queda dos grãos, o que poderia reduzir os custos de produção.

A produção de milho em Santa Catarina se concentra em algumas microrregiões. O decréscimo de área, que ocorreu no Estado, foi diferenciado nas regiões. De 2008 para 2010, as maiores quedas ocorreram em Xanxerê (menos 37%) e Chapecó (28%), as menores, em Curitibanos (-11%) e Campos de Lages (-12,7%). A exceção foi Joaçaba, que cresceu em área 3,6% (Tabela 13).

Entre os três grãos, o que teve a maior variação de preços foi o feijão. Seu maior preço foi no mês inicial da série, em janeiro de 2008, R\$176,67/saco de 60 kg, e o menor foi em outubro de 2009, R\$55,67/saco. Esta variação pode ser visualizada na Figura 1. A soja teve o seu preço mais alto em janeiro de 2009 (R\$47,38/saco) e o mais baixo em abril de 2010 (31,33/saco). O milho flutuou de R\$25,09/saco, em abril de 2011, a R\$15,00/saco em abril de 2010.

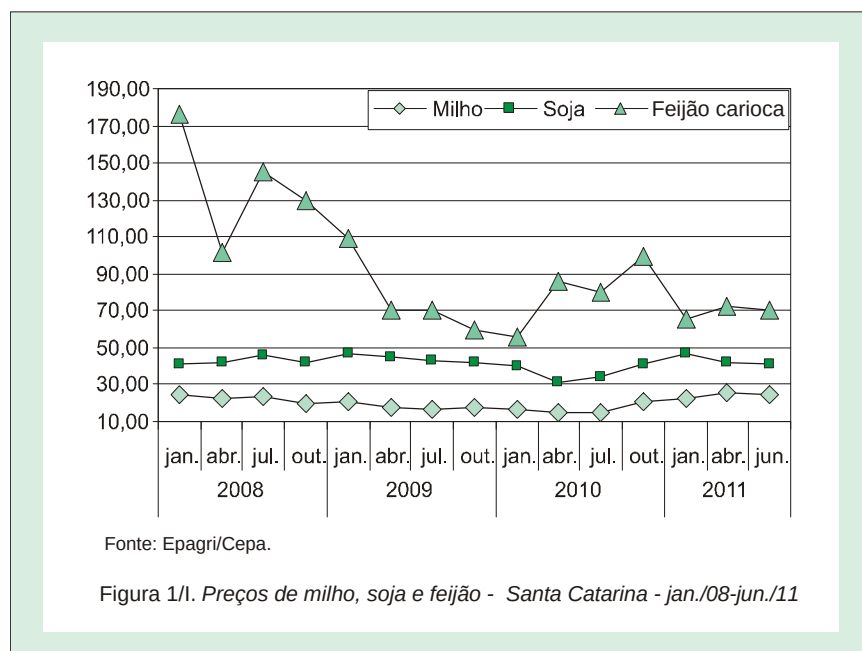
Essas variações todas entram em descompasso com os custos de produção em dados momentos. Além disso, o milho tem maior custo de produção do que a soja; é mais sensível à estiagem; tem menos liquidez do que a soja e não é mais empregado diretamente pela maioria dos produtores na suinocultura, pois a integradora entrega a ração pronta. Assim, a tendência é que o milho se torne uma commodity a exemplo da soja, um produto que tem que ser vendido, exceto no caso dos suinocultores independentes que produzem milho.

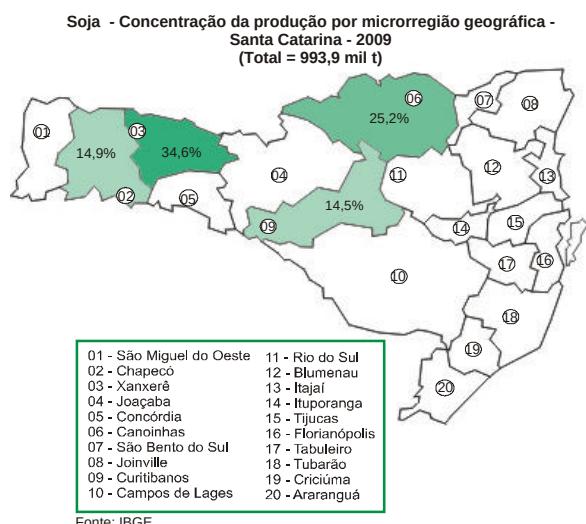
Milho

Tabela 13/I. Milho - Área, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2008-10

MRG	Área plantada (mil ha)			Quantidade produzida (mil t)			Rendimento (kg/ha)			Var.% Área	Var.% Rend.
	2008	2009	2010	2008	2009	2010	2008	2009	2010	10/08	10/08
Chapecó	152,1	134,2	109,5	813,4	548,9	616,6	5.348	4.090	5.633	-28,0	5,3
Joaçaba	83,1	87,5	86,1	521,5	511,4	601,5	6.279	5.845	6.987	3,6	11,3
São Miguel do Oeste	90,3	80	72,4	465,2	295	562,2	5.153	3.686	7.762	-19,8	50,6
Canoinhas	77,2	69,9	63,8	592,4	401,6	537,9	7.673	5.745	8.431	-17,4	9,9
Xanxerê	64,2	54	40,3	471,8	315,9	318,8	7.347	5.851	7.907	-37,2	7,6
Curitibanos	45,1	50,8	40,1	271,1	287,8	283,3	6.014	5.662	7.066	-11,1	17,5
Concórdia	53,3	51	44,8	257,1	191,6	249	4.821	3.755	5.564	-15,9	15,4
Campos de Lages	52,9	49,2	46,2	225,9	173,6	214	4.273	3.530	4.629	-12,7	8,3
Rio do Sul	26,8	24,1	22,9	134,7	108,5	115,6	5.025	4.501	5.050	-14,6	0,5
Subtotal	645	601	526	3.753	2.834	3.499					
Outras	71	48	67	336	431	299					
Santa Catarina	716	649	594	4.089	3.265	3.798					

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal.





Soja

Julio Alberto Rodigheri
Eng. Agr. Epagri/Cepa
juliorodigheri@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundial

Pelas estimativas do Usda a produção de soja na safra mundial 2011/12 será 0,3% menor que a antecedente, destacando-se como o melhor desempenho a Argentina, que crescerá 7,1%. Os demais grandes produtores teriam queda de produção (Tabela 1).

As importações cresceriam 4,6% puxadas pela China, que aumentaria 7,4%. O consumo mundial aumentaria 2,9%, também comandado pela China, (mais 8,2%). As exportações dos EUA seriam as maiores, mas teriam leve queda, e as médias seriam alçadas pelo Brasil (segundo maior) com aumento de 6,9% e pela Argentina (terceira) crescendo 31,1%.

Tabela 1/I. Soja - Principais países do mercado - Safras - 2010/11-2011/12⁽¹⁾

(milhões de t)

País	Produtores		Importadores		Consumidores		Exportadores	
	2010/11	2011/12	2010/11	2011/12	2010/11	2011/12	2010/11	2011/12
EUA	90,6	89,4	0,4	0,4	48,3	48,2	41,9	41,4
Brasil	74,5	72,5	0,0	0,0	39,1	40,5	31,8	34,0
Argentina	49,5	53,0	0	0	40,6	41,6	9,0	11,8
China	15,2	14,3	54,0	58,0	67,0	72,5	0,2	0,3
União Europeia-27	1,1	1,1	14,0	13,3	14,8	14,4	0,0	0,0
Japão	0,2	0,2	3,3	3,4	3,6	3,6	0,0	0,0
México	0,1	0,1	3,7	3,7	3,8	3,8	0,0	0,0
Subtotal	231,2	230,6	75,4	78,8	217,2	224,6	82,9	87,5
Outros	32,3	32,2	16,6	17,4	38,6	38,6	11,6	11,2
Total	263,5	262,8	92	96,2	255,8	263,2	94,5	98,7

⁽¹⁾Previsão (junho de 2011).

Fonte: Usda.

Entre os grandes produtores, num espaço maior de tempo (2008-2012), destacam-se os EUA, o Brasil e a Argentina, com os Estados Unidos situando-se acima da média, os demais ficariam abaixo e, no caso da China, haveria inclusive queda de 7,5%. Verifica-se que os maiores produtores se mantêm à frente e na mesma ordem há um bom tempo, mas a tendência que se destaca é o maior crescimento que ocorre com o grupo de países chamado "outros", ou seja, há uma maior difusão da cultura da soja pelo mundo e, mesmo não havendo outros grandes produtores individuais, o grupo dos menores tem aumentado sua produção (Tabela 2).

Tabela 2/I. Soja - Principais produtores - Mundo - 2008-12⁽¹⁾

(milhões t)

País	2008	2009	2010	2011	2012 ^(*)	2012/11 %	2012/08 %
EUA	72,9	80,5	91,4	90,6	89,4	-1,3	22,6
Brasil	61,0	57,0	69,0	74,5	72,5	-2,7	18,9
Argentina	46,2	32,0	54,5	49,5	53,0	7,1	14,7
China	16,0	16,0	15,0	15,2	14,8	-2,6	-7,5
Subtotal	196,1	185,5	229,9	229,8	229,7	0,0	17,1
Outros	25,1	25,1	30,9	33,7	33,1	-1,8	31,9
Total	221,2	210,6	260,8	263,5	262,8	-0,3	18,8

^(*)Previsão.

Fonte: Usda (agosto/10).

Soja

O balanço de oferta e demanda mundial mostra que o percentual de estoque inicial em relação à produção vem diminuindo. Foi de 28,6% em 2008 e está previsto, segundo o Usda, para 24,5% em 2012, sendo o estoque final no ano futuro ainda menor, 23,4% (Tabela 3).

Este quadro é muito influenciado pelo balanço dos Estados Unidos, que no mesmo período caiu de 22,2% para 5,5%. O mesmo acontece em relação ao ano de 2010, quando tanto o mundo quanto os EUA tiveram o pior ano do período, 16,4% e 4,2%, respectivamente (Tabela 4)

Tabela 3/I. Soja - Oferta/demanda - Mundo - 2007/08-2011/12
(milhões t)

Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾
Estoque inicial	62,5	52,9	42,7	59,3	64,5
Produção	218,2	212,0	260,8	263,5	262,8
Moagem	203,8	192,7	209,5	225,3	232,9
Exportação	76,6	77,2	92,6	94,5	98,7
Consumo doméstico	231,0	220,8	238,4	255,8	263,2
Estoque final	52,9	42,7	59,3	64,5	61,6

⁽¹⁾Previsão.

Fonte: Usda (agosto/10).

Tabela 4/I. Soja - Oferta/demanda - Estados Unidos - 2007/08-2011/12
(milhões t)

Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12 ⁽¹⁾
Estoque inicial	15,6	5,6	3,8	4,1	4,9
Produção	70,4	80,7	91,4	90,6	89,4
Moagem	49,8	45,2	47,7	44,9	45,0
Exportação	31,2	34,8	40,8	41,9	41,4
Consumo doméstico	51,4	48,1	50,6	48,3	48,2
Estoque final	5,6	3,8	4,1	4,9	5,2

⁽¹⁾Previsão (junho de 2011).

Fonte: Usda.

Esses baixos estoques do mundo e ainda menores dos EUA ajudam a formar o cenário de preços altos, junto com a produção mais ou menos estabilizada nas duas últimas safras e na previsão da próxima, enquanto o consumo e as exportações aumentam com importações crescentes da China, o país mais importante para o Brasil, muito à frente dos demais (Tabelas 1, 3, e 4).

A produção da América do Sul de 2006/07 a 2010/11 cresceu 17,2%, mas nos cinco países que têm participação acima de 1% há diferenças: de 2007 para 2011 o Brasil aumentou sua participação de 51% para 55% e a Argentina diminuiu sua participação de 49% para 36%, mas a participação da Argentina tem muita influência da última safra, quando se previa estiagem para toda a região, o que acabou acontecendo lá e não aqui. Na safra 2008/09, realmente houve estiagem e queda da produção nos dois países (Tabela 5).

Tabela 5/I. Soja - Produção - América do Sul - 2006/07-2010/11
(milhões t)

Países	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾	11/10%
Brasil	59,0	61,0	57,0	69,0	74,5	8,0
Argentina	48,8	46,2	32,0	54,5	49,5	-9,2
Paraguai	5,9	6,0	3,6	7,4	8,1	9,5
Bolívia	1,6	1,2	1,9	1,7	2,3	35,3
Uruguai	0,8	0,8	1,1	1,8	1,7	-5,6
América do Sul	116,1	115,2	95,6	134,4	136,1	1,3

⁽¹⁾Estimativa de junho de 2011.

Fonte: Usda e Safras & Mercado.

Produção e mercado nacional

A produção brasileira de soja vem crescendo e se difundindo pelo Brasil desde os anos 1970, avançando do sul do País para o sudeste, centro-oeste, norte e nordeste. Nos onze estados, que somados participam com mais de 97% da produção, há representantes de todas as regiões. Da safra 2006/07 a 2010/11 as participações têm variado: Mato Grosso e Paraná aumentaram sua parti-

Soja

cipação e mantiveram as primeiras posições. Goiás, Bahia, Maranhão, Santa Catarina e Tocantins também melhoraram suas participações. Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo tiveram comportamento contrário. Os outros 16 estados, arrolados como “outros” na Tabela 6, aumentaram sua participação de 1,8% para 2,8%.

O complexo soja brasileiro, incluindo grão, farelo e óleo, tem no balanço de oferta e demanda um comportamento diversificado por segmento. O grão cresceu nas duas últimas safras, mas deve decrescer na próxima segundo o Usda, embora ninguém no Brasil referende esta previsão. Os estoques iniciais do Brasil cresceriam nos três anos, mas os estoques finais teriam tido seu ponto alto neste ano em decorrência da safra 2010/11. Os estoques iniciais de farelo cresceriam, mas pouco, sendo que o crescimento dos estoques finais seria menor ainda, ou seja, os estoques deste e do próximo ano seriam iguais. O óleo estaria estabilizado, tanto nos estoques iniciais como finais (Tabela 7).

A produção de farelo e óleo seria crescente e não acompanharia as oscilações da produção no campo. As exportações cresceriam nos três segmentos.

Como os demais produtos exportados, os preços internacionais se recuperaram, mesmo no primeiro semestre de 2011. Por isso, a soja e derivados do Brasil tiveram crescimento em valor para os três casos, tendo caído em volume só o grão. Neste primeiro semestre de 2011, comparado ao de 2010, o crescimento de valor maior foi o do óleo (83%), depois do farelo (34%), ficando o grão com 29%. Este é um quadro interessante, pois o País precisa agregar valor, evitando vender o grão sem industrialização, mas no primeiro semestre de 2011, em valor, o grão representou 69%, o farelo 23% e o óleo 8% (Tabela 8).

Em Santa Catarina, as exportações de soja e de seus derivados são inexpressivas, se comparadas aos números do Brasil. Isto é compreensível, pois só nas duas últimas safras a produção ultrapassou o consumo das indústrias catarinenses. Exportações maiores como as de grão em 2007 são resultado da percepção de que os preços seriam menores no futuro. Por isso, exportou-se

Tabela 6/I. Soja - Principais estados produtores - Brasil - 2006/07-2010/11

(mil t)

Estados	2006/07	Part.%	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾	Part %
Mato Grosso	15.359	26,3	17.848	17.963	18.767	20.412	27,2
Paraná	11.916	20,4	11.896	9.510	14.079	15.424	20,6
Rio G. do Sul	9.925	17,0	7.775	7.913	10.219	11.621	15,5
Goiás	6.114	10,5	6.544	6.836	7.343	8.182	10,9
Mato G. do Sul	4.881	8,4	4.569	4.198	5.308	5.034	6,7
Bahia	2.297	3,9	2.748	2.418	3.111	3.507	4,7
Minas Gerais	2.568	4,4	2.537	2.751	2.871	2.803	3,7
São Paulo	1.438	2,5	1.447	1.307	1.586	1.708	2,3
Maranhão	1.084	1,9	1.263	975	1.331	1.600	2,1
Santa Catarina	1.112	1,9	947	975	1.345	1.471	2,0
Tocantins	647	1,1	911	856	1.071	1.196	1,6
Subtotal	57.340	98,2	58.483	55.701	67.031	72.958	97,2
Outros	1.052	1,8	1.534	1.465	1.657	2.081	2,8
Total	58.392	100,0	60.018	57.166	68.688	75.039	100,0

⁽¹⁾Dado preliminar (junho de 2011).

Fonte: Conab.

Tabela 7/I. Complexo soja – Oferta/demanda - Brasil – 2009/10-2011/12

(milhões t)

Discriminação	Grão			Farelo			Óleo		
	2009/10	2010/11	2011/12	2009/10	2010/11	2011/12	2009/10	2010/11	2011/12
Estoque inicial	12,0	15,8	19,4	1,8	2,2	2,5	0,3	0,3	0,3
Produção	69,0	74,5	72,5	26,1	27,7	28,7	6,5	6,9	7,1
Importação	0,2	0,0	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Moagem	33,7	35,8	37,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Consumo	36,8	39,1	40,5	12,8	13,4	13,9	5,0	5,3	5,5
Exportação	28,6	31,8	34,0	13,0	14,1	14,8	1,4	1,6	1,7
Estoque final	15,8	19,4	17,5	2,2	2,5	2,5	0,3	0,3	0,3

Fonte: Usda (junho de 2011).

Soja

para depois comprar de outros estados, pois naquele ano ainda havia déficit no balanço de oferta e demanda catarinense (Tabela 8).

O destino das exportações brasileiras do complexo soja se diferencia por produto. O óleo de soja brasileiro foi exportado, em 2010, para 148 países, o farelo para 85 e o grão para 80. No rol dos treze principais importadores, podem-se encontrar países que participam das três listas, de duas ou só de uma. A China é primeira em grão e óleo, participando com 66% e 60% respectivamente, mas não entra na lista principal do farelo. A Espanha compra os três, mas é segunda em grão e importa menos farelo e óleo. A Holanda é primeira em farelo (25%), terceira em grão, mas apenas 13º em óleo. A Tailândia é terceira em farelo, quarta em grão e não aparece em óleo. A França é segunda em farelo, está bem abaixo em óleo e não está na lista principal de grão. Portugal só está no rol do grão, em quinto (Tabela 9).

Tabela 8/I. Soja e derivados - Exportações - Brasil e Santa Catarina - 2007-11

Produtos	2007	2008	2009	2010	2010 ⁽¹⁾	2011 ⁽¹⁾	2011/10%
Brasil - Volume (mil t)							
Soja - óleo	2.343	2.316	1.594	1.564	661	817	23,6
Soja - em grão	23.734	24.499	28.563	29.073	18.492	18.116	-2,0
Soja - farelos	12.477	12.289	12.253	13.669	6.516	7.147	9,7
Brasil - Valor (milhão US\$)							
Soja - óleo	1.720	2.671	1.234	1.352	548	1.002	82,8
Soja - em grão	6.709	10.952	11.424	11.043	6.851	8.809	28,6
Soja - farelos	2.959	4.364	4.593	4.719	2.162	2.905	34,4
Santa Catarina - Volume (mil t)							
Soja - óleo	74	90	74	75	32	29	-9,4
Soja - em grão	1.057	425	260	378	261	267	2,3
Soja - farelos	0	0	3	44	33	118	257,6
Santa Catarina - Valor (milhão US\$)							
Soja - óleo	59	107	61	73	20	38	90,0
Soja - em grão	306	187	98	141	95	131	37,9
Soja - farelos	0	0	1	16	12	45	275,0

⁽¹⁾Até junho de 2011.

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Tabela 9/I. Soja - Exportação de grão, farelo e óleo - Brasil - 2010

(t)

Exportação de grão			Exportação de farelo			Exportação de óleo		
País	Volume	Part %	País	Volume	Part %	País	Volume	Part %
China	19.064.458	65,6	Holanda	3.398.306	24,9	China	935.965	59,9
Espanha	1.874.991	6,4	França	2.330.689	17,1	Argélia	88.171	5,6
Holanda	1.437.354	4,9	Tailândia	1.324.428	9,7	Irã	85.963	5,5
Tailândia	1.138.357	3,9	Alemanha	1.225.669	9,0	Índia	85.372	5,5
Portugal	732.921	2,5	Coréia, (Sul)	962.689	7,0	Cuba	67.950	4,3
Taiwan	634.641	2,2	Indonésia	590.279	4,3	Bangladesh	37.500	2,4
Reino Unido	597.851	2,1	Espanha	586.148	4,3	França	17.000	1,1
Itália	568.700	2,0	Eslovênia	497.675	3,6	Espanha	15.600	1,0
Japão	507.332	1,7	Romênia	398.798	2,9	Egito	14.000	0,9
Coreia, (Sul)	445.544	1,5	Vietnã	391.901	2,9	África do Sul	11.700	0,7
Rússia	388.571	1,3	Reino Unido	275.611	2,0	Senegal	11.255	0,7
Noruega	358.069	1,2	Itália	268.424	2,0	Malásia	10.000	0,6
Alemanha	355.219	1,2	Irã	262.993	1,9	Holanda	232	0,0
Subtotal	28.104.009	97,4	Subtotal	12.768.032	93,4	Subtotal	1.380.707	88,3
Outros países	969.147	2,6	Outros países	900.567	6,6	Outros países	183.054	11,7
Total	29.073.156	100,0	Total	13.668.599	100,0	Total	1.563.761	100,0

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Soja

Produção e mercado estadual

Na safra 2010/11, o aumento da produção de soja do Estado não deverá ser tão grande quanto a anterior (8,5% e 38,2%). O grande aumento da safra anterior resultou de crescimentos muito expressivos da área (14,3%) e principalmente do rendimento (21%), enquanto os dessa safra deverão ser de 3,9% e 4,5%. Depois do grande salto de rendimento da safra anterior, tornou-se impossível repeti-lo (Tabela 10). Entre os produtores de soja no Brasil, Santa Catarina foi o quinto em produtividade na safra 2009/10 e quarto na seguinte.

Tabela 10/I. Soja - Área, produção e rendimento - Santa Catarina - 2006/07-2010/11

Discriminação	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾	2011/10
Produção (mil t)	1.111,5	946,6	993,9	1374,0	1491,0	8,5
Área (mil ha)	385,7	373,4	385,4	440,4	457,4	3,9
Rendimento (Kg/ha)	2.882	2.535	2.579	3.120	3260,0	4,5

⁽¹⁾Dado preliminar de junho de 2011

Fonte: IBGE.

Os estados que estiveram a sua frente foram Distrito Federal, Rondônia, Paraná e Mato Grosso do Sul na safra anterior e Paraná, Bahia e Distrito Federal na última safra. Como se percebe, entre os grandes produtores, só o Paraná esteve à frente de Santa Catarina, pois o Distrito Federal é inexpressivo na produção de soja.

O déficit que Santa Catarina tem em milho preocupa, porque sua área cultivada tem diminuído, mas o déficit se mantém perto da média. O mesmo não aconteceu com a soja, pois o aumento de área e rendimento, nas duas últimas safras, transformou um déficit de 140 mil toneladas de 2008/09 em superávit de 235 mil em 2009/10 e de 329 mil em 2010/11 (Tabela 11).

Tabela 11/I. Soja - Estimativa de oferta e demanda - Santa Catarina - 2005/06-2010/11

Ano	Oferta	Demanda					Saldo
		Consumo			Reserva para semente	Perdas	Total
		Animal "in natura"	Humano "in natura"	Industrial e saídas			
2005/06	799	7,0	4,0	1.090	21,0	19,0	1.142 (343,2)
2006/07	1.112	7,0	4,0	1.090	21,0	19,0	1.141 (29,5)
2007/08	947	7,0	4,0	1.060	22,0	20,0	1.113 (166,4)
2008/09	994	7,1	4,2	1.080	22,3	20,3	1.134 (140,0)
2009/10	1.374	7,3	4,2	1.100	4,5	23,0	1.139 235,0
2010/11	1.491	7,6	4,3	1.112	15,0	23,5	1.162 329,0

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

A produção estadual distribui-se principalmente por sete microrregiões que representam 99,6% da produção na safra 2009/10.

O acréscimo de área de soja de 17,9% que o estado teve de 2008 para 2010 distribui-se de forma desigual entre as microrregiões: Campos de Lages, Chapecó e São Miguel do Oeste cresceram acima da média, Joaçaba esteve muito próximo dela e Curitiba, Canoinhas e Xanxerê ficaram abaixo do aumento estadual (Tabela 12).

Os preços recebidos pelos produtores têm oscilado muito e foram um dos fatores que induziram os produtores de milho e soja a apostar mais na leguminosa. O milho atingiu seu preço mais baixo, desde fevereiro de 2008, em maio de 2010 (R\$14,90/saco), mas o preço também esteve baixo um ano antes (R\$ 18,93/saco). A soja teve seu preço mais baixo em maio de 2010 (R\$ 32,21/saco)

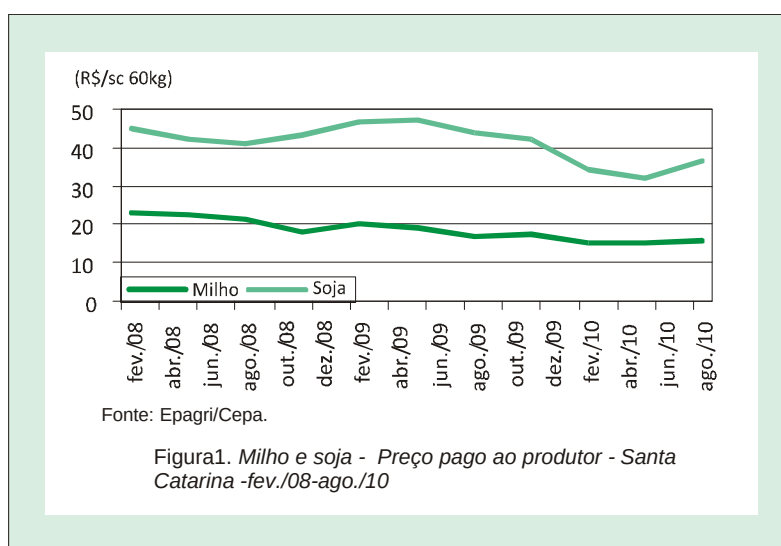
Soja

e seu preço mais alto em maio de 2009, justamente um dos piores momentos do milho. Em fevereiro de 2011, o milho teve seu preço mais alto e a soja seu segundo preço mais alto. A partir daí os dois preços permaneceram elevados, apesar de pequenas quedas posteriores (Figura 1).

Tabela 12/I. Soja - Área plantada, quantidade produzida e rendimento médio por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2008-10

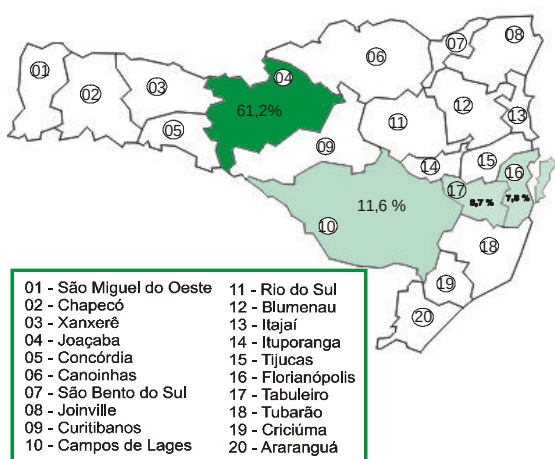
MRG	Área plantada (kg/ha)			Quantidade produzida (mil t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2008	2009	2010	2008	2009	2010	2008	2009	2010
Xanxerê	112	112	127	273	326	429	2.445	2.916	3.366
Canoinhas	85	90	98	252	237	336	2.951	2.652	3.430
Chapecó	57	60	71	135	141	205	2.358	2.338	2.905
Curitibanos	56	56	65	135	137	198	2.416	2.443	3.047
S. Miguel Oeste	23	24	29	56	50	85	2.389	2.068	2.955
Joaçaba	21	22	25	49	54	76	2.275	2.405	3.023
C. de Lages	12	12	16	30	26	38	2.526	2.129	2.442
Subtotal	367	377	431	929	972	1.368	2.480	2.421	3.120
Outras MRG	7	9	10	17	22	6			
Santa Catarina	373	385	440	947	994	1.374	2.535	2.579	3.120

Fonte: IBGE.



Este novo quadro, se não fizer com que a soja continue a crescer em área, retirando-a do milho, deverá estabilizá-la, com variações para mais ou para menos de até 2%. O milho, com a melhora de suas cotações no mercado, deverá recuperar área, mas tirando-a do feijão, que dos três grãos é encarado no momento como o pior negócio. Isso é mais visível na microrregião de Curitibanos, área de maior produção de feijão, onde o cultivo é mecanizado e as propriedades são maiores. Esse tipo de cultivo do feijão se aproxima mais dos métodos de cultivo do milho e da soja do que os métodos geralmente empregados na pequena propriedade, o que facilita a passagem de um grão para o outro.

Tomate - Concentração da produção por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safra 2008/09
(Total = 182,4 mil t)



Fonte: IBGE.

Tomate

Evandro Uberdan Anater
Téc. Agríc. - Licenciado em Estudos Sociais
Epagri/Cepa-Joaçaba
anater@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundial

A produção mundial de tomates na safra 2008/09 dimensionada pela FAO situou-se em 152,9 milhões de toneladas, quantidade 7,6% maior que a obtida na safra imediatamente anterior e 11,4% superior ao apurado na safra 2006/07. A área plantada, por sua vez, avançou 3,6% sobre a safra 2007/08, totalizando 4.393 mil de hectares. O rendimento médio de 34.818 kg/ha também apresentou incremento quando comparado às safras anteriores, mais 3,8% em relação ao obtido na safra 2007/08 e 6,2% sobre a safra 2006/07.

A produção de tomates está distribuída em todo o globo. Ásia, China e Índia concentram 35,6% da produção e 34,6% da área plantada. No Continente Europeu destacam-se Turquia, Itália e Federação Russa que, juntos, representam 12,9% da produção e 12,8% área plantada. Na África os maiores produtores são Egito e Nigéria. Estados Unidos e México são os principais representantes da América do Norte (Tabela 1).

Tabela 1/I. Tomate - Área colhida, quantidade produzida e rendimento médio - Mundo e principais países - Safras 2006/07-2008/09

País	Área colhida (ha)			Produção (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2006/07	2007/08	2008/09	2006/07	2007/08	2008/09	2006/07	2007/08	2008/09
Mundo	4.188.583	4.238.536	4.393.045	137.291.870	142.153.859	152.956.115	32.778	33.538	34.818
China	903.935	850.933	920.803	36.096.890	39.938.708	43.365.543	39.933	46.935	47.095
Estados Unidos	170.658	162.580	175.440	14.185.200	13.718.200	14.141.900	83.121	84.378	80.608
Índia	596.000	566.000	599.100	10.055.000	10.303.000	11.148.800	16.871	18.203	18.609
Turquia	226.667	300.000	324.609	9.945.043	10.985.400	10.745.600	43.875	36.618	33.103
Egito	225.627	240.174	250.000	8.639.020	9.204.100	10.000.000	38.289	38.323	40.000
Itália	125.299	115.477	124.000	6.530.162	5.976.912	6.877.400	52.117	51.758	55.463
Irã	154.779	132.070	163.539	5.534.270	4.826.400	5.887.710	35.756	36.544	36.002
Espanha	53.297	54.868	62.200	4.081.480	4.049.750	4.603.600	76.580	73.809	74.013
Brasil	58.404	60.912	67.605	3.431.230	3.867.660	4.310.480	58.750	63.496	63.760
México	116.726	101.784	99.088	3.150.330	2.936.770	2.591.400	26.989	28.853	26.153
Subtotal	2.631.392	2.584.798	2.786.384	101.648.625	105.806.900	113.672.433	38.629	40.934	40.796

Fonte: Fao (junho de 2009).

Tomate

Na América do Sul, o Brasil é o maior produtor, com 67.605 hectares. Acumulando uma produção de 4.310 mil toneladas. O País participa com 2,8% da produção global e é o nono maior produtor mundial. As lavouras brasileiras permanecem com o terceiro maior rendimento mundial, com 63.760 quilos por hectare.

A produção de tomates na América do Sul, embora difundida em todos os países, tem apresentado pouca evolução nas últimas safras, tanto em relação à área plantada quanto em relação à produção. Segundo a FAO, foram plantados 142.936 hectares em 2009, área 2,7% maior que a cultivada na safra anterior e praticamente idêntica à safra de 2007.

Os países de maior área plantada são Brasil, com 67.605 hectares, Argentina, com 17.369 hectares, Colômbia, com 15.293 hectares e Chile, com 13.000 hectares. Vale ressaltar que o Chile apresentou uma redução de 13,4% na área de plantio em relação à safra 2008 e de 33,4% em relação à safra 2007.

A produção da safra sul-americana totalizou 7.004 mil toneladas nesta safra de 2009, volume 4,6% maior que o obtido na safra anterior e 6,8% maior que as 6.558 mil toneladas obtidas na safra de 2007.

O maior produtor é o Brasil, com 4.310 mil toneladas. O Chile vem em segundo com 850 mil toneladas, seguido da Argentina com produção de 701 mil toneladas.

Os melhores desempenhos de produtividade pertencem ao Chile, com 65.385 quilos por hectare, seguido pelo Uruguai, com 64.498 quilos por hectare, e Brasil, com 63.760 quilos por hectare (Tabela 2).

Tabela 2/I. Tomate - Área, produção e rendimento médio - América do Sul - Safras 2006/07-2008/09

País	Área colhida (ha)			Produção (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2006/07	2007/08	2008/09	2006/07	2007/08	2008/09	2006/07	2007/08	2008/09
Total	142.097	139.151	142.936	6.558.766	6.695.591	7.004.176	46.157	48.117	49.002
Brasil	58.404	60.912	676.905	3.431.230	3.867.660	4.310.477	58.750	63.496	63.760
Chile	19.500	15.000	13.000	1.270.000	977.000	850.000	65.128	65.133	65.385
Argentina	18.000	17.195	17.369	680.000	701.311	707.551	37.778	40.786	40.736
Colômbia	15.783	16.736	15.293	474.317	490.929	457.438	30.052	29.334	29.912
Perú	5.098	5.971	5.922	173.257	210.685	220.435	33.985	35.285	37.223
Venezuela	9.705	9.226	9.500	209.410	199.319	200.000	21.578	21.604	21.053
Bolívia	9.299	9.417	9.656	124.328	122.687	123.600	13.370	13.028	12.800
Subtotal	135.789	134.457	747.645	6.362.542	6.569.591	6.869.501	46.856	48.860	9.188

Fonte: FAO (junho de 2009).

Os dados da FAO mostram que a comercialização mundial de tomates e de seus derivados envolve mais de 180 países. Os maiores importadores, no que tange à quantidade, são Estados Unidos, Federação Russa e Alemanha. Em valores desembolsados com importação, as quantias mais significativas provêm dos Estados Unidos, Alemanha e Reino Unido. As maiores quantidades ex-

Tomate

portadas têm sua origem no México, Espanha e Países Baixos. Em volume de dólares, Países Baixos, Espanha e México são por sua vez os mais expressivos. A participação do Brasil no contexto do mercado global de tomates é pouco significativa, embora o País detenha 2,8% da produção mundial (Tabelas 3 e 4).

Tabela 3/I. Tomate - Valor - Principais países importadores - 2004-08
(US\$ 1.000)

País	2004	2005	2006	2007	2008
Mundo	4.440.568	5.052.309	5.535.215	6.907.362	7.265.871
USA	1.126.680	1.075.120	1.233.410	1.220.500	1.431.590
Alemanha	794.181	925.335	978.529	1.228.670	1.293.840
Reino Unido	575.714	680.859	675.524	772.704	745.788
Federação Russa	139.478	216.169	298.395	534.742	628.923
França	381.707	456.881	443.684	581.001	559.936
Holanda	208.607	195.497	289.614	356.255	285.068
Canadá	199.506	201.449	228.306	267.359	276.433
Suécia	107.656	131.563	140.199	170.675	165.353
Bélgica	86.889	101.371	90.634	130.587	140.697
Polônia	49.735	72.736	73.987	119.256	136.490

Fonte: FAO.

Tabela 4/I. Tomate - Valor - Principais países exportadores - 2004-08
(US\$ 1.000)

País	2004	2005	2006	2007	2008
Mundo	4.454.970	5.099.533	5.432.977	6.846.161	7.245.078
Holanda	969.001	1.144.140	1.241.690	1.527.530	1.735.650
Espanha	971.948	1.040.960	995.498	1.170.560	1.225.510
México	909.388	983.018	1.104.220	1.219.880	1.205.390
Turquia	109.563	145.773	139.045	218.915	388.584
USA	233.858	226.405	172.625	311.067	332.942
Canadá	271.805	286.987	303.120	271.280	310.238
Bélgica	222.361	263.166	264.641	297.015	287.050
França	115.037	160.573	164.410	271.331	285.834
Marrocos	60.030	115.732	120.718	203.799	263.593
Itália	165.525	168.924	191.045	240.716	233.644

Fonte: FAO.

Produção e mercado nacional

As lavouras de tomate se fazem presentes em todo território nacional. Os números apurados pelo IBGE apontam discreto incremento de área nesta safra 2010/11, ante 2009/10, quando foram plantados 61.815 hectares. Entretanto, este número permanece 8,7% menor que o plantio da safra 2008/09, que totalizou 67.690 hectares.

Dentre as regiões, as que mais perderam área foram a Região Norte, com retração de 60,3%, e o Centro-Oeste, que deixou de cultivar 4.090 hectares, o equivalente a 21,5% da área plantada na safra 2008/09. Sudeste e Nordeste, embora também apresentem redução, praticamente mantiveram suas áreas. A Região Sul foi a exceção, com incremento de 12,3% sobre a área plantada em 2008 e 10,5% ante 2009.

A produção nacional foi diretamente afetada por este cenário de depressão na área de cultivo do tomate. As 3.667 mil toneladas apuradas na safra 2010/11 representam retração de 1% do volume produzido na safra 2009 e de 15% sobre a safra de 2008. A Região Sudeste permanece como maior produtora, com 39% da produção nacional, seguida do Centro-Oeste, que representa 28%.

Tomate

O rendimento médio das lavouras brasileiras na safra 2010/11 ficou em 59.327 quilos por hectare, 2,2% menor que a safra anterior e 6,9% inferior ao obtido na safra 2008/09.

A Região Centro-Oeste detém o maior rendimento por área, 68.988 quilos por hectare, porém este número é 7,6% menor que o da safra passada e 12% menor que o da safra 2008/09. Sudeste e Sul, com 64.966 quilos por hectare e 59.724 quilos por hectare, são respectivamente as outras regiões que apresentam maior produtividade (Tabela 5).

Tabela 5/I. Tomate - Área plantada, produção e rendimento médio - Brasil e regiões - Safras 2008/09-2010/11

Região/País	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2008/09	2009/10	2010/11	2008/09	2009/10	2010/11	2008/09	2009/10	2010/11
Brasil	67.690	60.913	61.815	4.310.477	3.691.316	3.667.296	63.680	60.600	59.327
Sudeste	22.751	20.280	22.015	1.552.373	1.330.066	1.430.237	68.233	65.585	64.966
Centro-oeste	19.064	15.500	14.974	1.490.928	1.155.238	1.033.020	78.206	74.531	68.988
Nordeste	14.479	14.474	13.092	650.458	595.695	531.807	44.924	41.156	40.621
Sul	9.925	10.086	11.150	592.054	603.147	665.925	59.653	59.800	59.724
Norte	1.471	573	584	24.664	7.170	6.307	16.767	12.513	10.800

Fonte: IBGE.

A safra nacional de tomates, embora contenha números em todas as regiões, não está presente em alguns estados da federação. Acre, Alagoas, Pará, Piauí, Amapá, Rondônia e Tocantins não constam nas estatísticas.

A cultura do tomate, nos últimos anos, voltou a apresentar altos e baixos, característica atrelada diretamente ao desempenho econômico das safras imediatamente anteriores. O primeiro reflexo deste comportamento dos produtores é sentido na área de plantio, somente depois aparecem as consequências na produção. O IBGE dimensionou a safra 2010/11 de tomates em 61.815 hectares, área 1,5% maior que a safra anterior, porém 8,9% menor que a safra 2008/09. A produção de 3.667 mil toneladas apresentou comportamento similar, encolhendo 1% em relação à safra anterior e 15% em relação à safra de 2008/09.

O principal produtor nacional é o Estado de Goiás, responsável por significativos 23% da área cultivada no País e por 27,5% da produção, embora essa participação já tenha sido maior em safras anteriores. Os estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Bahia completam o grupo dos cinco maiores produtores nacionais, tanto em área como em produção.

O rendimento nacional apontado pelo IBGE ficou em 59.327 quilos por hectare, 2,2% menor que a safra anterior e 7% menor que a safra 2008/09. A liderança do ranking nacional de produtividade pertence ao Rio de Janeiro, com 74.987 quilos por hectare, seguido do Estado de Goiás, com 69.758 quilos por hectare, e por Minas Gerais, com 65.751 quilos por hectare (Tabela 6).

Tomate

Tabela 6/I. Tomate - Área plantada, quantidade produzida e rendimento médio - Brasil e principais estados - Safras 2008/09-2010/11

Brasil/estado	Área plantada (ha)			Quantidade produzida (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2008/09	2009/10	2010/11	2008/09	2009/10	2010/11	2008/09	2009/10	2010/11
Brasil	67.690	60.913	61.815	4.310.477	3.691.316	3.667.296	63.680	60.600	59.327
Goiás	18.109	14.816	14.485	1.427.144	1.120.135	1.010.449	78.809	75.603	69.758
São Paulo	10.745	7.970	10.160	730.385	505.870	651.256	67.974	63.472	64.100
Minas Gerais	7.326	7.735	7.423	477.921	492.323	488.073	65.236	63.649	65.751
Bahia	6.693	7.332	6.988	315.430	302.783	295.027	47.128	41.296	42.219
Paraná	4.804	5.025	5.928	300.716	312.319	373.509	62.597	62.153	63.008
Santa Catarina	2.736	2.693	2.860	182.475	186.802	185.805	66.694	69.366	64.967
Rio de Janeiro	2.798	2.689	2.617	216.297	204.995	196.240	77.304	76.235	74.987
Rio Grande do Sul	2.385	2.368	2.362	108.863	104.026	106.611	45.645	43.930	45.136
Ceará	2.174	2.278	2.235	112.119	114.564	114.554	51.573	50.291	51.255
Pernambuco	3.410	3.295	2.190	157.193	135.508	73.023	46.098	41.125	33.344
Espírito Santo	1.882	1.886	1.815	127.770	126.878	94.668	67.891	67.274	52.159

Fonte: IBGE.

Produção e mercado estadual

O cultivo de tomates na safra 2009/10 foi dimensionado pelo IBGE em 2.693 hectares. Comparado à safra anterior, a área encolheu 1,6%; em relação à safra 2007/08, apresenta incremento de 21%. Nacionalmente esta área coloca Santa Catarina como sexto maior plantador.

A produção de 186.802 toneladas mostra-se 2,4% maior que a obtida no ano anterior e 58,4% superior ao volume atingido na safra 2007/08. Esse montante quando comparado aos outros estados da federação, posicionam Santa Catarina como sétimo maior produtor nacional.

O rendimento médio das lavouras catarinenses nesta safra foi 69.366 quilos por hectare, 4% maior que o obtido na safra imediatamente anterior e 30,5% superior ao obtido na safra 2007/08.

Analisando-se a safra catarinense sob o prisma das seis mesorregiões do IBGE, a Oeste Catarinense representa 53% da área e 64% da produção; a Grande Florianópolis, 26% da área e 15% da produção; a Serrana, 9,4% da área e 12% da produção. Juntas, representam 88,4% da área plantada e 92% da produção. As demais mesorregiões por ordem de importância são o Vale do Itajaí, a Norte Catarinense e a Sul Catarinense.

Sob a ótica das microrregiões geográficas, a de Joaçaba permanece como grande polo produtor, detendo 51,5% da área plantada e 63,5% da produção; as de Tabuleiro, Florianópolis e Campos de Lages, que representam os outros polos produtores de grande importância, respondem juntas por 33,3% da área plantada e 26% da produção (Tabela 7).

Caçador permanece absoluto como município de maior área plantada no Estado de Santa Catarina. Nesta safra de 2010 repetiu a área da safra anterior plantando 1.000 hectares. A produtividade de suas lavouras permanece em 85.000 quilos por hectare, o que torna sua produção equivalente a 45,5% da safra estadual.

Tomate

Águas Mornas com uma área de 200 hectares é o segundo município com maior área plantada no Estado, porém sua produtividade de 50.000 quilos por hectare fica aquém da obtida pelos demais municípios de destaque no cultivo do tomate.

Lébon Régis e Urubici, plantando 190 e 150 hectares respectivamente, apresentam a melhor produtividade estadual, ou seja, 100.000 quilos por hectare.

Os demais municípios com relevante participação na área plantada no Estado são Santo Amaro da Imperatriz, Anitápolis, Rancho Queimado, Rio das Antas, Macieira, Bom Retiro, São Pedro de Alcântara e Angelina (Tabela 8).

Tabela 7/I. Tomate - Área plantada, quantidade produzida e rendimento médio, por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras 2007/08 - 2009/10

SC/MRG	Área planta (ha)			Quantidade produzida (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2007/08	2008/09	2009/10	2007/08	2008/09	2009/10	2007/08	2008/09	2009/10
Santa Catarina	2.219	2.736	2.686	117.892	182.475	186.802	53.128	66.694	69.366
Joaçaba	1.029	1.389	1.387	52.454	111.624	118.691	50.976	80.363	85.574
Campos de Lages	197	231	230	13.691	21.239	21.204	69.497	91.944	92.191
Tabuleiro	421	406	406	24.145	15.945	15.945	57.352	39.273	39.273
Florianópolis	206	306	265	9.671	14.146	11.418	46.947	46.229	43.087
Tubarão	58	53	60	3.638	3.289	3.836	62.724	62.057	63.933
Canoinhas	36	86	86	2.070	5.070	2.070	57.500	58.953	24.070
Rio do Sul	33	37	42	1.710	1.870	2.040	51.818	50.541	48.571
Ituporanga	50	37	39	2.800	1.795	1.895	56.000	48.514	48.590
Tijucas	35	35	35	1.680	1.680	1.680	48.000	48.000	48.000
Subtotal	2.065	2.580	2.550	111.859	176.658	178.779	54.169	68.472	70.109

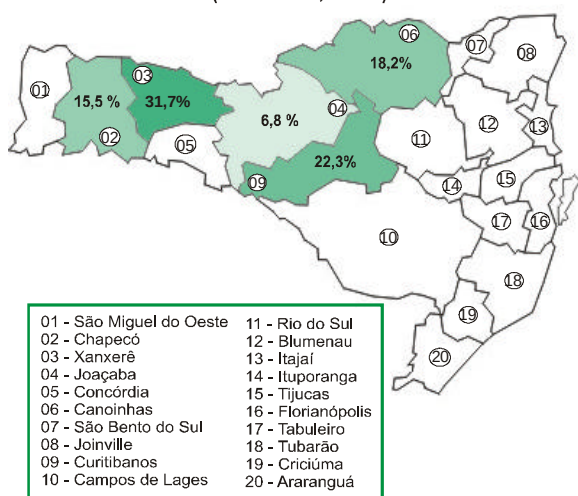
Fonte: IBGE.

Tabela 8/I. Tomate - Área plantada e quantidade produzida - Santa Catarina - Safras 2007/08 - 2009/10

SC/Município	Área plantada (ha)			Produção (t)		
	2007/08	2008/09	2009/10	2007/08	2008/09	2009/10
Santa Catarina	2.219	2.736	2.693	117.892	182.475	186.802
Caçador	800	1.000	1.000	40.400	85.000	85.000
Águas Mornas	200	200	200	10.000	10.000	10.000
Lebon Régis	80	166	190	4.000	7.200	19.000
Urubici	120	150	150	8.400	15.000	15.000
Santo Amaro da Imperatriz	50	150	150	2.275	6.750	6.750
Anitápolis	140	100	100	7.700	5.500	5.500
Rancho Queimado	80	80	80	6.400	6.400	6.400
Rio das Antas	50	90	65	2.750	6.300	5.200
Macieira	60	60	65	3.000	3.960	5.200
Bom Retiro	60	60	60	4.800	4.800	4.800
São Pedro de Alcântara	48	48	48	2.880	2.880	2.880
Angelina	35	35	35	1.680	1.680	1.680

Fonte: IBGE.

Trigo - Concentração da produção por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2009
(Total = 275,2 mil t)



Fonte: IBGE.

Trigo

Márcia J. F. da Cunha Varaschin
Econ. Epagri/Cepa
marciacunha@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundial

A safra 2009/10 foi recorde, com produção de 684,25 milhões de toneladas. Já a safra 2010/11 foi 5,3 % menor, com 648,2 milhões de toneladas (Tabela 1). A principal razão para este resultado foi a queda na produção de importantes produtores, como Rússia, Ucrânia e Cazaquistão, países que foram afetados por um período de altas temperaturas e uma seca severa.

Segundo o Usda, a demanda mundial de trigo deve aumentar 50% nos próximos 30 anos. O rendimento médio das lavouras do cereal no mundo gira em torno de 2,8 toneladas por hectare. Para que pudesse acompanhar o aumento da demanda, esse rendimento deveria alcançar 4,4 toneladas por hectare até 2025. Isso significa uma elevação no rendimento médio de 114 quilos por hectare a cada ano.

O que se viu entre 1995 e 2005, contudo, foi um incremento anual do rendimento médio de 23 quilos por hectare. Ou seja, se a área plantada com o cereal não tiver um aumento significativo, a produção será insuficiente para atender a demanda.

O nível de estoques mundiais está apresentado na Tabela 2. Se a estimativa do USDA se confirmar, o mundo deve encerrar a temporada 2010/11 com 189,97 milhões de toneladas em estoque de passagem, ou seja, um volume significativo, embora menor do que o recorde da temporada anterior. Tal cifra representa 28,9% do consumo mundial.

Tabela 1/I. Trigo - Produção mundial e dos principais países produtores - Safras 2007/08-2011/12

(milhões de t)

Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾	2011/12 ⁽²⁾
União Europeia	120,13	151,11	138,67	135,66	132,12
China	109,30	112,46	115,12	115,18	115,50
Índia	75,81	78,57	80,68	80,80	84,00
Estados Unidos	55,82	68,02	60,37	60,10	57,32
Rússia	49,40	63,70	61,77	41,51	53,00
Canadá	20,05	28,61	26,85	23,17	21,50
Austrália	13,57	21,42	21,92	26,00	25,00
Paquistão	23,30	20,96	24,00	23,90	24,00
Ucrânia	13,90	25,90	20,87	16,84	18,00
Argentina	18,60	10,10	11,00	15,00	15,00
Cazaquistão	16,45	12,55	17,05	9,70	15,00
Outros países	94,69	89,86	105,95	100,38	101,98
Mundial	611,02	683,26	684,25	648,24	662,42

⁽¹⁾Estimado.

⁽²⁾Projetado em julho/11.

Fonte: Usda (agosto/09 e julho/11).

Tabela 2/I. Trigo - Balanço mundial de oferta e demanda - Safras 2007/08 -2011/12

(milhões de t)

Discriminação	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾	2011/12 ⁽²⁾
Estoque inicial	128,94	124,87	166,54	198,29	189,97
Produção	611,02	683,26	684,25	648,24	662,42
Consumo	617,30	642,62	652,50	656,57	670,20
Estoque final	124,87	166,54	198,29	189,97	182,19

⁽¹⁾Estimado.

⁽²⁾Projetado em julho/11.

Fonte: Usda (Julho/11).

Trigo

A China é o maior consumidor mundial de trigo, seguida de perto pela Índia e mais de longe pelos Estados Unidos. Os dez maiores consumidores de trigo respondem por 64% do consumo mundial do cereal (Tabela 3).

O Brasil é o nono maior consumidor mundial de trigo, bem como o segundo país que, em termos percentuais, mais aumentou seu consumo entre 2006 e 2007 (3,4%), ficando atrás apenas do Paquistão (3,6%).

Tabela 3/I. Trigo - Principais países consumidores - 2003-07

País	2003	2004	2005	2006	2007
China	91.559.063	91.353.944	91.034.326	91.159.042	90.140.876
Índia	71.670.603	68.159.743	65.011.392	70.330.678	70.118.147
Estados Unidos	24.801.296	24.510.600	24.841.791	25.488.575	26.181.498
Rússia	19.120.098	18.800.718	19.110.587	18.964.895	19.002.494
Paquistão	17.021.693	17.501.400	16.858.193	17.737.905	18.378.430
Turquia	13.159.588	13.531.951	13.047.331	13.942.403	13.946.096
Irã	10.946.656	11.464.292	11.134.431	10.864.902	11.003.717
Egito	9.499.703	9.861.812	10.725.561	10.796.740	10.936.914
Brasil	9.717.218	9.317.642	9.636.191	9.822.546	10.160.338
Itália	8.685.073	8.720.245	8.703.089	8.631.222	8.642.472
Subtotal	276.180.990	273.222.347	270.102.892	277.738.909	278.510.984
Total Mundial	426.084.484	425.560.319	425.791.470	433.158.947	433.882.596

Fonte: FAO.

No Brasil consumimos 53 kg *per capita* por ano, contra 220 kg no Azerbaijão, que é o campeão neste quesito (Tabela 4). No mundo, em média, o consumo é de 66 quilos por ano, acima do consumo nacional.

É importante notar que no caso do trigo, ao contrário de outras *commodities*, a oferta no comércio mundial é menos concentrada. Os cinco maiores exportadores, tomando-se por base o ano de 2008, somam 59,2% do total negociado no mundo, sendo que nenhum deles possui *market share* superior a 21%, individualmente. Já no caso de soja, a participação relativa dos cinco maiores chega a 98% do mercado, com predominância de dois exportadores (Brasil e EUA). Assim como no milho, o grupo dos cinco maiores detém 93% do comércio total, com predomínio dos EUA. A dispersão na oferta representa outro fator de redução da volatilidade de preço nos mercados.

Tabela 4/I. Trigo - Consumo per capita - Mundo - 2003-07

País	2003	2004	2005	2006	2007
Azerbaijão	203	218	217	218	220
Emirados Árabes	168	213	230	194	204
Tunísia	198	194	203	196	202
Turquemenistão	193	195	195	195	196
Turquia	190	193	183	193	191
Argélia	201	197	196	183	184
Cazaquistão	154	157	163	180	179
Uzbequistão	166	166	171	169	174
Líbia	172	168	170	177	170
Malta	150	154	158	155	166
Brasil	54	51	52	52	53
Mundo	68	67	66	67	66

Fonte: FAO.

O volume exportado no mundo chegou a 146 milhões de toneladas em 2008, quase o mesmo que o do ano anterior. Dentre os principais exportadores, percebe-se que quase todos tiveram redução em suas exportações, com exceção de três países: França (+12,5%), Alemanha (+44,1%) e Ucrânia (+356,7%) (Tabela 5).

O Brasil é o segundo maior importador mundial de trigo, atrás do Egito. São muitos os países que importam o cereal. Os dez maiores importadores, em 2008, foram responsáveis por 40,3% do total importado (Tabela 6). Essa pulverização na demanda é mais um fator que dificulta preços abusivos no mercado.

Dentre os principais importadores, o maior crescimento se deu nas importações do Irã (+3.291%), seguido pela Argélia (+ 43%) e pelo Egito (+ 41%).

Trigo

Tabela 5/l. Trigo e seus derivados⁽¹⁾ - Principais países exportadores - 2004-08

(mil t)					
País	2004	2005	2006	2007	2008
Estados Unidos	31.950	27.445	23.634	33.442	30.465
França	15.970	17.075	17.681	15.451	17.385
Canadá	15.451	14.239	18.839	17.863	16.047
Rússia	4.860	10.644	9.970	14.830	12.350
Argentina	10.025	10.460	9.924	10.878	10.154
Austrália	18.838	14.275	15.312	14.980	8.563
Ucrânia	2.561	6.036	4.687	1.728	7.892
Alemanha	4.719	5.286	6.898	5.432	7.826
Cazaquistão	3.325	3.194	5.754	8.199	7.452
Reino Unido	2.664	2.665	2.296	2.114	2.972
Subtotal	110.363	111.318	114.997	124.915	121.106
Mundo	129.885	134.356	139.611	147.763	145.953

⁽¹⁾Inclui farinha.

Fonte: FAO (jun./2011).

Tabela 6/l. Trigo e seus derivados⁽¹⁾ - Principais países importadores - 2004-08

(mil t)					
País	2004	2005	2006	2007	2008
Egito	4.373	5.790	5.830	5.911	8.328
Brasil	4.913	5.049	6.736	7.528	6.998
Argélia	5.111	5.684	4.967	4.863	6.934
Japão	5.492	5.475	5.340	5.278	5.783
Itália	6.522	6.775	7.188	6.292	5.473
Indonésia	4.973	5.092	5.330	5.457	5.237
Irã	222	117	438	153	5.197
Espanha	4.409	7.553	5.552	3.829	5.058
Países Baixos	3.826	3.641	4.390	5.290	4.846
Marrocos	2.649	2.636	1.830	3.690	4.086
Sub Total	42.490	47.811	47.601	48.290	57.940
Mundo	127.763	135.065	137.929	142.754	143.598

⁽¹⁾Inclui farinha.

Fonte: FAO (jun./2011).

Produção e comércio nacionais

O trigo, no Brasil, compõe uma cadeia produtiva que movimenta cerca de R\$ 18 bilhões anualmente. Os segmentos que trabalham com o cereal geram um milhão de empregos e arrecadam, por ano, R\$ 5,2 bilhões em taxas e impostos. A indústria de derivados do trigo é uma das cinco mais importantes da área de produtos alimentares.

A área plantada com trigo na safra 2010/11 foi de 2.178,1 mil hectares, ou seja, 10,8% menor do que a da safra 2009/10. A principal razão para essa queda foi a redução de 10% nos preços mínimos, que passaram a valer a partir de 1º de julho de 2010. Os novos preços, para a Região Sul, variam de R\$ 19,20, o trigo brando tipo 3, a R\$ 29,97, o trigo melhorador tipo 1. O trigo pão tipo 1, o mais consumido no Brasil, passou a valer R\$ 28,62, enquanto seu custo de produção na época era de R\$ 32,00, segundo produtores (Tabela 7).

Tabela 7/l. Trigo - Comparativo das safras - Brasil - Safras 2007/08 - 2011/12

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
2007/08	1.851.745	4.088.908	2.210
2008/09	2.395.121	5.886.009	2.480
2009/10	2.441.930	4.964.665	2.040
2010/11 ⁽¹⁾	2.178.078	6.036.790	2.773
2011/12 ⁽¹⁾	2.066.827	5.383.379	2.605

⁽¹⁾Dados sujeito a alterações.

Fonte: IBGE (LSPA dez/2008, dez/09 e maio/11).

Outro fator que influenciou a redução na área foram os baixos preços recebidos pelos produtores na safra 2009/10, cuja comercialização ficou praticamente nas mãos do governo através dos leilões da Conab, pois, no mercado, o preço sequer atingiu o preço mínimo. Nem mesmo a redução da colheita em alguns dos principais produtores europeus refletiu positivamente nos preços internos.

De todo modo, em virtude do clima favorável, a produção brasileira atingiu novo recorde: 6.036,8 mil toneladas. O anterior havia sido na safra 2003/04, com 6.029,4 mil toneladas.

Trigo

A maior concentração de cultivo está localizada na Região Sul, sendo o Paraná o principal produtor, com 56,7% da área plantada no País (na safra 2010/11). Na sequência, estão o Rio Grande do Sul (38,4%) e Santa Catarina (4,2%) (Tabela 8).

Tabela 8/I. Trigo - Comparativo de safras, segundo os principais estados produtores - Brasil - Safras 2008/09-2011/12

Estado	Área plantada (ha)				Produção (t)				Rendimento (kg/ha)			
	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾	2011/12 ⁽¹⁾	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾	2011/12 ⁽¹⁾	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾	2011/12 ⁽¹⁾
Paraná	1.123.807	1.308.792	1.172.820	1.024.136	3.068.116	2.482.776	3.442.660	2.847.086	2.773	1.897	2.935	2.780
Rio Grande do Sul	980.300	861.410	793.100	840.932	2.058.215	1.805.600	1.974.800	2.017.900	2.100	2.106	2.490	2.400
Santa Catarina	122.937	117.146	87.401	95.000	323.620	275.195	241.093	240.793	2.641	2.419	2.758	2.535
Brasil	2.395.121	2.441.930	2.178.078	2.066.827	5.886.009	4.964.665	6.036.790	5.383.379	2.480	2.040	2.773	2.605

⁽¹⁾Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE (LSPA dez/08 e maio/11).

Pelos números da Conab, apesar do estoque inicial elevado, em função de um aumento no consumo e nas exportações, os estoques de passagem da safra 2010/11 ficaram inferiores em 1.104 mil toneladas (ou -38,5%) em relação aos da temporada anterior (Tabela 9).

O Brasil consome cerca de 10,2 milhões de toneladas de trigo anualmente. Os grãos produzidos têm destinos diferentes e podem ser comercializados para alimentação animal, produtos integrais, sementes e fabricação de farinha, sendo este último o que obtém a melhor cotação no mercado. O consumo de trigo pela indústria se divide em panificação (55%), uso doméstico (17%), biscoitos (11%), massas (15%) e outros (2%).

Tabela 9/I. Trigo - Oferta e demanda - Brasil - Safras 2007/08 - 2011/12

Discriminação	(1000 t)				
	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾	2011/12 ⁽¹⁾
Estoque inicial (1/8)	1.337,9	895,7	2.706,7	2.870,5	1.766,1
Produção	4.097,1	5.884,0	5.026,2	5.881,6	5.283,2
Importação	5.926,4	5.676,4	5.922,2	5.771,9	5.900,0
Suprimento	11.361,4	13.069,1	13.655,1	14.524,0	12.949,3
Consumo	9.719,0	9.398,0	9.614,2	10.242,0	10.432,0
Exportação	746,7	351,0	1.170,4	2.515,9	900,0
Estoque final (31/7)	895,7	2.706,7	2.870,5	1.766,1	1.617,3

⁽¹⁾Dados sujeitos à alterações.

Fonte: Conab (agosto/11 - 11°. Levantamento).

A qualidade do trigo é a principal exigência dos moinhos para a produção da farinha que dá origem ao pão (Portal do Agronegócio). A maior parte do trigo produzido no Brasil é o trigo brando, reconhecido pela qualidade menor e usado para a confecção de biscoitos e ração animal. O conhecido trigo pão (de alta qualidade), usado para fabricar farinha e pães, é pouco produzido no País.

Os moinhos brasileiros, que há muito tempo importam trigo de qualidade de outros países, como Argentina, Uruguai, Paraguai e Estados Unidos, e pagam mais caro por isso, já contabilizam valores até 25% mais altos na compra deste grão em 2011.

Entre as *commodities*, o trigo é o segundo item de maior participação na pauta de importações brasileiras, sendo menor apenas que a importação de petróleo. O Brasil importa em torno de 50-60% do trigo que consome. Em termos de comércio externo, as importações brasileiras na temporada 2010/11 chegaram a 6,5 milhões de toneladas (trigo e seus derivados), volume praticamente igual ao da temporada anterior (Tabelas 10 e 11).

Trigo

Tradicionalmente a Argentina é o principal fornecedor de trigo, respondendo por 60% do total importado pelo Brasil. Isso acontece por conta de sua proximidade geográfica e pelo fato de integrar o Mercosul, condição que lhe assegura vantagem fiscal em relação a outros países fornecedores, os quais devem pagar 10% de Tarifa Externa Comum (TEC) (Tabela 10).

A partir de 2008, entretanto, a oferta por parte da Argentina tem sido menor, pois o governo daquele país decidiu reter os embarques do cereal, a fim de elevar os impostos de exportação e garantir o abastecimento interno, o que obrigou o Brasil a buscar fornecedores alternativos, como Paraguai, Uruguai, Canadá e Estados Unidos.

A Argentina também é o país que mais vende farinha de trigo para o Brasil. Na última temporada (2010/11) o Brasil importou 684 mil toneladas, das quais 635 mil vieram da Argentina (Tabela 11).

Historicamente o Brasil só exporta o cereal quando a qualidade não atende aos padrões mínimos de moagem para consumo humano. Como o “cereal-ração” já tem um forte concorrente no mercado interno (o milho), a alternativa é exportar. Nesta temporada, apesar do câmbio desfavorável (Real valorizado), as exportações bateram recorde: 2.526,5 milhões de toneladas, volume 113,8% maior que em 2009/10. A Argélia, o Egito e a Tunísia foram os principais compradores.

Tabela 10/I. Trigo em grão - Quantidade importada - Brasil - Safras 2006/07-2010/11

Origem	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11
Argentina	6.655.627	4.040.633	4.038.752	3.548.265	3.515.742
Paraguai	274.939	92.680	559.072	843.966	1.134.071
Uruguai	139.450	450.821	581.491	704.044	535.734
Canadá	8.855	864.895	419.228	319.426	382.442
EUA	85.179	477.929	78.111	450.970	230.373
Outros	0	9	14	64.916	65
Total	7.164.051	5.926.967	5.676.668	5.931.588	5.798.427

Nota: O ano é o ano comercial, ou seja, de agosto a julho.
Fonte: Mdic/Secex/Sistema Aliceweb.

Tabela 11/I. Farinha de trigo - Quantidade importada - Brasil - Safras 2006/07-2010/11

Origem	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11
Argentina	419.362	694.187	589.344	573.405	635.418
Uruguai	24.720	27.174	38.618	34.535	36.011
Paraguai	683	953	4.912	4.519	10.145
EUA	843	1	0	-	84
Itália	343	106	84	105	277
Canadá	241	5	1	1.189	1.634
Reino Unido	417	614	960	700	546
Outros	890	22	124	17	85
Total	447.498	723.062	634.043	614.470	684.199

Nota: O ano é o ano comercial, ou seja, de agosto a julho.
Fonte: Mdic/Secex/Sistema Aliceweb.

Produção e mercado estadual

Em Santa Catarina a safra 2010/11 foi 12,4% menor que a safra anterior. A razão foi a redução de 25,4% na área plantada, em virtude dos baixos preços e dos custos que tiveram aumento no período. A queda na produção só não foi maior porque o clima – apesar de ter havido um período excessivamente chuvoso no final da colheita – manteve-se favorável na maior parte do tempo, o que resultou em um rendimento médio 14% superior ao da safra passada, alcançando o recorde de 2.758 kg/ha (Tabela 12).

Tabela 12/I. Trigo - Comparativo das safras - Santa Catarina - Safras 2007/08 -2011/12

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
2007/08	81.675	203.336	2.490
2008/09	122.937	323.620	2.641
2009/10	117.146	275.195	2.419
2010/11	87.401	241.093	2.758
2011/12 ⁽¹⁾	78.000	210.600	2.700

⁽¹⁾Dados sujeitos a alterações.
Fonte: IBGE (LSPA dez./09, dez./10 e jun./11).

Trigo

Na safra 2010/11, as principais microrregiões produtoras no Estado foram Xanxerê, Chapecó, Canoinhas e Curitibanos, entre estas, a de maior produtividade foi em Canoinhas (2.931 kg/ha). Em quase todas as microrregiões, houve queda na área semeada, refletindo o desânimo dos produtores com os baixos preços (Tabela 13).

Tabela 13/I. Trigo - Comparativo de safras, segundo as microrregiões - Santa Catarina - Safras 2007/08-2010/11

Microrregião geográfica	Área plantada (ha)				Produção (t)				Rendimento (kg/ha)			
	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11 ⁽¹⁾
Blumenau	-	30	30	30	-	81	81	81	...	2.700	2.700	2.700
Campos de Lages	3.280	3.501	3.700	2.650	10.074	8.567	10.675	7.340	3.071	2.447	2.885	2.770
Canoinhas	12.295	24.200	19.280	14.830	39.440	57.120	47.470	43.461	3.208	2.360	2.462	2.931
Chapecó	12.915	19.026	20.488	19.709	25.297	46.924	40.392	55.240	1.959	2.466	1.971	2.803
Concórdia	855	1.055	1.417	1.181	1.229	1.605	2.310	2.079	1.437	1.521	1.630	1.760
Curitibanos	20.940	27.695	23.288	15.508	52.284	85.991	58.235	43.458	2.497	3.105	2.501	2.802
Ituporanga	-	120	70	110	-	155	123	198	...	1.292	1.757	1.800
Joaçaba	3.885	6.675	7.357	5.487	9.197	16.595	17.704	13.879	2.367	2.486	2.406	2.529
Rio do Sul	-	150	15	15	-	375	15	30	...	2.500	1.000	2.000
Sao Bento do Sul	610	1.290	700	700	1.452	1.950	1.378	1.050	2.380	1.512	1.969	1.500
Sao Miguel do Oeste	3.545	4.455	6.251	4.851	7.640	10.617	14.036	11.285	2.155	2.383	2.245	2.326
Xanxerê	23.350	34.740	34.550	22.330	56.721	93.637	82.774	62.992	2.429	2.695	2.396	2.821
Santa Catarina	81.675	122.937	117.146	87.401	203.334	323.617	275.193	241.093	2.490	2.632	2.349	2.758

⁽¹⁾Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Com relação ao mercado, o preço do cereal para o produtor catarinense, em 2010, esteve na maior parte dos meses abaixo dos custos de produção. O preço médio do cereal foi o menor dos últimos quatro anos. Os valores oscilaram entre R\$ 24,12 e R\$ 26,17 a saca de 60 kg, ou seja, valores menores do que os praticados em 2009 e bastante aquém dos preços de 2008, acompanhando o movimento no mercado nacional (Tabela 14).

Perspectivas para a próxima safra 2011/12

As projeções do Usda para 2011/12 indicam uma recuperação da produção da região do Mar Negro – que envolve a Rússia, a Ucrânia e o Cazaquistão – e em outras regiões, de maneira que a produção mundial deve aumentar 2,2% em relação à temporada anterior.

Por outro lado, também se prevê um aumento do consumo. Por isso, as estimativas são de redução dos estoques mundiais, que devem cair 4%.

Tabela 14/I. Trigo - Preços médios aos produtores - Santa Catarina - 2007-11

Mês/ano	(R\$/sc ⁽¹⁾)				
	2007	2008	2009	2010	2011
Janeiro	...	29,63	26,66	24,50	24,00
Fevereiro	26,86	30,67	27,52	24,50	25,79
Março	26,67	34,07	27,61	24,36	26,36
Abril	26,67	37,07	27,50	24,12	26,25
Maio	26,91	36,30	28,58	24,17	25,76
Junho	27,58	36,19	28,84	24,17	25,75
Julho	28,11	35,44	27,78	24,32	25,75
Agosto	29,30	32,20	27,00	25,04	
Setembro	31,38	29,27	26,39	26,17	
Outubro	30,12	27,62	26,12	25,82	
Novembro	27,94	26,10	26,05	25,60	
Dezembro	28,33	25,82	24,89	25,33	
Média	28,17	31,70	27,08	24,84	25,67

⁽¹⁾Saca 60kg de trigo pão/melhorador de PH78 (trigo superior).

Fonte: Epagri/Cepa.

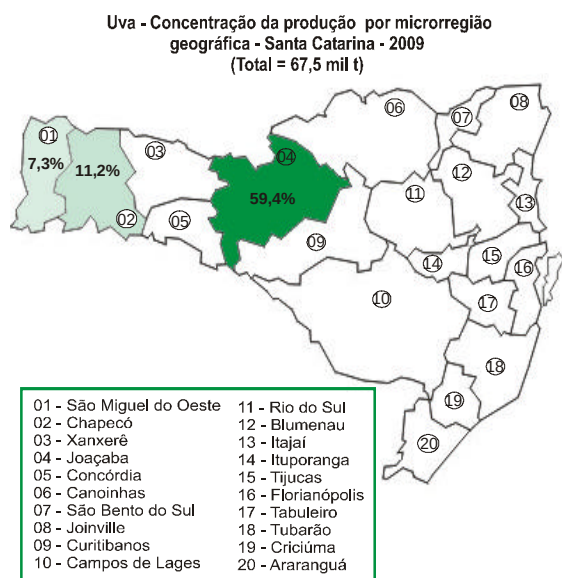
Trigo

A produção brasileira de trigo deve cair ainda mais na safra 2011/12. A área inicialmente estimada indica uma queda de 5% em relação à temporada anterior, enquanto a produção é reduzida em 10,8% (IBGE, junho/2011). O Paraná, principal produtor, deve reduzir sensivelmente sua produção (Tabelas 7 e 8). Estes números refletem o desânimo dos produtores com os preços recebidos, que sequer cobrem os custos de produção do cereal, além da dificuldade em comercializar o produto. Os estoques brasileiros devem seguir o mesmo ritmo, caindo para 1.617 mil toneladas (Tabela 9).

Em Santa Catarina, a safra 2011/12 está em andamento e deve ter uma redução de 11% na área e de 13% na produção (Tabela 12). Esta é a menor área semeada desde a safra 2003/04.

Uma novidade que passa a valer a partir da próxima safra (julho/2012) são os novos parâmetros para a classificação do trigo, mais exigentes que os atuais. O trigo será classificado em três tipos, conforme o peso do hectolitro (PH), com limites máximos de tolerância de defeitos e em cinco classes: melhorador, pão, uso doméstico, básico ou outros usos. Junto a outras características, isso determina se a farinha obtida a partir de uma cultivar de trigo serve para fabricar, por exemplo, pães, massas ou biscoitos. Atualmente, para ser classificado como tipo pão, o grão deve apresentar valor mínimo de 180 de força de glúten. Pelas novas regras, esse patamar subiu para 220.

Com a mudança da regra, os produtores terão que avaliar melhor antes de plantar. Se o preço de mercado estiver abaixo do preço mínimo durante o período de comercialização, o produtor que colher um trigo de menor qualidade poderá ficar no prejuízo e sem apoio do governo, pois essa classificação serve para definir os parâmetros das políticas de apoio à comercialização do Governo Federal, bem como para classificar o trigo importado, além de permitir que o produto de melhor qualidade tenha uma remuneração superior à atual. A partir de 2015, a tipificação será ainda mais rigorosa. Com isso os produtores terão que substituir as variedades atualmente semeadas. Todas essas medidas visam aumentar a competitividade brasileira na produção de trigo.



Fonte: IBGE.

Uva e vinho

Francisco Assis de Brito
Economista Epagri/Videira
brito@epagri.sc.gov.br

Produção mundial e nacional

O cultivo da uva está ligado ao homem pela história, pelas religiões e especialmente no caso do ocidente, pela colonização das Américas, África e Austrália. A videira é a frutífera que ocupa a segunda maior área cultivada, com mais de sete milhões de hectares distribuídos em todos os continentes.

Os principais países produtores são a Espanha, a França e a Itália, cujo destino principal da uva está direcionado à produção de vinhos finos. A principal espécie do gênero *vitis* é a *vitis vinífera*, conhecida vulgarmente como uva europeia, com milhares de variedades entre brancas e tintas usadas na produção de vinhos, passas, mesa ou sucos. No Brasil, é especialmente importante a produção de variedades americanas e híbridas, das quais se fazem vinhos, espumantes, sucos e outros subprodutos, além da comercialização para consumo in natura.

A produção de uvas no Brasil, como no resto do mundo, se distribui em todo o território, mas se concentra em determinadas regiões. Fatores étnicos e culturais fizeram com que a produção brasileira de uvas se concentrasse inicialmente no Estado Rio Grande do Sul, onde se encontra metade da produção brasileira, especialmente na região da Serra Gaúcha. Hoje, cada vez mais, são determinantes na expansão dessa lavoura as condições de clima e solo.

A metade sul do Rio Grande do Sul, outra importante área de produção de uvas, está voltada à produção de vinhos finos, diferentemente da exploração da vitivinicultura das regiões de Bento Gonçalves e Caxias, onde a produção é caracterizada pela presença da agricultura familiar.

Cabe destacar que os estados de Pernambuco e São Paulo, diferentemente do Rio Grande do Sul, têm como objetivo principal a produção de uvas finas de mesa, enquanto o Rio Grande do Sul responde por 90% da produção de vinhos e mosto do País. Além desses, destacam-se na produção de uvas os Estados do Paraná, Bahia e Santa Catarina. Embora seja o sexto colocado no ranking nacional na produção de uva, o Estado catarinense é o segundo produtor nacional de vinhos e mosto.

Na distribuição espacial da produção brasileira, há dois movimentos marcantes atualmente. O primeiro, devido à expansão da produção pernambucana em detrimento da redução no vizinho Estado da Bahia, coloca o Estado de Pernambuco como segundo maior produtor nacional, pos-

Uva e vinho

to que o Estado de São Paulo detinha há décadas. Depois, se observa que nos três estados do Sul, há uma ampliação dos vinheiros em direção ao oeste desses estados. Aliado a isso, ocorreu também no Paraná uma ampliação no entorno da Região Metropolitana de Curitiba, fazendo com que o Estado assumisse novamente a posição de quarto produtor brasileiro, posto que o Estado da Bahia ocupou por alguns anos (Tabela 1).

Tabela 1. Uva - Produção, segundo os principais estados produtores - Brasil - 2003-10

(t)

Estado	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Pernambuco	104.506	152.059	150.827	155.781	170.325	165.075	158.517	177.790
Bahia	83.694	85.910	109.408	117.111	119.610	97.481	90.508	78.283
São Paulo	224.470	193.300	190.660	195.357	198.123	193.534	185.123	177.538
Paraná	102.974	96.662	99.253	95.357	99.180	101.500	102.080	103.042
Santa Catarina	41.709	46.007	47.971	47.355	54.603	58.330	67.543	66.214
Rio Grande do Sul	489.015	696.599	611.868	623.878	704.176	776.964	737.363	692.692
Demais estados	20.252	20.233	21.948	21.723	25.121	28.087	24.071	10.113
Brasil	1.067.923	1.291.883	1.233.065	1.257.566	1.372.057	1.421.933	1.339.393	1.305.672

Fonte: IBGE.

Produção estadual

No Estado catarinense, assim como no Brasil, a produção é muito concentrada e uma de suas características é que os vinhos são produzidos a partir de uvas americanas, as quais se adaptaram melhor às condições climáticas das principais regiões produtoras. Nesse aspecto, destacam-se a Isabel e Niágara, usadas para consumo in natura e para a produção de vinhos comuns e sucos.

Por laços culturais e proximidade física, o setor vitivinícola catarinense mantém um estreito relacionamento com os produtores do Rio Grande do Sul, tanto nas negociações conjuntas que os agricultores dos dois estados desenvolvem, visando à negociação do preço mínimo da uva, como também no que se refere à compra de uva e vinho a granel para atender parte da demanda da indústria catarinense.

A produção concentra-se no Alto Vale do Rio do Peixe envolvendo os municípios de Videira, Pinheiro Preto, Tangará, Iomerê e Caçador, a uma altitude média de aproximadamente 750m acima do nível do mar. A segunda maior região de produção tradicional catarinense localiza-se próximo ao nível do mar, conhecida como a região de Urussanga. Sua produção mais expressiva está concentrada no município de Pedras Grandes. As principais uvas in natura ofertadas pelo Estado são a Niágara e a Isabel e, com menor participação, a Itália e Itália Rubi, como uvas finas (Tabela 2).

Uva e vinho

Tabela 2/I. Uva - Produção, segundo mesorregiões e microrregiões – Santa Catarina - 2003-09

(t)

Mesorregiões e Microrregiões	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Santa Catarina	41.709	46.007	47.971	47.355	54.603	58.330	67.543
Oeste Catarinense	35.029	37.474	39.144	40.206	44.936	48.382	57.350
São Miguel do Oeste	2.862	3.225	3.711	3.151	2.091	4.098	4.931
Chapecó	3.841	4.672	5.939	5.593	4.732	6.746	7.564
Xanxerê	1.101	1.809	1.908	2.210	1.902	2.284	2.180
Joaçaba	25.685	25.996	25.862	26.662	34.111	32.298	40.094
Concórdia	1.540	1.772	1.724	2.590	2.100	2.956	2.581
Norte Catarinense	341	351	358	426	526	939	891
Canoinhas	320	320	320	320	390	796	786
São Bento do Sul	-	10	10	10	10	17	17
Joinville	21	21	28	96	126	126	88
Serrana	408	1.773	1.832	1.337	1.949	2.098	2.392
Curitibanos	169	262	333	471	510	601	715
Campos de Lages	239	1.511	1.499	866	1.439	1.497	1.677
Vale do Itajaí	1.549	1.655	1.830	1.891	2.026	2.302	2.043
Rio do Sul	613	719	845	962	952	1.040	965
Blumenau	906	906	954	917	1.034	1.130	946
Itajaí	30	30	30	-	-	12	12
Ituporanga	-	-	1	12	40	120	120
Grand Fpolis	1.909	2.123	2.098	1.356	2.491	1.885	2.317
Tijucas	1.719	1.919	1.894	1.204	2.259	1.614	2.050
Florianópolis	73	73	73	73	153	153	153
Tabuleiro	117	131	131	79	79	118	114
Sul Catarinense	2.473	2.631	2.709	2.139	2.675	2.724	2.550
Tubarão	1.645	1.651	1.671	1.683	1.743	1.757	1.757
Criciúma	828	980	1.038	456	932	967	793

Fonte: IBGE.

Mercado mundial e nacional

É recente a entrada do Brasil no consumo de vinhos finos. Na década de 80, algumas iniciativas tomaram vulto com a edição e comercialização de vinhos feitos e identificados com uvas europeias. A colonização italiana implantou as primeiras coleções ainda no século XIX. No entanto, as condições edafoclimáticas sempre se mostraram uma barreira ao bom aproveitamento das uvas europeias, o que fez com que os produtores de vinho optassem sempre pelas uvas americanas - ineditismo brasileiro.

A abertura comercial a partir dos anos 90 iniciou um processo de ampliação de trocas comerciais e foi impulsionada em seguida com a estabilização econômica pelo plano real. Com o aumento da importação de bens de consumo ampliou-se também o consumo de vinhos importados, promovendo um novo desafio ao setor no Brasil.

Segundo dados do Ministério da Indústria e do Comércio, complementados com informações do Centro Nacional de Uva e Vinho da Embrapa, o Brasil importou 75% dos vinhos finos comercializados

Uva e vinho

no ano de 2010. Também é marcante o aumento no preço médio em dólares dos vinhos importados, apesar das preferências comerciais com os mercados do Chile e da Argentina, o que possibilita uma importação de produtos de baixo preço unitário.

Em Santa Catarina, surge a partir do final dos anos 90 uma nova região destinada à produção de oferta de vinhos finos brasileiros. Situada na região central de Santa Catarina, em altitudes de 900 a 1.400 metros acima do nível do mar, essa região é caracterizada por condições edafoclimáticas que possibilitam retardar a colheita para períodos mais favoráveis à completa maturação fisiológica. Os municípios que têm demonstrado este potencial são: São Joaquim, Urubici, Urupema, Bom Retiro, Água Doce, Campos Novos e Campo Belo do Sul, além de áreas marginais da região tradicional.

Atualmente já estão implantadas ou em implantação nove empresas com unidades industriais voltadas ao processamento desses vinhos de altitude, outras duas encontram-se em fase de implantação e dezessete unidades já têm registrado vinhos diversos em seus catálogos. Pelo forte investimento em vinhedos e cantinas e o movimento econômico que essa atividade exerceu nas regiões de maior pobreza do Estado catarinense, observou-se um salto em sua gastronomia que pode auxiliar o desenvolvimento do roteiro enogastrônomo dessas regiões do Planalto Catarinense, nomeadamente no entorno da cidade de São Joaquim, gerando aumento do emprego industrial e rural de natureza permanente.

O desenvolvimento da pesquisa nessa área foi de extrema importância para a vinicultura em Santa Catarina viabilizando o conhecimento local na produção de vinhos de altitude com o diferencial que a elaboração desses vinhos com maior valor agregado tem proporcionado.

Uma iniciativa decisiva para esse avanço se deu pela implantação do Laboratório de Controle de Qualidade de Vinhos e Derivados de Uvas em Videira, iniciativa da Epagri que contou com decisivo apoio do setor privado e especialmente da parceria com a Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), em 2002, por meio de seu campus em Videira.

Apesar dos avanços da cultura no Brasil e em Santa Catarina, a atividade enfrenta uma concorrência grande que tende a expandir-se. A especialização da Argentina e do Chile na produção de uvas e vinhos finos tornou o Cone Sul um mercado de concorrência acirrada, principalmente pela capacidade que esses países têm de vender ao Brasil produtos cujo frete não se pagaria, caso a remessa seja feita a importadores mais distantes, nomeadamente aqueles mais exigentes.

A desaceleração no mercado tradicional de vinhos representa muito em virtude do baixo consumo de vinhos nos novos mercados, especialmente dos grandes emergentes: Brasil, Rússia, Índia e China. Contudo, para a produção local, o mais importante hoje e nos próximos anos é a exposição a que ela estará submetida, uma vez que o importante agora é ampliar o mercado interno de vinhos finos com qualidade e preço.

Enquanto se discute os efeitos benéficos à saúde pelo consumo moderado e regular do vinho, acompanha-se uma queda no consumo *per capita* mundial, especialmente nos países europeus que têm

Uva e vinho

o vinho arraigado em sua cultura diária, especialmente a França e a Itália. Além da Europa, somente a Argentina, e agora a Austrália, têm seu consumo *per capita* superior a 20 litros anuais. Os Estados Unidos da América ainda está longe da metade do consumo argentino, enquanto no Brasil, segundo a Embrapa, o consumo estimado gira em torno de dois litros.

Se por um lado há excedentes no mercado internacional, no Brasil, Estados Unidos, China, Rússia, Japão e Índia a produção interna ainda não é capaz de suprir eventual aumento de consumo. Sem barreiras culturais ou religiosas, o Brasil é um sério candidato a receber esses excedentes.

A competitividade também pode ser vislumbrada nos preços dos vinhos importados. França, Espanha e Portugal, tradicionais e importantes fornecedores de vinhos finos ao mercado brasileiro, têm sua exportação FOB média realizada a US\$ 3,00 por litro. Os produtos da América do Sul, especialmente da Argentina e do Chile, por sua capacidade de suprimento, têm hoje uma cotação média em torno de US\$ 1,70 e US\$ 2,00/litro, respectivamente. Além disso, em virtude da facilidade de transporte entre países de fronteiras limítrofes e tarifas preferenciais dos acordos firmados no âmbito do Mercosul, novamente a Argentina tem uma enorme vantagem.

A situação fica ainda mais complicada com o acúmulo crescente, safra a safra, de vinhos produzidos com uvas americanas ou de baixa qualidade, cujo destino será sua venda ao Estado, sua destilação ou transformação em bebidas vínicas distribuídas no varejo em embalagens impróprias para o acondicionamento de bebidas que contêm álcool.

O setor vitivinícola brasileiro apresenta particularidades em relação aos tradicionais produtores de vinho. O vinicultor, por exemplo, não é necessariamente produtor de uvas, o que gera tensões anuais e falta de união no encaminhamento de ações que visam ao desenvolvimento de uma marca nacional de vinhos de qualidade.

As fraudes, o contrabando e os impostos incidentes em cascata sobre o produto facilitam a concorrência, especialmente da Argentina. O excedente de produção de uvas de mesa se transforma no Brasil em vinhos, o que gera excedentes que, por sua vez, se transformam em matéria-prima para produtos vínicos de baixa qualidade que competem e comprometam a imagem do vinho nacional.

Quanto aos vinhos finos, a produção de Santa Catarina ainda é pequena, mas já tem dificuldades para apresentação e marketing de seus produtos. A criação da Associação Catarinense de Produtores de Vinhos Finos de Altitude (Acavitis), com o objetivo de apoiar instituições de pesquisa e promover o produto com vistas a uma nova visibilidade dos vinhos finos catarinenses, pode ter sido um importante e decisivo passo na luta contra o preconceito em relação aos vinhos nacionais. Com muito pouco tempo de atividade, corre-se o risco de perder a oportunidade de fazer algo significativamente diferente do que já se fez na vitivinicultura brasileira.

A tipicidade era o valor a ser distinguido pelos produtores catarinenses quanto ao restante do País. Como a nossa produção é pequena e dispersa, as ações de marketing passam necessariamente pela coragem da promoção em concursos que gerem competição entre os vinicultores do Cone Sul e não somente entre pares.

Uva e vinho

As perspectivas para a vitivinicultura mundial passam por uma safra baixa em 2010. Houve melhoria da economia mundial e a descarga de estoques do excesso dos anos 2008 e 2009, que exerceram um pouco da pressão nos preços dos principais exportadores, mas a taxa de câmbio favorável é o fator de maior importância hoje na fixação de preços de alguns desses países

A Europa e a Argentina podem estar obtendo alguns benefícios em razão da depreciação de suas moedas, enquanto outros exportadores, como a Austrália, enfrentam condições mais adversas devido à apreciação de suas moedas, nomeadamente em relação ao dólar americano. Contudo, para o Chile, a taxa de câmbio vem aviltando suas margens e mesmo o aumento nos preços internacionais não será suficiente para compensar o impacto negativo do fortalecimento da sua moeda, até porque as alterações na economia mundial não garantem que esse aumento não seja temporário.

O ano de 2010, por tudo isso, deve ser marcante no comércio internacional de vinhos e o maior de todos os desafios da vitivinicultura brasileira deverá ser, em virtude da apreciação de sua moeda, livrar-se da tentação de barreiras que permitirão a oligopolização novamente do mercado de vinhos e a consequente manutenção de um consumo ridículo, se comparado ao das cervejas e destilados.

Flores e plantas ornamentais

Gilberto Luiz Curti
Epagri/Cepa Chapecó
e-mail: curti@epagri.sc.gov.br

Contemplar a beleza das plantas não é só uma atividade prazerosa, traz muitos benefícios. Além do aspecto social, que deve ser considerado, principalmente por gerar empregos e renda, contribuindo em muitos casos para a permanência do homem no campo, a floricultura é uma atividade agrícola de exploração intensiva, que envolve uma complexa cadeia produtiva, sendo o produtor seu agente principal. Engloba, a produção e comercialização de folhagens e flores de corte, de plantas de vaso e de mudas, cujo mercado tem potencial para obter bons retornos econômicos, com grandes possibilidades de expansão futura.

Situação mundial

Dentre os países da América Latina, a Colômbia encontra-se entre os principais produtores, perdendo apenas para a Holanda, responsável pela maior parte de toda produção mundial de flores e plantas ornamentais.

Em busca constante de novos pólos de produção, surgem em todo o mundo regiões com condições climáticas adequadas para produção de ornamentais, destacando-se: Colômbia, Equador, Costa Rica, Estados Unidos, Israel, Japão, África do Sul, Quênia, Espanha, Itália, Dinamarca, Holanda, entre outros. E, apesar de algumas dificuldades, o Brasil possui inúmeras vantagens para especializar-se na produção de flores, com possível oferta de produtos de qualidade e preços competitivos nos diferentes mercados externos. O maior potencial do país refere-se à produção de rosas, crisântemos, violetas, primulas, cinerárias, kalanchoes, gypsophilas, folhagens, plantas de jardim e outras.

Situação nacional

Como mais uma importante atividade agrícola, as flores e plantas ornamentais são exemplo de agronegócio no contexto de desenvolvimento sustentável. No Brasil geram emprego e renda para as pequenas propriedades rurais e possibilitam a utilização da mão de obra familiar.

Mesmo com grande potencial de crescimento na floricultura, o Brasil reduziu sua participação na exportação de flores e plantas ornamentais em 2010 em relação ao ano anterior, devido à crise mundial do último trimestre de 2008 e também pela valorização do real frente ao dólar. Parte da competitividade exportadora brasileira tem sido afetada devido às importações de produtos excedentes e de baixo custo, vindo de alguns países como Colômbia e Equador.

O Brasil possui muitas vantagens que favorecem os diferentes cultivos, dentre as quais se destacam as temperaturas, a umidade e o tipo de solo, bem como sua grande extensão territorial.

O Estado de São Paulo é o principal pólo da floricultura brasileira, sendo a cidade de Holambra responsável por mais de 70% da produção, porém Santa Catarina e outros estados brasileiros tam-

Flores e plantas ornamentais

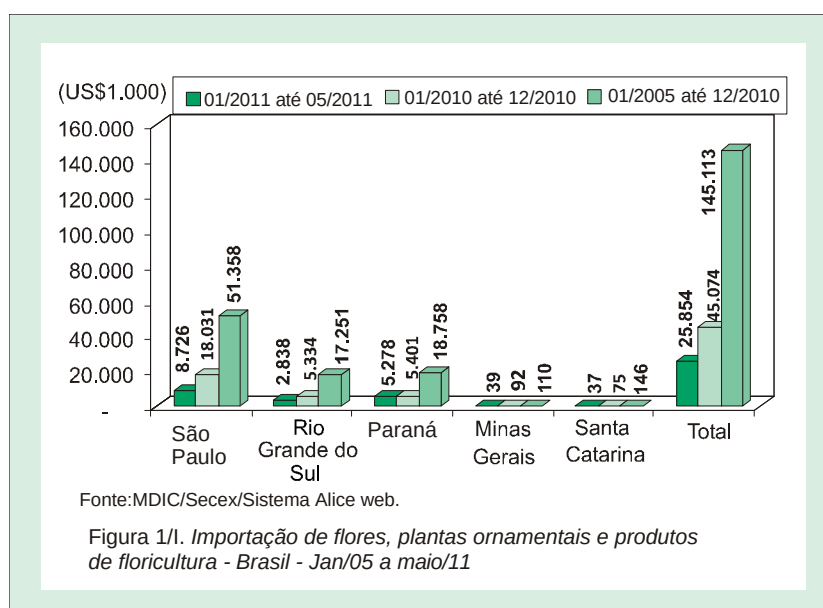
bém contribuem muito para a produção de flores e plantas ornamentais. Destacam-se também o Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraná, Ceará, entre outros.

O suprimento do mercado interno pelo produto brasileiro em 2010 foi de 98,67% do total movimentado pelo setor. A melhoria dos diversos sistemas operacionais, bem como das logísticas de distribuição das flores e plantas ornamentais, tem contribuído para maior exposição e venda dos produtos no Brasil. Isso favorece o aumento do consumo interno, que cresce entre 12 a 15% ao ano, e tem favorecido importações de flores e plantas ornamentais em 2010.

A construção civil e o replanejamento urbano em cidades brasileiras, com o evento da Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos, potencializam positivamente o consumo das ornamentais. É muito interessante incentivar o mercado local, bem como avançar na diversificação em locais de venda, a fim de impulsionar cada vez mais o mercado interno.

O consumo de flores e plantas ornamentais no mercado brasileiro ainda é menor do que em muitos países. Nos países europeus o consumo médio é de US\$ 70 a US\$ 100 *per capita* por ano, enquanto no Brasil, devido à falta de hábito, os valores ficam próximos de US\$ 11 *per capita*.

Os valores das importações brasileiras de flores, plantas ornamentais e produtos de floricultura são muito importantes para o setor da floricultura. São Paulo se destaca como o maior pólo produtor, juntamente com outras regiões não menos importantes para a floricultura brasileira. No total acumulado, conforme cada período, os valores em dólares revelam a importância do agronegócio da floricultura (Figura 1).

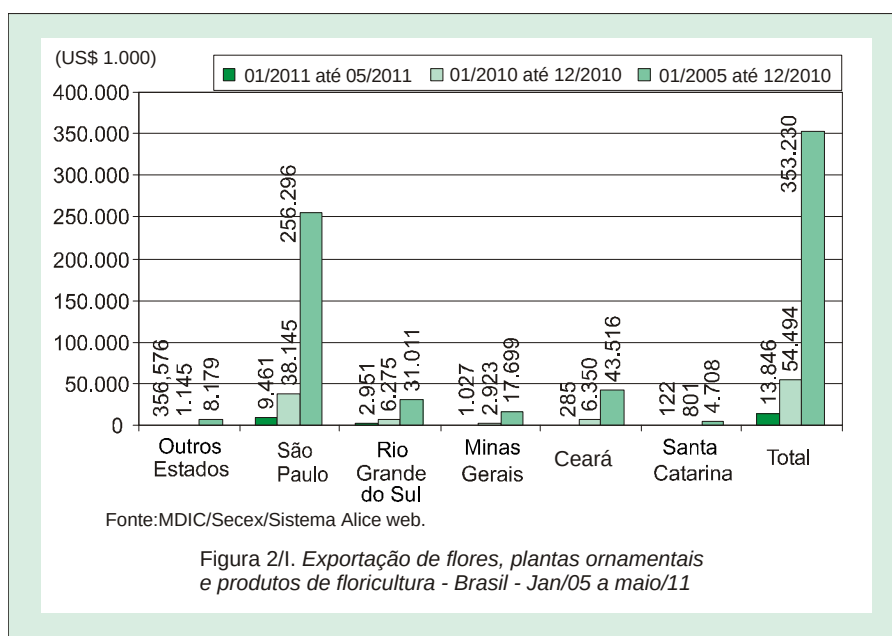


O setor produtivo das flores e plantas ornamentais tem se consolidado cada vez mais, e vem se expandindo gradativamente a cada ano. Atualmente a floricultura desponta como um dos segmen-

Flores e plantas ornamentais

tos do agronegócio com grande potencial de crescimento e desenvolvimento, independente se é direcionada para o mercado interno ou para a exportação.

Os principais produtos exportados são as mudas de orquídeas e de outras plantas ornamentais, além de produtos de floricultura, sementes de flores, bulbos, tubérculos e rizomas, de rosas, cravos, folhagem, folhas, ramos de plantas, frescos e ou secos para buquês. Os principais estados brasileiros responsáveis pelas exportações das ornamentais são Santa Catarina, Ceará, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo (Figura 2).



Situação estadual

O Estado de Santa Catarina, embora ocupe menos de 1,5% do território nacional e menos de 30% de sua área com lavouras, encontra-se entre os principais produtores de alimentos. Além de destacar como exportador, alguns de seus produtos alcançam os maiores índices de produtividade por área do Brasil.

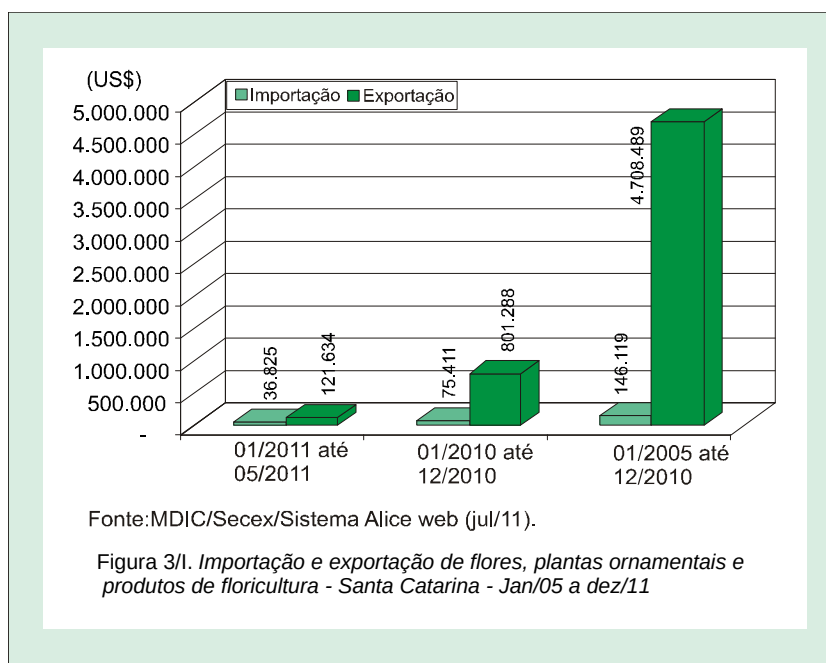
Em Santa Catarina, predominam a pequena propriedade e mão de obra familiar nos estabelecimentos rurais. Pode-se dizer que o modelo é responsável pela posição que Santa Catarina ocupa no ranking nacional, como produtor de maçã, cebola, suínos, ostras e mariscos, com destaque, também, para aves, feijão, fumo, arroz irrigado, banana, batata-inglesa, mandioca, milho, tomate, flores e plantas ornamentais.

Os sistemas de produção dependem da tecnologia utilizada, variando de acordo com o tipo de cultivo e suas características. Entre os principais produtos, destacam-se as forrações, gramas, flores

Flores e plantas ornamentais

e plantas envasadas, flores de corte, bem como árvores, arbustos e outras plantas de jardim, todas com grande diversidade de espécies.

A floricultura evoluiu muito nos últimos anos em Santa Catarina. As variações climáticas, a disponibilidade hídrica, térmica, umidade relativa do ar e a luminosidade são fatores de forte influência para a atividade, porém o frio é um fator limitante para grande maioria das espécies. As flores e plantas ornamentais somaram bons valores em dólares, nos diferentes períodos, com crescimento das exportações e importações das flores e plantas ornamentais catarinenses (Figura 3).



Os estados brasileiros, incluindo Santa Catarina, vêm conseguindo manter bons resultados comerciais com os produtos de sua floricultura, mesmo em períodos com sinais de crise.

Grande parte da produção encontra-se em municípios do norte de Santa Catarina, mas estão surgindo e se fortalecendo novos pólos de produção com condições climáticas para produção de muitas espécies ornamentais em outras regiões do Estado, onde se destacam como principais produtoras as seguintes microrregiões catarinenses (Figura 4).

A floricultura vem crescendo a cada ano nas diversas regiões do Estado e está distribuída atualmente em 121 municípios (Tabela 1).

Em muitas regiões, produtores, técnicos e o setor público em geral consideram o cultivo de ornamentais em seus municípios como a mais uma importante atividade agrícola dentro do agronegócio. Ao mesmo tempo em que se encaixa muito bem no contexto de desenvolvimento sustentável, possibilita a geração de emprego e renda aos produtores rurais e a utilização da mão de obra familiar.

Flores e plantas ornamentais

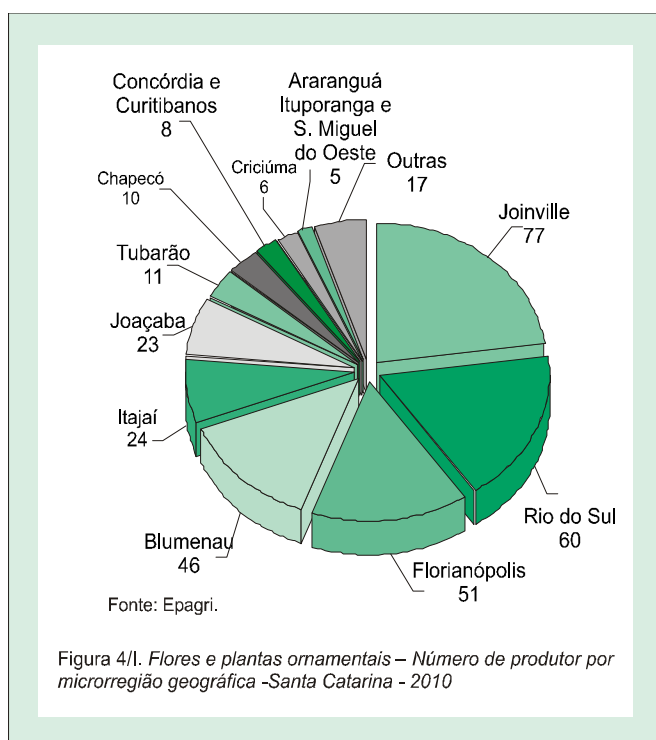


Tabela 1/I. Flores e plantas ornamentais - Proporção entre municípios atuantes na floricultura e o total da microrregião – Santa Catarina - 2010

Microrregião geográfica	Municípios com floricultura	Total de municípios da MRG
Florianópolis	8	9
Tabuleiro	4	5
Tijucas	2	7
Canoinhas	2	12
Joinville	8	11
São Bento do Sul	3	3
Chapécó	8	37
Concórdia	2	15
Joaçaba	14	27
São Miguel do Oeste	10	21
Xanxerê	3	17
Campos de Lages	1	18
Curitibanos	7	12
Araranguá	2	15
Criciúma	5	10
Tubarão	7	19
Blumenau	11	15
Itajaí	8	11
Ituporanga	5	7
Rio do Sul	11	20
Santa Catarina	121	293

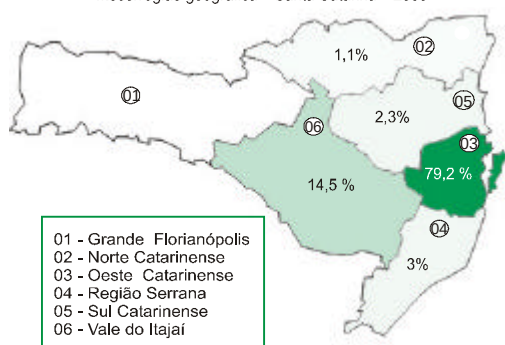
Fonte: Epagri.

Perspectivas para as ornamentais

O uso de diferentes tecnologias está ligado ao grau de modernização da atividade nas diversas regiões, bem como ao cultivo de espécies em alguns casos. Muitas vezes são encontrados obstáculos e desafios que devem ser levados em conta, como a falta de organização; problemas fitossanitários; carência de informações técnicas; falta de padronização; baixa qualidade; indisponibilidade de produto, bem como a falta de qualificação técnica e assistência técnica insuficiente; mão de obra não especializada; falta de política de marketing; pouca oferta do produto; alto custo de transporte; falta de sistematização de informações sobre o mercado; falta de embalagens adequadas. Mas as oportunidades existem, e podem ser influenciadas por alguns fatores, dentre os principais destacam-se: a viabilização de alternativas de produção; o fortalecimento de associações; a integração de todos os elos da cadeia e a abertura de novos mercados.

As oportunidades para o mercado de flores e plantas, com os eventos esportivos de 2014 e 2016, são enormes. Para os próximos anos, as perspectivas de aumento no consumo das ornamentais são boas ao setor das ornamentais. A crescente atividade na construção civil sugere diferentes cenários, com toques paisagísticos especiais, através de mudanças estéticas e inovadoras das paisagens urbanas, principalmente nas sedes dos jogos da Copa do Mundo e durante os Jogos Olímpicos.

Figura 1/I. Hortifrutigranjeiros – Quantidade comercializada por mesorregião geográfica – Santa Catarina – 2009



Fonte: IBGE.

Hortifrutigranjeiros

Diogo Campello da Pieva
Ciência da Computação/Ceasa/SC
diogo@ceasa.sc.gov.br

Comercialização de produtos hortifrutigranjeiros na Ceasa/SC - Unidade de São José

A partir de 2007 iniciou-se o acompanhamento e a análise de produtos hortifrutigranjeiros e outros produtos comercializados, no atacado, nas Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina (Ceasa/SC) – Unidade de São José, com vistas à elaboração de um boletim mensal intitulado **Estadísticas de produtos agrícolas comercializados na Ceasa/SC**. A publicação contou com a parceria entre a Ceasa/SC e o Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola - Epagri/Cepa.

Numa análise dos dados acompanhados pela Ceasa/SC – Unidade de São José – observou-se que durante o ano de 2010 foram comercializados, aproximadamente 125 produtos, representando um volume total de 293,35 mil toneladas e um montante financeiro de R\$ 316,31 milhões, sendo o preço médio ponderado de R\$ 1,08 por quilo de produto negociado.

Em comparação com os dados de 2009, constatou-se em 2010 um decréscimo do volume anual de 2,31%, devido principalmente a problemas climáticos que afetaram a produção de alguns produtos, mas no volume financeiro houve um aumento de 0,46%, uma vez que o preço médio comercializado teve um aumento de 2,85% (Tabela 1).

Tabela 1/I. Hortifrutigranjeiros – Quantidade e valor, por grupo de produtos comercializados no atacado - Ceasa/SC – 2010

Grupo de produtos	Oferta		Valor		Preço médio (R\$/kg)
	Tonelada	Participação (%)	R\$ 1.000	Participação (%)	
Hortaliças	158.444	54,0	145.750	46,1	0,92
. Folha, flor e haste	17.791	6,1	14.012	4,4	0,79
. Fruto	57.746	19,7	48.046	15,2	0,83
. Raiz, bulbo, tub., rizoma	80.900	27,6	78.526	24,8	0,97
. Importadas	2.008	0,7	5.166	1,6	2,57
Frutas	126.937	43,3	153.935	48,7	1,21
. Nacionais	124.010	42,3	144.011	45,5	1,16
. Importadas	2.927	1,0	9.924	3,1	3,39
Aves e ovos	6.245	2,1	13.313	4,2	2,13
Atípicos alimentícios	1.695	0,6	3.282	1,0	1,94
Atípicos não alimentícios	29	0,0	31	0,0	1,05
Total	293.350	100,0	316.310	100,0	1,08

Fonte: Ceasa/SC - Unidade de São José.

Hortifrutigranjeiros

Os dados analisados dos hortifrutigranjeiros comercializados na Ceasa/SC demonstram a importância e a força do mercado atacadista dos produtores e da sociedade catarinense, possibilitando o abastecimento de maneira contínua e estabelecendo preço compatível com a oferta e a demanda. (Figura 1).

No mercado atacadista, em 2010, a participação desses dez produtos (Tabela 2) na quantidade total comercializada (Tabela 1) foi de 64,3% e representou um movimento financeiro da ordem de R\$ 178,24 milhões.

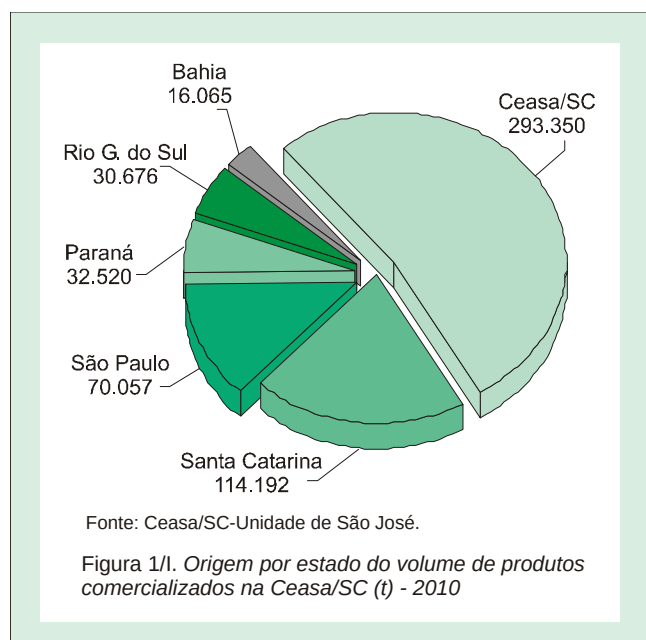


Tabela 2/I. Hortifrutigranjeiros - Produtos mais comercializados no atacado - Ceasa/SC - 2009-10

Produto	Volume (t)		Varição (%)
	2009	2010	2009/2010
Batata inglesa	35.740	39.623	10,86
Tomate longa vida	29.981	31.500	5,07
Laranja	23.545	23.658	0,48
Mamão	20.468	18.825	-8,03
Cebola	15.867	16.257	2,46
Maçã	13.432	12.935	-3,70
Cenoura	10.713	12.303	14,84
Banana	12.915	12.068	-6,56
Melancia	13.622	12.046	-11,57
Tangerina	8.324	9.271	11,38
Total	184.607	188.486	2,10

Fonte: Ceasa/SC.

Em 2010, a Mesorregião Grande Florianópolis comercializou 81,2 mil toneladas, principalmente de raiz, tubérculo, rizoma, folha, flor, fruto e haste, propiciando um volume financeiro de 72,63 milhões de reais nas operações comerciais; a Serrana ofertou 15,5 mil toneladas e movimentou 18,58 milhões de reais; a do Vale do Itajaí foi responsável pela oferta de 3,3 mil toneladas e movimentou 4,23 milhões de reais; a Norte Catarinense ofertou 1,3 mil toneladas e movimentou 1,25 milhões de reais e, finalmente a Sul Catarinense foi responsável pela negociação de 3,0 mil toneladas, representando um total de 3,09 milhões de reais nas operações comerciais realizadas.

Em 2010, a Ceasa/SC acompanhou e monitorou os seguintes produtos: batata salsa, batata-doce, beterraba, cebola, cenoura, chuchu, couve-flor, maçã, maracujá, morango, pimentão, pinhão, repolho e tomate, uva e vagem. Na análise desses produtos levou-se em consideração sua importância socioeconômica para o Estado (Tabela 3).

Hortifrutigranjeiros

Tabela 3/I. Hortifrutigranjeiros – Quantidade comercializada, local de origem e participação percentual dos produtos monitorados pela Ceasa/SC – 2009

Produto/Estado	BA		ES		GO		MG		PE		PR		RJ	
	t	%	t	%	t	%	t	%	t	%	t	%	t	%
Batata-doce	-	-	-	-	-	-	13,85	0,37	-	-	52,78	1,42	-	-
Beterraba	-	-	-	-	51,50	1,03	249,28	5,01	3,08	0,06	461,91	9,28	-	-
Cebola	407,20	2,50	-	-	44,50	0,27	190,50	1,17	390,00	2,40	208,94	1,29	-	-
Cenoura	-	-	-	-	-	-	2.784,83	22,63	-	-	1418,92	11,53	7,50	0,06
Chuchu	-	-	638,88	10,85	-	-	-	-	-	-	235,93	4,01	-	-
Couve-flor	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,290	0,01	-	-
Maçã	-	-	0,45	0,00	234,00	1,81	-	-	-	-	210,37	1,63	-	-
Maracujá	2,33	0,32	-	-	-	-	-	-	3,60	0,49	1,10	0,15	-	-
Morango	-	-	-	-	-	-	592,71	21,13	-	-	15,84	0,56	-	-
Pimentão	-	-	202,46	5,28	-	-	9,09	0,24	-	-	90,44	2,36	50,02	1,30
Repolho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,810	0,01	-	-
Tomate longa vida	12,95	0,04	2.009,05	6,38	187,65	0,60	812,33	2,58	-	-	1.552,60	4,93	1.045,38	3,32
Total	422,48	0,39	2.850,84	2,66	517,65	0,48	4.652,57	4,34	396,68	0,37	4.249,92	3,96	1.102,90	1,03

(Continua)

(Continuação)

Produto/Estado	RS		SC		SP		Argentina		Quantidade Total (t)
	t	%	t	%	t	%	t	%	
Batata-doce	-	-	3.076,66	82,75	574,56	15,45	-	-	3.717,84
Beterraba	831,71	16,70	3.219,59	64,65	-	-	-	-	4.979,65
Cebola	1.054,02	6,48	10.849,97	66,74	2.649,12	16,29	463,07	2,85	16.257,32
Cenoura	1.808,53	14,70	3.131,30	25,45	3.152,20	25,62	-	-	12.303,27
Chuchu	2,20	0,04	4.400,13	74,76	608,56	10,34	-	-	5.885,71
Couve-flor	-	-	5.388,06	99,96	1,79	0,03	-	-	5.390,13
Maçã	1.681,92	13,00	10.336,78	79,91	402,01	3,11	69,60	0,54	12.935,13
Maracujá	18,60	2,53	489,05	66,41	221,78	30,11	-	-	736,44
Morango	147,37	5,25	2.021,18	72,06	27,61	0,98	-	-	2.804,71
Pimentão	1,95	0,05	2.491,50	64,94	991,13	25,83	-	-	3.836,60
Repolho	-	-	-	6.877,55	99,97	1,46	0,02	-	6.879,81
Tomate longa vida	48,25	0,15	19.422,53	61,66	6.409,25	20,35	-	-	31.499,98
Total	5.594,54	5,22	71.704,29	66,87	15.039,46	14,03	532,67	0,50	107.226,59

Fonte: Ceasa/SC.

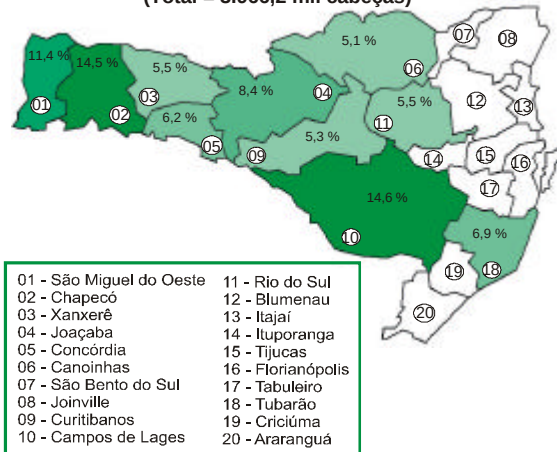
Calendário Agrícola

Produto	Fase	MÊS											
		Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Alho	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Arroz	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Banana	Colheita												
	Comerc.												
Batata	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Cebola	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Feijão 1ª Safra	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Feijão 2ª Safra	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Fumo	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Mandioca	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Milho	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Soja	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Trigo	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Tomate	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Maçã	Colheita												
	Comerc.												

 Maior concentração.
 Menor concentração.

Fonte: Epagri/Cepa.

Efetivo bovino por microrregião geográfica -
Santa Catarina - 2009
(Total = 3.966,2 mil cabeças)



Fonte: IBGE.

Desempenho da produção animal Carne bovina

Produção e mercado mundial

Quatro países concentram 46,0% da produção e 65,5% da exportação mundial de carne bovina, segundo o previsto para 2011 pelo Usda. Entre esses países (Brasil, Austrália, Estados Unidos e Índia) destacam-se na produção a queda de 28% da Austrália e na exportação o aumento de 11% da Índia. Os EUA aumentariam suas exportações em 7,7%, mesmo com uma queda mínima na produção (Tabela 1).

Tabela 1/I - Carne bovina - Principais países produtores e exportadores - 2010-11

País	Produtor			Exportador		
	2010	2011	%2011/10	2010	2011	%2011/10
Brasil	9.115	9.366	2,75	1.558	1.600	2,7
Austrália	2.987	2.140	-28,36	1.368	1.350	-1,3
USA	12.048	11.945	-0,85	1.043	1.123	7,7
Índia	2.830	2.960	4,59	900	1.000	11,1
Subtotal	26.980	26.411	-2,11	4.869	5.073	4,2
Outros	30.343	30.947	1,99	2.740	2.674	-2,4
Total	57323	57358	0,06	7.609	7.747	1,8

(mil t)⁽¹⁾

⁽¹⁾Em equivalente carcaça.

Fonte: Usda (abril/2011).

Tabela 2/I. Carne bovina - Principais países do mercado - 2010-11

País	Produtor		Consumidor		Importador		Exportador		%exp
	2010	2011	2010	2011	2010	2011	2010	2011	
USA	12.048	11.945	12.040	11.869	1.042	1.014	1.043	1.123	7,7
Brasil	9.115	9.365	7.592	7.810	-	-	1.558	1.600	2,7
U.E.	8.085	8.000	8.185	8.156	490	450	336	295	-12,2
China	5.600	5.500	5.586	5.495	436	450	-	-	-
Argentina	2.600	2.500	2.305	2.233	-	-	298	270	-9,4
Índia	2.830	2.960	1.930	1.930	-	-	900	1.000	11,1
Austrália	2.987	2.140	-	-	-	-	1.368	1.350	-1,3
México	1.751	1.775	2.006	1.944	296	300	103	120	16,5
Canadá	1.272	1.275	999	990	243	240	523	525	0,4
Rússia	1.435	1.400	2.307	2.296	877	900	-	-	-
Paquistão	1.486	1.450	1.491	1.455	-	-	-	-	-
Nova Zelândia	-	-	-	-	-	-	530	478	-9,8
Japão	-	-	1.224	1.236	721	725	-	-	-
Coreia do Sul	-	-	-	-	366	400	-	-	-
Egito	-	-	-	-	290	220	-	-	-
Uruguai	-	-	-	-	-	-	347	350	0,9
Chile	-	-	-	-	190	200	-	-	-
Paraguai	-	-	-	-	-	-	296	310	4,7
Hong Kong	-	-	-	-	200	215	-	-	-
Irã	-	-	-	-	287	325	-	-	-
Vietnã	-	-	-	-	270	275	-	-	-
Subtotal	49.209	48.310	47.675	45.414	5.708	5.714	7.302	7.421	1,6
Outros	8.114	9.048	8.869	11.079	1.071	1.187	307	326	6,2
Total	57.323	57.358	56.544	56.493	6.779	6.901	7.609	7.747	1,8

⁽¹⁾Em equivalente carcaça.

Fonte: Usda (abril/2011).

Esses pontos mais extremados na verdade não modificam o panorama geral: o Brasil continua sendo o primeiro exportador; Austrália, o segundo; EUA, o terceiro e a Índia o quarto. Na sequência das exportações, vêm países que não são grandes produtores: Canadá, Nova Zelândia e Uruguai, tendo este último ultrapassado a União Europeia e a Argentina. Esta teve queda de produção e estabeleceu uma política de reserva para o mercado interno (Tabela 2).

Os grandes importadores serão os Estados Unidos (que importa quase a mesma quantidade que exporta), a Rússia, o Japão, a China, a União Europeia e a Coreia do Sul. Todos esses países interessam ao Brasil como possíveis importadores, sendo que no momento só a Rússia, que é o maior importador, tem tradição. Sabe-se que Hong

Carne bovina

Kong (terceiro importador) tem abastecido a China, mas esta já importa quase três vezes o exportado pelo Brasil para Hong Kong e deverá aumentar suas importações. Países da União Europeia têm importado do Brasil, mas há a cada ano novas exigências e o bloco econômico mantém a sua política de subsídios para a produção local. Japão e Coreia do Sul são mercados que precisam ser ainda conquistados (Tabelas 2 e 7).

Produção e mercado nacional

Como se sabe, as estatísticas nacionais não separam o rebanho bovino de corte do leiteiro. Quatro estados, em 2009, participavam com 45% do rebanho geral: Mato Grosso, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Goiás (Tabela 3). Entre estes, Minas destaca-se na produção leiteira. Outros nove estados somados possuem também 45% do rebanho, sendo Santa Catarina o 13º, com participação de 1,9%.

O rebanho dos 13 principais estados cresceu, de 2008 para 2009, 1,4% e os demais tiveram desempenho quase idêntico, porque o Brasil cresceu 1,5%.

Os abates no Brasil decresceram de 2006 para 2010, 16,7% devido ao abate de matrizes ocorrido de 2004 a 2007. O abate cai ano a ano em todo o período (Tabela 4). O abate não guarda proporção com o rebanho, pois o rebanho inclui os animais jovens e as vacas leiteiras.

Tabela 3/I. Efetivo do rebanho bovino por estado - 2005-09

Brasil e Unidade da Federação	(mil cabeças)					
	2005	2006	2007	2008	2009	2009%
Mato Grosso	26.652	26.064	25.683	26.018	27.357	13,33
Minas Gerais	21.404	22.203	22.575	22.370	22.470	10,95
Mato Grosso do Sul	24.504	23.726	21.832	22.365	22.326	10,88
Goiás	20.727	20.647	20.471	20.466	20.875	10,17
Pará	18.064	17.502	15.354	16.241	16.857	8,21
Rio Grande do Sul	14.240	13.975	13.516	14.116	14.366	7,00
Rondônia	11.349	11.484	11.008	11.176	11.533	5,62
São Paulo	13.421	12.790	11.791	11.186	11.198	5,46
Bahia	10.463	10.765	11.386	11.100	10.230	4,98
Paraná	10.153	9.765	9.495	9.586	9.562	4,66
Tocantins	7.962	7.761	7.395	7.393	7.605	3,71
Maranhão	6.449	6.613	6.609	6.816	6.885	3,35
Santa Catarina	3.377	3.461	3.489	3.884	3.966	1,93
Subtotal	188.764	186.755	180.605	182.716	185.230	90,24
Outros	18.393	19.131	19.147	19.591	20.030	9,76
Brasil	207.157	205.886	199.752	202.307	205.260	100,00

Fonte: IBGE.

A produção de carne foi maior em 2007, porque ela se altera por abate de fêmeas e animais mais jovens ou mais pesados. De 2009 para 2010, cresceu 10,3% e, segundo previsão da Conab, deverá crescer 3% de 2010 para 2011 (Tabela 5).

As exportações de carne bovina brasileira alcançaram seu máximo em 2007, caindo em 2008 e 2009, começando a recuperação em 2010 (0,9%) e deverá crescer, pela previsão da Conab, mais 3% em 2011.

Pelo balanço de oferta e demanda, verifica-se que a disponibilidade interna cresceu em 2010 e deverá crescer em 2011, pelas mesmas previsões, 3%. A Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec), no entanto, prevê que as exportações poderão crescer até 10%. Se isso acontecer, a disponibilidade interna diminuirá e os preços, que já estão altos no mercado do-

Carne bovina

méstico, poderão aumentar ainda mais. Com isso, o aumento do consumo per cápita previsto para 2011 poderá não acontecer, também pela questão preço (Tabela 5).

Tabela 4/I. Abates mensais de bovinos⁽¹⁾ - Brasil - 2004-10

(milhões de cabeças)							
Período	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Jan.	2,7	2,8	3,1	3,5	3,1	2,6	2,7
Fev.	2,5	2,6	2,7	3,0	2,8	2,4	2,5
Mar.	3,0	3,0	3,4	3,6	2,9	2,7	2,9
Abr.	2,8	3,1	3,0	3,2	3,2	2,6	2,8
Maio	3,0	3,2	3,6	3,6	3,2	2,8	3,0
Jun.	3,1	3,3	3,5	3,0	2,9	2,8	2,9
Jul.	3,0	3,3	3,3	3,1	3,0	2,9	2,9
Ago.	3,1	3,4	3,5	3,2	2,9	2,7	2,7
Set.	3,0	3,1	3,3	3,1	2,9	2,8	2,7
Out.	2,8	2,5	3,4	2,9	2,8	3,0	2,5
Nov.	2,7	2,8	3,2	2,8	2,4	2,7	2,5
Dez.	2,9	3,2	3,2	2,8	2,6	2,9	2,6
Total	34,6	36,2	39,3	37,8	34,6	32,9	32,7

⁽¹⁾Abates sob inspeção federal, estadual e municipal.
Fonte: Safras & Mercado.

Tabela 5 II. Carne bovina - Balanço de oferta e demanda – Brasil - 2005-11

(mil t)							
Situação	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011 ⁽¹⁾
Produção	8.769,1	8.117,8	9.368,4	8.862,0	8.474,1	8.916,5	9.184,0
Exportação	1.463,9	1.603,4	1.695,9	1.400,4	1.280	1.291,1	1.329,8
Importação	107,7	27,2	100,0	8,2	48,0	36,5	37,6
Disponibilidade	7.197,5	6.487,2	7.573	7.453,4	7.242,1	7.661,9	7.891,8
Kg/habitante/ano	39,1	34,6	39,7	37,9	37,8	39,7	40,5

⁽¹⁾Previsão da Conab.

Fonte: IBGE, Conab, CNPC e MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Não convém ao Brasil exportar carne *in natura* sem nenhuma agregação de valor. Em 2007 esse tipo de carne correspondia a 78,8% e caiu em 2008 e 2009, tomando o caminho desejado de aumentar a carne industrializada, salgada, etc. No entanto, em 2010, a tendência se inverteu e a carne “in natura” aumentou sua participação para 80,5% (Tabela 6). A necessidade de buscar mercados que adquiram produtos de maior valor agregado não só permanece como se acentua.

Tabela 6/I. Carne Bovina - Exportações por tipo de produto - Brasil - 2007-10

(milhão US\$)								
Produto	2007	%	2008	%	2009	%	2010	%
Carne <i>in natura</i>	3.486	78,8	4.006	75,2	3.023	73,4	3.861	80,5
Industrializada	694	15,7	853	16,0	649	15,8	498	10,4
Miúdos	71	1,6	244	4,6	195	4,7	195	4,1
Tripas	121	2,7	178	3,3	229	5,6	231	4,8
Salgadas	52	1,2	44	0,8	23	0,6	10	0,2
Total	4.424	100,0	5.325	100,0	4.118	100,0	4.795	100,0

Fonte: ABIEC.

O destino da carne brasileira exportada sempre foi muito diversificado. A Rússia continua à frente, mas entre os nove primeiros há países árabes, asiáticos, europeus e sul-americanos. Tais países aparecem em ordem decrescente de valor no ano de 2010 na Tabela 7 e representaram 75% do valor e 76% do volume exportado pelo Brasil.

Carne bovina

Tabela 7/I. Carne bovina - Principais países importadores - Brasil - 2007-10
(milhão US\$ e mil t)

País	2007		2008		2009		2010	
	Valor	Volume	Valor	Volume	Valor	Volume	Valor	Volume
Rússia	1.000	462	1.476	391	953	334	1.073	295
Irã	145	62	323	81	335	89	807	191
Hong Kong	201	99	488	162	612	207	503	165
Egito	348	184	236	78	217	82	434	123
Itália	286	62	146	24	157	27	189	30
Venezuela	125	47	418	97	165	40	186	40
Reino Unido	282	86	221	56	168	48	168	44
Holanda	353	63	170	28	129	20	130	17
A. Saudita	99	44	139	38	97	32	127	32
Subtotal	2.839	1.109	3.617	955	2.833	879	3.617	937
Outros	1.585	506	1.708	429	1.285	366	1.178	294
Total	4.424	1.615	5.325	1.384	4.118	1.245	4.795	1.231

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Produção e mercado estadual

Quando se examina o período mais recente da bovinocultura do Estado, por microrregião, verifica-se que de 2005 a 2009 os produtores aumentaram seu rebanho em 17,5%, mas a variação foi desde 0,3% em Rio do Sul até 38% em Chapecó, que tem o segundo maior rebanho. O crescimento mais expressivo foi o de Araranguá, mas nesta região o rebanho ainda é pequeno (Tabela 8). A média das microrregiões mais expressivas foi 20,5% e as outras decresceram 0,5%.

A situação, no período 2000 a 2004, foi bem diferente, pois algumas regiões já cresciam expressivamente (Chapecó, Concórdia, Tubarão e Criciúma), outras naquele período não cresciam ou cresciam pouco (Canoinhas, Curitibanos, Campos de Lages, Ituporanga) e algumas caíram no período mais recente (Blumenau, Itajaí, Rio do Sul, Tabuleiro).

Tabela 8/I. Efetivo bovino - Ordenado por tamanho - Microrregião geográfica - Santa Catarina - 2005-09

Microrregião	(mil cab.)					
	2005	2006	2007	2008	2009 ⁽¹⁾	%2009/05
Campos de Lages	492	490	507	532	579	17,7
Chapecó	417	460	585	564	576	38,1
São Miguel do Oeste	377	399	396	441	450	19,4
Joaçaba	290	291	241	318	335	15,5
Tubarão	225	241	216	279	274	21,7
Concórdia	219	237	225	242	247	12,8
Xanxerê	193	211	219	227	219	13,4
Rio do Sul	216	197	198	224	217	0,3
Curitibanos	177	172	178	211	209	17,8
Canoinhas	165	167	161	205	204	23,2
Araranguá	57	57	62	85	87	53,3
Criciúma	61	74	57	81	85	39,1
Subtotal	2.890	2.997	3.046	3.409	3.482	20,5
Outras	487	464	443	475	484	-0,5
Santa Catarina	3.377	3.461	3.489	3.884	3.966	17,5

⁽¹⁾Foram excluídas as regiões com menos de 85 mil cabeças em 2009.

Fonte: IBGE.

De 2005 para 2009, os principais crescimentos ocorreram em Chapecó, Canoinhas, São Miguel do Oeste, Tubarão, Curitibanos, Campos de Lages e Joaçaba.

Carne bovina

Como os crescimentos aconteceram mais nas regiões produtoras de leite, no balanço de oferta e demanda constata-se a dependência, cada vez maior, da importação de carne de outros estados (em 2005 era de 35% e em 2010 foi de 40%) – Tabela 9. O déficit não é maior porque o consumo de carnes em Santa Catarina é diferente da média brasileira: no Estado se consome mais carne de frango e suína e menos bovina. Isto é totalmente coerente com a produção estadual.

Tabela 9/I. Carne bovina – Oferta e demanda – Santa Catarina – 2005-10

(1.000 t)

Situação	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Produção	120,0	121,5	113,1	112,9	113,2	108,7
Importação	66,0	66,6	68,9	68,2	67,5	72,6
Disponib. interna	187,0	188,1	182,0	181,1	180,7	181,3
Kg/habitante/ano	31,9	32,2	31,0	30,7	30,5	30,3

Fonte: Sindicarnes, MDIC/Secex/Sistema Alice web, e IBGE.

Em 2010, as exportações de carne bovina brasileira aumentaram mais em valor do que em volume e nos primeiros quatro meses de 2011 o valor aumentou sem que o volume crescesse, por que em ambos os casos os preços recebidos pelo Brasil aumentaram (Tabela 10). Neste período inicial de 2011, os preços inclusive superaram os de 2008, quando o Brasil fez as maiores exportações em valor. A quantidade vendida foi maior em 2007. A grande queda de 2009 foi se recuperando em 2010 e agora ficou melhor de que antes da crise internacional.

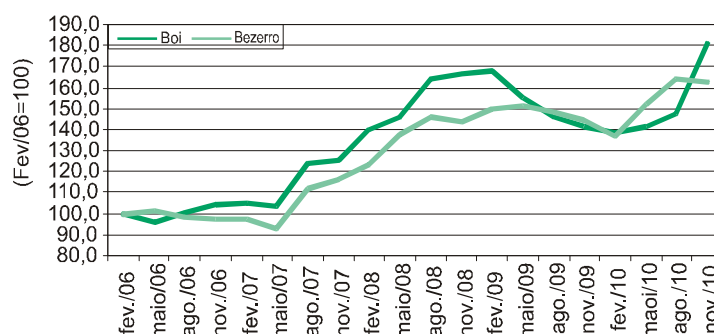
Tabela 10/I. Carne bovina - Valor, volume e preço das exportações - Brasil e Santa Catarina - 2006-11

Discriminação	2006	2007	2008	2009	2010	2010 ^(*)	2011 ^(*)
Brasil							
Valor (milhões US\$)	4.017	4.556	5.369	4.189	4.887	1.479	1.687
Volume (milhões t)	1.603	1.696	1.400	1.280	1.291	419	370
Preço (US\$/kg)	2,51	2,69	3,83	3,27	3,79	3,53	4,56
Santa Catarina							
Valor (milhões US\$)	7,2	6,2	13,1	23,5	38,1	11,5	11,3
Volume (milhões t)	4,1	3,2	4,0	11,3	22,6	6,7	6,8
Preço (US\$/kg)	1,76	1,94	3,28	2,08	1,69	1,72	1,66

^(*)Até abril/11.

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Alice web.

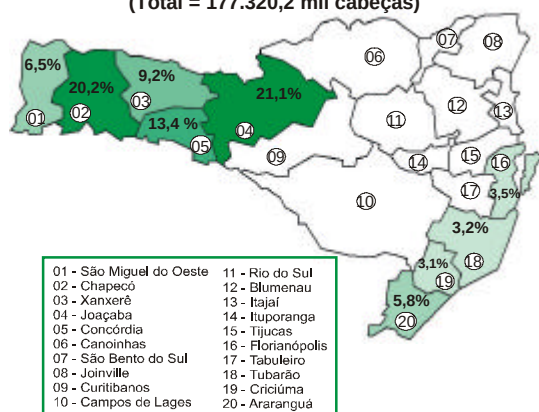
Os preços recebidos pelos produtores catarinenses pelo boi gordo vêm crescendo desde maio de 2010, mais expressivamente desde outubro e alcançando o máximo em novembro, caindo logo depois, mas não muito (Figura 1). Os preços do bezerro cresceram desde novembro de 2010 e principalmente a partir de fevereiro de 2011, o que indica que os produtores estão dispostos a investir na atividade devido aos preços do boi gordo, que decresceu recentemente, mas porque aumentou a oferta devido ao fim da safra e chegada do frio. Os preços recebidos pelos produtores decorrem dos mercados internacional e nacional e ambos estão favoráveis.



Fonte: Epagri/Cepa

Figura 1/I - Índice de preços do boi gordo e do bezerro - Santa Catarina - fev/06 - nov/10

**Efetivo de frango por microrregiões geográficas
- Santa Catarina - 2009
(Total = 177.320,2 mil cabeças)**



Fonte: IBGE.

Carne de frango

Julio Alberto Rodigheri
Engº Agrº Epagri/Cepa
juliorodigheri@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundial

Desde que o Brasil ultrapassou os Estados Unidos na exportação de frango, nunca foi com um percentual tão acentuado como o Usda prevê para 2011 (11,4%). O percentual de 2010 em relação a 2009 foi de 3,5% (Tabela 1).

O aumento global das exportações deverá ser de 1,4%, para crescimento de produção e consumo de 3%. Além de Brasil e EUA, destacam-se nas exportações a União Europeia e a Tailândia. Estas posições não terão modificação neste ano em relação ao ano passado. Os grandes importadores serão o Japão, a Arábia Saudita, a União Europeia e o México, este tomando o lugar da Rússia, que reduziu muito sua importação. Os Estados Unidos são primeiro produtor e primeiro consumidor. A China é segunda, o Brasil terceiro e a União Europeia é o quarto nos dois itens. A China se destaca por consumir um percentual muito alto da sua produção (95,8%), o que deve transformá-la em país importador nos próximos anos. É um mercado buscado avidamente por todos os exportadores (Tabela 2).

Tabela 1/I. Carne de frango - Exportações - Brasil e EUA - 2007-11

(mil t)					
País	2007	2008	2009	2010	2011 ⁽¹⁾
Brasil	2.922	3.242	3.222	3.181	3.310
Estados Unidos	2.678	3.157	3.100	3.072	2.971
Brasil/EUA %	9,1	2,7	3,9	3,5	11,4

⁽¹⁾Previsão de abril de 2011.

Obs.: Brasil ultrapassou EUA em 2004.

Fonte: Usda.

Tabela 2/I. Carne de frango - Principais países do mercado – 2010-11

(mil t)								
País	Produtor		Consumidor		Importador		Exportador	
	2010	2011	2010	2011	2010	2011	2010	2011
USA	16.563	16.792	13.463	13.930	44	44	3.072	2.971
China	12.550	13.200	12.457	12.990	-	-	379	440
Brasil	12.321	12.925	9.135	9.616	-	-	3.181	3.310
U.E - 27	9.095	9.185	8.779	8.920	676	675	992	940
México	2.809	2.850	3.344	3.414	549	580	-	-
Índia	2.650	2.700	2.649	2.699	-	-	-	-
Argentina	1.600	1.750	1.395	1.509	-	-	214	250
Irã	1.600	1.650	1.660	1.720	-	-	-	-
Rússia	2.310	1.520	2.923	2.887	618	373	-	-
Tailândia	1.280	1.380	-	-	-	-	432	475
África do Sul	1.290	1.300	1.514	1.530	-	-	-	-
Japão	-	-	2.063	2.090	789	820	-	-
Canadá	-	-	-	-	-	-	147	155
Arábia Saudita	-	-	-	678	720	-	-	-
Iraque	-	-	-	-	319	320	-	-
Emir. Árabes	-	-	-	288	300	-	-	-
Hong Kong	-	-	-	295	325	-	-	-
Chile	-	-	-	-	-	-	79	80
Kuwait	-	-	-	-	-	-	70	70
Vietnã	-	-	-	-	295	325	-	-
Venezuela	-	-	-	237	275	-	-	-
Subtotal	64.068	65.252	59.382	61.305	4.788	4.757	8.566	8.691
Outros países	11.923	13.031	15.745	16.084	3.211	3.232	227	222
Total	75.991	78.283	75.127	77.389	7.999	7.989	8.793	8.913

Fonte: Usda - abril/2011.

Carne de frango

Produção e mercado nacional

O alojamento de pintos de corte no Brasil cresceu 7,9% no ano de 2010. Destacaram-se o primeiro trimestre e o mês de outubro (Tabela 3).

Os estados que se destacaram no abate foram: o Paraná, com 27,5%; Santa Catarina, com 28,9%; Rio Grande do Sul, com 16,0%; e São Paulo, com 14,1%. Esta distribuição vem se repetindo há alguns anos, desde que o Paraná ascendeu à primeira posição (Tabela 4).

Tabela 3/I. Alojamento de pintos de corte - Brasil - 2006-10

(milhões de cabeças)

Mês	2006	2007	2008	2009	2010	2010/09 %
Jan.	408	420,5	459,9	417,7	472,9	13,2
Fev.	353,9	390,8	427,9	406,9	450,0	10,6
Mar.	340,8	423,4	441,1	425,6	510,4	19,9
Abril	333	414,3	428,4	455,7	497,6	9,2
Maio	376,4	433,5	455,5	461,3	501,0	8,6
Jun.	379,8	418,8	436,6	481,7	500,8	4,0
Jul.	387,6	434,6	476,0	500,0	512,4	2,5
Ago.	396,4	444,8	484,1	482,6	514,8	6,7
Set.	388,3	424,4	484,9	467,9	496,9	6,2
Out.	412,6	463,4	496,2	503,0	513,1	2,0
Nov.	394,1	431,5	431,7	462,6	511,5	10,6
Dez.	405,4	451,8	443,8	493,3	517,8	5,0
Total	4.576,3	5.151,8	5.466,1	5.558,3	5.999,2	7,9

Fonte: Apinco.

A produção de carne brasileira de frango cresceu 11,1% de 2009 para 2010 e teve maior crescimento nos meses de abril a junho e, num segundo patamar, o primeiro trimestre. O último quadrimestre teve crescimento bem abaixo do que o resto do ano. Nos anos anteriores, a distribuição foi mais equilibrada (Tabela 5).

O balanço de oferta e demanda de carne de frango no Brasil demonstra que o consumo per capita retomou o crescimento depois da queda de 2009. O mesmo aconteceu com a disponibilidade nacional e a produção. Só a exportação é crescente nos últimos cinco anos e deverá crescer ainda mais em 2011 (Tabela 6). O USDA prevê aumento de 4% e a Conab aposta em um aumento de 5% no ano de 2011.

Tabela 4/I. Carne de frango - Participação dos estados nos abates - Brasil - 2006-10

(%)

Estado	2006	2007	2008	2009	2010
Paraná	23,0	23,0	23,6	26,0	27,5
Santa Catarina	16,2	20,6	16,6	18,2	18,9
Rio Grande do Sul	14,4	14,7	14,0	15,9	16,0
São Paulo	14,8	14,1	14,1	13,8	14,1
Minas Gerais	5,8	5,5	6,2	7,6	7,4
Goiás	4,2	4,6	4,8	5,7	5,5
Mato Grosso do Sul	2,3	2,5	2,5	3,1	3,8
Subtotal	80,7	26,7	27,6	90,4	93,2
Outros estados	19,3	73,3	72,4	9,6	6,8
Total	100	100	100	100	100,0

Fonte: UBABEF.

Tabela 5/I. Carne de frango - Produção mensal de carne - Brasil - 2006-10

(mil t)

Mês	2006	2007	2008	2009	2010	2010/09%
Jan.	856,8	828,9	914,0	889,7	1.000,6	12,5
Fev.	755,4	749,8	866,3	780,5	870,3	11,5
Mar.	814,9	843,7	926,5	862,0	966,8	12,2
Abr.	708,7	835,3	880,0	830,4	1.026,2	23,6
Maio	707,1	859,7	872,1	901,9	1.072,0	18,9
Jun.	727,2	851,6	861,1	892,2	1.041,2	16,7
Jul.	802,2	872,6	885,8	956,6	1.067,4	11,6
Ago.	764,4	871,8	923,8	947,1	1.057,0	11,6
Sset.	777,3	866,9	926,5	982,7	997,5	1,5
Out.	797,5	891,4	990,5	976,4	999,9	2,4
Nov.	790,7	887,9	998,6	979,7	1.030,5	5,2
Dez.	851,4	945,5	975,6	1.023,8	1.112,1	8,6
Total	9.353,7	10.305,1	11.022,0	11.023,0	12.241,5	11,1

Fonte: UBA e Apinco.

Os maiores importadores da carne de frango brasileira foram Arábia Saudita, que aumentou sua participação em 2010 para 13,5%; o Japão, que aumentou para 13,4%; a Holanda, que diminuiu

Carne de frango

para 7,5%; e Hong Kong, que diminuiu para 7,4%. Dentre os países sul-americanos, a Venezuela diminuiu as importações de 5% para 4,2%. Como a lista é grande, é expressivo o percentual (39,6%) dos outros países. Há uma boa distribuição, pois são necessários seis países para atingir 50% da exportação (Tabela 7).

Tabela 6/I. Carne de frango - Oferta e demanda - Brasil - 2006-10

(mil t)					
Situação	2006	2007	2008	2009	2010
Produção	9.354	10.305	11.032	11.023	12.241
Exportação	2.713	3.162	3.437	3.634	3.820
Disponib. nacional	6.641	7.143	7.595	7.389	8.421
Kg per capita	35,6	38,1	39,6	38,2	43,2

Fonte: UBA, ABEF e MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Tabela 7/I. Principais países importadores do frango brasileiro - 2007-10

(US\$ milhões)						
País	2007	2008	2009	Part % 09	2010	Part % 10
Arábia Saudita	524	741	750	12,9	916	13,5
Japão	579	1.168	619	10,6	910	13,4
Holanda	568	746	704	12,1	513	7,5
Hong Kong	431	564	588	10,1	503	7,4
Emir. Árabes	284	378	320	5,5	352	5,2
Venezuela	196	531	291	5,0	283	4,2
Kuwait	161	288	282	4,9	272	4,0
Iraque			199	3,4	158	2,3
Reino Unido	126	165	143	2,5	113	1,7
Alemanha	228	301	231	4,0	91	1,3
Subtotal	3.097	4.882	4.127	71,0	4.111	60,4
Outros países	1.879	2.067	1.687	29,0	2.697	39,6
Total	4.976	6.949	5.814	100,0	6.808	100,0

Fonte: MDIC/Secex/Sistema aliceweb.

Produção e mercado estadual

A participação de Santa Catarina, de 2005 para 2010, diminuiu mais na produção do que na exportação do Brasil, mas a explicação é a mesma: ainda que o estado tenha crescido nos dois itens no período, vários estados também cresceram. Entre estes, destacam-se os outros estados do sul, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. O mesmo aconteceu com as exportações, mas a diferença não foi tão expressiva, pois é mais difícil entrar no mercado internacional do que produzir. Santa Catarina, no entanto, continua tendo uma fatia maior na exportação (26,7%) do que na produção nacional (14,1%) - Tabela 8.

Tabela 8/I. Carne de frango - Produção e exportação - Brasil e Santa Catarina - 2005-10

(mil t)						
Ano	Brasil		Santa Catarina		SC/BR (%)	
	Produção	Exportação	Produção	Exportação	Produção	Exportação
2005	9.348	2.762	1.470	793	15,7	28,7
2006	9.354	2.713	1.395	758	14,9	27,9
2007	10.305	3.162	1.546	889	15,0	28,1
2008	11.032	3.436	1.623	903	14,7	26,3
2009	11.023	3.634	1.621	986	14,7	27,1
2010	12.241	3.820	1.723	1.020	14,1	26,7

Fonte: UBA, ABEF e MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

No balanço de oferta e demanda de carne de frango em Santa Catarina durante 2010, a produção, a exportação e o consumo estadual aumentaram, tendo diminuído a venda para outros estados. O Estado se diferencia da média nacional no que diz respeito ao consumo, como é fácil de verificar pelo consumo per capita. O consumo por habitante/ano de carnes em Santa Catarina (98 kg) é maior do que a média brasileira (94 kg). Isto é possível porque no Estado o hábito de consumo é diferente. Mesmo que o consumo de carne bovina (30 kg) seja menor que o do Brasil (36 kg), o

Carne de frango

consumo de carne de suíno é bem maior (24 kg contra 14 kg). Apesar de permanecer próximo à média nacional (43,5 kg para 43,2 kg), o consumo de frango também é maior no Estado. A principal diferença parece quando se compara o consumo de carne suína com o de carne bovina. Como a carne suína e, mais expressivamente a carne de frango, são mais baratas, com o mesmo orçamento doméstico o catarinense pode comprar uma quantidade maior na soma das três carnes. Isto é também totalmente coerente com a produção do Estado, que é superavitário na carne suína e de frango e deficitário na produção de carne bovina (Tabela 9).

Tabela 9/I. Carne de frango - Oferta e demanda - Santa Catarina – 2006-10

(mil t)					
Situação	2006	2007	2008	2009	2010
Produção	1.395	1.546	1.623	1.622	1.723
Exportação	758	889	903	904	1.020
Venda nacional	392	411	472	469	438
Disponib. estadual	245	246	248	249	265
Kg/hab/ano	42,0	41,5	42,1	42,0	43,5

Fonte: UBA, ABEF e MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Comparando-se Brasil e Santa Catarina, verifica-se que de 2008 a 2010 o país exportou em volume, em média, 43,2%, da exportação mundial e Santa Catarina 11,6% (Tabela 10).

Tabela 10 /I. Carne de frango - Exportações - Brasil e Santa Catarina - 2008-10

Discriminação	2008		2009		2010	
	(mil t)	(milhões US\$)	(mil t)	(milhões US\$)	(mil t)	(milhões US\$)
Brasil	3.645	6.949	3.634	5.814	3.820	6.808
SC	975	1.840	986	1.721	1.020	2.020
SC/BR	26,7	26,5	27,1	29,6	26,7	29,7
Participação (%)						
Mundo	8.413		8.450		8.793	
BR/Mundo	43,3		43,0		43,4	
SC/Mundo	11,6		11,7		11,6	
Preço de venda						
	US\$/kg		US\$/kg		US\$/kg	
Brasil	1,91		1,60		1,78	
SC	1,89		1,75		1,98	

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Em 2008, não, mas em 2009 e 2010 o produto catarinense teve preço maior do que o brasileiro (em 2010 US\$1,98/kg contra US\$1,78/kg). Esses preços mais altos da produção catarinense fazem também com que o Estado suplante o Paraná no valor exportado, ainda que não em volume. A causa disso é que o produto local agrega mais valor, por ter mais cortes e produto industrializado e menos frangos inteiros, que têm menor valor por quilograma.

Os destinos das exportações catarinenses de carne de frango nos países mais importantes não são muito diferentes do frango brasileiro. Os quatro primeiros países são os mesmos, mas a ordem é diferente: Japão (21,3%), Holanda (13,1%), Arábia Saudita (5,9%) e Hong Kong (5,8%). São necessários seis países para ultrapassar 50%, havendo portanto pouca concentração (Tabela 11).

Carne de frango

Tabela 11 // Carne de frango - Exportações por destino - Santa Catarina - 2004-10

(US\$ mil)					
País	2004	2006	2008	2010	Part %
Japão	209.454	200.608	507.343	430.340	21,3
Holanda	103.337	160.639	228.337	264.343	13,1
Arábia Saudita	69.636	69.261	88.234	118.933	5,9
Hong Kong	39.633	56.007	143.192	116.993	5,8
Rússia	46.240	90.724	115.284	75.528	3,7
África do Sul	32.181	54.855	53.805	74.254	3,7
Cingapura	46.060	50.911	77.052	73.497	3,6
China	9.458	2.843	-	56.603	2,8
Emirados Árabes	16.812	20.672	56.741	55.186	2,7
Reino Unido	43.069	43.750	70.185	40.890	2,0
Kuwait	11.014	14.354	30.579	33.964	1,7
Espanha	17.254	18.637	32.399	29.510	1,5
Alemanha	69.846	34.534	54.054	20.456	1,0
Subtotal	713.994	817.795	1.457.205	1.390.497	68,8
Outros países	130.616	148.635	383.167	629.306	31,2
Total	844.610	966.430	1.840.372	2.019.803	100,0

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Quanto às posições, de 2008 para 2010, a Arábia Saudita passou de quinto para terceiro lugar e a Rússia caiu de quarto para quinto. Os países não identificados (somados como outros) representam 31,2% e são muitos, pois sua participação individual não atinge 1%.

Nos últimos anos, as participações das microrregiões no efetivo total catarinense alteraram-se muito pouco quanto às posições. Joaçaba (21,1%), Chapecó (20,2%), Concórdia (13,4%) e Xanxerê (9,2%) ocupam os primeiros lugares. Estas, mais seis outras microrregiões, somam 88,4% do rebanho avícola catarinense, sobrando para as demais 11,6%. A grande concentração é na Mesorregião Oeste que, além das citadas, inclui também São Miguel do Oeste (5,8%) – Tabela 12.

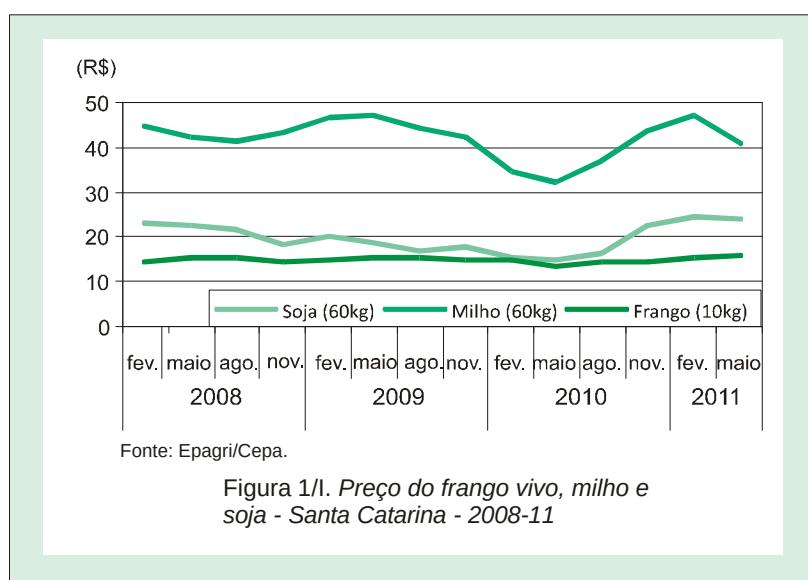
Tabela 12// Efetivo de frango - Santa Catarina - 2005-09

(milhões de cab.)						
Microrregião	2005	2006	2007	2008	2009	Part %
Joaçaba	30,6	31,0	39,1	37,9	37,5	21,1
Chapecó	30,6	31,2	38,0	35,0	35,9	20,2
Concórdia	24,0	20,0	21,4	22,2	23,8	13,4
Xanxerê	15,5	15,6	16,7	16,8	16,4	9,2
São Miguel do Oeste	13,7	13,8	11,7	11,2	11,5	6,5
Araranguá	5,4	6,2	8,2	8,6	10,3	5,8
Florianópolis	3,5	2,1	2,3	8,8	6,2	3,5
Tubarão	4,7	4,9	6,9	5,6	5,6	3,2
Criciúma	5,6	5,5	6,3	6,0	5,5	3,1
Canoinhas	1,9	1,9	3,5	4,0	4,4	2,5
Subtotal	135,6	132,3	154,1	156,1	156,9	88,4
Outras MRG	20,9	19,9	21,1	21,6	20,6	11,6
Santa Catarina	156,5	152,3	175,2	177,7	177,5	100,0

Fonte: IBGE.

Carne de frango

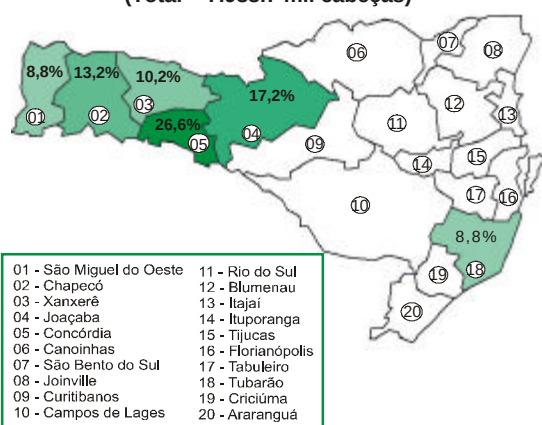
Se for tomado como ponto inicial o mês de fevereiro de 2008 e como final o mês de junho de 2011, verifica-se que o preço do frango cresceu 11,2%, o do milho 5,6% e o da soja caiu 9,1%, mas o traçado da Figura 1 mostra uma grande diferença, pois o frango oscilou de R\$ 1,35/kg até R\$ 1,62/kg, ou seja, 20,0%; o milho variou de R\$ 14,90/saco até R\$ 24,68/saco, ou seja, 63,6%; e a soja de R\$ 31,33/saco a R\$ 47,36/saco, ou seja, 51,2%. Isso se dá porque os preços de milho e soja são realmente de mercado, enquanto os preços do frango, cuja produção é toda integrada em Santa Catarina, são controlados pelas empresas integradoras e cooperativas, que evitam as oscilações bruscas e os valores extremos.



Se for analisada a relação de troca entre milho (insumo mais importante) e frango, constata-se que no início do período são necessários 16,1kg de frango para comprar um saco de milho, no fim do período a relação é 15,3, mas em maio de 2010 a relação foi 11. Há, portanto, uma variação de 46,4% entre as relações extremas.

A produção brasileira no ano de 2010 cresceu 11,1% e a catarinense 6,2%. As previsões são de que a produção brasileira cresça entre 4 e 5% conforme a fonte, o consumo aumente de 3,6% a 5,0% e as exportações de 4 a 5%. Este ano de 2011, tanto a avicultura nacional quanto a estadual estarão evoluindo em ritmo menor. Dois aspectos devem interferir na variação dos preços: a oferta excessiva de carne suína e o comportamento dos preços da carne bovina. Se a carne bovina continuar com preços muito altos, os avicultores se beneficiam de duas formas: mais compradores vão para o frango e o preço se eleva puxado pela da carne bovina.

Efetivo de Suíno por microrregião geográfica de Santa Catarina - 2009
(Total = 7.988,7 mil cabeças)



Fonte: IBGE.

Carne suína

Julio Alberto Rodigheri
Engº. Agrº. Epagri/Cepa
juliorodigheri@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundial

O Brasil foi o quarto produtor mundial de carne suína em 2010 e deverá continuar sendo em 2011. À frente do Brasil estão a China, a União Europeia e os EUA. O Brasil é quinto consumidor, porque, além dos citados, o país é superado pela Rússia. O Brasil também é e continuará sendo o quarto exportador, seguindo os EUA, a UE e o Canadá (Tabela 1).

Tabela 1/I. Carne suína - Maiores países do mercado – 2010-11

(1000 t¹)

País	Produtor		Consumidor		Importador		Exportador	
	2010	2011	2010	2011	2010	2011	2010	2011
China	51.070	52.500	51.097	52.580	355	410	278	330
U E -27	23.000	22.900	21.271	21.175	-	-	1.754	1.750
USA	10.187	10.259	8.653	8.547	-	-	1.917	2.121
Brasil	3.195	3.275	2.577	2.646	-	-	619	630
Rússia	1.920	1.910	2.773	2.764	858	855	-	-
Vietnã	1.870	1.900	1.881	1.905	-	-	13	15
Canadá	1.772	1.745	-	-	183	220	1.159	1.180
Japão	1.291	1.285	2.485	2.497	1.198	1.210	-	-
Filipinas	1.255	1.260	1.358	1.359	-	-	-	-
México	1.165	1.195	1.774	1.805	687	695	78	85
Coreia do Sul	-	-	1.539	1.370	382	600	-	-
Hong Kong	-	-	-	-	347	360	-	-
Austrália	-	-	-	-	183	190	41	42
Ucrânia	-	-	795	879	146	150	-	-
Subtotal	96.725	98.229	96.203	97.527	4339	4690	5859	6153
Outros países	6.498	6.285	6.750	6.865	1.419	1.462	154	160
Total	103.223	104.514	102.953	104.392	5.758	6.152	6.013	6.313

⁽¹⁾ Em equivalente carcaça.

Fonte: Usda - abril/2011.

Segundo o Usda a produção mundial em 2011 deverá crescer 1,3%, o consumo 1,4%, as importações 6,8% e as exportações 5%. O desempenho do Brasil ficará acima da média em produção (2,5%), em consumo (2,7%) e nas exportações (5%). Os EUA teriam queda na produção e consumo, mas o maior crescimento nas exportações (10,6%).

Produção e mercado nacional

As matrizes alojadas, que são o melhor indicativo da produção futura, tiveram maior crescimento nos estados do Centro-Oeste: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. Isto é condizente com a

Carne suína

grande produção de milho e soja destes estados e também com as fronteiras agrícolas ainda abertas, o que não acontece no Sul do País. São Paulo teve o pior desempenho e Minas Gerais ficou mais perto do Sul. A participação dos estados do Sul continua muito à frente dos demais: Santa Catarina tem 15,7%, Rio Grande do Sul 12,6% e Paraná 10,3%. Minas Gerais vem em quarto com 8,8% (Tabela 2).

A produção de suínos para abates segue a mesma ordem, mas os números são diferentes e os estados citados como maiores produtores têm nos percentuais de produção números mais expressivos do que no alojamento de matrizes, pois têm melhores índices de produtividade (Tabela 3).

Tabela 2/I. Suínos - Matrizes alojadas - Brasil - 2006-10

(mil cab.)							
Estado	2006	2007	2008	2009	2010 ⁽¹⁾	Var. 10/09	Part. % 10
Rio G. Sul	267	270	296	310	317	2,4	12,6
Santa Catarina	392	389	392	393	394	0,3	15,7
Paraná	239	236	235	256	259	1,4	10,3
São Paulo	115	110	95	92	92	0,0	3,7
Minas Gerais	197	195	210	218	223	2,2	8,8
Mato G. Sul	42	42	43	45	57	25,0	2,2
Mato Grosso	62	63	75	80	107	32,4	4,2
Goiás	62	64	68	73	86	17,8	3,4
Subtotal	1.375	1.370	1.414	1.467	1.534	4,6	61,0
Outros Estados	97	106	111	111	112	0,7	4,5
Total industrial	1.471	1.476	1.526	1.578	1.646	4,3	65,4
Subsistência	820	887	895	870	869	-0,1	34,6
Brasil	2.292	2.362	2.421	2.448	2.515	2,7	100,0

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Abipecs, Sipsr, Sindicatos RS e PR, Embrapa.

Tabela 3/I. Produção de suínos para abate - Brasil - 2006-10

(mil cab.)							
Estado/Ano	2006	2007	2008	2009	2010 ⁽¹⁾	Var. 10/09	Part. % 10
Rio G. Sul	5.609	5.800	6.366	6.749	6.910	2,4	17
Santa Catarina	8.421	8.670	8.422	8.561	8.944	4,5	22
Paraná	5.009	5.084	5.166	5.494	5.698	3,7	14
São Paulo	2.236	2.207	1.909	1.887	1.841	-2,4	4,5
Minas Gerais	4.037	4.193	4.521	4.682	4.784	2,2	11,8
Mato G. Sul	867	867	886	927	1.159	25	2,9
Mato Grosso	1.359	1.417	1.687	1.835	2.429	32,4	6
Goiás	1.403	1.459	1.548	1.668	1.982	18,8	4,9
Subtotal	28.942	29.697	30.505	31.803	33.746	6,1	83,1
Outros estados	1.782	2.108	2.188	2.188	2.188	-	5,4
Total industrial	30.724	31.806	32.693	33.991	35.934	5,7	88,5
Subsistência	5.816	5.036	5.045	4.694	4.686	-0,2	11,5
Brasil	36.540	36.842	37.738	38.684	40.620	5,0	100,0

⁽¹⁾ Estimativa.

Fonte: Abipecs, Sipsr, Sindicatos RS e PR, Embrapa.

Nos estados do Sul, a participação na produção de carne atinge percentuais ainda maiores, o que indica que os animais abatidos nesta região são mais pesados. Isto não acontece com Minas Gerais, que apresenta maior número de animais, mas produção de carne menor (Tabela 4).

O balanço de oferta e demanda de carne suína no Brasil revela que em 2010 houve aumento de produção de 5,5%, queda nas exportações de 10,8%, aumento na disponibilidade interna de 9,4% e aumento de consumo per cápita de 8,1% (1 kg/hab/ano). Isso decorreu dos preços internacionais insatisfatórios, somados aos problemas de câmbio, que tornaram as exportações pouco atra-

Carne suína

Tabela 4/I. Produção de carne suína - Brasil – 2006-10

(mil t)							
Estado	2006	2007	2008	2009	2010 ⁽¹⁾	Var. 10/09	Part. % 10
Rio G. Sul	466	481	528	560	581	3,6	17,6
Santa Catarina	733	754	724	745	778	4,5	23,5
Paraná	431	437	444	473	490	3,7	14,8
São Paulo	170	177	147	145	142	-2,4	4,3
Minas Gerais	315	336	348	370	378	2,2	11,4
Mato G. Sul	69	70	71	78	96	23,5	2,9
Mato Grosso	112	116	140	152	204	34	6,2
Goiás	115	121	127	138	165	19,5	5
Subtotal	2.409	2.492	2.530	2.660	2.833	6,5	85,7
Outros estados	122	151	154	154	154	-	4,7
Total industrial	2.531	2.644	2.684	2.815	2.987	6,1	90,4
Subsistência	412	354	342	318	317	-0,2	9,6
Brasil	2.943	2.998	3.026	3.132	3.304	5,5	100

⁽¹⁾Estimativa.

Fonte: Abipecs, Siprs, Sindicatos do RS e PR, Embrapa.

entes quando comparadas ao mercado interno, o qual havia sido estimulado com campanhas de venda e com o lançamento de cortes menores e bem acondicionados (Tabela 5).

As exportações de carne suína brasileira em valor em 2010 ultrapassaram as de 2009, mas não alcançaram as de 2008. Em volume, ao contrário, 2010 superou 2008 em 2,3%. O valor não foi superado por causa dos preços recebidos: US\$2,79/kg em 2008 e US\$2,47/kg em 2010. Os preços de cinco meses de 2011 são maiores que os de 2009, mas ainda menores que os de 2008 (Tabela 6).

Tabela 5/I. Carne suína - Balanço de oferta e demanda - Brasil - 2006-10

(mil t)					
Variável	2006	2007	2008	2009	2010 ⁽¹⁾
Produção	2.943	2.998	3.026	3.132	3.304
Exportação	531	609	531	610	544
Disponibilidade interna	2.412	2.389	2.495	2.522	2.760
Consumo per capita (kg)	12,912	12,456	12,671	13,149	14,210

⁽¹⁾Estimativa.

Fonte: Abipecs e Embrapa, MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Tabela 6/I. Carne suína - Valor, volume e preço de exportação - Brasil - 2006-11

Variável	2006	2007	2008	2009	2010 ⁽¹⁾	2011 ⁽¹⁾
Valor (US\$/mil)	1.038.507	1.232.555	1.481.508	1.229.756	1.344.484	585.267
Volume (tonelada)	531.385	609.743	531.404	610.379	543.779	215.885
Preço (US\$/kg)	1,95	2,02	2,79	2,01	2,47	2,71

⁽¹⁾Até abril.

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Os maiores importadores do Brasil continuaram em 2010 a ser a Rússia (45,8%), Hong Kong (13,3%) e Ucrânia (7,6%), mas a quarta posição passou a ser ocupada pela Argentina (6,6%), que ultrapassou Cingapura (5,0%). Importante é que não há mais a concentração de 2006: são necessários agora

sete países para somar o percentual que se concentrava na Rússia. Entre os países sul-americanos, além da Argentina, cresceram as importações do Uruguai e da Venezuela (Tabela 7).

Entre outras características diversificadas, os estados exportam por preços diferentes (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul vendem por preços maiores que os estados do Sul) e Santa Catarina vende mais cortes e miúdos do que o Rio Grande do Sul, que tem o maior total (Tabela 8).

Carne suína

Tabela 7/I. Carne suína - Destinos das exportações - Brasil - 2006-10

(milhão US\$)

País	2006	2007	2008	2009	2010	2010/09	Part % 2010
Rússia	622,2	667,5	741,5	566,8	615,9	8,7	45,8
Hong Kong	95,9	169,1	236,1	225,1	178,9	-20,5	13,3
Ucrânia	75,2	93,9	135,8	106,6	102,7	-3,7	7,6
Argentina	35,0	55,0	67,9	61,2	89,4	46,1	6,6
Cingapura	54,4	68,9	63,9	69,6	66,6	-4,4	5,0
Angola	11,4	22,1	42,3	52,8	41,1	-22,1	3,1
Uruguai	14,2	19,4	26,1	24,9	30,8	23,5	2,3
Cazaquistão	8,7	11,0	9,1	10,8	15,9	47,2	1,2
Venezuela	0,0	6,6	10,2	8,8	14,8	68,1	1,1
Moldavia	41,8	21,8	49,2	15,9	13,6	-14,7	1,0
Subtotal	958,7	1.135,2	1.382,2	1.142,6	1.169,7	2,4	87,0
Outros países	79,8	97,3	99,3	87,1	174,8	100,6	13,0
Total	1.038,5	1.232,6	1.481,5	1.229,8	1.344,5	9,3	100,0

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Tabela 8/I. Carne suína - Exportação por estado e tipo de produto - Brasil - 2010

Estado	Total			Congelados	Carcaças	Pedaços	Miúdos
	Volume (t)	Valor (mil US\$)	Preço (US\$/t)	(mil US\$)			
Minas Gerais	33.979	80.377	2.365	75.178	0	182	5.016
Rio de Janeiro	3	16	5.333	16	0	0	0
São Paulo	651	934	1.435	144	0	0	789
Paraná	54.246	126.438	2.331	99.789	14.660	1.229	10.759
Santa Catarina	133.863	315.160	2.354	269.559	12.624	15.376	17.600
Rio G.do Sul	201.655	536.430	2.660	459.098	52.072	8.743	16.517
Mato Grosso	26.331	73.376	2.787	67.258	2.371	307	3.440
Goiás	45.919	107.752	2.347	84.343	19.031	0	4.378
Mato G. do Sul	16.794	45.651	2.718	44.122	455	21	1.052
Subtotal	513.441	1.286.133	2.505	1.099.508	101.214	25.859	59.552
Outros	30.338	58.351	1.923	58.351	0	0	0
Total	543.779	1.344.484	2.470	1.157.859	101.214	25.859	59.552

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Produção e mercado estadual

O Estado de Santa Catarina é há muito tempo o maior produtor de carne suína e também o maior exportador (até a crise com a Rússia em 2006). A produção catarinense tem participado menos na produção nacional, caindo de 26% em 2006 para 25% em 2010, principalmente por causa do crescimento dos estados do Centro-Oeste, mas a queda na participação das exportações foi maior: reduziu-se de 35,2% para 26,8% no mesmo período devido à suspensão das importações da Rússia em 2006 e à diminuição destas nos anos mais recentes. Além do crescimento do Rio Grande do Sul, neste período Paraná, Goiás e Minas Gerais tornaram-se importantes nas exportações (Tabela 8 e 9)

A participação de Santa Catarina melhorou sensivelmente no ano de 2011. Em termos de valor, alcançou 32,1% nos primeiros cinco meses, sendo que em 2010 era de 25,1% e em 2006, 30% (Tabela 10).

Carne suína

Tabela 9/I. Carne suína - Produção total e exportação - Brasil e Santa Catarina - 2006-10

Ano	Brasil		Santa Catarina		SC/BR (%)	
	Produção	Exportação	Produção	Exportação	Produção	Exportação
2006	2.943	531	764	187	26,0	35,2
2007	2.998	610	773	189	25,8	31,0
2008	3.026	531	784	170	25,9	32,0
2009	3.132	610	804	173	25,7	28,4
2010	3.304	544	825	146	25,0	26,8

Fonte: Abipecs e MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Tabela 10/I. Carne Suína - Valor das exportações - BR e SC - 2006-11

Ano	Brasil	Santa Catarina	SC/BR (%)
	(US\$ milhões)	(US\$ milhões)	(US\$ milhões)
2006	1.038,5	311,3	30,0
2007	1.232,5	331,0	26,9
2008	1.481,5	430,8	29,1
2009	1.229,7	330,9	26,9
2010	1.344,5	337,9	25,1
2011 ^(*)	585,3	187,8	32,1

(*)Até maio.

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

O balanço de oferta e demanda de carne suína em Santa Catarina, em 2010, revela que o Estado acompanhou, quanto à demanda, o comportamento nacional, só que não com a mesma intensidade, pois o patamar de consumo de Santa Catarina situa-se dez quilos acima do brasileiro, o que é compensado com um consumo menor de carne bovina, na qual a produção do Estado é deficitária. Como a produção foi menor, mas as exportações também, a oferta para outros estados praticamente se manteve (Tabela 11).

Tabela 11/I. Carne suína - Oferta e demanda - Santa Catarina - 2006-10

Situação	(mil t)				
	2006	2007	2008	2009	2010
Produção industrial	733	754	724	752	730
Exportação	187	189	170	173	146
Venda nacional	442	448	415	437	435
Disponib. estadual	134	136	139	142	149
Kg/hab/ano	22,945	23,169	23,500	24,000	24,500

Fonte: Abipecs, MDIC/Secex/Sistema Aliceweb e Epagri/Cepa.

O destino das exportações catarinenses tem a mesma lista que o Brasil nas primeiras colocações, sendo a ordem um pouco diferente: Ucrânia, Hong Kong, Rússia, Cingapura e Argentina. Uruguai faz parte da relação na qual se inclui, estranhamente, os Emirados Árabes. É que, apesar dos muçulmanos não consumirem carne suína, ela é vendida no país para pessoas de outras religiões (Tabela 12).

Tabela 12/I. Carne suína - Destino das exportações catarinenses - 2006-10

País	2006		2007		2008		2009		2010	
	Valor	Part. %	Valor	Part. %	Valor	Part. %	Valor	Part. %	Valor	Part. %
Rússia	72.885	23,4	29.417	8,9	35.140	8,2	36.819	11,1	58.469	17,3
Ucrânia	73.402	23,6	87.678	26,5	106.427	24,7	64.991	19,6	63.460	18,8
Hong Kong	23.146	7,4	41.824	12,6	61.001	14,2	71.593	21,6	59.337	17,6
Cingapura	26.324	8,5	36.113	10,9	39.802	9,2	39.676	12,0	37.461	11,1
Argentina	26.959	8,7	43.567	13,2	35.835	8,3	39.323	11,9	38.230	11,3
Moldávia	36.028	11,6	20.666	6,2	38.863	9,0	6.757	2,0	4.643	1,4
Uruguai	10.549	3,4	15.931	4,8	15.471	3,6	12.424	3,8	13.209	3,9
Emir. Árabes	6.585	2,1	9.445	2,9	11.646	2,7	8.599	2,6	8.591	2,5
Angola	3.690	1,2	8.170	2,5	16.280	3,8	21.937	6,6	19.066	5,6
Subtotal	279.568	89,8	292.811	88,5	360.465	83,7	302.119	91,3	302.466	89,5
Outros países	31.749	10,2	38.174	11,5	70.341	16,3	28.803	8,7	35.425	10,5
Total	311.317	100,0	330.985	100	430.806	100,0	330.922	100,0	337.891	100,0

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Carne suína

Em 2010, as exportações de Santa Catarina, apesar de terem crescido em relação a 2009, não chegaram aos níveis de 2008, nem em volume, nem em preço e, por consequência, nem em valor. Contudo, até maio de 2011, o desempenho é superior ao de 2008 quanto ao preço (US\$2,61/kg contra US\$2,53/kg), sendo o volume no mesmo período superior ao de 2010, o que cria algumas perspectivas (Tabela 13).

Tabela 13/I. Carne suína - Valor, volume e preços de exportação - Santa Catarina - 2006-11

Discriminação	2006	2007	2008	2009	2010	2011 ^(*)
Valor (US\$ mil)	311.317	330.985	430.806	330.992	337.891	187.831
Volume (t)	187.382	189.376	170.250	173.512	145.790	72.003
US\$/kg	1,66	1,75	2,53	1,91	2,32	2,61

(*)Até maio.

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

O rebanho suíno catarinense cresceu de 2000 para 2009 56,8%. Acima dessa média, cresceram as microrregiões de Xanxerê, Concórdia, Canoinhas, Curitibanos e Rio do Sul. Em tempos mais recentes, de 2005 para 2009, o crescimento do estado foi de 26,6% e, acima desta média, ficaram Concórdia, Canoinhas, Curitibanos, Rio do Sul, Ituporanga e Tubarão.

Com esses crescimentos diferenciados, em 2009, as microrregiões mais importantes foram: Concórdia (26,6%), Joaçaba (17,2%), Chapecó (13,2%), Xanxerê (10,2%), Tubarão (8,84%) e São Miguel do Oeste (8,80%) – Tabela 14.

Tabela 14/I. Suínos - Efetivo por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2005-09

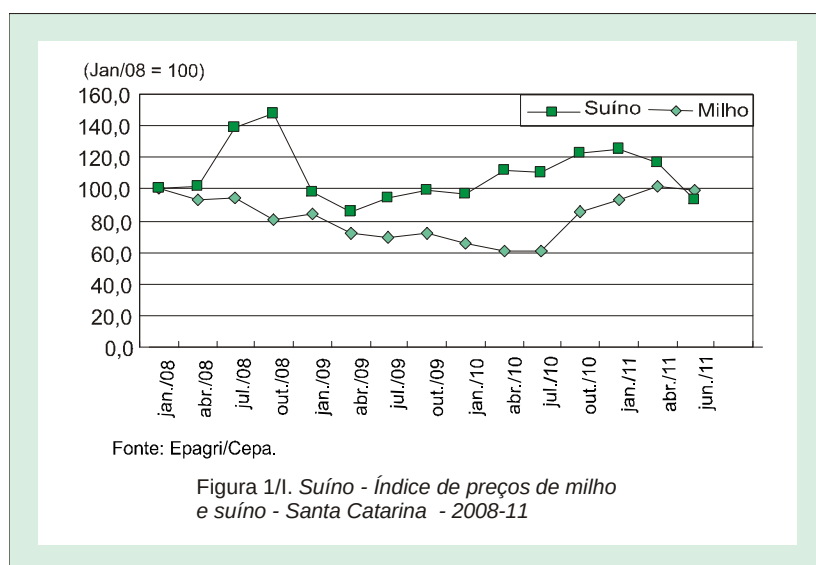
Microrregião	2005	2006	2007	2008	2009	2009/05%	2009/00%
Brasil	34.064	35.174	35.945	36.819	38.045	11,7	20,5
Santa Catarina	6.309	7.159	7.156	7.846	7.989	26,6	56,8
São Miguel do Oeste	595	591	706	744	703	18,2	38,6
Chapecó	937	955	1.041	1.060	1.052	12,2	46,8
Xanxerê	646	697	727	841	813	25,8	80,1
Joaçaba	1.130	1.150	1.047	1.133	1.372	21,4	51,8
Concórdia	1.560	2.099	1.979	2.174	2.129	36,4	75,9
Canoinhas	196	197	235	299	315	60,5	144,0
Curitibanos	84	84	161	185	209	148,6	169,5
Rio do Sul	204	283	343	349	364	78,1	184,3
Ituporanga	61	68	67	73	86	41,3	38,5
Tubarão	542	680	571	717	707	30,4	33,2
Subtotal	5.955	6.804	6.876	7.576	7.749	30,1	
Outras MRG	354	355	280	271	240	-32,2	

Fonte: IBGE.

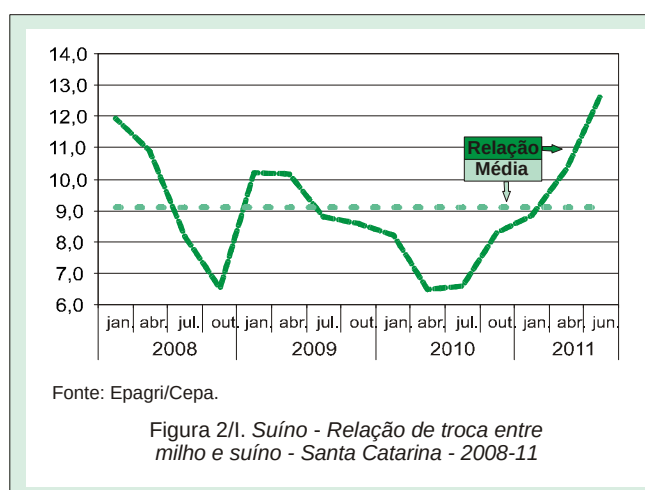
Os preços recebidos pelos produtores pelo suíno vivo e pelo milho têm tido oscilações muito diferenciadas nos últimos anos. Se for considerado o período que vai de janeiro de 2008 a abril de 2011, verifica-se que os preços ora se aproximam e ora se afastam. O índice da Figura 1, que considera os dois iguais em jan/2008 (índice 100), mostra o maior afastamento em outubro de 2008 (milho a R\$19,89/saco e suíno a R\$3,05/kg), uma maior proximidade em janeiro de 2009 (R\$20,70/saco para o milho e R\$2,03/kg para o suíno) e aí se afastam com o suíno crescendo mais que o milho em abril/10 (R\$15,00/saco para o milho e R\$ 2,32/kg para o suíno). A nova aproximação acon-

Carne suína

teceu recentemente em maio/2011 com o milho a R\$24,21/saco e o suíno a R\$2,36/kg. Em junho/2011 o crescimento do suíno, que sempre esteve acima do milho, se tornou menor com os preços de R\$24,36/saco de milho e de R\$1,92/kg de suíno, isto na média mensal, pois ao findar junho o preço do suíno era de R\$1,80/kg.



A situação da relação de troca entre suíno e milho fica mais clara quando se considera quantos quilos de suíno vivo são necessários para comprar um saco de 60kg de milho. A média do período considerado (jan/08-jun/11) foi de 9,1kg de suíno para um saco de milho, mas no momento inicial era de 11,9kg; os dois pontos em que a relação de troca foi mais favorável aos suinocultores foram outubro de 2008 e abril de 2010 com 6,5kg. A crise instalou-se a partir de abril, quando a relação chegou a 10,4kg, e está pior agora, na média de junho, 12,7 kg (Figura 2), sendo que, nos últimos dias de junho, eram necessários 13,3kg de suíno para comprar um saco de milho.



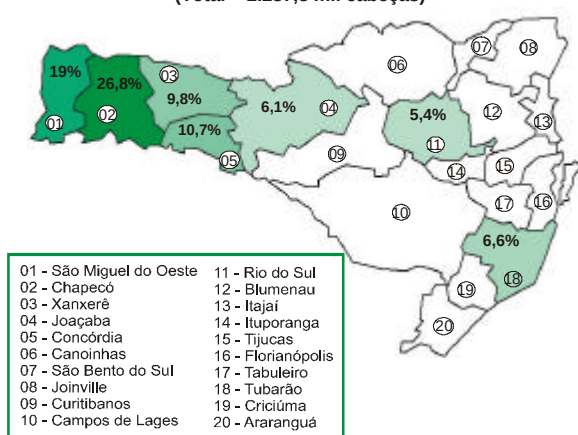
Carne suína

Esta situação parece sem solução pelos níveis de mercado: exportações pouco estimulantes agravadas pelo câmbio; crescimento da demanda interna muito lenta; problemas com as importações de Rússia e Ucrânia. Assim há produto estocado nos frigoríficos em quantidades acima do normal e animais nas pocilgas passando do tempo de abate. O mercado está muito bom para o milho e, por consequência, os preços estão altos, com estoques internacionais pequenos, EUA gastando 130 milhões de toneladas por ano (equivalente à soma de toda a soja e milho do Brasil) na produção de etanol, produção brasileira estável e catarinense baixando, ainda que pouco, e déficit catarinense aumentando.

Por isso tudo, os suinocultores catarinenses e gaúchos, cujos estados têm déficit de produção de milho, estão em campanha para buscar apoio do governo federal e dos estaduais. A Conab trará no decorrer de julho milho para o Estado para suprir os produtores, mas as quantidades prometidas por enquanto são pequenas. Há problemas de armazenagem no Estado até para receber o milho providenciado pela Conab, como há problemas de custos para trazer milho do Centro-Oeste, tendo em vista as históricas deficiências da infraestrutura brasileiras: rodovias em mau estado, ferrovias inexistentes, portos mal-equipados, entre outros problemas. As soluções não são fáceis e nem rápidas. Tanto que, ao findar este trabalho (fim de junho/2011), as iniciativas tomadas pelas autoridades se revelavam paliativas.



Produção de origem animal - Leite por microrregião geográfica de Santa Catarina - 2009 - (Total = 2.237,8 mil cabeças)



Fonte: IBGE.

Leite

Francisco Carlos Heiden
Téc. Agric. e Sociólogo-Epagri/Cepa
heiden@epagri.sc.gov.br

Produção e mercado mundial

De acordo com os dados da FAO relativas a junho de 2011, estima-se que nos últimos quatro anos, a produção mundial de leite de vaca, búfala, cabra, ovelha e camela cresceu, em média, 1,7% ao ano, apresentando crescimento menor nos países desenvolvidos e maior nos países em desenvolvimento, respectivamente, 0,7% e 2,8% ao ano.

Em 2010, a produção mundial de leite é estimada em 710 milhões de toneladas, apresentando um incremento de 2,8% sobre a produção média obtida nos três anos anteriores. Para 2011, a projeção da FAO aponta para uma produção de 723,8 milhões de toneladas, 1,9% maior que a produção de 2010 (Tabela 1).

Entre os grandes produtores, os maiores aumentos da produção ocorreram na China 9,1%, Brasil 8,0%, Índia 6,5% e Nova Zelândia 5,6%. As maiores quedas na produção, por sua vez, se deram no Paquistão -5,1%, na Ucrânia -5,0%, Austrália -4,2% e na Federação Russa -2,2%. O Brasil ocupa a sétima posição no ranking mundial. Em 2010, segundo a FAO, a produção brasileira foi de 29,8 milhões de toneladas, o equivalente a 4,2% da produção mundial. Para 2011, a expectativa é de um aumento da produção ao redor de 3,0% sobre o volume produzido em 2010.

O comércio mundial está em expansão. Em 2010, foram comercializados 46 milhões de toneladas em equivalente leite, aproximadamente 9% acima da quantidade média comercializada no período de 2007 a 2009. Em 2011, o prognóstico da FAO é de que sejam comercializados 48,3 milhões de toneladas, em torno de 5% acima do que foi comercializado em 2010.

As exportações mundiais estão concentradas nos países a União Europeia e na Nova Zelândia que, em 2010, exportaram 25,5 milhões de toneladas em equivalente leite, 55,4% do comércio mundial de lácteos. O volume de lácteos dos países tradicionais e exportadores continua aumentando. Em 2010, a União Europeia, os Estados Unidos e a Nova Zelândia aumentaram as exportações, respectivamente, 19,6%, 17,1% e 13,9%, em relação à média dos últimos três anos. A Argentina, com um volume comercializado menos expressivo no mercado mundial, teve um aumento de 21,4% acima da média do período de 2007-09. Para o Brasil, as exportações argentinas têm maior importância, porque grande parte da exportação de lácteos daquele país é absorvida pelo mercado brasileiro. Para 2011, a expectativa é de que o crescimento das exportações, nos países citados, continue firme.

Leite

Ao contrário do que ocorrem com as exportações, poucos países importam grande quantidade de lácteos e a maior parte dos importadores são países em desenvolvimento, que compram o equivalente a aproximadamente 80% do comércio mundial. Os principais importadores são China, Federação Russa, México, Japão e Egito. Juntos, estes países compraram, em 2010, em torno de um quarto do que foi importado (Tabela 1).

Tabela 1/I. Leite - Produção mundial, importação e exportação, segundo os principais blocos econômicos ou países produtores - 2010-11

(milhões de toneladas)

País	Produção			Importação			Exportação		
	Média 2007-09	2010	2011	Média 2007-09	2010	2011	Média 2007-09	2010	2011
União Europeia	153,5	154,9	156,4	1,3	1,0	1,0	9,7	11,6	12,4
Índia ⁽¹⁾	107,4	114,4	119,4	0,1	0,4	0,3	0,5	0,2	0,3
EUA	85,4	87,5	88,6	1,7	1,0	1,0	3,5	4,1	4,3
China	39,8	43,4	45,6	2,4	4,6	5,4	0,5	0,1	0,1
Federação Russa	32,4	31,7	31,1	2,2	2,7	2,8	0,2	0,2	0,2
Paquistão	33,3	31,6	32,0	0,2	0,3	0,3	0,0	0,0	0,0
Brasil	27,6	29,8	30,7	0,4	0,6	0,6	0,5	0,2	0,2
Nova Zelândia ⁽²⁾	16,1	17,0	17,2	0,1	0,1	0,1	12,2	13,9	14,4
Turquia	12,4	12,2	12,2	0,2	0,3	0,4	0,1	0,1	0,2
Ucrânia	11,9	11,3	10,9	0,1	0,1	0,1	0,8	0,6	0,7
México	10,8	11,2	11,3	2,2	2,0	2,2	0,1	0,1	0,1
Argentina	10,2	10,5	11,1	0,0	0,1	0,1	1,4	1,7	1,9
Austrália ⁽³⁾	9,4	9,0	9,1	0,5	0,6	0,6	3,5	3,1	3,2
Canadá	8,3	8,4	8,4	0,4	0,3	0,4	0,2	0,1	0,1
Irã	7,7	8,0	8,1	0,5	0,6	0,6	0,0	0,1	0,1
Japão	8,0	7,8	7,7	1,4	1,3	1,3	0,0	0,0	0,0
Sudão	7,4	7,5	7,5	0,3	0,3	0,3	0,0	0,0	0,0
Colômbia	7,2	7,4	7,4	0,0	0,0	0,0	1,0	0,0	0,0
Belarus	6,2	6,6	6,9	0,0	0,0	0,0	1,9	2,4	2,6
Egito	5,9	6,0	6,0	8,0	1,2	1,3	0,5	0,6	0,6
Outros países	89,7	93,8	96,2	20,1	28,4	29,4	5,6	6,9	6,9
Mundo	690,6	710,0	723,8	42,1	45,9	48,2	42,2	46,0	48,3
Países em desenvolvimento	327,2	342,3	353,1	32,7	36,7	38,7	9,5	9,0	9,5
Países desenvolvidos	363,4	367,7	370,7	9,5	9,2	9,5	32,7	37,0	38,8

⁽¹⁾Campanha começa em abril do ano indicado (somente a produção).

⁽²⁾Campanha termina em maio do ano indicado (somente a produção).

⁽³⁾Campanha termina em junho do ano indicado (somente a produção).

Nota: Dados de 2009 são estimativas e de 2010 são prognósticos.

Diferenças no total são provenientes de arredondamentos.

Fonte: FAO (Perspectivas Alimentárias - jun./2011).

Produção e mercado nacional

Em 2009, o Brasil produziu 29,1 bilhões de litros de leite, segundo o IBGE - Produção Pecuária Municipal, com crescimento de 5,5% em relação ao ano anterior. De certa forma, este crescimento surpreendeu positivamente: primeiro, em função da insegurança em se investir na produção gerada pela crise econômica deflagrada no segundo semestre de 2008; depois, pela sobrevalorização do

Leite

real, que reduziu a competitividade dos produtos brasileiros no mercado externo e, por último, pela entrada desregulada de leite do Mercosul.

A produção leiteira no sul do Brasil tem apresentado crescimento constante nos últimos anos, enquanto os estados de Minas Gerais (maior produtor nacional) e São Paulo vêm perdendo importância relativa. Os estados da Bahia e do Paraná tiveram o maior incremento na produção, com 24,1% e 18,1%, respectivamente (Tabela 2).

Nos últimos dez anos, o número de vacas ordenhadas no Brasil cresceu 25,4% e a produção de leite cresceu 47,2%. Entre os estados que mais produzem leite, Santa Catarina foi o que teve maior crescimento no número de vacas ordenhadas (61,9%) e maior aumento da produção (123,1%), seguido pelo Paraná e Rio Grande do Sul com aumento de produção de 85,6% e 61,8%, respectivamente.

A produtividade média deve ser utilizada com reserva, porque não se leva em conta a aptidão dos animais. No entanto, a evolução desta estatística mostra claramente que há ganhos de produtividade nos últimos anos, principalmente, na Região Sul, onde a especialização da atividade leiteira é mais expressiva. A produtividade média brasileira, em 2009, foi de 1.297 litros de leite/vaca/ano, 17,4% acima da produtividade obtida em 2000 (Tabela 3).

Tabela 2/I. Leite - Produção no Brasil e nos principais estados produtores - 2005-09

(milhões de litros)

Abrangência geográfica	2005	2006	2007	2008	2009
Brasil	24.620,86	25.398,22	26.137,27	27.585,35	29.105,50
Minas Gerais	6.908,68	7.094,11	7.275,24	7.657,31	7.931,12
Rio Grande do Sul	2.467,63	2.625,13	2.943,68	3.314,57	3.400,18
Paraná	2.568,25	2.703,58	2.700,99	2.827,93	3.339,31
Goiás	2.648,60	2.613,62	2.638,57	2.873,54	3.003,18
Santa Catarina	1.555,62	1.709,81	1.865,57	2.125,86	2.237,80
São Paulo	1.744,18	1.744,01	1.627,42	1.588,94	1.583,88
Bahia	890,19	905,75	965,80	952,41	1.182,02
Rondônia	692,41	637,36	708,35	723,11	746,87
Pernambuco	526,52	630,35	662,08	725,79	788,25
Mato Grosso	596,38	583,85	644,21	656,56	680,59
Pará	697,02	691,10	643,19	599,54	596,76
Mato Grosso do Sul	498,67	490,28	490,07	496,05	502,49
Outros estados	2.826,71	2.969,27	2.972,10	3.043,75	3.113,06

Fonte: IBGE.

Tabela 3/I. Leite - Número de vacas ordenhadas, produção e rendimento médio de leite, segundo os principais estados produtores - 2000, 2005 e 2009

Brasil e Unidade da Federação	2000			2005			2009		
	Nº Vacas ordenhadas Cabeça	Produção Mil litros	Rend. médio l/vaca/ano	Nº Vacas ordenhadas Cabeça	Produção Mil litros	Rend. médio l/vaca/ano	Nº Vacas ordenhadas Cabeça	Produção Mil litros	Rend. médio l/vaca/ano
Brasil	17.885.019	19.767.206	1.105	20.625.925	24.620.859	1.194	22.435.289	29.105.495	1.297
Minas Gerais	4.414.779	5.865.486	1.329	4.659.245	6.908.683	1.483	5.278.769	7.931.115	1.502
Rio Grande do Sul	1.164.912	2.102.018	1.804	1.203.601	2.467.630	2.050	1.456.721	3.400.179	2.334
Paraná	1.155.072	1.799.240	1.558	1.361.756	2.568.251	1.886	1.489.241	3.339.306	2.242
Goiás	2.006.038	2.193.799	1.094	2.334.558	2.648.599	1.135	2.441.165	3.003.182	1.230
Santa Catarina	576.656	1.003.098	1.740	722.230	1.555.622	2.154	933.643	2.237.800	2.397
São Paulo	1.790.550	1.861.425	1.040	1.636.929	1.744.179	1.066	1.426.860	1.583.882	1.110
Bahia	1.508.904	724.897	480	1.637.670	890.187	544	2.130.735	1.182.019	555
Outros estados	5.268.108	4.217.243	801	7.069.936	5.837.708	826	7.278.155	6.428.012	883

Fonte: IBGE.

Leite

Em 2010, a quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas chegou próximo de 21 bilhões de litros, segundo a Pesquisa Trimestral do Leite do IBGE, com aumento de 7,0% em relação ao ano anterior (Tabela 4).

Tabela 4/I. Leite - Quantidade adquirida pelas indústrias e nos principais estados produtores - Brasil - 2005-10

(milhões de litros)						
Brasil e Unidade da Federação	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Brasil	16.284,27	16.669,74	17.888,64	19.285,08	19.601,66	20.975,50
Minas Gerais	4.700,93	4.694,92	5.027,32	5.339,42	5.242,96	5.605,83
Rio Grande do Sul	1.979,47	2.252,50	2.512,73	2.785,99	2.762,43	2.977,98
Paraná	1.375,68	1.409,56	1.473,89	1.751,84	1.966,26	2.350,27
São Paulo	2.299,86	2.113,71	2.226,38	2.294,28	2.113,82	2.316,08
Goiás	2.036,94	2.166,57	2.164,50	2.301,85	2.415,03	2.303,95
Santa Catarina	817,05	976,46	1.086,46	1.289,19	1.389,85	1.580,27
Outros estados	3.074,35	3.056,03	3.397,36	3.522,51	3.711,31	3.841,14

Fonte: IBGE.

Considerando a participação do volume entregue à indústria, em relação à produção total de leite, a Epagri/Cepa estima que em 2010 a produção brasileira de leite se situe ao redor de 30,7 bilhões de litros.

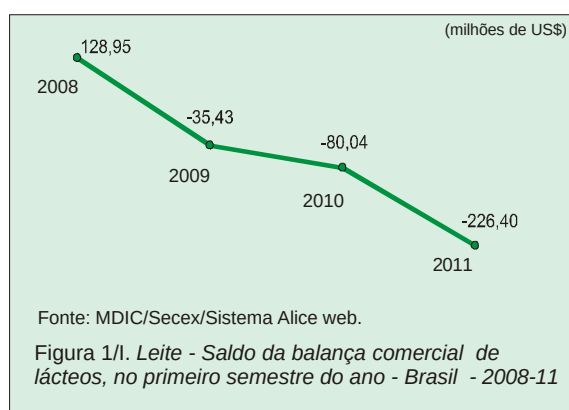
Em 2010, as exportações brasileiras de lácteos decresceram 11% em relação a 2009, o que representa praticamente um quarto do valor recorde alcançado em 2008. Por outro lado, as importações crescentes fizeram a balança comercial despencar para um patamar próximo ao de 2002 (Tabela 5).

Tabela 5/I. Leite e derivados - Importações e exportações brasileiras - 2002-10

(milhões US\$)			
Ano	Importações	Exportações	Saldo
2002	247,56	40,32	-207,24
2003	112,29	48,53	-63,76
2004	83,92	95,43	11,50
2005	121,19	130,13	8,93
2006	154,69	138,53	-16,15
2007	150,83	273,29	122,45
2008	211,59	509,27	297,67
2009	261,89	147,79	-114,09
2010	326,95	131,65	-195,31

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Para 2011, as exportações se mantêm em níveis muito baixos e as importações, ao contrário, se mantêm firmes. As importações realizadas no primeiro semestre de 2011 foram 87,4% superiores ao igual período de 2010. Como resultado, a balança comercial acumula um déficit superior a 226 milhões de dólares (Figura 1). Tal situação se deve à perda de competitividade do produto brasileiro no mercado internacional, em



Leite

grande parte provocada pela sobrevalorização do real que, por um lado, reduziu a exportação e, por outro, favoreceu a importação.

Produção e mercado estadual

Santa Catarina é o quinto produtor brasileiro de leite. Responsável por 7,7% da produção, o Estado continua ganhando espaço no cenário nacional. No período de 2005 a 2009, a produção catarinense cresceu, em média, 9,5% ao ano, mais que o dobro do crescimento médio da produção brasileira. No entanto, em 2009, o crescimento da produção estadual foi mais ameno, apresentando variação levemente abaixo do índice nacional (Tabela 2). As microrregiões que mais contribuíram para o crescimento da produção estadual, em 2009, foram a de Campos de Lages (38,1%), Joinville (23,8%), Tijucas (14,0%), Concórdia (13,5%) e São Miguel do Oeste (11,8%). As microrregiões de Rio do Sul, Blumenau e São Bento do Sul apresentaram queda na produção (Tabela 6).

Tabela 6/I. Leite - Produção nas meso e microrregiões geográficas - Santa Catarina - 2005-09

Abrangência	Anos				
	2005	2006	2007	2008	2009
Santa Catarina	1.555.622	1.709.812	1.865.568	2.125.856	2.237.800
Oeste Catarinense	1.107.954	1.241.172	1.348.291	1.539.527	1.618.968
São Miguel do Oeste	334.188	365.915	346.846	379.277	424.207
Chapecó	354.900	405.082	502.768	606.795	598.977
Xanxerê	135.419	154.380	191.258	212.335	218.396
Joaçaba	114.440	113.142	112.344	129.778	137.578
Concórdia	169.008	202.652	195.074	211.342	239.810
Norte Catarinense	70.149	69.236	65.410	75.830	81.588
Canoinhas	46.320	46.320	47.420	47.565	47.930
São Bento do Sul	5.185	5.218	4.904	5.533	5.527
Joinville	18.643	17.698	13.086	22.732	28.131
Serrana	60.206	59.696	72.086	82.147	100.445
Curitibanos	17.061	17.166	27.057	34.224	34.259
Campos de Lages	43.145	42.530	45.030	47.924	66.186
Vale do Itajaí	171.079	193.745	197.043	204.011	205.580
Rio do Sul	100.291	114.280	113.661	121.721	120.235
Blumenau	30.863	31.730	36.125	31.014	30.742
Itajaí	9.215	8.903	8.622	8.212	8.684
Ituporanga	30.710	38.831	38.635	43.065	45.918
Grande Florianópolis	49.501	43.675	46.588	49.289	52.206
Tijucas	10.655	9.754	13.213	13.533	15.427
Florianópolis	10.523	10.309	18.640	20.114	20.514
Tabuleiro	28.323	23.612	14.736	15.642	16.265
Sul Catarinense	96.733	102.288	136.150	175.051	179.014
Tubarão	68.266	69.532	114.237	144.364	147.061
Criciúma	19.076	22.345	18.832	26.495	27.635
Araranguá	9.391	10.412	3.081	4.191	4.318

Fonte: IBGE.

Tabela 7/II. Leite - Produção total e volume destinado à indústria - Santa Catarina - 2005-10

Ano	Produção Total ⁽¹⁾	Volume recebido pela indústria ⁽²⁾
2005	1.555.622	817.053
2006	1.709.812	976.463
2007	1.865.568	1.086.463
2008	2.125.856	1.289.194
2009	2.237.800	1.389.848
2010	2.381.130	1.580.193

⁽¹⁾IBGE.

⁽²⁾Fonte IBGE - Pesquisa trimestral do leite.

Nota: A produção total de 2010 é preliminar.

Leite

A produção catarinense, em 2009, foi de 2,24 bilhões de litros de leite, apresentando um crescimento de 5,3% em relação à produção de 2008, segundo a Produção Pecuária Municipal do IBGE. Em 2010, a produção total, segundo dado preliminar do IBGE, foi de 2,38 bilhões de litros, com crescimento de 6,4% sobre a produção de 2009.

O crescimento da captação de leite acima do crescimento da produção evidencia a especialização do produtor, tornando a exploração leiteira uma das principais geradoras de renda no meio rural. A taxa média de crescimento anual do volume de leite entregue à indústria inspecionada, no período de 2005 a 2010, foi quase o triplo da taxa média nacional, que foi de 5,2% ao ano. Em 2010, o volume entregue à indústria foi 1,58 bilhões de litros, 13,7% maior que o entregue em 2009 (Tabela 4).

Com base nas estatísticas existentes e, também, no conhecimento factual, estima-se que, em 2010, cerca de 325 milhões de litros de leite produzidos em Santa Catarina foram processados em outros estados. Desconsiderando o leite adquirido nos estados vizinhos, acredita-se que em torno de 80% do leite produzido no Estado seja destinado à indústria inspecionada.

Comportamento dos preços em 2010

Os bons preços alcançados no outono de 2010, pressionados pelo aumento da oferta decorrente das significativas importações de lácteos do Mercosul, tiveram queda já a partir de julho. A partir de novembro, no entanto, os preços reagiram, elevando-se para níveis não esperados pelo mercado. Dessa forma, o preço médio anual mais comum, excluindo-se a inflação, foi o mais alto dos últimos anos, alcançando R\$ 0,66/litro de leite posto na indústria.

O preço de referência do Conseleite/SC, estabelecido de acordo com o poder de pagamento pela matéria-prima a partir dos preços de venda dos lácteos comercializados pelas indústrias, ficou dois centavos abaixo do preço médio levantado pela Epagri/Cepa. O preço médio do leite padrão, corrigido pelo IGP-DI, foi de R\$ 0,64 para o produto posto na plataforma da indústria e com o INSS incluso. O pagamento acima do preço de referência pressupõe que existe uma concorrência acirrada pela obtenção da matéria-prima.

No mercado internacional, os preços médios dos leilões da Fonterra oscilaram a maior parte do ano de 2010 entre US\$3.500,00 e US\$4.000,00 a tonelada de leite em pó integral posta na Nova Zelândia, segundo informações da Global Dairy Trade.

Primeiro semestre de 2011 e perspectivas

No primeiro semestre de 2011, o mercado do leite foi muito concorrido. Os preços médios pagos aos produtores, descontada a inflação, alcançaram os melhores níveis dos últimos anos em Santa Catarina, embora os índices de captação de leite pelas indústrias tenham se mantido elevados no primeiro semestre.

Leite

Com a produção de leite destinado à indústria inspecionada crescendo em torno de 13% nos primeiros meses do ano em relação ao ano anterior, a balança comercial fortemente negativa por causa da importação alta e em ritmo crescente, além do baixo volume da exportação, parece não haver dúvida de que a firmeza do mercado se deve ao substancial aumento do consumo interno de lácteos, proporcionado pela melhoria da renda do brasileiro, especialmente das classes sociais mais baixas.

Após a melhoria das cotações do mercado internacional de leite no início do ano, os preços retornaram para o patamar de US\$ 3.500,00/t de leite em pó integral, em julho de 2011. O preço internacional neste patamar e o preço médio no mercado interno, no primeiro semestre, em torno de R\$0,71/litro, equivalente a US\$0,43/litro, inviabilizam a exportação (Tabela 8). Por outro lado, as importações de lácteos se tornam bastante atrativas e devem continuar firme, pois não há restrição à entrada e leite uruguaio e, até agosto/2011, ainda não se tinha chegado a um acordo com a Argentina para estabelecer cotas de importação de leite para o Brasil.

Além disso, a perspectiva de aumento da oferta mundial de leite e o desenrolar da nova crise mundial, especialmente nos países do oeste europeu e nos EUA, dissemina uma onda de incertezas quanto à demanda mundial. Assim sendo, a menos que o cenário se modifique radicalmente, pensar em exportar passa ser um exercício, com possibilidade de se concretizar somente no longo prazo.

Os grandes investimentos no setor industrial, com a implantação de novas indústrias e a expansão das indústrias existentes, assim como os crescentes investimentos na produção em nível de propriedade, indicam que a atividade apresenta tendência de crescer consideravelmente nos próximos anos.

Apesar de não se saber o limite do mercado interno para absorver a produção de leite que cresce em ritmo constante e acelerado, acredita-se que o produtor catarinense dificilmente receberá em 2011 valores inferiores aos preços médios dos últimos anos.

Tabela 8/I. Leite - Preço médio mensal recebido pelo produtor - Santa Catarina - 2008-11

Mês	R\$/litro ¹ (preço corrigido)				US\$/litro			
	2008	2009	2010	2011	2008	2009	2010	2011
Jan.	0,61	0,61	0,59	0,67	0,28	0,23	0,29	0,39
Fev.	0,61	0,60	0,59	0,66	0,29	0,23	0,29	0,39
Mar.	0,63	0,62	0,64	0,66	0,30	0,23	0,32	0,40
Abr.	0,68	0,64	0,70	0,68	0,34	0,25	0,36	0,43
Mai	0,73	0,65	0,75	0,73	0,37	0,28	0,38	0,45
Jun.	0,74	0,68	0,75	0,77	0,40	0,31	0,38	0,49
Jul.	0,70	0,75	0,72	0,77	0,39	0,34	0,37	0,49
Ago.	0,65	0,76	0,68		0,35	0,36	0,36	
Set.	0,60	0,70	0,63		0,29	0,34	0,34	
Out.	0,54	0,65	0,61		0,22	0,33	0,34	
Nov.	0,53	0,61	0,63		0,21	0,31	0,36	
Dez.	0,54	0,58	0,66		0,20	0,29	0,38	
Média	0,63	0,65	0,66	0,71	0,30	0,29	0,35	0,43

¹Preço corrigido pelo IGP-DI para julho/2011.

O preço médio do mês remunera o leite entregue no mês anterior.

Refere-se ao preço do leite resfriado posto na plataforma da indústria.

Fonte: Epagri/Cepa.

Desempenho da pesca e da aquicultura

Fernando Soares Silveira
Oceanógrafo - Epagri/Cedap
fernando@epagri.sc.gov.br
Fabiano Müller Silva
Eng. Agr. Epagri/Cedap
fabiano@epagri.sc.gov.br

Diferenças entre pesca e aquicultura

Resumidamente, na pesca, o produto é apenas extraído (retirado/capturado) do ambiente e vendido em seguida, o que a caracteriza como atividade “extrativista”, enquanto na aquicultura, primeiro o produto é “plantado” para crescer, e depois, “colhido” para vender, processo chamado de “cultivo”. A atividade da pesca é exercida no mar, nos rios ou lagoas (áreas públicas), enquanto a aquicultura pode utilizar estes mesmos ambientes e mais as propriedades privadas. A Figura 1 apresenta o universo da pesca e da aquicultura. As chaves mostram a divisão entre uma e outra.

O texto desta Síntese contempla aspectos relacionados tanto à pesca quanto à aquicultura. No caso da situação estadual, enfoca as atividades de maior importância no Estado. No que diz respeito à pesca, este trata basicamente da produção pesqueira industrial e, no caso da aquicultura, aborda tanto a produção da piscicultura de água doce quanto da maricultura.

Produção mundial e brasileira da pesca e da aquicultura¹

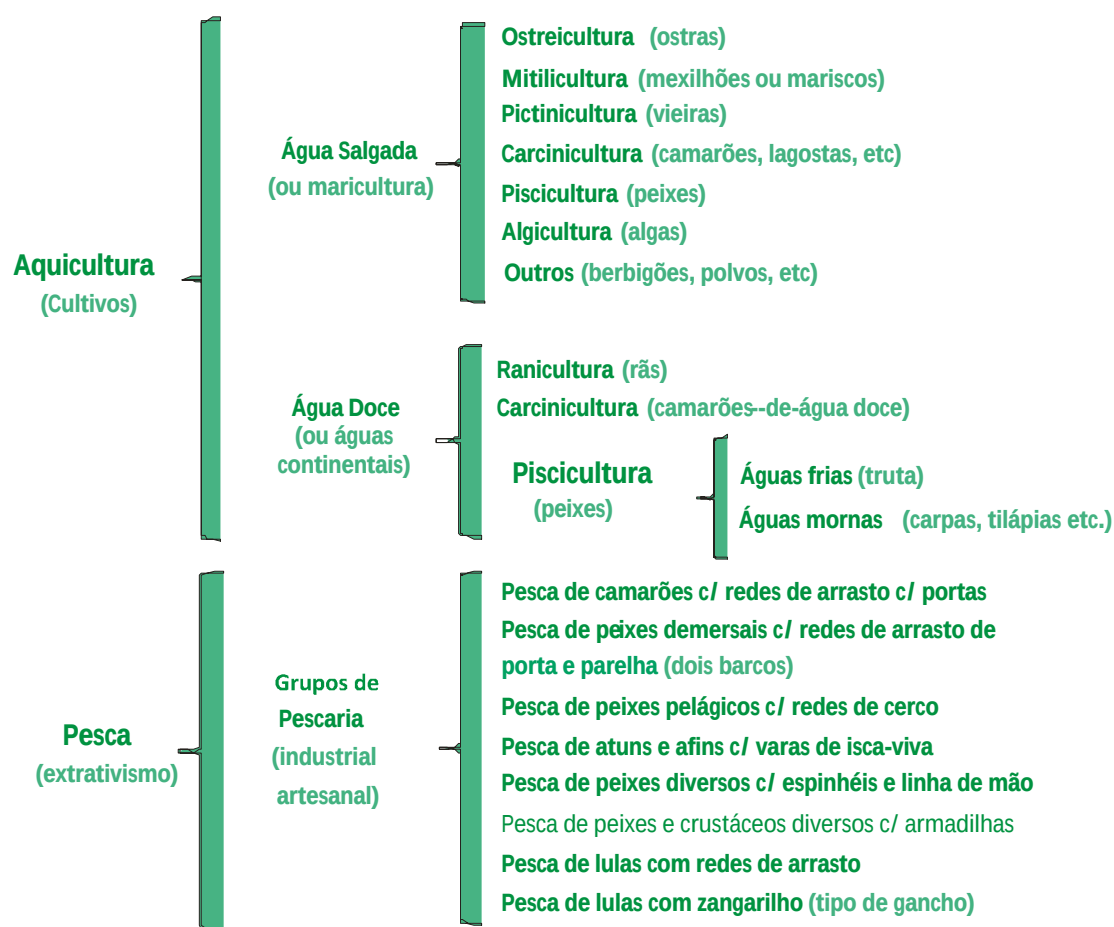
Segundo a FAO, em 2009, a pesca e a aquicultura mundiais produziram 145,1 milhões de toneladas de pescados (peixes, moluscos e crustáceos): a pesca, 90 milhões de toneladas; a aquicultura, 55,1 milhões de toneladas. Do total produzido, 117,8 milhões de toneladas foram para o consumo humano como alimento direto (representando 15,7% da proteína animal consumida mundialmente) e 27,3 milhões para uso não alimentar (rações, adubos, etc). Consideradas a produção para o consumo humano e a população mundial, a disponibilidade é de 17 quilos de pescado por habitante/ano.

A China respondeu por 33,7% dessa produção mundial; da sua produção de 49 milhões de toneladas, 14,9 milhões são oriundas da pesca e 34,1 milhões da aquicultura (63% da aquicultura mundial).

A aquicultura cresce mais rapidamente do que qualquer outro setor da produção de alimentos de origem animal e a um ritmo maior do que o crescimento da população mundial. Com um cresci-

¹ Para informações mais detalhadas, entrar em www.fao.org e buscar “O Estado Mundial da Pesca e da Aquicultura 2010”.

Desempenho da pesca e da aquicultura



Fonte: Epagri/Cedap.

Figura 1/I. Divisão entre a aquicultura e a pesca

mento de 6,5% ao ano (contra 0,45% da pesca), a previsão é que num futuro não muito distante a maior parte do pescado seja oriunda quase que totalmente de cultivos.

O maior crescimento médio da aquicultura se deu na América Latina e no Caribe. Antigamente, países como a França, Japão e Espanha lideravam, mas hoje, países da América do Norte e Europa contribuem com apenas 1,7 e 1,2%, respectivamente, da produção mundial. Mesmo a China, que já teve crescimento expressivo na década de 1980, atualmente apresenta crescimento muito abaixo ao da América Latina e do Caribe.

Desempenho da pesca e da aquicultura

O Brasil figura em 25º lugar na captura mundial de pescados e em 17º lugar na aquicultura mundial (FAO 2010). A produção total do pescado nacional (pesca e aquicultura somados) cresceu 15,8% nos últimos três anos, passando de 1.071 mil toneladas em 2007 para 1.241 mil toneladas em 2009 (MPA 2009).

Pesca extrativa catarinense

Cerca de 40 mil catarinenses estão envolvidos direta e profissionalmente na pesca extrativa, incluindo os ligados à indústria e à pesca artesanal (baixa produção/produktividade em comparação a industrial), estimando-se que 150 mil pessoas sejam beneficiadas indiretamente pela atividade. O produto da pesca artesanal é destinado, principalmente, ao mercado estadual e vizinhos imediatos, enquanto os produtos da pesca industrial chegam a todo território nacional e também a outros países.

Produção pesqueira industrial em Santa Catarina (Univale CTTMar)²

Em 2009, a produção desembarcada da pesca industrial em Santa Catarina foi de 136.189 toneladas, o segundo maior valor registrado nas últimas duas décadas, mas com acréscimo de apenas 1,4% em relação às 134.356 toneladas desembarcadas em 2008.

Os municípios de Itajaí e Navegantes foram responsáveis por 83% do volume desembarcado no Estado, com totais de 73.502 toneladas e 39.603 toneladas, respectivamente. Foram seguidos por Laguna (10,5%), Porto Belo (6,3%) e Florianópolis (menos de 1%). Em comparação com 2008, houve declínio nas produções registradas nos municípios de Itajaí (1,3%), Porto Belo (2,3%) e Florianópolis (32,3%), enquanto Navegantes e Laguna apresentaram incrementos de 0,9% e 23,6%, respectivamente.

Assim como nos anos anteriores, os peixes ósseos predominaram nos desembarques, atingindo 115.509 toneladas (85%), sendo que crustáceos, moluscos, peixes cartilaginosos e indeterminados tiveram participações de 8.065 toneladas (5,92%), 763 t (0,56%), 2.051 toneladas (1,5%) e 9.799 toneladas (7,19%), respectivamente. Em comparação com 2008, a produção pesqueira de 2009 teve acréscimo nos volumes de crustáceos (3,3%) e peixes indeterminados (76,4%), e declínios nos de moluscos (38,6%), peixes cartilaginosos (25,3%) e peixes ósseos (1,3%).

Os totais desembarcados mensalmente oscilaram entre 5.554 toneladas, em janeiro, e 17.530 toneladas, em agosto. Os meses de maio (13.323 t) e junho (14.885 t) também apresentaram volumes elevados, enquanto fevereiro (8.313 t), novembro (8.986 t) e dezembro (7.484 t) mostraram valores mais próximos ao mínimo observado em janeiro.

² Esse item foi extraído da seguinte fonte: UNIVALI/CTTMar, 2010. Boletim estatístico da pesca industrial de Santa Catarina – Ano 2009 e Panorama 2000 - 2009. Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Ciências Tecnológicas da Terra e do Mar, Itajaí, SC. 97 p. (<http://siaiacad04.univali.br>)

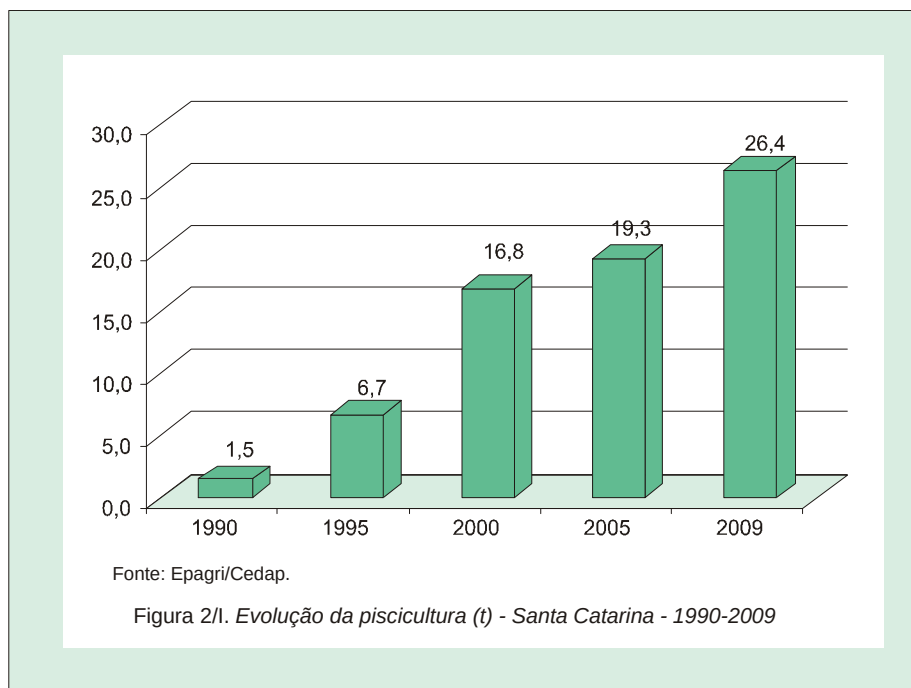
Desempenho da pesca e da aquicultura

Assim como nos últimos anos, a frota de rede de “cerco” apresentou uma produção bastante superior às das outras modalidades de pesca, contribuindo com 38% da produção industrial de Santa Catarina. Em 2009, foram 51.873 toneladas, produção 8,3% menor que as 56.614 toneladas de 2008. Merece destaque também as frotas de arrasto duplo (26.768 t), emalhe de fundo (20.564 t) e vara e isca-viva (17.229 t), com volumes individuais significativos. As outras modalidades de pesca, juntas, foram responsáveis por apenas 14,5% da produção total registrada no período.

Produção da piscicultura catarinense em 2009

Conforme o MPA (Ministério da Pesca e Aquicultura), atual responsável pelos dados estatísticos da pesca e da aquicultura no País, em 2010, os principais produtores de peixes foram o Rio Grande do Sul, São Paulo, Santa Catarina, Ceará, Paraná e Mato Grosso.

A piscicultura catarinense tem crescido significativamente nos últimos anos (Figura 2)³. A maior parte dos cultivos é feita em propriedades familiares, com pequenas áreas inundadas, que, em 2009, somaram 12.487 hectares e resultaram em uma produção de 26.334,7 toneladas de peixes. Considerando uma média de R\$ 3,00 por kg de peixe, são aproximadamente R\$ 79 milhões arrecadados diretamente pelos produtores.



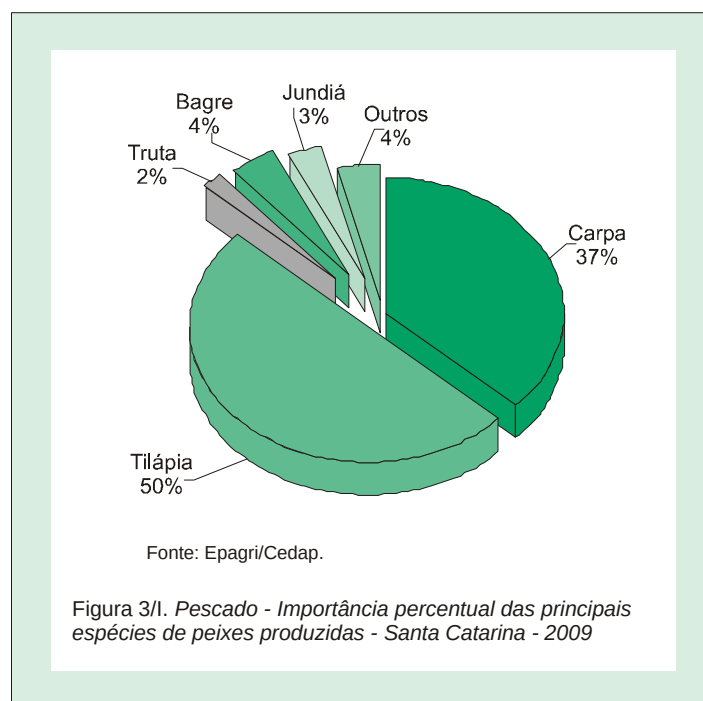
³ Esses dados da Figura 2 são coletados pelos técnicos dos Escritórios Regionais/Locais da Epagri em todo o Estado, e, posteriormente, tabulados pelo Centro de Desenvolvimento em Aquicultura e Pesca (Cedap).

Desempenho da pesca e da aquicultura

A quantidade de produtores envolvidos na produção levantada em 2009 chegou a 23.793. Destes, 21.574 são produtores da chamada piscicultura amadora (que têm vendas eventuais, considerada renda complementar), que produziram 13.626 toneladas de peixes. Os outros 2.219 são produtores da chamada piscicultura comercial ou profissional (vendas regulares e renda sistemática) e que produziram 12.641 toneladas de peixes em 2009.

Importância das espécies⁴

Entre as principais espécies produzidas em Santa Catarina destaca-se a tilápia que, a partir de 2007, tornou-se o principal peixe produzido no Estado, e que tem a cadeia produtiva mais importante devido a sua grande aceitação pelos consumidores. Acredita-se que por muitos anos continuará capitaneando a produção. Outro peixe que vem se destacando e sua produção crescendo ano a ano é o peixe nativo jundiá, com condições de atender a um mercado exigente pelas excelentes qualidades apresentadas (ótimo sabor, baixo nível de gordura, altos índices de ômega 3, carne branca e sem espinhas no filé). O jundiá já desponta como altamente promissor em termos de retorno para o produtor (Figura 3).



⁴ A piscicultura de água doce realizada em Santa Catarina tem a Epagri como responsável oficial pela pesquisa e a extensão. Para obter os dados completos da produção da aquicultura catarinense (2009), entre em www.epagri.sc.gov.br e clique em Aquicultura e Pesca, na segunda barra horizontal superior.

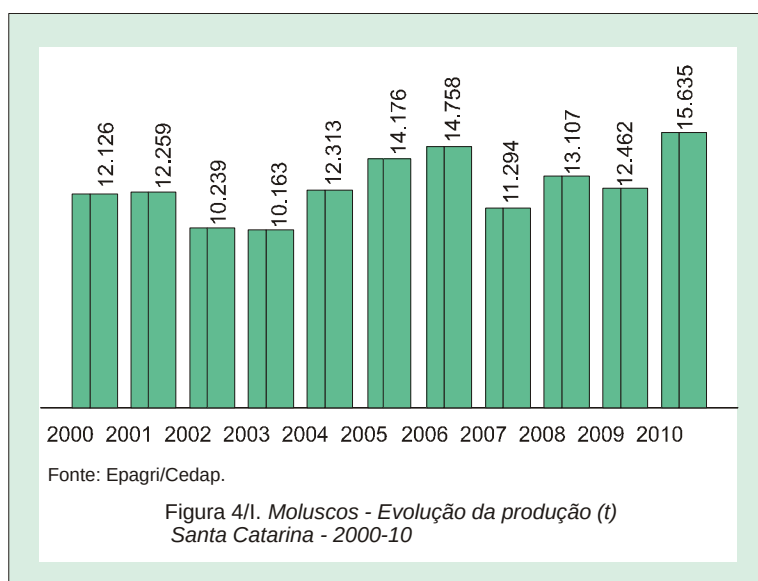
Desempenho da pesca e da aquicultura

Maricultura⁵

Alex Alves dos Santos - Eng.-Agr., Epagri/Cedap: alex@epagri.sc.gov.br
André Luis Tortato Novaes - Eng.-Agr., Epagri/Cedap: novaes@epagri.sc.gov.br
Fabiano Muller Silva - Eng.-Agr., Epagri/Cedap: fabiano@epagri.sc.gov.br
Guilherme Sabino Rupp – Biólogo, Epagri/Cedap: rupp@epagri.sc.gov.br
Robson Ventura de Souza – Médico-Veterinário, Epagri/Cedap: robsonsouza@epagri.sc.gov.br
Sérgio Winckler da Costa - Oceanógrafo, Epagri/Cedap: winckler@epagri.sc.gov.br

Introdução

A produção total de moluscos comercializados em 2010 por Santa Catarina (mexilhões, ostras e vieiras) foi de 15.635 toneladas, a maior já registrada, representando um aumento de 25,5% em relação à de 2009 (Figura 4).



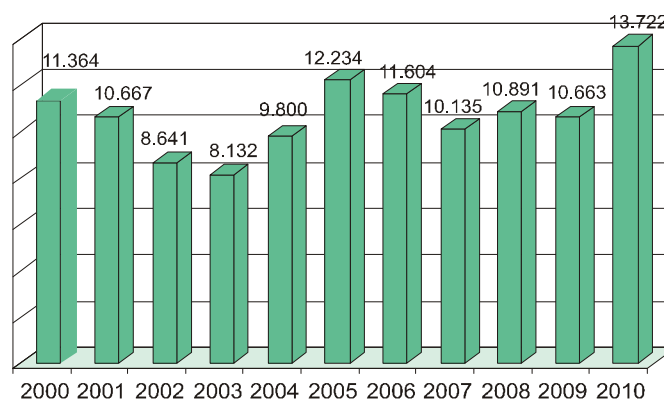
Atuaram diretamente na produção 695 maricultores, representados por 28 associações municipais e uma estadual, duas cooperativas e duas federações, distribuídas em 12 municípios do litoral, situados entre Palhoça e São Francisco do Sul.

⁵ As informações quantitativas apresentadas neste texto foram coletadas pelos extensionistas dos Escritórios Municipais da Epagri, como segue: Palhoça (Osman Gomes Santos Junior e Milton Francisco de Quadros); Florianópolis (Sérgio Stedile); São José (Irineu Antônio Merini); Biguaçu (Marcelino das Neves Teodoro); Governador Celso Ramos (Janaina Patrícia Bannwart); Porto Belo (Romildo Poluceno); Itapema (Wilmar Benjamin Schimitt); Bombinhas (Ricardo Arno da Silva); Balneário Camboriú (José Eduardo Manozzo Barros); Penha (Everton Dellagiustina); Balneário Barra do Sul (José Eduardo Calcinoni); São Francisco do Sul (Luiz Carlos Gomes de Miranda) e Laguna (Joel Gaspar de Souza).

Desempenho da pesca e da aquicultura

Mexilhões

A comercialização de mexilhões (*Perna perna*) na safra 2010 foi de 13.722 toneladas, representando um aumento de 28,7% em relação à safra 2009. Em relação à safra 2005, a maior até então verificada, com produção de 12.234 toneladas, o aumento foi de 12,2% (Figura 5). Mesmo com o aumento da produção, houve redução no número de mitilicultores, passando de 624, em 2009, para 588, em 2010. Dentre os fatores que contribuíram para o aumento da produção, destacam-se: crescente demanda nacional pelo produto; maior disponibilidade de sementes provenientes de coletores artificiais, assentamento remoto e extração de bancos naturais; estabelecimento de uma tabela de preços mínimos já praticados por alguns produtores para proteger o mercado e garantir maior rentabilidade; campanhas de incentivo ao consumo de moluscos inspecionados, o que confere segurança alimentar.



Fonte: Epagri/Cedap.

Figura 5/I. Mexilhões – Produção e comercialização (t) - Santa Catarina - 2000-10

Os municípios que mais contribuíram para a produção total do Estado foram Palhoça, com uma produção de 7.820 toneladas, representando um aumento de 31,9% em relação à safra 2009 (5.930 t), seguido por Penha, com uma produção de 2.720 toneladas, representando um aumento de 55,0% (1.755 t); Bombinhas, com uma produção de 936 toneladas, representando uma redução de 5,5%, (991 t), São José, com uma produção de 840 toneladas, representando um aumento de 31,3% (640 t), e Florianópolis, com uma produção de 649 toneladas, representando um aumento de 16,3% sobre as 558 toneladas de 2009.

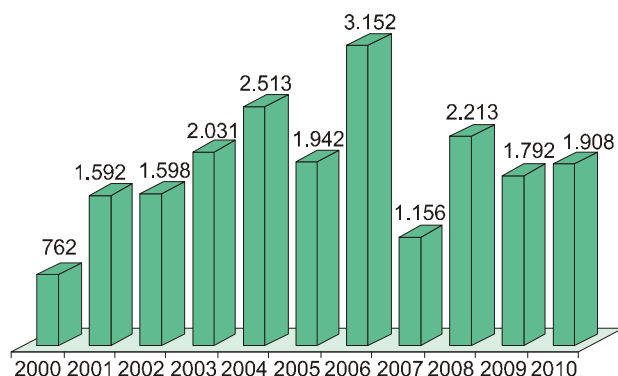
Ostras⁶

A comercialização de ostras (*Crassostrea gigas*) na safra 2010 foi de 1.908 toneladas, representando um aumento de 6,5% em relação à safra 2009 (1.792 t). Mesmo com esse incremento na produção, Santa Catarina ainda está 39,5% abaixo de seu recorde, 3.152 toneladas, em 2006 (Figura 6).

⁶ A conversão da quantidade de ostras de dúzias para toneladas tem como base de cálculo a relação: uma dúzia = um quilograma.

Desempenho da pesca e da aquicultura

O número total de produtores de ostras no Estado passou de 143, em 2009, para 121, em 2010. Essa redução vem ocorrendo desde 2006, quando Santa Catarina apresentou sua maior safra, com 166 ostreicultores em operação. Dentre os fatores que justificam esse comportamento destacam-se: a migração para o cultivo de mexilhão; o curto tempo de conservação do produto *in natura* (em torno de quatro dias), que restringe a comercialização; o excesso de produção frente ao limitado mercado potencial brasileiro para o comércio de ostra viva que é, conforme identificado, de 4.630 t/ano.



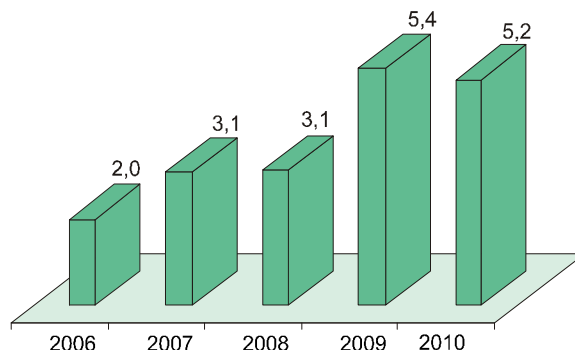
Fonte: Epagri/Cedap.

Figura 6/1. Ostras - Produção e comercialização (t) - Santa Catarina - 2000-10

Os municípios que mais contribuíram para a produção total de ostras do Estado foram Florianópolis, com uma produção de 1.477 toneladas, representando 77,4% da produção estadual, seguido por Palhoça, com 14%, São José, com 6,6%, Biguaçu, com 1,4%, e Governador Celso Ramos, com 0,9%. Considerando que todos esses municípios situam-se na região da Grande Florianópolis e localizam-se dentro das Baías Norte e Sul, equivale a dizer que essas baías são responsáveis por 95,7% da produção estadual de ostras cultivadas. A comunidade do Ribeirão da Ilha, no município de Florianópolis, destaca-se como a maior produtora de ostra, com 1.114 toneladas, representando 58,4% da produção estadual.

Vieiras⁷

A comercialização de vieiras (*Nodipecten nodosus*) na safra 2010 foi de 5,2 toneladas, representando uma redução de 3,7% em relação à safra 2009 (5,4t) (Figura 7). Da mesma forma, o número de produtores diminuiu 40%, passando de dez produtores em 2009 para seis em 2010.



Fonte: Epagri/Cedap.

Figura 7/1. Vieiras - Evolução da produção (t) - Santa Catarina - 2006-10

⁷ A conversão da quantidade de vieiras de unidades para toneladas tem como base de cálculo uma vieira (tamanho médio estimado de 7cm) = 80 gramas.

Desempenho da pesca e da aquicultura

O município de Penha liderou a produção, com 3,4 toneladas, representando 65,4% da produção estadual, seguido por Florianópolis, com 34,6%. O principal fator limitante para a consolidação dessa atividade produtiva é a indisponibilidade de áreas aquícolas com condições ambientais adequadas para o cultivo dessa espécie.

Estimativa do valor da maricultura catarinense⁸

A comercialização de moluscos não inspecionados foi elaborada a partir dos preços médios praticados no Estado. Os valores apresentados entre 2006 e 2009 foram estimados com base na complexa rede de comercialização de moluscos na concha, considerando os diferentes tamanhos comerciais e as vendas no varejo e no atacado. Foram contabilizadas somente as vendas realizadas pelo produtor de forma direta (a primeira venda).

A partir da safra de 2010, a projeção econômica da comercialização de moluscos na concha está baseada nos preços médios praticados em Santa Catarina para o comércio de moluscos inspecionados e não inspecionados, fato que elevou o preço médio de ostras de R\$ 4,50, em 2009, para R\$ 7,42, em 2010, e mexilhões, de R\$ 1,25, em 2009, para R\$ 1,64, em 2010. Com isso, o valor da produção de 2010 cresceu em proporção bem maior do que a produção; a movimentação financeira bruta estimada para o Estado foi de R\$ 36,9 milhões, 70,7% acima da de 2009 (Tabela 1).

Tabela 11. Estimativa do valor da produção da maricultura - Santa Catarina - 2006-10

Safra	Ostras			Mexilhões			Vieiras			Total
	Dúzias	(R\$/dz)	(mil R\$)	Quilos	R\$ (un)	(mil R\$)	Dúzias	(R\$/dz)	(mil R\$)	
2006	3.152.000	3,5	11.032,00	11.604.000	0,8	9.283,20	1.920	12,0	23,04	20.338,24
2007	1.155.000	4,0	4.620,00	10.135.000	1,0	10.135,00	2.956	24,0	70,94	14.825,94
2008	2.213.000	4,5	9.958,50	10.891.000	1,0	10.891,00	2.995	24,0	71,88	20.921,38
2009	1.792.240	4,5	8.065,08	10.663.500	1,3	13.329,38	5.583	38,0	212,15	21.606,61
2010	1.907.891	7,4	14.156,55	13.722.300	1,6	22.504,57	5.365	41,5	222,65	36.883,77

Fonte: Epagri/Cedap.

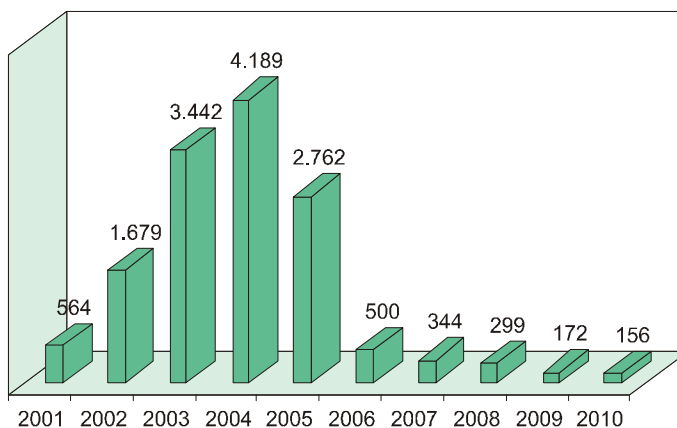
Camarões

A produção estadual de camarões (*Litopenaeus vannamei*) cultivados atingiu 4.189 toneladas em 2004, com 106 fazendas em operação. Desde então, com o surgimento da enfermidade conhecida por mancha branca, houve um decréscimo significativo na produção estadual, atingindo, em 2010, um volume de 156 toneladas, proveniente de 147,1 hectares, representando uma redução de 11,4% em relação a 2009 (Figura 8). Neste levantamento, foram computados dados de na produção de 14 fazendas, ou seja, empreendimentos que envolveram 61 pessoas nas rotinas operacionais de 56 viveiros.

⁸ Os preços são para moluscos na concha. Foram estimados tomando por base os preços médios praticados diretamente pelo produtor (sem recompra), nos 12 municípios do Litoral Catarinense. De 2006 a 2009 são preços de produtos não inspecionados; em 2010 são produtos inspecionados e não inspecionados.

Desempenho da pesca e da aquicultura

Entre os municípios produtores, São Francisco do Sul apresentou a maior produção, com um volume de 70 toneladas, representando 44,9% da produção total, seguido por Laguna, com 31 toneladas (19,9%) e Balneário Barra do Sul, com 30 toneladas (19,2%).



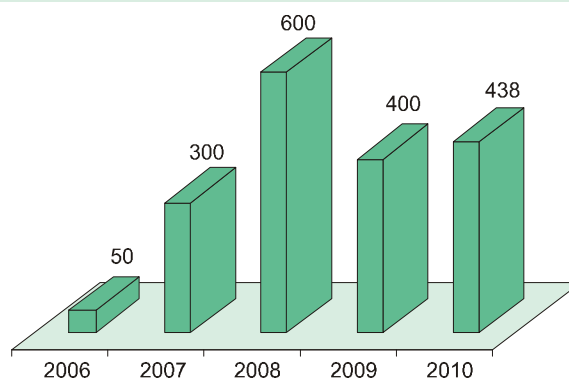
Fonte: Epagri/Cedap.

Figura 8/I. Camarões - Produção e comercialização (t) - Santa Catarina - 2001-10

Tilápias marinhas

A produção estadual de tilápias marinhas (*Oreochromis niloticus*) em 2010 foi de 438 toneladas, apresentando um aumento de 9,5% em relação a 2009, quando foram produzidas 400 toneladas (Figura 9). Em 2010, os peixes foram comercializados a preços mais atrativos, atingindo valores entre R\$ 2,50 e R\$ 3,00/kg, representando um aumento de 25% a 50% em relação a 2009, quando o preço para comercialização foi de R\$ 2,00/kg.

O município de São Francisco do Sul figura como o maior produtor, com um volume de 205 toneladas, representando 46,8% da produção estadual, seguido por Laguna, com 183 toneladas, com 41,8%.



Fonte: Epagri/Cedap.

Figura 9/I. Tilápia marinha - Evolução da produção (t) - Santa Catarina - 2006-10

Desempenho do setor florestal

Luiz Toresan
Eng. Agr. Epagri/Cepa
toresan@epagri.sc.gov.br

Panorama mundial

Após a forte retração de 2009, o mercado mundial de produtos florestais tem recuperação em 2010

Em 2009 o comércio mundial de produtos florestais sofreu uma retração de mais de 20% em relação a 2008, quando atingiu a cifra de 240 bilhões de dólares. Em 2010 o valor total das exportações mundiais de produtos florestais cresceu 14% em relação a 2009, segundo a FAO.

Os Estados Unidos e a China são os países que mais geram valor econômico com suas florestas. No entanto, a Finlândia, a Suécia, o Canadá e o Brasil são os países que obtêm dos recursos florestais as maiores contribuições relativas à geração de empregos e à composição do valor adicionado bruto de suas economias (Tabela 1).

Tabela 1/I. Produtos florestais - Área de florestas naturais e plantadas - Mundo - 2010

País	Área do território (1000 hab)	Área com floresta (1000 ha)	Valor adicionado Bruto (2008)		% Empregos (2006)
			(US\$ milhões)	% em relação ao PIB	
Brasil	845.942	519.522	28.206	2,8	1,2
Canadá	909.351	310.134	32.000	2,7	1,6
Estados Unidos da América	914.742	304.022	108.428	0,8	0,7
Suécia	41.034	28.203	12.753	3,8	2,0
Itália	29.414	9.149	13.265	0,8	1,1
França	54.766	15.954	14.907	0,7	0,7
Finlândia	30.390	22.157	10.329	5,7	3,6
Alemanha	34.863	11.076	23.898	0,9	0,8
Tailândia	51.089	18.972	1.693	0,8	0,4
Rússia	1.637.687	809.090	6.828	0,8	1,1
Japão	36.450	24.979	32.904	0,7	0,6
China	932.749	206.861	41.208	1,3	0,4
Total mundial	13.009.550	4.033.060	467.908	1,0	0,4

Fonte: FAO, State of the World's Forests, 2011.

A produção e o consumo mundiais de madeira têm crescido sistematicamente até 2007, ano em que alcançou 3,5 bilhões de m³. Em 2009, devido à crise de 2008, a produção de madeira no mundo foi reduzida para 3,2 bilhões de m³ (Tabela 2). Com isso, os patamares atuais de produção e consumo de madeira no mundo recuaram a níveis inferiores aos da virada do século. A maior parte da produção ainda é consumida para gerar energia.

A indústria madeireira mundial consumiu 1,4 bilhões de m³ de madeira em 2009, um recuo de 8,4% em relação a 2008, patamar semelhante ao do período anterior (Tabela 3). A maior parte da produ-

Desempenho do setor florestal

ção para uso industrial ocorre no Hemisfério Norte. O Brasil é o quarto produtor mundial de madeira industrial, com 7,4% da produção total.

Tabela 2/I. *Produção mundial de madeira em toras⁽¹⁾, segundo os principais países - 2005-09*

(mil m ³)					
País	2005	2006	2007	2008	2009
Estados Unidos da América	467.347	457.048	425.129	380.509	344.835
Índia	328.677	329.444	330.210	330.975	331.737
China	302.037	298.178	290.665	296.871	285.519
Brasil	255.743	257.537	261.351	256.306	264.149
Rússia	185.000	190.600	207.000	181.400	151.400
Canadá	203.121	183.931	160.792	134.947	107.266
Etiópia	97.409	98.631	100.059	101.417	102.798
Indonésia	111.291	106.770	102.176	105.838	98.695
Demais países	1.609.760	1.601.675	1.659.237	1.621.321	1.588.744
Total mundial	3.560.386	3.523.814	3.536.619	3.409.583	3.275.144

⁽¹⁾Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para: serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel, produção de carvão vegetal, de lenha e qualquer outra forma de uso da biomassa florestal.

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos Disponível em <http://www.fao.org>., acesso em junho de 2011.

Tabela 3/I. *Produção mundial de madeira em toras⁽¹⁾ para uso industrial, segundo os principais países - 2005-09*

(mil m ³)					
País	2005	2006	2007	2008	2009
Estados Unidos da América	423.456	412.134	378.771	336.895	304.398
Canadá	117.987	118.754	121.520	115.390	122.160
Rússia	138.000	144.600	162.000	136.700	112.900
Brasil	200.247	181.010	157.609	132.232	105.108
China	94.669	94.665	90.931	100.843	93.129
Suécia	92.300	58.700	72.300	64.900	59.200
Alemanha	50.905	54.000	68.029	46.806	48.073
Finlândia	47.116	45.521	51.406	45.965	36.701
Chile	32.529	33.217	38.417	39.878	36.401
Demais países	516.726	519.940	533.612	534.489	506.341
Total mundial	1.713.935	1.662.541	1.674.594	1.554.098	1.424.411

⁽¹⁾Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para: serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel e outros fins industriais.

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>., acesso em maio de 2011.

Na indústria de celulose de mercado, os EUA, a China e o Canadá são os grandes produtores mundiais, somando quase a metade da produção (Tabela 4). O Brasil vem expandindo rapidamente sua produção de celulose e já figura como um dos maiores atores no comércio internacio-

Desempenho do setor florestal

nal. Projeções feitas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) apontam o Brasil como o segundo maior produtor mundial de celulose a partir de 2020, com uma produção de cerca de 22 milhões de toneladas.

Tabela 4/I. *Produção mundial de celulose⁽¹⁾, segundo os principais países - 2005-09*

(mil t)					
País	2005	2006	2007	2008	2009
Estados Unidos da América	54.164	53.074	54.981	52.244	47.047
China	17.111	18.976	19.886	20.506	17.591
Canadá	25.350	23.481	22.421	20.405	17.135
Brasil	10.352	11.243	11.998	12.697	13.552
Suécia	11.959	12.240	12.402	12.070	11.474
Finlândia	11.134	13.115	12.856	11.624	8.732
Japão	10.805	10.840	10.850	10.706	8.544
Demais países	49.677	48.316	51.361	53.303	50.073
Total mundial	190.554	191.288	196.757	193.557	174.151

⁽¹⁾Refere-se à celulose de mercado.

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em junho de 2011.

No segmento de papéis, a China e os EUA são os grandes produtores mundiais, com destaque para a produção chinesa, que nos últimos anos vem apresentando um forte crescimento (Tabela 5).

Tabela 5/I. *Produção mundial de papel e cartões, segundo os principais países - 2005-09*

(mil t)					
País	2005	2006	2007	2008	2009
China	60.404	69.395	77.964	83.685	90.150
Estados Unidos da América	83.697	84.317	83.916	80.178	72.084
Japão	29.295	29.459	28.930	28.360	24.416
Alemanha	21.679	22.656	23.317	22.825	21.124
Canadá	19.498	18.189	17.367	15.789	12.842
Indonésia	7.223	7.223	7.727	11.349	11.527
Suécia	11.775	12.066	11.511	11.663	11.000
Finlândia	12.391	14.189	14.334	13.126	10.602
Brasil	8.682	8.655	8.907	8.977	9.371
Demais países	108.525	112.548	112.187	116.521	113.641
Total mundial	363.172	378.700	386.162	392.475	376.759

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em junho de 2011.

O comércio mundial de produtos florestais vinha aumentando de forma bastante expressiva até 2008. Entre 2003 e 2008, as exportações globais cresceram mais de 50%, mas em 2009, devido à crise, recuou para níveis de 2005. (Tabela 6). A China, a Rússia e o Brasil vêm conquistando gradativamente espaços neste mercado, com destaque para a China, que está se consolidando

Desempenho do setor florestal

como importante plataforma de processamento de produtos florestais para exportação adquirindo matérias-primas e exportando produtos acabados, como móveis e papéis.

Tabela 6/I. *Produtos florestais - Valor das exportações mundiais, segundo os principais países – 2005-09*

(US\$ bilhões)					
País	2005	2006	2007	2008	2009
Estados Unidos da América	17.000	18.482	20.859	22.460	19.923
Alemanha	17.880	18.179	23.766	25.585	19.709
Canadá	29.440	28.223	27.774	24.005	16.513
Suécia	13.219	14.553	16.592	17.180	14.139
Finlândia	12.102	14.343	15.896	15.204	11.095
China	5.583	7.618	9.741	9.580	7.937
Rússia	7.689	8.740	11.231	10.619	7.764
Áustria	6.019	6.649	8.172	8.303	6.407
França	7.347	7.699	8.576	8.688	6.232
Indonésia	5.364	6.170	5.962	6.535	6.198
Brasil	5.466	5.618	7.113	7.242	5.774
Demais países	60.113	66.849	77.101	81.421	67.113
Total mundial	187.221	203.121	232.782	236.823	188.805

Fonte: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>., acesso em junho de 2011.

O ano de 2010 se mostrou um ano de recuperação do comércio internacional de produtos florestais. Essa recuperação foi mais evidente no mercado de celulose. A intensificação das compras pela China e o terremoto ocorrido no Chile, que interrompeu as exportações de celulose daquele país, fizeram com que os preços seguissem em ascensão, alcançando US\$1.000,00/t no mês de julho de 2010, no caso da celulose de fibra longa, tipo NBSK (de coníferas). Esses preços cederam no segundo semestre e fecharam o ano na casa dos US\$ 940,00/t, na Europa (www.foex.fi).

A celulose de fibra curta tipo BHKP (de eucalipto), produto em que o Brasil detém a liderança no comércio mundial, seguiu uma trajetória de preços semelhante. Após atingir o patamar de US\$ 880,00/890,00/t em junho e julho de 2010, encerrou o ano em cerca de US\$ 870,00/t, na Europa.

Em 2011, a perspectiva é de que até o final do ano os preços diminuam para patamares inferiores aos do início do ano, influenciados pela crise da dívida pública dos países da Europa, que se tornou evidente a partir do mês de julho. A crise repercutiu desfavoravelmente em todo o mundo e frustrou as expectativas de retomada das compras de produtos florestais ao longo de 2011, especialmente de madeira e de móveis por parte dos EUA.

Para as próximas décadas, as maiores possibilidades de expansão do mercado mundial do setor estão no produto celulose, que deverá crescer de maneira vigorosa. Nesse mercado, as regiões tropicais e subtropicais tendem a ter suas importâncias aumentadas, em detrimento da participação dos países do Hemisfério Norte. O Brasil tem abrigado vários projetos de expansão da produção de celulose, com a abertura de novas regiões produtoras.

Desempenho do setor florestal

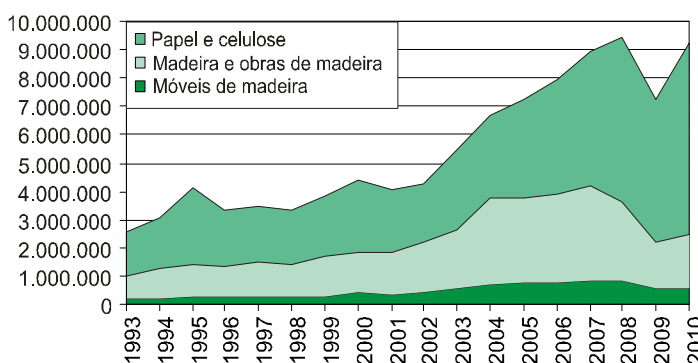
Produção e mercado de produtos florestais no Brasil

As exportações brasileiras de produtos florestais se recuperam, mas não atingem os níveis de 2008

O Brasil possui cerca de 7,0 milhões de hectares de florestas plantadas para fins comerciais, sendo o eucalipto a principal espécie cultivada. As áreas plantadas são responsáveis pela totalidade do fornecimento de madeira ao setor de papel e celulose e pela maior parte da matéria-prima consumida pela indústria da madeira e de móveis no Brasil.

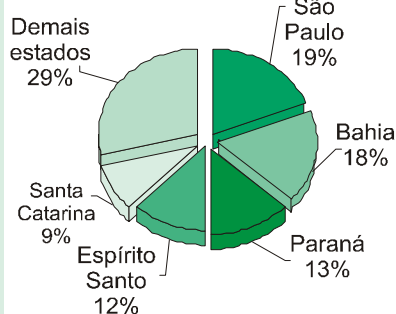
A indústria florestal brasileira processa mais de 110 milhões de m³ de madeira por ano. Em 2010, as exportações florestais somaram 9,2 bilhões de dólares, um crescimento de 28% em relação a 2009, quase recuperando os níveis de 2008 (Figura 1).

São Paulo, Bahia, Paraná, Espírito Santo e Santa Catarina são no Brasil os principais estados exportadores de produtos florestais, respondendo por mais de 70% do total exportado pelo País (Figura 2)



Fonte: MDIC/Secex/Sistema Alice web.

Figura 1/I. Evolução das exportações de produtos florestais, por segmento (mil US\$) - Brasil -1993-2010



Fonte: MDIC/Secex/Sistema Alice web.

Figura 2/I. Participação dos principais estados nas exportações de produtos florestais - Brasil - 2010

Desempenho do setor florestal

Produção e consumo de matéria-prima florestal

Cresce a importância do eucalipto na silvicultura brasileira e diminui a do pinus

A silvicultura comercial no Brasil abrange uma área de cerca de 7,0 milhões de hectares plantados, com o eucalipto representando 68% dos plantios (Figura 3). As áreas plantadas com pinus e eucalipto em 2010 somavam 6,5 milhões de hectares. Os cinco estados com as maiores áreas cultivadas (MG, SP, PR, BA e SC) detêm quase 80% da área plantada com esses dois gêneros, mas os estados do Mato Grosso do Sul e do Maranhão têm apresentado expressivo crescimento da área plantada nos últimos anos (Tabela 7).

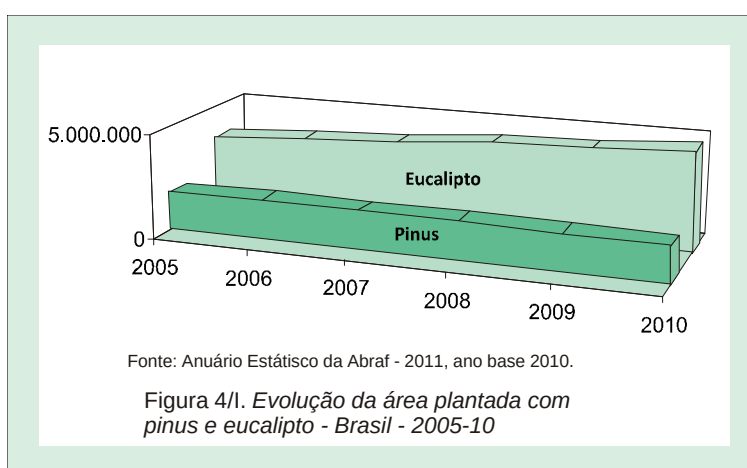
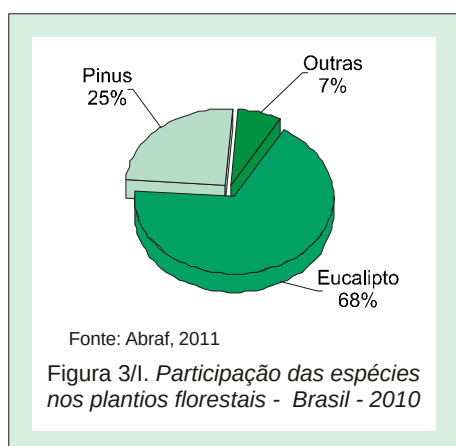
Nos últimos cinco anos vem se observando uma redução gradativa da área plantada com o gênero pinus, enquanto os plantios de eucalipto crescem a taxas anuais de 6,5% (Figura 4).

A silvicultura do Brasil vem despertando o interesse de grupos de investidores institucionais.

Tabela 7/I. Área plantada com pinus e eucalipto - Brasil - 2010

Estado	Área plantada (ha)		
	Pinus	Eucalipto	Total
Minas Gerais	136.310	1.400.000	1.536.310
São Paulo	162.005	1.044.813	1.206.818
Paraná	686.509	161.422	847.931
Bahia	26.570	631.464	658.034
Santa Catarina	545.592	102.399	647.992
Rio Grande do Sul	168.955	273.042	441.997
Mato Grosso do Sul	13.847	378.195	392.042
Espírito Santo	3.546	203.885	207.431
Pará	0	148.656	148.656
Maranhão	0	151.403	151.403
Goiás	12.160	58.519	70.679
Amapá	15	49.369	49.384
Mato Grosso	0	61.950	61.950
Tocantins	850	47.542	48.392
Piauí	0	37.025	37.025
Outros estados	0	4.650	4.650
Total	1.756.359	4.754.334	6.510.693

Fonte: Anuário Estatístico da Abraf – 2011, ano base 2010.



Uma das formas de investimento ocorre por meio dos fundos conhecidos por *Timberland investment manager organization* (TIMO), que aplicam recursos em projetos de produção de madeira. Atraídos pela elevada produtividade florestal do País, os investidores apostam na competitividade dos proje-

Desempenho do setor florestal

tos implantados. A recente limitação legal imposta à aquisição de terras por estrangeiros no Brasil deve frear a expansão dos investimentos externos na silvicultura feitos por intermédio desses fundos.

Uma importante contribuição à expansão dos plantios florestais tem sido dada pelos programas de fomento florestal das grandes empresas e pelos programas federais de financiamento florestal (Pronaf Florestal e Propflora), os quais vêm atraindo novos empreendedores para a atividade. Em 2010, o Propflora aplicou 78,0 milhões de reais em financiamentos de projetos florestais, a maior parte no Estado de Minas Gerais (Tabela 8).

Tabela 8/I. Valor financiado pelos programas Pronaf Eco e Propflora - 2010
(1.000 R\$)

Estado	Pronaf Eco		Propflora		Total	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Bahia	1.410	6	41	0	1.451	2
Espírito Santo	523	2	2.460	5	2.983	4
Goiás	241	1	762	1	1.003	1
Mato Grosso	52	0	600	1	652	1
Mato Grosso do Sul	25	0	433	1	458	1
Minas Gerais	5.855	24	30.177	57	36.032	46
Paraná	2.140	9	9.170	17	11.310	14
Rio Grande do Sul	2.128	9	2.649	5	4.777	6
Santa Catarina	6.664	27	2.837	5	9.501	12
São Paulo	2.527	10	3.375	6	5.902	8
Demais estados	3.283	13	707	1	3.990	5
Brasil	24.847	100	53.211	100	78.058	100

Fonte: Abraf. (Anuário Estatístico da Abraf – 2011).

A produção de madeira de florestas plantadas para transformação industrial em 2009 foi de 107,0 milhões de m³, um crescimento de quase 6% em relação à produção de 2007 (Tabela 9). Nos últimos 10 anos, a produção de madeira para uso industrial da silvicultura brasileira aumentou em 65% (Figura 5). Este crescimento foi sustentado pela demanda da indústria de papel e celulose e de painéis reconstituídos, uma vez que para outras finalidades a demanda de matéria-prima diminuiu no período.

Tabela 9/I. Produção das principais matérias-primas de origem florestal - Brasil - 2005-09

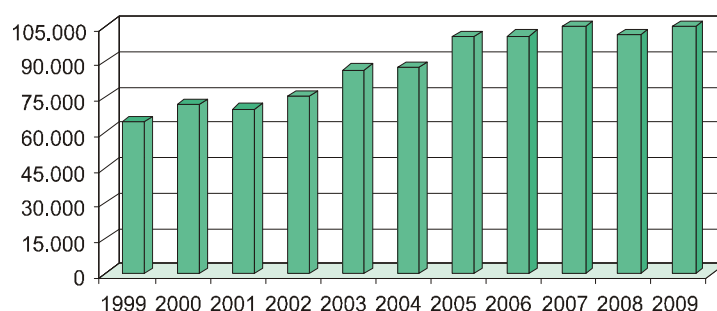
Produto	Medida	2005	2006	2007	2008	2009
Extração vegetal						
Carvão vegetal	mil t	2.972	2.506	2.530	2.222	1.640
Erva-mate	t	238.869	233.360	225.957	219.773	218.102
Lenha	mil m ³	45.422	45.160	43.910	42.118	41.440
Madeira em tora	mil m ³	17.372	17.986	16.389	14.127	15.248
Palmito ⁽¹⁾	t	7.863	6.524	6.037	5.873	5.076
Pinhão	t	4.609	5.203	4.887	4.768	5.066
Silvicultura						
Carvão vegetal	mil t	2.526	2.609	3.806	3.975	3.378
Erva-mate	t	429.730	434.483	438.474	434.727	443.126
Lenha	mil m ³	35.542	36.110	39.089	42.038	41.411
Madeira p/papel e celulose	mil m ³	54.698	55.115	60.964	58.182	65.346
Madeira p/outras finalidades	mil m ³	45.916	45.652	44.167	43.080	41.566
Palmito ⁽²⁾	t	43.967	73.411	61.429	84.006	70.784

⁽¹⁾Inclui Palmito Juçara, Açaí e Pupunha.

⁽²⁾Inclui Palmito Juçara, Palmeira Real, Açaí e Pupunha.

Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em <http://www.ibge.gov.br> - Sistema Sidra: acesso em junho 2011.

Desempenho do setor florestal



Fonte: IBGE.

Figura 5/1. Silvicultura - Produção de madeira em toras para uso industrial - Brasil - 1999-09 (mil m³)

O setor de papel e celulose é o maior consumidor de madeira em toras no Brasil, tendo processado 63,4 milhões de m³ em 2010. A indústria de painéis reconstituídos, que utiliza a mesma matéria-prima, vem apresentando altas taxas de crescimento no consumo de matéria-prima, alcançando 13,2 milhões de m³ em 2010 (Tabela 10).

Tabela 10/I. Consumo de madeira em toras para uso industrial por espécie, segundo os principais segmentos industriais - Brasil - 2009-10

(1.000 m³)

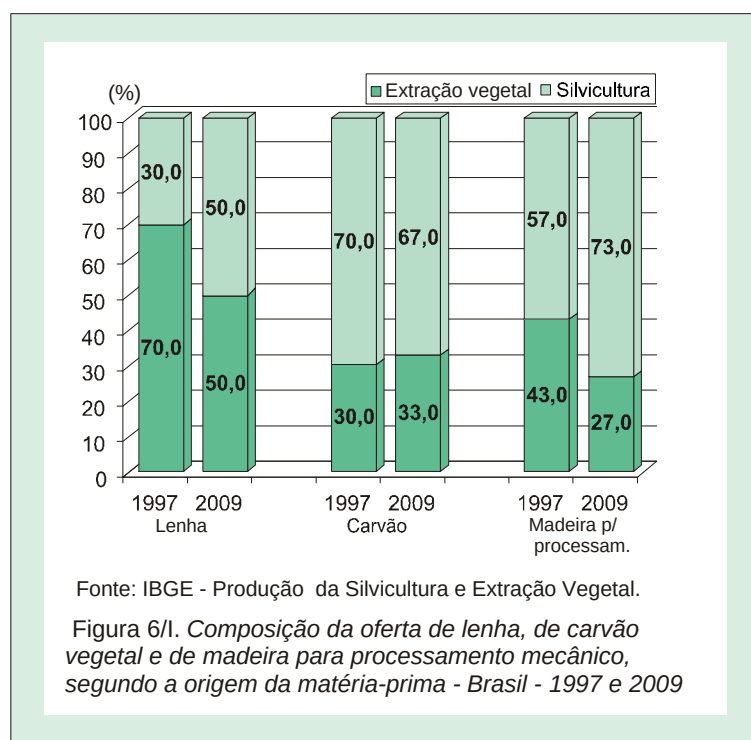
Segmento	Pinus		Eucalipto		Total	
	2009	2010	2009	2010	2009	2010
industrial						
Celulose e papel	8.086	8.594	52.545	54.784	60.631	63.378
Painéis reconstituídos	6.520	8.759	2.872	4.424	9.392	13.183
Indústria madeireira	27.463	29.134	3.093	3.515	30.556	32.649
Carvão	-	-	19.388	15.401	19.388	15.401
Lenha industrial	9.347	9.399	32.363	33.157	47.710	42.556
Outros	7	285	895	1.674	902	1.959
Brasil	51.423	56.170	111.156	112.955	162.580	169.126

Fonte: Abraf – Anuário Estatístico da Abraf – 2011.

A participação das florestas plantadas no fornecimento de matéria-prima para a indústria de processamento mecânico da madeira tem se mostrado crescente ao longo do tempo. Em 1997 a contribuição da silvicultura para a produção de madeira para esse segmento era de 57,4% e, em 2010, esse percentual foi 73,0% (Figura 6).

Ao longo do tempo, as florestas nativas também vêm perdendo importância para a silvicultura no fornecimento de lenha. Já na produção de carvão vegetal predomina, há muitos anos, a matéria-prima de origem cultivada.

Desempenho do setor florestal



Desempenho da indústria de processamento mecânico da madeira

As exportações brasileiras de produtos da madeira tiveram pequena recuperação em 2010, mas ficaram distante dos valores alcançados em 2007, seu melhor ano

As exportações brasileiras de madeira e suas obras¹ (exceto móveis) em 2010 ficaram abaixo dos 2,0 bilhões de dólares, embora tenham apresentado alguma recuperação após forte recuo em 2009 (Figura 7). Pará, Paraná e Santa Catarina são os principais estados exportadores, tendo respondido, juntos, por 75% do total exportado em 2010.

De janeiro a agosto de 2011, as exportações de madeira atingiram o valor 1,2 bilhão de dólares, desempenho semelhante ao obtido no mesmo período de 2010. A redução dos embarques aos EUA e à Europa foi compensada pelo crescimento do volume exportado à América Latina, Ásia e África.

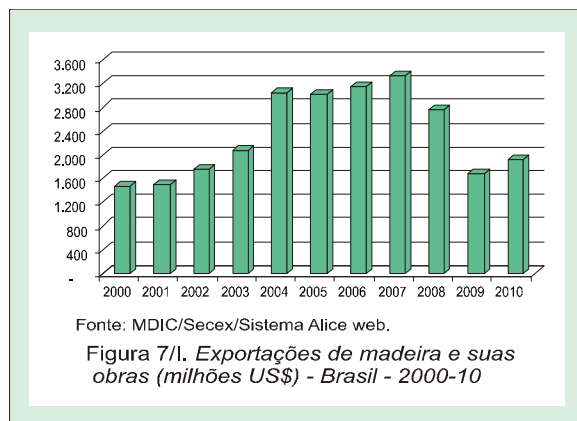
¹ Inclui madeira processada mecanicamente e painéis da madeira reconstituída.

Desempenho do setor florestal

Em 2010, a indústria brasileira de produtos sólidos da madeira apresentou fraco desempenho em seus principais indicadores. A tendência é continuar perdendo espaço para a indústria de painéis de madeira reconstituída devido à sua substituição por chapas de aglomerado, MDF e OSB.

A produção de madeira proveniente de florestas plantadas (pínus e eucalipto) vem crescendo sistematicamente e já contribui com mais da metade da produção nacional de madeira maciça.

Há uma tendência de crescimento das empresas brasileiras que buscam reprocessar a madeira serrada (remanufatura) com vistas à agregação de valor. A continuidade do crescimento do mercado interno, esperada para os próximos anos, deverá sustentar a produção da indústria no Brasil.



Desempenho da indústria de painéis de madeira reconstituída

O crescimento do mercado interno nos próximos anos poderá não ser suficiente para absorver a expansão da capacidade instalada

A indústria de painéis de madeira reconstituída vem apresentando grande dinamismo no Brasil, com crescimento expressivo da produção e de sua capacidade instalada nos últimos anos. É formada por poucas e grandes empresas, que ampliaram sua capacidade de produção, atingindo em 2010 mais de nove milhões de m³ por ano. Utilizando matéria-prima de florestas plantadas (pínus e eucalipto), a indústria processou 13,2 milhões de m³ de toras em 2010 (ABRAF, 2011).

A produção brasileira de painéis reconstituídos (MDP, MDF, HDF e Chapas de fibra dura) foi de 6,4 milhões de m³ em 2010, um crescimento de 20% em relação a 2009. (Tabela 11). O maior crescimento ocorreu na produção de MDF.

Tabela 11/I. Produção e destino dos painéis de madeira reconstituída - Brasil - 2000-10

Ano	(1.000 m ³)				
	Capacidade instalada	Produção	Importação	Exportação	Consumo
2000	3.400	2.702	130	214	2.619
2001	3.600	2.977	120	193	2.903
2002	4.200	3.096	137	384	2.848
2003	4.800	3.466	261	456	3.271
2004	5.000	3.998	329	429	3.898
2005	5.100	3.962	263	417	3.807
2006	5.300	4.426	326	379	4.373
2007	6.042	4.963	243	292	4.914
2008	6.412	5.202	266	210	5.257
2009	8.145	5.283	160	179	5.264
2010	9.177	6.434	183	127	6.490

Fonte: ABIPA/Secex/Sistema Alice web.

A indústria moveleira, direta ou indiretamente, é a principal consumidora de painéis de madeira. A construção civil consome quase toda a produção nacional de painéis e seu forte crescimento dos últimos anos tem expandido a demanda.

Desempenho do setor florestal

As perspectivas para o setor são de continuidade no crescimento. A Associação Brasileira da Indústria de Painéis de Madeira (ABIPA) projeta para os próximos anos um crescimento na demanda de MDP e de MDF da ordem de 15% ao ano, o que deve elevar a utilização da capacidade instalada da indústria, que atualmente está entre 70% e 80%.

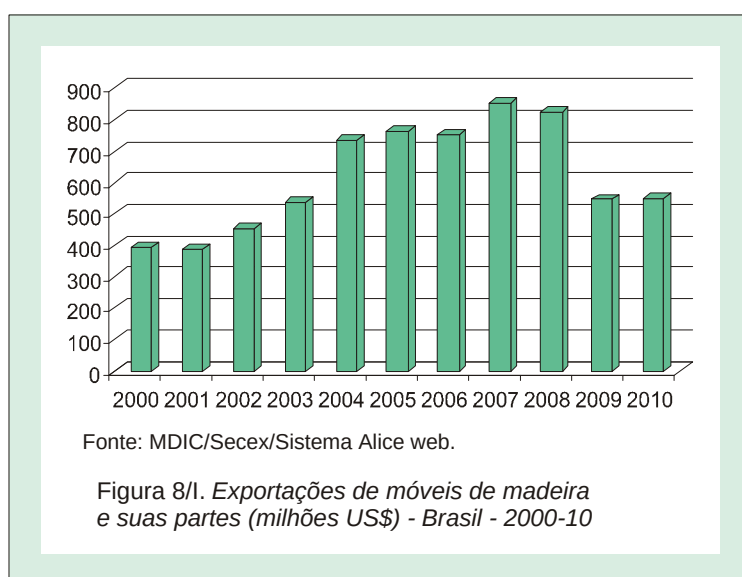
Apesar do otimismo com o mercado interno nos próximos anos por parte de lideranças do setor, alguns analistas da indústria mostram preocupação quanto à capacidade do mercado brasileiro em absorver as produções adicionais previstas, uma vez que deverá ser agregado até 2012 mais 1,7 milhão de m³ à capacidade instalada no País.

Desempenho da indústria de móveis de madeira

As vendas no mercado interno cresceram, enquanto as exportações mantiveram o fraco desempenho de 2009

O setor de produção de móveis de madeira vem apresentando um bom desempenho nos últimos anos, tendo seu crescimento sustentado pelo mercado interno. O faturamento da indústria moveleira em 2010 foi estimado em 30 bilhões de reais, 13,4% superior ao verificado em 2009 e acima da expectativa inicial da indústria. A prorrogação da redução do IPI incidente sobre a fabricação de móveis até 31 de março de 2010 e o Projeto Minha Casa, Minha Vida do Governo Federal impulsionaram as vendas do setor. São 18 mil empresas, 80% delas operando no Sul do Brasil.

Nas exportações o desempenho foi fraco, não ultrapassando os valores atingidos em 2009, o pior dos últimos sete anos em termos de valor exportado (Figura 8). Em 2010, o Brasil exportou somente 547 milhões de dólares em móveis de madeira. Os estados da Região Sul foram responsáveis por 90% do valor exportado, cabendo a Santa Catarina 45% do valor total. A apreciação do real durante todo o ano de 2010 dificultou as exportações de móveis, reduziu as margens e fez com que diminuísse também o número de empresas exportadoras, as quais passaram a enxergar o mercado interno como alternativa para crescer.



O mercado mundial de móveis, que havia duplicado entre 2002 e 2007 atingindo 118 bilhões de dólares em valor, restringiu-se a 100 bilhões de dólares em 2010. No primeiro semestre de 2011 havia um otimismo cauteloso por parte dos exportadores brasileiros quanto ao desempenho das

Desempenho do setor florestal

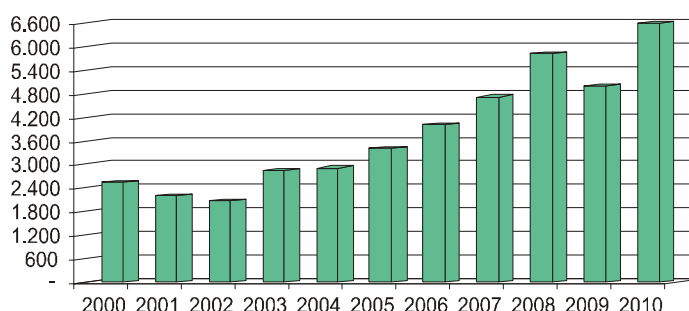
vendas externas, que se frustrou com a crise das dívidas públicas dos países da zona do Euro. O setor passa por um período de ceticismo em relação às possibilidades de melhoria do mercado externo nos próximos anos.

Desempenho da indústria de celulose e papel

O Brasil segue conquistando espaço no mercado internacional de celulose e exportações batem record

Com faturamento anual de cerca de 30 bilhões de reais, a indústria brasileira de papel e celulose exportou 6,6 bilhões de dólares em 2010, um crescimento de 32% em relação a 2009 (Figura 9). O bom desempenho exportador se deveu à recuperação dos preços internacionais que haviam sido depreciados com a crise de 2008.

O Brasil é o quarto maior produtor mundial de celulose e o terceiro maior exportador, sendo o maior produtor e exportador de celulose de fibra curta que utiliza o eucalipto como matéria-prima. Toda a produção brasileira de celulose, assim como a de papel, provém de florestas plantadas de eucalipto e pinus, com quase a metade das áreas certificadas pelo FSC ou Cerflor.



Fonte: MDIC/Secex/Sistema Alice web.

Figura 9/I. Exportações de papel e celulose (milhões US\$) - Brasil - 2000-10

Em 2010, foram produzidas no Brasil 14,0 milhões de toneladas de celulose, 5,6% a mais que em 2009 (Tabela 12). Cerca de 60% da produção nacional de celulose é exportada. A Europa e a China são os principais destinos da celulose brasileira, tendo sido embarcado nos portos brasileiros em 2010 um volume de celulose 2,0% maior que em 2009. Até o mês de agosto de 2011 o volume de produção e de exportação de celulose foi semelhante ao do mesmo período de 2010.

No segmento de papel, onde a maior parte da produção se destina ao mercado interno, o volume produzido em 2010 foi 3,9% superior ao de 2009, alcançando 9,8 milhões de toneladas. Do total produzido, a maior parte é composta de embalagens e de papel de imprimir e escrever.

As exportações de papel em 2010 foram 3,3% maiores que em 2009 e as importações cresceram 38,4% no período (Tabela 12). O Brasil é bastante dependente das importações de papel de imprensa para satisfazer seu consumo doméstico.

Desempenho do setor florestal

Tabela 12/1. Produção de papel e celulose - Brasil - 2006-10

(1.000 t)

Produto	Discriminação	2006	2007	2008	2009	2010	Variação (%) 2010/2009
Papel	Produção	8.725	9.008	9.409	9.428	9.792	3,9
	Importação	967	1.097	1.328	1.085	1.502	38,4
	Exportação	1.990	2.006	1.982	2.008	2.074	3,3
	Consumo aparente	7.702	8.099	8.755	8.505	9.220	8,4
	Consumo per capita (kg/hab)	41,2	44,0	46,2	44,2		-4,3
Celulose	Produção	11.180	11.998	12.697	13.315	14.064	5,6
	Importação	326	292	325	359	412	14,80
	Exportação	6.161	6.484	7.040	8.229	8.375	1,8
	Consumo aparente	5.345	5.806	5.982	5.445	6.101	12,0

Fonte: Bracelpa, Relatório Anual 2009/2010 e Conjuntura Bracelpa nº 34.

De janeiro a agosto de 2011, a produção de papel no Brasil foi de 6,5 milhões de toneladas, um ligeiro decréscimo em relação ao volume produzido no primeiro semestre do ano anterior. As exportações mantiveram-se nos mesmos níveis, comparando-se os dois períodos.

O setor de papel e celulose no Brasil vem apresentando sucessivos movimentos de expansão de sua capacidade produtiva. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) projeta uma produção anual de 19,5 milhões de toneladas de celulose e de 12,6 milhões de toneladas de papel em 2020. Para as exportações, a projeção é de um volume anual de 12,5 milhões de toneladas de celulose e de 2,6 milhões de toneladas de papel a partir de 2020. Lideranças do setor têm manifestado expectativa de um crescimento ainda maior da capacidade de produção de celulose nos próximos dez anos.

Os recentes movimentos de concentração de investimentos na produção adicional de celulose, as recentes fusões de grandes grupos e a troca de ativos entre empresas do setor indicam que a indústria brasileira está se preparando para ter mais foco na produção e na exportação de celulose, o que consolidaria o País como um dos principais atores no mercado internacional dessa commodity.

Na produção de papel as perspectivas são bastante positivas para o segmento de embalagens, especialmente de papel ondulado e papel cartão. Já no segmento papel de escrever e papel de imprimir a tendência é de aumento da concorrência com os fornecedores externos, o que deve levar as empresas brasileiras a diminuírem suas posições nesses mercados.

Desempenho do setor florestal

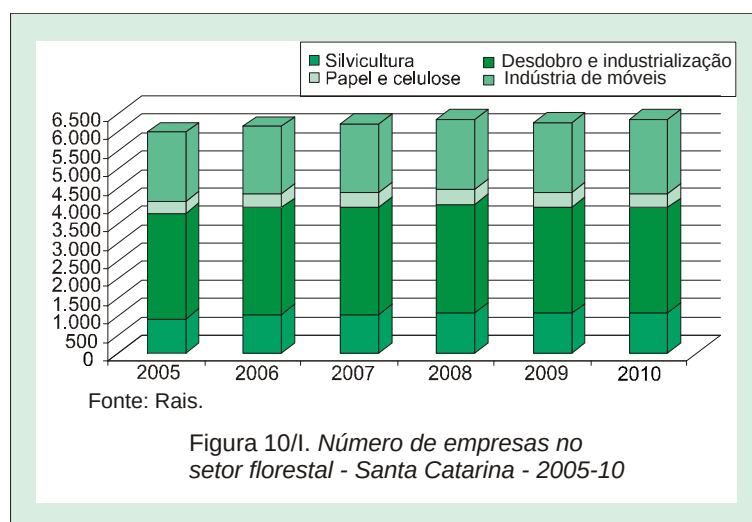
Produção e mercado de produtos florestais em Santa Catarina

Indústria de base florestal perde espaço na economia catarinense

Santa Catarina é um dos estados mais importantes no setor florestal brasileiro. Com 10% da área plantada com pínus e eucalipto no País, é o quinto maior exportador de produtos florestais em valor (45% dos móveis de madeira, 21% da madeira e suas obras e 10% do papel, em 2010).

As mais de seis mil empresas que atuam no setor de base florestal do Estado geram 89 mil empregos diretos. Na indústria de processamento mecânico da madeira (exceto móveis) atuam 46% das empresas e são gerados 43% dos empregos do setor florestal catarinense. O setor florestal absorve 4,5% da mão de obra catarinense com emprego formal.

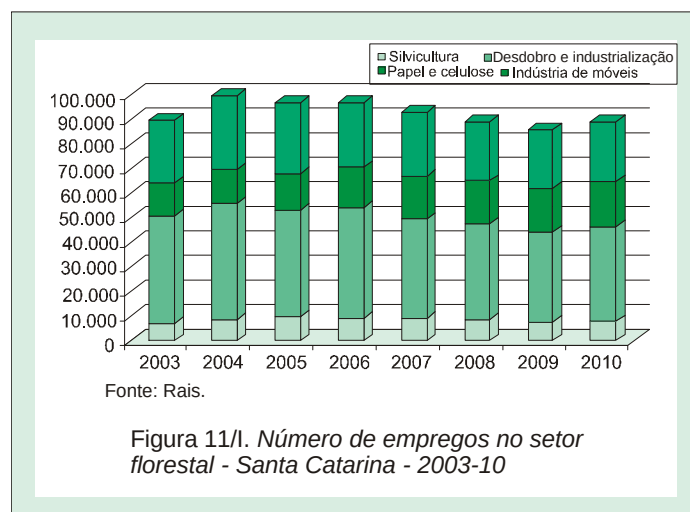
Nos últimos anos o número de empresas do setor tem se mantido em cerca de 6.300. Já os postos de trabalho vêm se encolhendo desde 2004, apesar de ter havido um ligeiro crescimento dos empregos no setor em 2010. (Figuras 10 e 11).



A indústria catarinense de base florestal processou em 2011 15,5 milhões de m³ de toras de madeira, produção sustentada por 650 mil hectares de florestas plantadas no Estado.

Em 2010, a receita catarinense com exportação de produtos florestais foi de 847 milhões de dólares, 11% maior que a do ano anterior. Apesar deste crescimento, o valor exportado é bem inferior ao de 2008, quando foi superior a um bilhão de dólares.

Desempenho do setor florestal



Produção catarinense de matérias-primas e de produtos florestais primários

A indústria de papel foi o único segmento que ampliou de forma significativa a demanda de matéria-prima

Toda a madeira produzida em Santa Catarina consumida pela indústria de papel e de processamento mecânico provém de florestas plantadas. Com 650 mil hectares plantados com pinus e eucalipto, são colhidos anualmente mais e 15 milhões de m³ de toras para uso na indústria. Em 2010 a indústria do papel e celulose ampliou em 14% seu consumo de matéria-prima, enquanto a produção de madeira para o processamento mecânico ficou praticamente nos mesmos níveis de 2009 (Tabela 13).

As florestas plantadas também vêm aos poucos substituindo as florestas nativas no fornecimento de lenha e madeira para carvão vegetal (Figura 12). A silvicultura já contribui com 60% da madeira utilizada na produção de carvão vegetal e com 79% da produção de lenha.

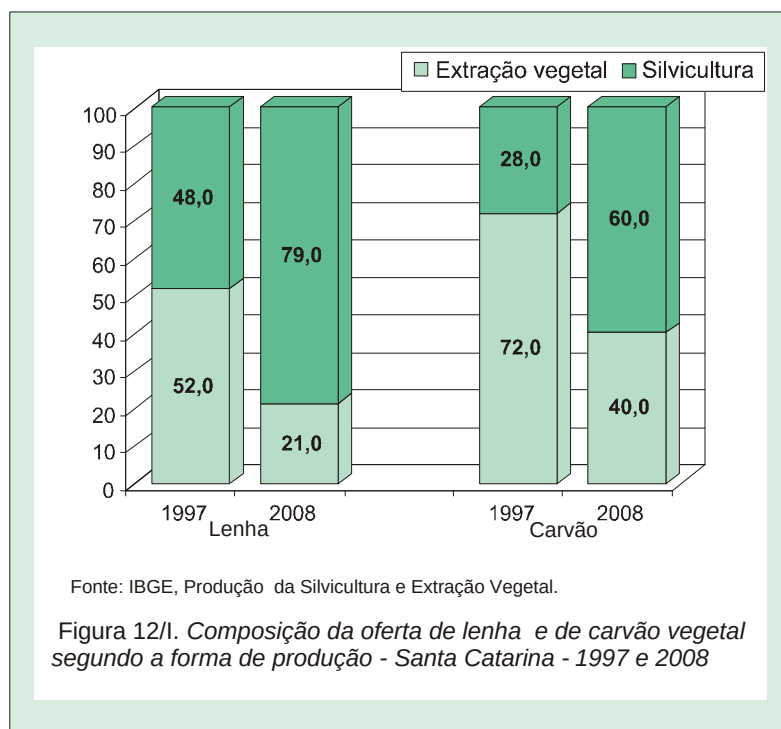
Tabela 13/I. Produção dos principais produtos florestais - Santa Catarina - 2005-09

Produto	Unidade medida	2005	2006	2007	2008	2009
Extração vegetal						
Carvão vegetal	t	8.767	7.884	6.874	4.885	4.386
Erva-mate	t	61.635	41.833	40.559	39.637	36.493
Lenha	mil m ³	2.221	2.220	2.017	1.803	1.667
Madeira em tora	mil m ³	109	99	143	126	120
Araucária (toras)	mil m ³	5	6	16	13	8
Palmito	t	132	129	140	10	9
Pinhão	t	2.051	2.488	2.137	1.788	1.790
Silvicultura						
Carvão vegetal	t	9.050	8.922	8.538	7.459	6.613
Erva-mate	t	37.629	35.292	37.909	41.890	46.254
Lenha	mil m ³	4.773	4.958	5.222	5.602	6.128
Madeira p/papel e celulose	mil m ³	6.044	6.414	6.677	6.525	7.427
Madeira p/outras finalidades	mil m ³	9.732	9.904	8.745	7.955	8.097
Palmito ⁽¹⁾	t	3.254	3.254	1.786	5.378	4.251

⁽¹⁾ Inclui Juçara e Palmeira Real.

Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em <http://www.ibge.gov.br> Sistema Sidra: acesso em julho 2011.

Desempenho do setor florestal



Preços dos insumos e das matérias-primas e produtos florestais

Preços de toras de pinus e de eucalipto seguem em queda

Os preços dos produtos primários e das matérias-primas florestais se mostraram, em geral, decrescentes nos últimos anos, em termos reais (Tabela 14). Os preços das toras de madeira (de pinus e de eucalipto), que vinham apresentando um crescimento bem superior à média dos preços da economia brasileira desde 2000, passaram a ter aumentos inferiores aos dos índices gerais de preços a partir de 2006 e 2007 e, inclusive, com variações nominais negativas a partir de 2008 (Figura 13). Essa reversão de tendência está refletindo a retração sofrida neste período pela indústria de processamento mecânico da madeira.

Os preços dos insumos para a produção florestal se mostraram ligeiramente decrescentes nos últimos anos, em termos reais (Tabela 15). Após um longo período de ascensão, as mudas para a formação de florestas comerciais tiveram seus preços reduzidos a partir de 2006, refletindo o aumento da capacidade de produção instalada em anos anteriores, quando os preços eram mais estimulantes. Apenas as mudas de erva-mate tiveram aumentos reais de preços nos últimos anos.

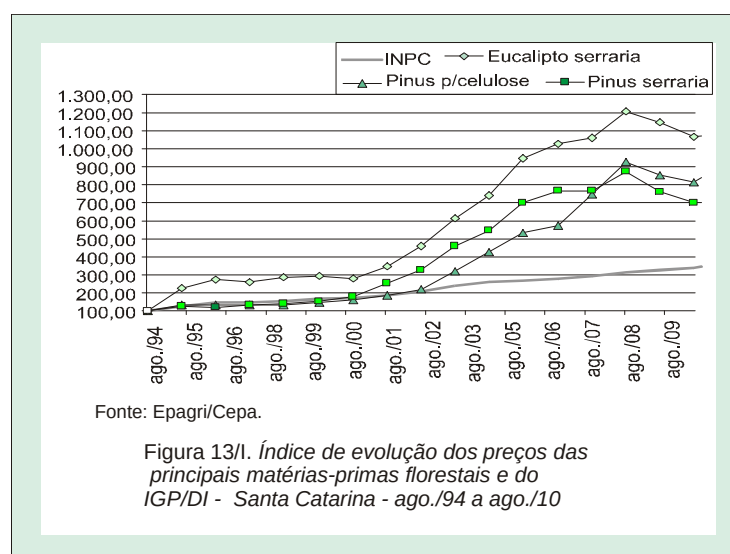
Desempenho do setor florestal

Tabela 14/I. Preço médio dos principais produtos florestais - Santa Catarina -2005–11

Produto	Unidade medida	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011 ⁽¹⁾
Carvão vegetal (R\$)	m3	42,59	46,38	48,83	53,33	61,02	73,53	84,75
Carvão vegetal (R\$ maio/11)	m3	58,87	63,03	62,78	62,01	69,83	79,36	85,09
Erva-mate nativa (R\$)	arroba	3,87	5,03	5,69	5,70	5,74	5,74	5,90
Erva-mate nativa (R\$ maio/11)	arroba	5,34	6,83	7,18	6,64	6,57	6,27	5,92
Erva-mate cultivada (R\$)	arroba	2,47	2,93	3,64	3,72	3,45	3,44	3,65
Erva-mate cultivada (R\$ maio/11)	arroba	3,41	3,97	4,77	4,34	3,94	3,80	3,66
Lenha de eucalipto (R\$)	m3	25,83	27,89	30,41	36,17	41,39	43,20	46,05
Lenha de eucalipto (R\$ maio/11)	m3	35,70	37,90	39,48	42,06	47,37	47,68	46,24
Pinus para celulose (R\$)	t	35,89	39,08	48,89	57,38	57,18	55,55	59,70
Pinus para celulose (R\$ maio/11)	t	49,61	53,08	64,18	66,72	65,44	61,34	59,95
Madeira roliça p/ construção (R\$)	m	1,65	1,55	1,54	1,66	1,69	1,77	1,50
Madeira roliça p/ construção (R\$ maio/11)	m	2,28	2,11	1,96	1,93	1,94	1,77	1,51
Escora de madeira (R\$)	unid.	2,68	2,55	2,52	2,52	2,84	2,75	2,88
Escora de madeira (R\$ maio/11)	unid.	3,70	3,47	3,31	2,93	3,26	3,01	2,89
Madeira em toras de eucalipto (R\$)	m3	102,62	115,65	120,95	131,20	125,14	123,05	116,46
Madeira em toras de eucalipto (R\$ maio/11)	m3	141,84	157,15	155,18	152,72	143,21	131,04	116,95
Madeira em toras de pinus (R\$)	m3	116,33	127,57	133,00	140,19	128,29	123,98	117,23
Madeira em toras de pinus (R\$ maio/11)	m3	160,79	173,35	170,71	163,00	146,82	131,33	117,70

⁽¹⁾Média de janeiro a maio.

Fonte: Epagri/Cepa.



Desempenho do setor florestal

Tabela 15/l. Preço médio de insumos e fatores de produção florestal - Santa Catarina - 2005-11

Produto	Unidade	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011 ⁽¹⁾
Muda de eucaliptus (R\$)	milheiro	151,67	177,50	182,50	193,96	205,16	207,50	200,00
Muda de eucaliptus (R\$ maio/11)	milheiro	193,45	221,02	216,42	206,87	214,60	205,50	184,32
Muda de pinus (R\$)	milheiro	156,36	197,50	200,00	209,99	219,90	220,00	230,00
Muda de pinus (R\$ maio/11)	milheiro	198,03	245,89	237,12	224,13	230,05	217,94	211,91
Muda de erva-mate (R\$)	milheiro	286,36	275,00	315,00	413,79	521,00	568,54	655,00
Muda de erva-mate (R\$ maio/11)	milheiro	362,64	342,37	372,80	441,91	544,78	563,10	603,67
Formicida granulado (R\$)	500 g	4,11	4,09	4,06	4,15	4,45	4,63	4,66
Formicida granulado (R\$ maio/11)	500 g	5,20	5,09	4,81	4,42	4,66	4,58	4,29
Muda de palmeira real (R\$)	milheiro	180,91	277,50	245,00	222,08	205,00	195,00	195,00
Muda de palmeira real (R\$ maio/11)	milheiro	229,11	344,41	290,68	237,24	214,44	193,06	179,69
Muda de palmito jussara (R\$)	milheiro	190,00	280,00	245,00	230,83	249,38	280,00	280,00
Muda de palmito jussara (R\$ maio/11)	milheiro	240,62	347,56	290,68	246,26	260,88	277,28	257,98

⁽¹⁾Média de janeiro a maio.

Fonte: Epagri/Cepa.

Exportações catarinenses de produtos florestais

A indústria moveleira tem mais um ano de baixo desempenho nas exportações

As exportações da indústria catarinense de base florestal, após forte queda de 2009, tiveram uma expansão de 12,3% em 2010, crescimento menor que o apresentado pelos demais setores da economia. Foram exportados no ano passado pelo setor 847 milhões de dólares, uma contribuição com 11% no total exportado pelo Estado (Tabela 16).

Entre 1993 e 2004, a indústria florestal ganhou expressiva participação nas exportações catarinenses, mas com o processo de valorização do real frente ao dólar, iniciado em 2003, veio perdendo gradativamente importância relativa. Com o fraco desempenho dos dois últimos anos, a participação do setor nas exportações totais do Estado recuou a níveis de 20 anos atrás. Mesmo assim, o valor exportado de todos os segmentos cresceu de forma expressiva no período (Figura 14).

Em 2010, as exportações dos segmentos madeiras e suas obras, papel e celulose, de acordo com o capítulo 44 da Nomenclatura Brasileira de Mercadorias (NBM), apresentaram recuperação, acompanhando a tendência geral dos produtos da pauta catarinense. Já o setor de móveis, que vem sofrendo redução em seu valor exportado desde 2006, não deu sinais de recuperação em 2010.

As dificuldades para o setor florestal de Santa Catarina, bastante voltado às exportações, se iniciaram já em 2005, quando o câmbio começou a ficar mais bem apreciado. A expectativa de que a partir de 2011 pudesse começar um processo de recuperação das vendas ao mercado externo foi frustrada pela crise econômica nos países europeus. Para o setor moveleiro a perspectiva é de que o mercado interno seja a única possibilidade de crescimento para os próximos anos.

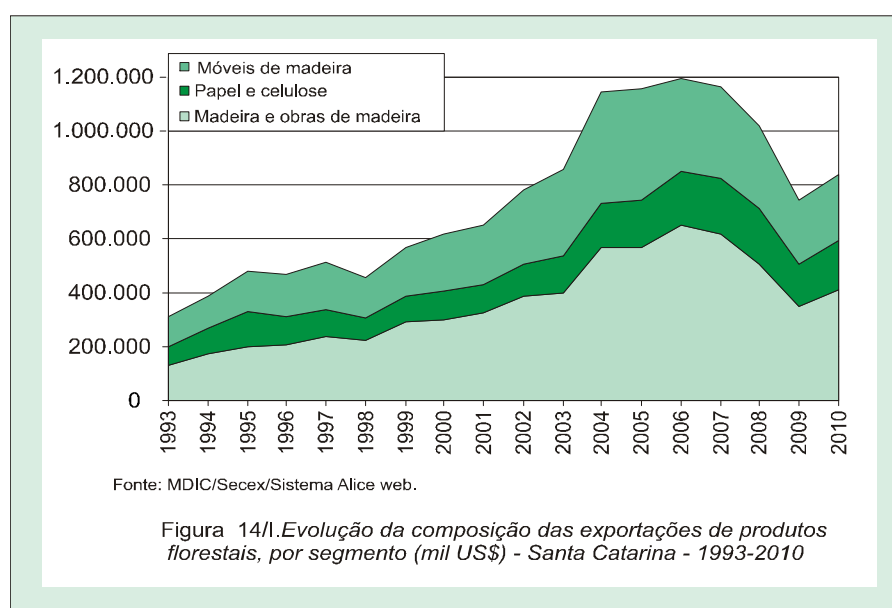
Desempenho do setor florestal

Tabela 16/I. Exportação de produtos florestais - Santa Catarina - 2002-10

(US\$ 1.000 - FOB)

Item	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Erva-mate e derivados	1.935	1.304	1.048	1.100	3.487	8.625	14.207	14.034	17.728
Madeira e obras de madeira	386.719	401.069	569.538	566.358	646.717	620.319	507.511	349.382	410.139
.Madeira serrada	95.092	88.395	100.502	87.470	89.761	91.806	75.709	58.203	68.952
.Madeira laminada	1.185	2.130	1.330	2.190	1.500	8.082	3.124	497	676
.Madeira perfilada	13.960	20.908	26.909	33.938	55.806	36.722	21.793	9.950	17.353
.Painéis de madeira reconstituída (MDF e aglomerado)	11.946	12.970	14.685	14.074	18.090	16.294	12.693	9.053	7.289
.Painéis de madeira compensada	62.463	77.540	124.193	129.918	126.650	144.916	140.104	95.973	112.693
.Molduras de madeira	15.573	16.362	41.309	18.642	25.192	11.369	10.005	10.613	14.079
.Caixas, engradados e paletes	900	516	613	726	1.051	1.931	3.418	5.550	9.088
.Ferramentas, armações e cabos	18.012	19.070	22.348	28.978	32.794	29.104	31.417	20.102	25.436
.Portas, janelas, assoalhos e outras obras de marcenaria e carpintaria	106.064	110.957	176.999	199.671	245.780	233.166	178.846	122.283	137.669
.Outras madeiras e obras de madeira	61.525	52.222	60.650	50.749	48.184	38.698	22.473	13.342	14.123
Papel e celulose	121.338	137.999	164.157	176.386	200.907	202.166	208.047	150.153	173.835
.Pasta de celulose e papel sanitário	18.034	21.684	27.091	29.772	16.655	3.498	2.856	1.662	2573
.Embalagens e pasta "quate"	9.033	16.670	21.218	25.437	34.036	42.976	40.101	37.355	40.314
.Papel e cartão kraft, kraftliner	91.432	95.323	111.464	116.627	143.527	148.109	157.104	111.120	130.946
.Outras pastas e papéis	2.840	4.093	4.295	4.549	6.689	7.293	7.986	16	2
Móveis de madeira	274.170	319.903	409.510	415.314	345.352	342.486	303.800	240.68	245.155
.Móveis de madeira p/ escritório	6.638	10.433	16.389	20.115	14.972	14.950	9.937	5.698	5.121
.Móveis de madeira p/ cozinha	10.169	14.916	16.352	15.241	22.791	24.659	18.537	13.718	12.785
.Móveis de madeira p/ quartos	102.894	127.835	171.849	171.965	139.632	130.063	126.410	106.964	107.599
.Outros móveis de madeira	130.684	142.129	171.796	170.711	137.079	140.098	117.074	90.921	96.017
.Componentes p/ móveis de madeira	23.786	24.578	32.375	36.824	30.665	31.562	30.954	22.381	23.235
.Outros						1.018	888	999	398
Total produtos florestais	784.186	860.275	1.144.253	1.159.158	1.196.932	1.173.366	1.033.565	754.250	846.857
Total exportações	3.157.065	3.695.786	4.853.506	5.584.125	5.982.112	7.381.839	8.310.528	6.427.614	7.582.027

Fonte: MICT/Secex – Sistema Alice.



Crédito rural

Tabajara Marcondes
Eng. Agr. Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Crédito geral

Quando lançou o Plano Safra 2010/11, o governo federal anunciou que seriam disponibilizados R\$ 100 bilhões para agricultura em geral; R\$ 16 bilhões dos quais para a Agricultura Familiar (crédito via Pronaf). Os dados do Anuário Estatístico do Crédito Rural mostram que não foi utilizado o montante anunciado.

Ainda assim, em 2010, mesmo com redução de 6,8% no número de contratos, houve crescimento de 9,2% no valor aplicado no crédito rural brasileiro. Esse crescimento é explicado especialmente pelo aumento da aplicação na atividade pecuária, que participou com 45% do número de contratos e 31% do valor dos financiamentos. Em 2009, esses valores foram de 41% e 28%, respectivamente (Tabela 1).

Em relação às finalidades dos financiamentos (custeio, investimento e comercialização), em 2010 permaneceu a larga margem do valor utilizado para o crédito de custeio (56%), mas houve aumento na participação do crédito de investimento; como ocorreu em 2009 (Tabela 2).

Tabela 1/I. Crédito rural - Financiamentos a produtores e cooperativas, por atividade - Brasil - 2006-10

Ano	Número de contratos (em mil)			Valor dos contratos (em milhões de R\$)		
	Agrícola	Pecuária	Total	Agrícola	Pecuária	Total
2006	1.646	1.876	3.523	31.653	12.113	43.766
2007	1.533	1.432	2.965	37.375	13.790	51.165
2008	1.475	960	2.435	49.782	16.390	66.172
2009	1.480	1025	2.506	54.316	20.870	75.186
2010	1.291	1.046	2.336	56.932	25.145	82.077

Fonte: Banco Central do Brasil - Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Tabela 2/I. Crédito rural - Financiamentos a produtores e cooperativas, por finalidade - Brasil - 2006-10

Ano	Número de contratos (em mil)				Valor dos contratos (em milhões de R\$)			
	Custeio	Investimento	Comercialização	Total	Custeio	Investimento	Comercialização	Total
2006	1.480	1.982	61	3.523	24.367	10.131	9.268	43.766
2007	1.415	1.505	45	2.965	30.603	10.909	9.653	51.165
2008	1.388	998	50	2.435	39.341	14.268	12.563	66.172
2009	1.414	1.025	67	2.506	42.839	17.549	14.798	75.186
2010	1.232	1.038	66	2.336	45.809	20.926	15.341	82.077

Fonte: Banco Central do Brasil - Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Em Santa Catarina ocorreu comportamento semelhante ao do País: mesmo com redução de 10,6% no número contratos, houve crescimento no valor total do crédito. Entretanto, este crescimento foi de apenas 4,2%, o que, considerada a inflação, significa um pequeno decréscimo em termos reais. O crescimento observado no País (9,2%) compensa a inflação com alguma folga.

Crédito rural

Essa pequena expansão nominal no valor do crédito aplicado em Santa Catarina só ocorreu por conta da pecuária, que, mesmo com queda no número de contratos (3,6%), teve um crescimento de quase 22% no valor financiado. A atividade agrícola teve redução de 12,3% no número de contratos e de 3,9% no valor financiado. Com isso, aumentou a participação da pecuária no total do crédito estadual: em 2009, representou 19% do número de contratos e 32% do valor; em 2010, estes percentuais foram de 20% e 37%, respectivamente (Tabela 3).

Tabela 3/I. Crédito rural - Financiamentos a produtores e cooperativas, por atividade - Santa Catarina - 2006-10

Ano	Número de contratos (em mil)			Valor dos contratos (em milhões de R\$)		
	Agrícola	Pecuária	Total	Agrícola	Pecuária	Total
2006	194	28	221	2.282	934	3.216
2007	174	29	203	2.543	994	3.538
2008	188	28	216	3.512	1.125	4.638
2009	187	44	231	3.771	1.770	5.541
2010	164	42	206	3.622	2.154	5.776

Fonte: Banco Central do Brasil - Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Em relação às finalidades dos financiamentos, em Santa Catarina é bem maior a participação do número de contratos destinado ao custeio do que no País. No período 2006 a 2010, essa finalidade respondeu, em média, por 80% do número de contratos realizados no Estado e por 51% no País. No valor, a distribuição relativa estadual é muito próxima da brasileira (Tabelas 2 e 4).

Tabela 4/I. Crédito rural - Financiamentos a produtores e cooperativas, por finalidade - Santa Catarina - 2006-10

Ano	Número de contratos (mil)				Valor dos contratos (milhões de R\$)			
	Custeio	Investimento	Comercialização	Total	Custeio	Investimento	Comercialização	Total
2006	182	35	4	221	2.076	525	614	3.216
2007	168	32	3	203	2.290	558	690	3.538
2008	177	36	3	216	2.762	911	965	4.638
2009	176	51	4	231	3.017	1.399	1.125	5.541
2010	155	48	4	206	3.277	1.451	1.049	5.776

Fonte: Banco Central do Brasil - Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Crédito via Pronaf

No caso do Pronaf, em 2010, mesmo com uma queda de 7% no número de contratos, houve aumento nominal de 7% no valor aplicado no Brasil, com uma leve diminuição da sua participação no total de crédito concedido à agricultura brasileira. Persistiu a trajetória de aumento da participação da pecuária no total do crédito destinado à agricultura familiar (Tabela 5).

Em relação às finalidades, no caso do Pronaf (que não financia operações de comercialização), além de mais proximidade entre os valores destinados ao custeio e investimento do que no crédito rural geral, há anos em que os valores destinados ao investimento superam os do custeio (Tabela 6).

Crédito rural

Tabela 5/I. Pronaf - Financiamentos concedidos a produtores, por atividade - Brasil - 2006-10

Ano	Número de contratos (mil)			Valor dos contratos (milhões de R\$)		
	Agrícola	Pecuária	Total	Agrícola	Pecuária	Total
2006	1.030	1.522	2.551	4.157	3.009	7.166
2007	950	973	1.923	4.532	2.591	7.123
2008	857	693	1.551	5.909	2.755	8.665
2009	899	806	1.705	6.979	4.240	11.219
2010	770	815	1.585	7.048	4.940	11.989

Fonte: Banco Central do Brasil - Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Tabela 6/I. Pronaf - Financiamentos concedidos a produtores por finalidade - Brasil - 2006-10

Ano	Número de contratos (em mil)			Valor dos contratos (em milhões de R\$)		
	Custeio	Investimento	Total	Custeio	Investimento	Total
2006	899	1.652	2.551	3.607	3.559	7.166
2007	862	1.061	1.923	3.976	3.147	7.123
2008	795	756	1.551	4.917	3.748	8.665
2009	836	869	1.705	5.458	5.761	11.219
2010	714	871	1.585	5.716	6.273	11.989

Fonte: Banco Central do Brasil - Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Em Santa Catarina, ao contrário do que ocorre em âmbito nacional, a participação da atividade agrícola no número de contratos e no valor total dos financiamentos é muito superior ao da pecuária, mas nos dois últimos anos houve crescimento bem mais significativo no valor destinado para atividade pecuária do que para a agrícola (Tabela 7).

Em relação às finalidades atendidas pelo Pronaf em Santa Catarina, observa-se grande concentração de contratos destinado ao custeio (no País predominam os contratos de investimento), mas com menor diferença nos valores; particularmente em 2009 e 2010 (Tabela 8).

Tabela 7/I. Pronaf - Financiamentos concedidos a produtores, por atividade - Santa Catarina - 2006-10

Ano	Número de contratos (em mil)			Valor dos contratos (em milhões de R\$)		
	Agrícola	Pecuária	Total	Agrícola	Pecuária	Total
2006	99,4	17,3	116,7	629,0	122,0	751,0
2007	95,8	18,3	114,1	643,5	147,6	791,2
2008	95,6	17,8	113,4	895,6	174,2	1.069,7
2009	104,6	31,9	136,6	1.105,2	373,0	1.478,2
2010	91,1	30,2	121,3	1.162,7	428,6	1.591,3

Fonte: Banco Central do Brasil - Anuário Estatístico do Crédito Rural.

Tabela 8/I. Pronaf - Financiamentos concedidos a produtores, por finalidade - Santa Catarina - 2006-10

Ano	Número de contratos (em mil)			Valor dos contratos (em milhões de R\$)		
	Custeio	Investimento	Total	Custeio	Investimento	Total
2006	93,4	23,3	116,7	517,0	234,0	751,0
2007	92,3	21,8	114,1	538,1	253,1	791,2
2008	90,5	22,9	113,4	621,0	448,8	1.069,7
2009	98,4	38,2	136,6	777,8	700,4	1.478,2
2010	87,4	33,9	121,3	848,4	742,9	1.591,3

Fonte: Banco Central do Brasil - Anuário Estatístico do Crédito Rural.

No período de 2006 a 2010, apesar de representar, em média, apenas 24,6% do valor total dos financiamentos, o Pronaf mostra toda a sua importância ao responder por 55,9% do total dos contratos realizados pela agricultura estadual. No País, representa 67,4% do número de contratos e 14,6% do valor total. Isso mostra que os valores médios dos contratos dos produtores catarinenses são muito superiores aos do País. Nesse período o Estado participou, em média, com 6,7% do número de contratos e 12,1% do valor aplicado na agricultura brasileira via Pronaf.

Seguindo a trajetória de ampliação dos recursos, para o Plano Agrícola e Pecuário 2011/2012 foi anunciada a disponibilização de R\$ 107,21 bilhões. Para o Plano Safra da Agricultura Familiar 2011/2012 foi mantido o valor de R\$ 16 bilhões do ano anterior. Entre as várias novidades no que foram anunciadas, destaca-se a criação do Programa de Garantia de Preços Mínimos da Agricultura Familiar (PGPM-AF).

Crédito funditário

Giovani Canola Teixeira
Eng. Agr. Epagri/Crédito Rural e Funditário
canola@epagri.sc.gov.br
Luis Augusto Araujo
Eng. Agr. Epagri/Cepa
laraujo@epagri.sc.gov.br

Crédito funditário: ampliação do teto para Santa Catarina

A partir da resolução 3.869 do Banco Central do Brasil, que entrou em vigor dia 1º de julho de 2010, o limite de financiamento do Programa Nacional de Crédito Funditário passou de R\$ 40.000,00 para R\$ 70.000,00 (Microrregiões Campos de Lages e Curitibaanos) e R\$ 80.000,00 (demais microrregiões). Esses são valores mais próximos da realidade do mercado de terras de Santa Catarina, aumentando a possibilidade de beneficiar mais famílias através do programa no Estado.

A partir de dezembro de 2010, o Estado começou a operar e integrar o Sistema de Monitoramento do Mercado de Terras (SMMT), contribuindo assim para a base de dados do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) referente à evolução dos valores de terras no Estado. Esta ferramenta está sendo utilizada para monitorar e acompanhar os valores das terras, promovendo a justa remuneração e evitando distorções na aquisição de terras destinadas ao Programa Nacional de Crédito Funditário (PNCF).

Os alcances obtidos pelo programa de acesso a terra

O programa tem contribuído indiretamente para a redução das desigualdades de geração. Observar na Tabela 1 uma redução na idade média dos beneficiários, contribuindo para a manutenção do trabalhador no campo. A idade média reduz de 45,1 em 2002 para 34,1 em 2010.

A evolução do número de beneficiários contratados do Crédito Funditário (2004 a 2011), a partir do total do número de beneficiários e de projetos contratados do Banco da Terra (1999 a 2003), pode ser visualizada na Tabela 2.

Tabela 1/I. *Evolução da idade média dos beneficiários - Santa Catarina - 2002-10*

Ano	Idade média dos beneficiários
2002	45,1
2003	43,8
2004	42,1
2005	40,2
2006	38,0
2007	37,8
2008	37,0
2009	35,1
2010	34,1

Fonte: Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca, UTE, 2011.

Crédito fundiário

Tabela 2/I. *Evolução anual do número de famílias beneficiárias e número de hectares adquiridos do Crédito Fundiário até o ano de 2011, a partir do número obtido com o Banco da Terra (até 2003)*

Ano	Famílias (nº)	Total Acumulado (nº)	Área (ha)	Total acumulado (ha)
Até 2003	4.663	4.663	75.426,0	75.426,0
2004	88	4.751	2.404,3	77.830,3
2005	916	5.667	20.119,1	97.949,4
2006	1.964	7.631	33.076,3	131.025,7
2007	1.025	8.656	17.001,7	148.027,4
2008	644	9.300	10.360,0	158.387,4
2009	615	9.915	8.916,8	167.304,2
2010	272	10.187	4.607,0	171.911,2
2011 ⁽¹⁾	70	10.257	1.725,5	173.636,7

⁽¹⁾Os números de 2011 correspondem ao obtido até o mês de junho.
Fonte: Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca, UTE, 2011.

O maior número de famílias beneficiadas aconteceu no ano de 2006, atingindo 1.964 famílias. Neste mesmo ano foram adquiridos 33.076,3 hectares de terra pelo Programa Nacional do Crédito Fundiário. Observe-se que no ano seguinte, 2007, o número de famílias beneficiárias reduziu-se pela metade e nos anos seguintes, apresenta uma redução contínua.

O número de famílias beneficiadas, a área adquirida, o valor financiado e o valor e a área médios financiados apresentados pelos programas Banco da Terra e Crédito Fundiário podem ser visualizados na Tabela 3, segundo dados fornecidos pela Unidade Técnica Estadual (UTE).

Tabela 3/I. *Alcances obtidos pelos programas do Banco da Terra e do Crédito Fundiário de 1999 a junho de 2011*

Discriminação	Banco da terra	Crédito Fundiário	Total
Famílias financiadas (nº)	4.663	5.594	10.257
Área adquirida (ha)	75.426,0	98.210,7	173.636,7
Valor total financiado (mil R\$) ¹	140.369,31	211.602,26	351.971,57
Valor médio financiado por ha (mil R\$)	1,8610	2,154	2,027
Área média financiada/família (ha)	16,10	17,55	16,92

⁽¹⁾Valor nominal, em reais.
Fonte: Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca, UTE, 2011.

O valor médio financiado por hectare do Crédito Fundiário é R\$ 2.154,00, enquanto que o Banco da Terra apresenta um valor médio por hectare de R\$ 1.861,00. Dois fatos ajudam a explicar essa última diferença: a inflação do período, já que os dados apresentados estão em valores nominais, e o aumento do preço da terra observado nos últimos anos quando comparado com o período de vigência do Banco da Terra.

PARTE II

Divisão do território catarinense e população

Tabela 1/II. Área territorial, população residente total, urbana e rural - 2010

(Nº pessoas)

Meso, microrregião e município	Área territorial (km²)	População		
		Total	Urbana	Rural
Santa Catarina	95.346,18	6.248.436	5.247.913	1.000.523
Mesorregião: Oeste Catarinense	27.365,70	1.200.712	860.563	340.149
MRG: São Miguel do Oeste	4.241,99	174.732	101.195	73.537
Anchieta	228,58	6.380	2.586	3.794
Bandeirante	146,26	2.906	931	1.975
Barra Bonita	93,47	1.878	279	1.599
Belmonte	93,6	2.635	1.273	1.362
Descanso	285,57	8.634	4.297	4.337
Dionísio Cerqueira	377,7	14.811	10.191	4.620
Guaraciaba	330,65	10.498	4.924	5.574
Guarujá do Sul	100,55	4.908	2.655	2.253
Iporã do Oeste	202,37	8.409	4.122	4.287
Itapiranga	280,12	15.409	7.616	7.793
Mondai	200,98	10.231	6.305	3.926
Palma Sola	331,78	7.765	4.468	3.297
Paraíso	178,61	4.080	1.451	2.629
Princesa	86,22	2.758	1.004	1.754
Riqueza	190,28	4.838	2.154	2.684
Romelândia	223,75	5.551	2.008	3.543
Santa Helena	80,98	2.382	882	1.500
São João do Oeste	163,65	6.036	2.119	3.917
São José do Cedro	279,58	13.684	8.447	5.237
São Miguel do Oeste	234,4	36.306	32.065	4.241
Tunápolis	132,91	4.633	1.418	3.215
MRG: Chapecó	6.045,92	405.066	298.985	106.081
Águas de Chapecó	139,13	6.110	3.236	2.874
Águas Frias	75,16	2.424	981	1.443
Bom Jesus do Oeste	67,9	2.132	647	1.485
Caibi	171,71	6.219	3.578	2.641
Campo Erê	478,73	9.370	6.252	3.118
Caxambu do Sul	140,58	4.411	2.155	2.256
Chapecó	624,31	183.530	168.113	15.417
Cordilheira Alta	83,77	3.767	1.448	2.319
Coronel Freitas	234,16	10.213	6.067	4.146
Cunha Porã	220,29	10.613	6.519	4.094
Cunhataí	54,51	1.882	569	1.313
Flor do Sertão	58,71	1.588	328	1.260
Formosa do Sul	99,58	2.601	1.084	1.517
Guatambú	204,76	4.679	1.749	2.930
Iraceminha	164,38	4.253	1.468	2.785
Irati	69,8	2.096	449	1.647
Jardinópolis	68,1	1.766	799	967
Maravilha	169,45	22.101	18.087	4.014
Modelo	92,72	4.045	2.692	1.353
Nova Erechim	64,4	4.275	3.211	1.064
Nova Itaberaba	137,58	4.267	1.530	2.737
Novo Horizonte	151,67	2.750	921	1.829
Palmitos	350,69	16.020	9.871	6.149
Pinhalzinho	128,3	16.332	13.615	2.717
Planalto Alegre	62,63	2.654	1.067	1.587
Quilombo	279,28	10.248	5.746	4.502

(Continua)

Divisão do território catarinense e população

(Continuação)

Meso, microrregião e município	Área territorial (km²)	População		
		Total	Urbana	Rural
MRG: Chapecó (continuação)				
Saltinho	156,53	3.961	1.255	2.706
Santa Terezinha do Progresso	119	2.896	539	2.357
Santiago do Sul	73,56	1.465	650	815
São Bernardino	144,96	2.677	719	1.958
São Carlos	158,99	10.291	6.902	3.389
São Lourenço do Oeste	369,48	21.792	16.880	4.912
São Miguel da Boa Vista	71,92	1.904	439	1.465
Saudades	205,55	9.016	5.123	3.893
Serra Alta	90,44	3.285	1.835	1.450
Sul Brasil	112,7	2.766	1.011	1.755
Tigrinhos	57,44	1.757	343	1.414
União do Oeste	93,06	2.910	1.107	1.803
MRG: Xanxerê	4.805,76	152.465	104.253	48.212
Abelardo Luz	955,37	17.100	9.570	7.530
Bom Jesus	63,55	2.526	1.495	1.031
Coronel Martins	107,41	2.458	685	1.773
Entre Rios	105,17	3.018	928	2.090
Faxinal dos Guedes	339,64	10.661	7.718	2.943
Galvão	121,9	3.472	2.347	1.125
Ipuaçu	261,39	6.798	1.377	5.421
Jupiá	91,71	2.148	1.044	1.104
Lajeado Grande	65,93	1.490	648	842
Marema	103,62	2.203	760	1.443
Ouro Verde	189,27	2.271	715	1.556
Passos Maia	614,43	4.425	1.099	3.326
Ponte Serrada	564,01	11.031	7.624	3.407
São Domingos	383,65	9.491	6.313	3.178
Vargeão	166,45	3.532	1.820	1.712
Xanxerê	377,55	44.128	39.143	4.985
Xaxim	294,72	25.713	20.967	4.746
MRG: Joaçaba	9.136,38	326.459	262.747	63.712
Água Doce	1.313,01	6.961	3.433	3.528
Arroio Trinta	94,33	3.502	2.397	1.105
Caçador	981,9	70.762	64.457	6.305
Calmon	639,53	3.387	2.115	1.272
Capinzal	333,98	20.769	17.754	3.015
Catanduvas	198,03	9.555	8.094	1.461
Erval Velho	207,69	4.352	2.842	1.510
Fraiburgo	546,25	34.553	30.291	4.262
Herval d'Oeste	222,41	21.239	18.851	2.388
Ibiam	147,33	1.945	695	1.250
Ibicaré	150,51	3.373	1.557	1.816
Iomerê	114,74	2.739	907	1.832
Jaborá	191,12	4.041	1.605	2.436
Joaçaba	232,35	27.020	24.924	2.096
Lacerdópolis	68,45	2.199	1.160	1.039
Lebon Régis	940,66	11.838	7.522	4.316
Luzerna	116,83	5.600	4.259	1.341
Macielra	260,07	1.826	501	1.325
Matos Costa	432,18	2.839	1.465	1.374
Ouro	206,23	7.372	4.844	2.528

(Continua)

Divisão do território catarinense e população

(Continuação)

Meso, microrregião e município	Área territorial (km²)	População		
		Total	Urbana	Rural
MRG: Joaçaba (continuação)				
Pinheiro Preto	65,71	3.147	1.700	1.447
Rio das Antas	317,19	6.143	2.740	3.403
Salto Veloso	105,04	4.301	3.402	899
Tangará	389,18	8.674	4.984	3.690
Treze Tílias	185,21	6.341	4.715	1.626
Vargem Bonita	298,61	4.793	2.677	2.116
Videira	377,85	47.188	42.856	4.332
MRG: Concórdia	3.135,66	141.990	93.383	48.607
Alto Bela Vista	103,59	2.005	605	1.400
Arabutã	132,23	4.193	1.307	2.886
Arvoredo	90,71	2.260	501	1.759
Concórdia	797,26	68.621	54.865	13.756
Ipira	150,3	4.752	2.521	2.231
Ipumirim	247,07	7.220	3.148	4.072
Irani	321,56	9.531	6.520	3.011
Itá	165,46	6.426	4.057	2.369
Lindóia do Sul	195	4.642	1.930	2.712
Paial	85,76	1.763	336	1.427
Peritiba	96,41	2.988	1.481	1.507
Piratuba	145,7	4.786	2.855	1.931
Presidente Castello Branco	76,94	1.725	553	1.172
Seara	312,54	16.936	11.586	5.350
Xavantina	215,07	4.142	1.118	3.024
Mesoregião: Norte Catarinense	15.937,77	1.212.843	1.063.909	148.934
MRG: Canoinhas	9.420,32	243.739	161.915	81.824
Bela Vista do Toldo	534,62	6.004	847	5.157
Canoinhas	1.144,84	52.765	39.273	13.492
Irineópolis	591,29	10.448	3.519	6.929
Itaiópolis	1.295,32	20.301	10.737	9.564
Mafra	1.404,21	52.912	41.318	11.594
Major Vieira	525,99	7.479	2.961	4.518
Monte Castelo	561,73	8.346	4.849	3.497
Papanduva	759,83	17.928	9.184	8.744
Porto União	851,24	33.493	28.266	5.227
Santa Terezinha	716,25	8.767	1.513	7.254
Timbó Grande	596,94	7.167	4.083	3.084
Três Barras	438,07	18.129	15.365	2.764
MRG: São Bento do Sul	1.900,12	126.395	114.819	11.576
Campo Alegre	496,15	11.748	7.237	4.511
Rio Negrinho	908,39	39.846	36.348	3.498
São Bento do Sul	495,58	74.801	71.234	3.567
MRG: Joinville	4.617,33	842.709	787.175	55.534
Araquari	401,83	24.810	23.353	1.457
Balneário Barra do Sul	110,43	8.430	8.035	395
Corupá	405	13.852	10.669	3.183
Garuva	501,39	14.761	11.451	3.310
Guaramirim	268,12	35.172	28.046	7.126
Itapoá	257,16	14.763	14.172	591
Jaraguá do Sul	532,59	143.123	132.800	10.323
Joinville	1.130,88	515.288	497.850	17.438
Massaranduba	373,3	14.674	7.606	7.068
São Francisco do Sul	492,82	42.520	39.490	3.030
Schroeder	143,82	15.316	13.703	1.613

(Continua)

Divisão do território catarinense e população

Continuação)

Meso, microrregião e município	Área territorial (km ²)	População		
		Total	Urbana	Rural
Mesorregião: Serrana	22.231,94	406.741	332.431	74.310
MRG: Curitibaanos	6.505,93	122.626	99.324	23.302
Abdon Batista	235,6	2.653	724	1.929
Brunópolis	335,51	2.850	705	2.145
Campos Novos	1.659,63	32.824	27.064	5.760
Curitibaanos	952,28	37.748	34.769	2.979
Frei Rogério	157,85	2.474	706	1.768
Monte Carlo	162,79	9.312	8.076	1.236
Ponte Alta	566,75	4.894	3.578	1.316
Ponte Alta do Norte	400,97	3.303	3.007	296
Santa Cecília	1.145,32	15.757	13.663	2.094
São Cristóvão do Sul	348,96	5.012	3.800	1.212
Vargem	350,12	2.808	896	1.912
Zortéa	190,15	2.991	2.336	655
MRG: Campos de Lages	15.726,01	284.115	233.107	51.008
Anita Garibaldi	588,61	8.623	4.551	4.072
Bocaina do Sul	496,25	3.290	967	2.323
Bom Jardim da Serra	935,18	4.395	2.397	1.998
Bom Retiro	1.055,50	8.942	6.417	2.525
Campo Belo do Sul	1.027,41	7.483	4.406	3.077
Capão Alto	1.335,28	2.753	962	1.791
Celso Ramos	207,41	2.771	872	1.899
Cerro Negro	416,77	3.581	764	2.817
Correia Pinto	651,61	14.785	12.022	2.763
Lages	2.644,31	156.727	153.937	2.790
Otacílio Costa	846,58	16.337	14.891	1.446
Painel	742,1	2.353	945	1.408
Palmeira	292,22	2.373	925	1.448
Rio Rufino	282,57	2.436	688	1.748
São Joaquim	1.885,61	24.812	17.573	7.239
São José do Cerrito	946,24	9.273	2.492	6.781
Urubici	1.019,23	10.699	7.066	3.633
Urupema	353,13	2.482	1.232	1.250
Mesorregião: Vale do Itajaí	13.102,09	1.508.980	1.321.993	186.987
MRG: Rio do Sul	5.267,57	204.894	141.085	63.809
Agronômica	135,92	4.904	1.858	3.046
Aurora	206,95	5.549	1.931	3.618
Braço do Trombudo	89,68	3.457	1.898	1.559
Dona Emma	181,02	3.721	1.868	1.853
Ibirama	246,71	17.330	14.813	2.517
José Boiteux	405,52	4.721	1.611	3.110
Laurentino	79,51	6.004	4.374	1.630
Lontras	198,4	10.244	7.014	3.230
Mirim Doce	336,31	2.513	1.202	1.311
Pouso Redondo	359,52	14.810	9.024	5.786
Presidente Getúlio	295,65	14.887	10.535	4.352
Presidente Nereu	224,67	2.284	808	1.476
Rio do Campo	506,2	6.192	2.632	3.560
Rio do Oeste	245,63	7.090	3.390	3.700
Rio do Sul	258,4	61.198	56.785	4.413
Salete	179,31	7.370	4.987	2.383
Taió	693,03	17.260	9.964	7.296
Trombudo Central	102,8	6.553	4.101	2.452
Vitor Meireles	371,56	5.207	1.445	3.762
Witmarsum	150,8	3.600	845	2.755

(Continua)

Divisão do território catarinense e população

(Continuação)

Meso, microrregião e município	Área territorial (km²)	População		
		Total	Urbana	Rural
MRG: Blumenau	4.752,98	677.376	609.704	67.672
Apiúna	493,53	9.600	4.288	5.312
Ascurra	111,67	7.412	6.457	955
Benedito Novo	385,4	10.336	5.804	4.532
Blumenau	519,84	309.011	294.773	14.238
Botuverá	303,02	4.468	1.310	3.158
Brusque	283,45	105.503	102.025	3.478
Doutor Pedrinho	375,76	3.604	2.019	1.585
Gaspar	386,35	57.981	47.126	10.855
Guabiruba	173,59	18.430	17.066	1.364
Indaial	430,53	54.854	52.927	1.927
Luiz Alves	260,08	10.438	3.256	7.182
Pomerode	215,9	27.759	23.823	3.936
Rio dos Cedros	555,65	10.284	5.110	5.174
Rodeio	130,94	10.922	9.424	1.498
Timbó	127,25	36.774	34.296	2.478
MRG: Itajaí	1.551,36	570.947	542.000	28.947
Balneário Camboriú	46,49	-	108.089	-
Balneário Piçarras	99,07	17.078	15.500	1.578
Barra Velha	140,16	22.386	21.320	1.066
Bombinhas	34,49	-	14.293	-
Camboriú	214,5	62.361	59.231	3.130
Ilhota	253,44	12.355	7.898	4.457
Itajaí	289,26	183.373	173.452	9.921
Itapema	59,02	45.797	44.659	1.138
Navegantes	111,46	60.556	57.402	3.154
Penha	58,78	25.141	23.064	2.077
Porto Belo	92,76	16.083	15.167	916
São João do Itaperiú	151,93	3.435	1.925	1.510
MRG: Ituporanga	1.530,19	55.763	29.204	26.559
Agrolândia	207,12	9.323	5.959	3.364
Atalanta	94,53	3.300	1.368	1.932
Chapadão do Lageado	124,47	2.762	513	2.249
Imbuia	121,89	5.707	2.515	3.192
Ituporanga	336,96	22.250	14.832	7.418
Petrolândia	306,15	6.131	2.225	3.906
Vidal Ramos	339,07	6.290	1.792	4.498
Mesorregião: Grande Florianópolis	6.999,43	994.095	915.864	78.231
MRG: Tijucas	2.127,69	91.907	68.600	23.307
Angelina	499,95	5.250	1.123	4.127
Canelinha	151,41	10.603	6.726	3.877
Leoberto Leal	291,19	3.365	820	2.545
Major Gercino	285,68	3.279	1.249	2.030
Nova Trento	402,12	12.190	9.129	3.061
São João Batista	220,73	26.260	23.551	2.709
Tijucas	276,62	30.960	26.002	4.958
MRG: Florianópolis	2.488,59	878.260	838.779	39.481
Antônio Carlos	229,12	7.458	2.341	5.117
Biguaçu	324,52	58.206	52.758	5.448
Florianópolis	433,32	421.240	405.286	15.954
Governador Celso Ramos	93,06	12.999	12.252	747
Palhoça	394,66	137.334	135.311	2.023
Paulo Lopes	450,37	6.692	4.820	1.872
Santo Amaro da Imperatriz	310,74	19.823	14.970	4.853
São José	113,17	209.804	207.312	2.492
São Pedro de Alcântara	139,64	4.704	3.729	975

(Continuação)

Divisão do território catarinense e população

(Continuação)

Meso, microrregião e município	Área territorial (km²)	População		
		Total	Urbana	Rural
MRG: Tabuleiro	2.383,15	23.928	8.485	15.443
Águas Mornas	360,76	5.548	2.327	3.221
Alfredo Wagner	732,28	9.410	2.868	6.542
Anitápolis	542,38	3.214	1.315	1.899
Rancho Queimado	286,43	2.748	1.290	1.458
São Bonifácio	461,3	3.008	685	2.323
Mesorregião: Sul Catarinense	9.709,25	925.065	753.153	171.912
MRG: Tubarão	4.657,66	374.859	295.724	79.135
Armazém	173,48	7.753	4.884	2.869
Braço do Norte	221,31	29.018	23.383	5.635
Capivari de Baixo	53,17	21.674	19.816	1.858
Garopaba	114,67	18.138	15.320	2.818
Grão Pará	328,1	6.223	3.019	3.204
Gravatal	188,47	10.635	4.443	6.192
Imaruí	542,24	11.672	4.005	7.667
Imbituba	184,79	-	40.170	-
Jaguaruna	329,46	17.290	13.198	4.092
Laguna	440,53	51.562	40.655	10.907
Orleans	549,82	21.393	16.084	5.309
Pedras Grandes	171,82	4.107	1.261	2.846
Rio Fortuna	300,32	4.446	1.523	2.923
Sangão	83,06	10.400	4.856	5.544
Santa Rosa de Lima	202,98	2.065	518	1.547
São Ludgero	107,57	10.993	9.863	1.130
São Martinho	224,53	3.209	1.231	1.978
Treze de Maio	161,08	6.876	3.401	3.475
Tubarão	300,27	97.235	88.094	9.141
MRG: Criciúma	2.089,38	369.398	331.850	37.548
Cocal do Sul	71,21	15.159	12.696	2.463
Criciúma	235,53	192.308	189.630	2.678
Forquilha	181,92	22.548	18.426	4.122
Içara	292,78	58.833	53.913	4.920
Lauro Muller	270,51	14.367	11.106	3.261
Morro da Fumaça	82,94	16.126	13.863	2.263
Nova Veneza	293,56	13.309	8.927	4.382
Siderópolis	262,7	12.998	10.051	2.947
Treviso	157,67	3.527	1.833	1.694
Urussanga	240,48	20.223	11.405	8.818
MRG: Araranguá	2.962,21	180.808	125.579	55.229
Araranguá	303,8	61.310	50.526	10.784
Balneário Arroio do Silva	93,82	9.586	9.391	195
Balneário Gaivota	147,71	8.234	6.363	1.871
Ermo	63,87	2.050	619	1.431
Jacinto Machado	428,65	10.609	5.133	5.476
Maracajá	63,4	6.404	4.256	2.148
Meleiro	186,62	7.000	3.649	3.351
Morro Grande	256,47	2.890	756	2.134
Passo de Torres	95,05	6.627	5.873	754
Praia Grande	278,58	7.267	4.297	2.970
Santa Rosa do Sul	151,44	8.054	3.746	4.308
São João do Sul	182,7	7.002	1.572	5.430
Sombrio	142,75	26.613	19.638	6.975
Timbé do Sul	333,43	5.308	1.845	3.463
Turvo	233,94	11.854	7.915	3.939

Fonte: IBGE - Censo Demográfico.

Informações econômicas da agropecuária

Tabela 2/II. Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo - Santa Catarina - 2005-10

Discriminação	(nº)					
	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Cultivadores	909	751	405	546	437	535
Trator de rodas (em cv)	1.614	1.372	2.206	3.474	5.013	4.724
Trator de esteiras	25	7	8	24	40	40
Colheitadeiras	84	63	140	201	103	157
Retroescavadeiras	62	66	70	110	125	193
Total	2.694	2.259	2.829	4.355	5.718	5.649

Fonte: Anfavea.

Tabela 3/II. Consumo aparente de fertilizantes, segundo o tipo - Santa Catarina - 2004-09

Discriminação	(t)					
	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Fertilizantes	639.693	612.376	595.197	662.237	653.778	705.656
Nutrientes						
- N	98.356	100.415	90.709	53.400	106.945	125.050
- P ₂ O ₅	78.206	72.844	77.833	41.679	94.236	99.983
- K ₂ O	87.893	78.696	76.758	45.108	85.427	76.532

Fonte: Anda.

Informações econômicas da agropecuária

Tabela 4/II. Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais - Santa Catarina - Safras 2009/10-2010/11

(mil t)

Produto	Oferta	Safr 2009/10						Saldo
		Demanda						
		Consumo			Reservas para sementes	Perdas	Total	
		Animal in natura	Humano in natura	Industrial e saídas				
Alho	11,6	-	3,0	3,0	2,0	0,4	8,4	3,2
Arroz	1.041,6	-	452,7		35,8	5,3	493,8	547,8
Banana	672,9	-	169,0	101,0	-	167,0	437,0	235,9
Batata	105,4	-	104,5	-	14,0	1,5	120,0	(14,6)
Cebola	454,3	-	40,5	-	-	125,2	165,7	288,6
Feijão	169,8	-	78,2	1,0	3,0	9,0	91,2	78,6
Mandioca	541,5	163,1	35,3	324,0	-	10,5	532,9	8,6
Milho	3.798,4	5.091,3	91,0	45,0	3,0	100,0	5.330,3	(1.531,9)
Soja	1.374,0	7,3	4,2	1.100,0	4,5	23,0	1.139,0	235,0
Trigo	275,2	-	-	370,4	19,3	2,0	391,7	(116,5)

Fonte: Epagri/Cepa.

(mil t)

Produto	Oferta	Safr 2010/11						Saldo
		Demanda						
		Consumo			Reservas para sementes	Perdas	Total	
		Animal in natura	Humano in natura	Industrial e saídas				
Alho	16,4	-	3,5	3,5	2,0	0,4	9,4	7,0
Arroz	980,5	-	425,0	-	34,0	5,0	464,0	516,5
Banana	675,7	-	169,6	101,5	-	165,0	436,1	239,6
Batata	107,5	-	105,5	-	14,5	1,5	121,5	(14,0)
Cebola	537,5	-	47,8	-	-	148,0	195,8	341,7
Feijão	156,7	-	72,2	1,0	3,0	8,0	84,2	72,5
Mandioca	511,6	154,0	32,3	306,0	-	10,0	502,3	9,3
Milho	3.539,0	5.075,0	70,0	40,0	-	50,0	5.235,0	(1.696,0)
Soja	1.491,0	7,6	4,3	1.112,0	15,0	23,5	1.162,4	328,6
Trigo	241,1	-	-	324,5	16,9	2,0	343,4	(102,3)

Fonte: Epagri/Cepa.

Informações econômicas da agropecuária

Tabela 5/II. Exportações do agronegócio catarinense - 2006-11

(US\$ FOB 1.000)

Produto exportado	2006	2007	2008	2009	2010	2011 ⁽¹⁾
Produção animal e derivados	1.410.512	2.047.890	2.681.645	2.242.879	2.598.978	2.298.952
Carne suína	311.317	330.985	430.806	330.992	337.891	353.466
Carnes de frangos	966.458	1.552.912	2.042.372	1.721.412	2.019.803	1.794.000
Outras carnes de aves	60.507	67.279	87.170	69.245	96.106	48.402
Carne bovina	7.225	6.176	13.100	23.494	38.120	29.842
Outras carnes	24.380	39.151	56.055	50.538	58.059	31.676
Pescados e crustáceos	27.598	38.305	35.164	26.247	26.798	25.798
Mel natural	3.110	2.222	3.523	7.910	4.215	1.631
Outros produtos origem animal	9.917	10.859	13.456	13.042	17.987	14.136
Produção vegetal e derivados	658.600	1.063.590	1.237.504	1.102.926	1.257.834	1.184.610
Soja - óleo	39.393	59.226	107.030	60.875	72.746	66.718
Soja - em grão, para semeadura e outros	47.110	306.139	186.547	97.863	141.006	188.566
Soja - farelos e farinhas	10.394	58	72	1.244	16.107	83.898
Milho	6.383	43.211	31.681	7.089	4.183	918
Arroz	356	1.282	5.868	17.388	1.665	17.667
Banana	9.051	11.669	13.099	16.522	16.253	10.782
Maçã	20.526	38.591	37.722	15.508	19.173	4.990
Outras frutas frescas ou secas	1.465	2.144	2.851	3.190	1.684	1.039
Frutas em conserva e doces	1.980	1.672	1.206	905	807	720
Sucos de frutas	17.788	23.652	37.429	26.065	33.217	26.132
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	7.384	6.235	3.463	2.201	1.626	1.228
Produtos hortícolas	365	1.502	189	437	410	1.193
Fécula de mandioca	623	315	1.024	542	1.164	1.043
Erva mate	3.487	8.625	14.207	14.034	17.728	12.889
Plantas ornamentais	288	449	527	492	401	119
Gomas e resinas	1.353	2.261	1.311	2.305	1.726	1.384
Fumo	465.898	534.483	758.662	813.660	873.880	724.852
Bebidas fermentadas e destiladas	1.116	1.348	1.587	1.443	2.153	1.172
Outros prod. vegetais e da agroindústria	23.641	20.728	33.029	21.163	51.908	39.300
Indústria da madeira, papel e papelão	1.192.464	1.163.937	1.017.591	746.248	838.886	605.616
Madeira e obras de madeiras	646.717	620.319	507.131	349.382	410.139	294.477
Móveis de madeira	344.967	341.389	302.466	239.539	244.697	139.159
Papel e papelão	200.779	202.230	207.994	157.326	184.051	171.980
Total geral do agronegócio	3.261.576	4.275.417	4.936.740	4.092.053	4.695.699	4.089.178
Total geral	5.965.687	7.381.839	8.310.528	6.427.614	7.582.027	6.634.828

⁽¹⁾Até setembro.

Fonte: MDIC/Secex/Sistema aliceweb.

Informações econômicas da agropecuária

Tabela 6/II. Importações do agronegócio catarinense - 2006-11

(US\$ FOB 1.000)

Produto importado	2006	2007	2008	2009	2010	2011 ⁽¹⁾
Produção animal e derivados	52.773	69.161	93.141	151.028	197.924	194.211
Animais vivos	176	231	187	0	0	151
Carnes de animais	4.359	4.104	7.363	9.233	15.094	12.440
Pescados e crustáceos	32.336	44.109	56.400	99.742	125.883	136.817
Laticínios e ovos	2.771	2.455	4.248	9.875	14.247	12.549
Preparações e conservas de carnes e pescados	1.697	4.187	4.060	6.614	20.802	17.741
Outros produtos origem animal não comestíveis	11.434	14.076	20.883	25.564	21.898	14.513
Produção vegetal e derivados	423.420	482.112	731.927	671.967	721.795	569.049
Soja e derivados	33.359	35.678	52.518	34.543	18.804	0
Milho	35.611	42.398	50.849	18.665	20.296	7.480
Trigo	75.382	86.414	98.701	60.400	100.224	76.405
Arroz	1.025	934	1.989	4.460	6.964	1.989
Malte	66.116	40.899	77.976	99.268	35.009	744
Outros cereais, grãos e prod. de moagem	28.352	33.454	72.005	89.110	40.375	46.176
Óleos e gorduras vegetais	28.779	59.309	73.792	76.147	80.964	80.062
Fumo	1.536	1.069	2.086	2.267	3.021	5.584
Uva	5.850	7.735	14.421	11.542	14.469	11.571
Maçã	4.633	7.148	7.444	6.567	8.211	7.361
Pera	10.144	12.965	21.460	22.399	26.131	18.798
Ameixa	7.873	9.542	11.645	9.234	8.993	6.853
Outras frutas frescas ou secas	8.253	9.552	19.980	10.155	21.800	14.844
Gomas e resinas	6.952	4.336	21.902	20.110	7.469	1.529
Cebola	3.078	1.534	6.725	4.282	11.108	9.657
Alho	2.687	6.125	7.683	12.721	38.545	52.541
Outros produtos Horticolas	9.060	9.992	42.352	25.273	48.942	35.663
Batatas preparadas ou conservadas	8.034	8.665	18.434	27.454	43.709	34.313
Leveduras	2.221	2.273	2.189	1.690	2.838	3.482
Açúcar, Cacau e produtos de confeitaria	1.405	1.882	3.354	3.055	5.243	4.842
Outros prod. vegetais e da agroindústria	83.070	100.209	124.423	132.626	178.681	149.158
Indústria da madeira, papel e papelão	49.210	65.759	92.701	88.370	115.767	99.499
Madeira e obras de madeiras	10.504	16.274	18.128	16.010	18.860	16.091
Papel e papelão	38.706	49.484	74.574	72.360	96.906	83.408
Total geral do agronegócio	525.403	617.032	917.769	911.365	1.035.485	862.759
Total Santa Catarina	3.472.345	5.001.944	7.940.724	7.283.252	11.788.940	9.427.296

⁽¹⁾Até setembro.

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Informações econômicas da agropecuária

Tabela 7/I. Valor bruto corrente da produção dos principais produtos da agropecuária catarinense - 2004-09
(mil R\$)

Produto	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Lavoura temporária¹						
Alho	43.545	28435	74.941	45.271	30.726	54.468
Arroz em casca	632.750	427.129	387.114	428.103	571.385	593.365
Batata-inglesa	52.168	62989	75.290	37.251	68.174	107.185
Cana-de-açúcar	56.534	50853	53.596	70.156	54.442	95.665
Cebola	159.581	132560	206.207	206.485	243.354	237.056
Feijão em grão	134.711	122787	165.634	124.088	362.227	217.180
Fumo em folha (folha seca)	1.176.162	1.262.195	957.158	1.045.171	1.276.598	1.499.628
Mandioca	111.101	79987	92.696	91.257	81.971	116.229
Milho em grão	993.316	749904	617.976	1.046.082	1.553.831	1.114.245
Soja em grão	483.914	294966	334.978	516.012	675.967	725.681
Tomate	80.669	83168	48.910	71.358	110.137	160.377
Trigo em grão	67.997	29916	46.374	98.849	138.640	109.325
Sub total	3.992.448	3.324.889	3.060.874	3.780.083	5.167.452	5.030.404
Lavoura Permanente (1)						
Banana	176.003	163.883	181.745	230.752	192.408	189.155
Erva-mate	5.793	5.644	5.840	8.090	11.253	11.888
Laranja	17.678	19.428	18.612	23.192	31.659	28.705
Maçã	252.955	260.080	477.157	385.590	449.798	394.692
Maracujá	2.486	2.352	2.533	2.543	3.299	3.326
Palmito	3.108	7.086	7.103	3.000	5.984	13.141
Pêra	1.197	1.662	2.641	2.336	3.205	734
Pêssego	22.621	20.387	20.087	12.923	22.339	4.996
Tangerina (bergamota, mexerica)	2.738	3.104	2.413	3.200	2.562	2.140
Uva (para mesa)	29.749	34.157	33.359	56.111	57.649	80.485
Sub total	514.328	517.783	751.490	727.737	780.156	729.262
Silvicultura (1)						
Carvão vegetal	2.850	4.722	4.836	4.472	4.841	4.319
Lenha	71.494	100.539	110.985	140.436	162.130	191.895
Madeira em toras para papel e celulose	184.691	187.221	227.880	266.385	304.797	383.117
Madeira em toras p/ outras finalidades	566.857	745.743	738.097	568.652	549.427	669.781
Sub total	825.892	1.038.225	1.081.798	979.945	1.021.195	1.249.112
Exploração Florestal (1)						
Carvão vegetal	2.993	3.589	2.972	3.024	2.499	2.180
Erva-mate	16.123	16.411	12.110	14.264	14.806	13.380
Lenha	35.492	44.930	51.013	54.335	54.857	56.343
Madeira em toras	9.405	5.445	5.560	8.523	8.066	8.909
Pinhão	1.882	2.389	2.173	2.367	2.527	2.668
Sub total	65.895	72.764	73.828	82.513	82.755	83.480
Pecuária (2)						
Bovinos	459.522	480.919	482.252	505.764	615.565	
Leite de vaca	825.198	870.705	756.530	945.386	1.250.396	
Queijo ou requeijão	135.486	142.958	124.212	155.220	205.298	
Ovinos	2.014	1.976	1.847	2.469	3.184	
Mel	11.532	12.388	11.496	10.220	12.390	
Esterco	19.528	19.172	18.157	21.334	28.595	
Subtotal	1.453.281	1.528.118	1.394.493	1.640.393	2.115.430	
Suínos	1.950.512	2.114.628	1.830.355	1.683.146	2.136.380	
Banha	26.466	28.693	24.835	22.838	28.988	
Carne verde de suínos	153.363	166.267	143.916	132.341	167.978	
Embutidos, lingüica, salame, etc.	25.824	27.997	24.234	22.285	28.285	
Subtotal	2.156.166	2.337.585	2.023.340	1.860.610	2.361.630	
Aves (Galináceos + Outras aves)	3.163.499	3.373.698	2.842.913	3.807.228	4.211.637	
Carne de aves (Galináceos+Outras aves)	155.902	166.261	140.103	187.626	207.556	
Ovos de galinha	505.066	576.091	512.912	68.153	79.953	
Subtotal	3.824.467	4.116.050	3.845.198	4.063.007	4.499.146	
TOTAL	12.832.477	12.935.414	12.231.022	13.134.288	16.027.764	

Fonte: ⁽¹⁾IBGE. Produção Agrícola Municipal. Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura.

⁽²⁾Produto Interno Bruto. IBGE, SPG/DEGE/Gerência de Estatística e Epagri.

Preços Agrícolas

Tabela 8/II. Preços mínimos do Programa de Garantia de Preços para Agricultura Familiar (PGPAF) - 10/01/2011 a 09/01/2013

Produto	Regiões e Estados	Unidade de Medida	Vigência	Preço Garantidor (R\$)
Alho tipo 5 - Extra	Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste	kg	10/01/2011 - 9/01/2012	2,20
Arroz longo fino em casca	Sul (exceto PR)	sc (50kg)	10/01/2011 - 9/01/2012	25,80
Banana	Brasil	cx (20kg)	10/01/2011 - 9/01/2012	7,57
Cebola	Brasil	kg	10/01/2011 - 9/01/2012	0,56
Feijão	Brasil	sc (60kg)	10/01/2011 - 9/01/2012	80,00
Maçã	Sul	cx (18kg)	10/01/2011 - 9/01/2012	7,92
Milho	Sul, Sudeste, Centro-Oeste (exceto MT), TO	sc (60kg)	10/01/2011 - 9/01/2012	17,46
Raiz de mandioca	Centro-Oeste, Sudeste e Sul	t	10/01/2011 - 9/01/2012	115,00
Soja	Brasil (exceto MT, RO, AM, PA e AC)	sc (60kg)	10/01/2011 - 9/01/2012	25,11
Tomate	Brasil	kg	10/01/2011 - 9/01/2012	0,70
Uva	Sul, Sudeste e Nordeste	kg	10/01/2011 - 9/01/2012	0,52
Alho tipo 5 - Extra	Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste	kg	10/01/2011 - 9/01/2012	2,45
Leite	Sul, Sudeste	litro	10/07/2011 - 9/07/2012	0,64
Trigo (exceto PR)	RS/SC	sc (60Kg)	10/07/2011 - 9/07/2012	23,81
Triticale	Centro-Oeste, Sudeste e Sul	sc (60kg)	10/07/2011 - 9/07/2012	17,10
Arroz longo fino em casca	Sul (exceto PR)	sc (50kg)	10/01/2012 - 9/01/2013	25,80
Banana	Brasil	20kg	10/01/2012 - 9/01/2013	8,00
Cebola	Brasil	kg	10/01/2012 - 9/01/2013	0,56
Feijão	Brasil	sc (60kg)	10/01/2012 - 9/01/2013	76,00
Maçã	Sul	cx (18kg)	10/01/2012 - 9/01/2013	8,00
Milho	Sul, Sudeste, Centro-Oeste (exceto MT e RO) e TO	sc (60kg)	10/01/2012 - 9/01/2013	18,02
Raiz de mandioca	Centro-Oeste, Sudeste, Sul	t	10/01/2012 - 9/01/2013	134,10
Soja	Brasil (exceto MT, RO, AM, PA e AC)	sc (60kg)	10/01/2012 - 9/01/2013	25,11
Tomate	Brasil	kg	10/01/2012 - 9/01/2013	0,73

Fonte: Banco Central do Brasil. Resolução n. 3990, de 30 de junho de 2011.

Preços Agrícolas

Tabela 9/II. Preços médios mensais recebidos pelos produtores dos principais produtos agropecuários - Santa Catarina - 2008-11

Ano	Mês	Milho (sc 60kg) Chapecó	Soja (sc 60kg) Chapecó	Feijão preto (sc 60kg) Chapecó	Feijão carioca (sc 60kg) Chapecó	Arroz irrigado (sc 50kg) SC	Trigo interme- diário (sc 60kg) SC	Trigo superior (sc 60kg) SC	Cebola Pera (pgto 35 dias) (sc 20kg) Rio do Sul
2008	Jan.	24,70	41,57	116,67	176,67	21,75	28,00	29,63	18,00
	Fev.	23,09	44,75	118,00	156,22	22,51	28,95	30,67	16,61
	Mar.	22,67	43,13	118,60	139,97	23,09	32,08	34,07	19,32
	Abr.	22,89	42,36	94,37	101,70	26,42	35,07	37,07	20,90
	Maio	22,71	42,41	123,29	111,76	33,05	34,79	36,30	16,72
	Jun.	23,00	45,25	142,22	145,56	32,95	34,38	36,19	...
	Jul.	23,41	46,43	132,17	132,17	32,14	33,71	35,44	...
	Ago.	21,43	41,27	120,00	150,00	32,25	30,20	32,20	...
	Set.	21,07	42,75	122,25	122,25	32,46	27,02	29,27	...
	Out.	19,89	42,05	130,00	130,00	34,39	26,40	27,62	...
	Nov.	18,22	43,44	100,00	92,22	33,31	24,91	26,10	9,28
	Dez.	17,70	42,60	100,00	99,00	32,50	24,45	25,82	8,93
2009	Jan.	20,70	47,38	138,00	109,50	32,00	24,71	26,66	10,60
	Fev.	20,09	46,81	107,19	77,19	32,00	25,87	27,52	10,41
	Mar.	18,39	43,59	72,95	70,00	30,23	25,98	27,61	9,59
	Abr.	17,92	45,36	70,00	70,00	29,34	25,83	27,50	8,00
	Maio	18,93	47,25	67,45	67,45	27,87	25,94	28,58	8,95
	Jun.	19,16	46,34	65,63	65,63	26,25	26,50	28,84	...
	Jul.	17,18	43,13	70,00	70,00	26,37	25,82	27,78	...
	Ago.	17,00	44,00	63,25	63,25	27,15	24,86	27,00	...
	Set.	17,00	43,31	61,90	60,00	27,21	24,33	26,39	...
	Out.	17,64	42,52	65,00	60,00	27,33	24,25	26,12	24,50
	Nov.	17,68	42,25	63,44	58,44	26,95	24,08	26,05	27,60
	Dez.	16,90	41,69	54,22	51,56	26,33	23,23	24,89	14,75
2010	Jan.	16,33	39,72	65,00	55,67	30,00	23,00	24,50	14,00
	Fev.	15,44	34,50	61,47	55,00	29,26	23,08	24,50	14,71
	Mar.	15,40	32,52	68,65	67,35	28,48	22,86	24,36	18,04
	Abr.	15,00	31,33	79,21	85,79	28,00	22,67	24,12	21,05
	Maio	14,90	32,21	74,76	84,76	28,00	22,67	24,17	...
	Jun.	15,45	32,32	71,00	84,00	27,32	22,27	24,17	...
	Jul.	15,00	34,23	70,00	80,23	26,55	22,33	24,32	...
	Ago.	16,23	37,02	70,00	80,00	26,19	22,89	25,04	...
	Set.	19,65	38,33	82,50	90,00	26,33	23,80	26,17	...
	Out.	21,00	40,71	90,00	100,00	26,25	23,51	25,82	...
	Nov.	22,45	43,74	86,00	96,00	26,12	23,43	25,60	5,41
	Dez.	21,21	44,96	70,00	71,67	26,07	23,25	25,33	4,85
2011	Jan.	23,00	47,33	65,00	65,00	...	22,25	24,00	...
	Fev.	24,68	47,10	60,50	59,00	20,67	23,34	25,79	5,10
	Mar.	24,21	44,52	67,71	67,71	20,50	24,63	26,36	10,03
	Abr.	25,09	42,39	74,83	72,00	19,85	24,60	26,25	9,50
	Maio	24,21	40,88	73,33	69,33	19,18	24,29	25,76	9,42
	Jun.	24,38	40,68	72,50	70,50	19,17	24,20	25,75	...
	Jul.	24,55	40,26	70,00	70,00	19,73	24,20	25,75	...
	Ago.	24,33	41,11	65,43	65,43	21,33	24,06	25,75	...
	Set.	25,26	43,93	65,00	65,00	21,53	24,24	25,89	...
	Out	25,47	42,66	68,68	68,68	21,56	23,82	25,42	...

(Continua)

Preços Agrícolas

(Continuação)

Ano	Mês	Batata não lavada especial e primeira (sc 50kg)SC	Alho tipo 5 (kg) Joaçaba	Farinha mandioca grossa (sc 50kg) Região Sul	Mandioca (t) SC	Banana Caturra (cx 20 a 22kg) Região Norte	Banana Prata (cx 20 a 22kg) Região Sul	Fumo TO2 (kg) SC
2008	Jan.	22,30	...	30,00	...	7,80	12,00	5,02
	Fev.	21,80	2,55	30,47	...	6,97	12,00	5,02
	Mar.	20,00	2,40	31,58	...	7,50	12,00	5,02
	Abr.	20,42	2,17	31,00	132,50	7,69	12,00	5,02
	Mai	24,40	1,73	31,28	130,97	6,83	12,28	5,02
	Jun.	25,85	1,53	30,00	130,80	7,00	13,00	5,02
	Jul.	30,15	2,20	30,00	130,89	7,00	13,00	5,02
	Ago.	29,24	2,20	30,00	125,08	7,69	13,00	5,02
	Set.	24,29	...	30,00	113,00	7,75	13,00	5,02
	Out.	23,66	...	30,00	...	6,20	12,68	5,02
	Nov.	24,05	...	30,00	...	6,95	12,00	5,02
	Dez.	22,70	...	30,00	...	6,53	11,86	5,02
2009	Jan.	23,96	2,00	30,00	...	3,00	10,00	5,02
	Fev.	28,88	2,00	28,00	...	3,23	10,00	5,34
	Mar.	29,82	2,00	28,95	...	3,92	10,00	5,34
	Abr.	29,23	2,10	28,28	125,00	7,68	10,61	5,34
	Mai	36,59	2,85	28,00	136,10	7,25	12,00	5,67
	Jun.	43,38	4,20	28,00	139,88	6,03	12,00	5,67
	Jul.	41,75	4,20	28,00	135,42	6,90	12,07	5,67
	Ago.	...	...	28,00	129,44	8,86	12,35	5,67
	Set.	...	...	28,00	130,85	8,68	11,48	5,65
	Out.	...	...	31,90	125,00	9,00	10,15	5,68
	Nov.	...	...	35,20	...	7,66	10,00	5,68
	Dez.	39,06	...	34,00	...	4,20	9,96	5,67
2010	Jan.	...	4,50	...	...	...	...	5,67
	Fev.	40,96	4,68	38,71	...	3,29	5,14	5,67
	Mar.	44,00	4,81	40,00	...	6,36	10,43	5,68
	Abr.	41,97	4,95	...	190,00	7,56	...	...
	Mai	51,82	4,78	...	180,28	6,17	...	...
	Jun.	55,36	5,52	44,06	188,76	6,81	12,17	5,93
	Jul.	...	6,00	44,00	198,20	7,03	12,24	5,93
	Ago.	...	...	44,00	196,36	7,00	11,90	6,21
	Set.	...	...	40,70	189,00	7,55	11,93	6,21
	Out.	...	...	43,33	...	8,85	10,69	6,21
	Nov.	...	...	46,00	...	7,29	9,18	6,21
	Dez.	24,38	...	47,33	...	7,00	8,29	6,21
2011	Jan.	...	...	...	...	...	...	...
	Fev.	19,72	4,00	50,00	...	4,29	10,20	6,18
	Mar.	...	4,20	49,81	...	5,08	11,14	6,18
	Abr.	...	4,70	45,68	230,00	7,42	12,00	6,18
	Mai	31,79	5,21	43,63	209,74	6,83	12,50	6,18
	Jun.	26,69	6,22	40,00	198,83	6,40	12,62	6,18
	Jul.	...	6,25	38,00	192,18	6,84	13,00	6,18
	Ago.	...	...	37,03	192,16	8,35	11,97	6,18
	Set.	...	...	36,50	183,50	9,00	10,48	...
	Out.	...	...	36,50	205,00	9,00	10,00	...

Nota: Os preços referem-se a média aritmética simples dos preços mais comuns registrados diariamente nas principais regiões produtoras.
Fonte: Epagri/Cepa.

Anexo I

Conceitos

Consumo aparente de fertilizantes - Quantidade de fertilizantes fornecida pela indústria, ainda que não tenha sido totalmente aplicada na lavoura, uma vez que parte deste volume pode encontrar-se estocada e desperdiçada.

Microrregião geográfica (MRG) - Regionalização criada mediante a resolução PR nº 51, de 31/7/89, que aprova a divisão do Brasil em meso e microrregiões geográficas. Constituem áreas individualizadas, em cada estado, que apresentam formas de organização do espaço com identidade regional, definidas pelas seguintes dimensões: processo social como determinante, quadro natural como condicionante e rede de comunicação e de lugares como elementos de articulação espacial. O estado de Santa Catarina divide-se em 20 microrregiões e seis mesorregiões.

Pessoal ocupado - Pessoas que, em caráter permanente ou eventual, exercem ocupação remunerada ou não, diretamente ligadas a atividades desenvolvidas no estabelecimento.

População residente - Constituída pelas pessoas moradoras no domicílio.

População rural - População recenseada fora dos limites da área urbana, inclusive nos aglomerados rurais (povoados, arraiais, etc).

População urbana - Pessoas recenseadas nas cidades, vilas e áreas urbanas isoladas, conforme delimitação das respectivas prefeituras municipais.

Preços médios ponderados - Média dos preços mensais recebidos pelo produtor, ponderados pelas quantidades mensais comercializadas ao longo do ano.

Produção - Resultado da atividade econômica desenvolvida pelo estabelecimento em dado período, medida em termos de quantidade.

Produção extrativa vegetal - Produção de produtos vegetais obtida de espécies florestais nativas.

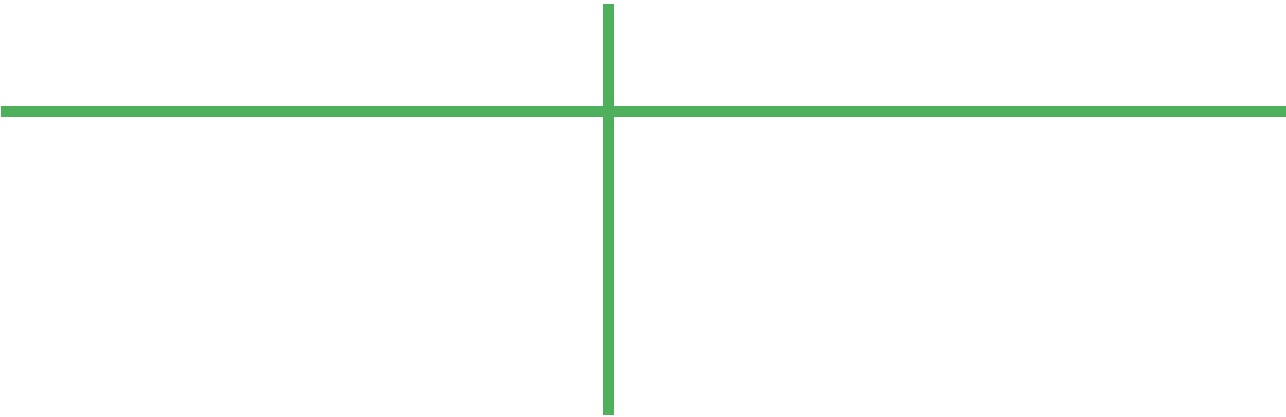
Produto - Resultado de qualquer atividade específica.

Produto Interno Bruto (PIB) - Medida, em unidade monetária, do fluxo total de bens e serviços finais produzidos pelo sistema econômico, em determinado período. Corresponde, portanto, ao Valor Bruto da Produção menos o consumo intermediário.

Setor terciário - Campo de ação que compreende basicamente o comércio de mercadorias, transporte, comunicações, prestação de serviços, atividades sociais e administração pública.

Situação de domicílio - Classificação da população segundo a localização do domicílio nas áreas urbanas ou rurais, definidas por lei municipal.

Valor Bruto da Produção (VBP) - Produto resultante da multiplicação da quantidade produzida pelo preço médio ao produtor, independente de terem ou não as mercadorias chegado ao mercado formal.



Fontes consultadas

Abipecs – Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína - <http://www.abipecs.com.br/>
Abiec – Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne - <http://www.abiec.com.br/>
Apinco – Associação Brasileira de Produtores de Pinto de Corte
Afubra – Associação dos Fumicultores do Brasil - <http://www.afubra.com.br/>
Abraf – Associação Brasileira de Produtores de Florestas Plantadas - <http://www.abraflor.org.br/>
Anda – Associação Nacional para Difusão de Adubos - <http://www.anda.org.br>
Anfavea – Associação Nacional do Fabricantes de Veículos Automotores - <http://www.anfavea.com.br>
Bracelpa – Associação Brasileira de Celulose e Papel - <http://www.bracelpa.org.br>
BCB - Banco Central do Brasil - <http://www.bcb.gov.br/>
Ceasa/SC – Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina
Ceagesp – Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo - <http://www.ceagesp.gov.br/>
Conab – Companhia Nacional de Abastecimento - <http://www.conab.gov.br/>
Confaz – Conselho Nacional de Política Fazendária - <http://www.fazenda.gov.br/confaz/>
Epagri/Cepa – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina/Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola
Epagri/Cedap – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina/<http://www.epagri.sc.gov.br/>
FAO – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura - www.fao.org
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - <http://www.ibge.gov.br/home/>
MDIC/Secex – Sistema Aliceweb – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior/<http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br/>
UBABEF - União Brasileira de Avicultura - <http://www.abef.com.br/>
Usda – United States Department of Agriculture - <http://www.usdabrazil.org.br/home/>

Lista de figuras - Parte I

Desempenho da produção vegetal

Alho

1. Consumo aparente conforme a origem em percentagem - Brasil - 2010	15
2. Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - (classes 5, 6 e 7) - 2006-11 (corrigidos pelo INPC para 30/junho/11)	17

Arroz

1. Ciclos de preço entre 1975 e 2011, a preços de abril/2011	22
--	----

Banana

1. Quantidade e valor das exportações brasileiras - 2006-11	26
2. Principais destinos das exportações brasileiras (t) - 2010	26
3. Preço mensal no produtor - 2009-11	29
4. Preços médios mensais no atacado de Santa Catarina - 2005-11	29

Cebola

1. Desempenho da produção - Brasil - Safras 2006/10	30
2. Evolução da produtividade - Brasil - Safras 2006/10	30
3. Desempenho da produção - Santa Catarina - Safras 2006/10	32
4. Evolução da área plantada - Santa Catarina - Safras 2006/10	32
5. Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - Safras 2008/09 - 2010/11	33

Maçã

1. Preços mensais comercializados no atacado - Brasil - 2009-11	49
2. Maçã in natura e sucos - Valor exportados - Brasil - 2006-11	50
3. Principais países compradores - Brasil - 2009-10	50
4. Valor da exportação, importação e saldo comercial - Brasil - 2006-10	51

Mandioca

1. Fécula in natura, colas, dextrina e outros amidos modificados - Valor exportado e preço médio - Brasil - 2006-11	55
2. Raiz e derivados - Preços médios anuais recebidos pelo produtor - Santa Catarina - 2006-1	57

Milho

1. Preços do milho, soja e feijão - Santa Catarina - Jan./08-jun./11	63
--	----

Soja

1. Milho e soja - Preço pago ao produtor - Santa Catarina - Fev./08-ago./10	69
---	----

Flores e plantas ornamentais

1. Importação de flores, plantas ornamentais e produtos de floricultura - Brasil - Jan./05 a maio/11	90
2. Exportação de flores, plantas ornamentais e produtos de floricultura - Brasil - Jan./05 a maio/11	91
3. Importação e exportação de flores, plantas ornamentais e produtos de floricultura - Santa Catarina - Jan./05 a dez./11	92
4. Flores e plantas ornamentais - Número de produtor por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2010	93

Lista de figuras - Parte I

Comercialização de produtos hortifrutigranjeiros na Ceasa/SC - Unidade de São José

1. Origem por estado do volume de produtos comercializados na Ceasa/SC (t) - 2010	95
---	----

Desempenho da produção animal

Carne bovina

1. Índice de preços do boi gordo e do bezerro - Santa Catarina - Fev./06 - nov./10	102
--	-----

Carne de frango

1. Santa Catarina - Preço do frango vivo, milho e soja - 2008-11	108
--	-----

Carne suína

1. Índice de preços de milho e suíno - Santa Catarina - 2008-11	115
2. Relação de troca entre milho e suíno - Santa Catarina - 2008-11	115

Leite

1. Saldo da balança comercial de lácteos, no primeiro semestre do ano - Brasil - 2008-11	120
--	-----

Desempenho da pesca e da aquicultura

1. Divisão entre a aquicultura e a pesca	125
2. Evolução da piscicultura - Santa Catarina - 1990-2009	127
3. Pescado - Importância percentual das principais espécies de peixes produzidas - Santa Catarina - 2009	128
4. Moluscos - Evolução da produção - Santa Catarina - 2000-10	129
5. Mexilhões - Produção e comercialização - Santa Catarina - 2000-10	130
6. Ostras - Produção e comercialização - Santa Catarina - 2000-10	131
7. Vieiras - Santa Catarina - Evolução da produção - 2006-1-	131
8. Camarões - Produção e comercialização - Santa Catarina - 2001-1-	133
9. Tilápia marinha - Evolução da produção - Santa Catarina - 2006-10	133

Desempenho do setor florestal

1. Evolução das exportações de produtos florestais, por segmento (mil US\$) - Brasil - 1993-2010	138
2. Participação dos principais estados nas exportações de produtos florestais - Brasil - 2010	138
3. Participação das espécies nos plantios florestais - Brasil - 2010	139
4. Evolução da área plantada com pinus e eucalipto - Brasil - 2005-10	139
5. Silvicultura - Produção de madeira em toras para uso industrial - Brasil - 1999-09	141
6. Composição da oferta de lenha, de carvão vegetal e de madeira para processamento mecânico, segundo a origem da matéria-prima - Brasil - 1997 e 2009	142
7. Exportações de madeira e suas obras (milhões US\$) - Brasil - 2000-10	143
8. Exportações de móveis de madeira e suas partes (milhões US\$) - Brasil - 2000-10	144
9. Exportações de papel e celulose (milhões US\$) - Brasil - 2000-10	145
10. Número de empresas no setor florestal - Santa Catarina - 2005-10	147
11. Número de empregos no setor florestal - Santa Catarina - 2003-10	148
12. Composição da oferta de lenha e de carvão vegetal, segundo a forma de produção - Santa Catarina - 1997 e 2008	149
13. Índice de evolução dos preços das principais matérias-primas florestais e do IGP/DI - Santa Catarina - ago./1994 - ago./2010	150
14. Evolução da composição das exportações de produtos florestais, por segmento (mil US\$) - Santa Catarina - 1993-2010	152

Lista de tabelas - Parte I

Lista de tabelas - Parte I

Uma breve análise da agropecuária catarinense em 2010 e no primeiro semestre de 2011

1. Quantidade, preço, valor e índice da produção agropecuária segundo produtos e grupos de atividade econômica, Santa Catarina - 2010-11	8
2. Quantidade, preço, valor e índice de Quantum da produção agropecuária, segundo produtos e grupos de atividade econômica - Santa Catarina - 2010-11	9
3. Arrecadação de ICMS, por atividade econômica - Santa Catarina - 2006-10	10

Desempenho da produção vegetal

Alho

1. Área colhida e produção obtida - Mundo e principais países - Safras 2005/09	12
2. Área colhida e produção obtida - América do Sul - Safras 2005/09	12
3. Área plantada e produção - Brasil e por estado - Safras 2006/11	14
4. Importação por país de origem - Brasil - 2006/11	14
5. Área plantada, produção e principais municípios - Santa Catarina - Safras 2007/11	16

Arroz

1. Arroz beneficiado - Produção e principais países produtores - Safras 2006/07-2011/12	18
2. Arroz beneficiado - Balanço de oferta e demanda mundial - Safras 2005/06-2011/2012	18
3. Arroz em casca - Área plantada, produção e rendimento - Brasil e principais estados produtores - Safras 2006/07-2010/11	19
4. Arroz em casca - Balanço de oferta e demanda - Brasil - Safras 2005/06-2010/11	20
5. Área plantada e produção por Microrregião Geográfica - Santa Catarina - Safras 2006/07 - 2010/11	21
6. Preços pagos ao produtor (corrigidos para abr./2011) - Santa Catarina - 2000-11	21

Banana

1. Área colhida, quantidade e rendimento - Mundo e principais países - Safras 2005/09	23
2. Valor das exportações mundiais e dos principais países - 2004-08	24
3. Valor das importações mundiais e dos principais países - 2004-08	24
4. Área colhida, produção e rendimento - Brasil e principais estados produtores - Safras 2007/11	25

Cebola

1. Área plantada, produção e rendimento dos principais estados produtores - Safras 2008/10	30
--	----

Lista de tabelas

- Parte I

Feijão

1. Produção mundial – 2005-09	34
2. Área plantada, produção e rendimento médio - Brasil - Safras 2006/07-2010/11	35
3. Principais estados produtores - Brasil - Safras 2006/07-2010/11	35
4. Produção catarinense – Safras 2006/07- 2010/11	36
5. Área, produção e rendimento por microrregião geográfica – Santa Catarina - Safras 2006/07–2009/10	37
6. Principais países exportadores - Mundo - 2004-08	37
7. Principais países importadores - Mundo - 2004-08	38
8. Maiores países consumidores - 2003-07	38
9. Importação brasileira, por país de origem – 2007-11	38
10. Balanço de oferta/demanda - Brasil - Safras 2006/07-2010/11	39
11. Feijão preto – Preço médio – Santa Catarina - 2007-11	39
12. Feijão carioca - Preço médio – Santa Catarina - 2007-11	39

Fumo

1. Principais países produtores– 2005-08	40
2. Principais países exportadores – 2003-07	41
3. Principais países importadores – 2003-07	41
4. Área, produção e rendimento - Brasil - Safras 2001/02-2009/10	42
5. Número de fumicultores - Brasil - Safras 2006/07-2010/11	42
6. Distribuição fundiária dos fumicultores - Brasil - Região Sul - Safra 2009/10	42
7. Área, produção e rendimento – Brasil - Região Sul - Safras 2007/08-2010/11	43
8. Quantidade produzida e exportada – Brasil - 2001-2010	43
9. Comparativo das safras - Santa Catarina - Safras 2001/02-2009/10	43
10. Comparativo de safras, segundo as micro e mesorregiões – Santa Catarina - 2005/06-2008/09	44
11. Preço médio recebido pelos produtores – Brasil - Região Sul - Safras 2000/01-2009/10	44
12. Preço médio recebido pelos produtores - Brasil - Região Sul - Safras 2000/01-2009/10	45
13. Exportações brasileiras e catarinenses – 2001-10	45
14. Exportações, por país de destino – Santa Catarina - 2007-10	46

Maçã

1. Quantidade produzida total e dos principais países – Safras 2004/05 - 2008/09	47
2. Valor exportado – Total e dos principais países – 2004-08	47
3. Valor importado – Total e dos principais países – 2004-08	48
4. Área colhida, quantidade produzida e rendimento médio - Brasil e principais estados - Safras 2006/07-2010/11	48

Mandioca

1. Raiz – Área colhida, produção e rendimento - Mundo e principais países – Safras 2004/05-2008/09	53
2. Raiz e derivados – Quantidade e valor das exportações - Mundo - 2004-08	53
3. Raiz e derivados – Quantidade e valor das importações - Mundo - 2004-08	53
4. Raiz – Área colhida, produção e rendimento médio - Brasil e principais estados - Safras 2006/07-2010/11	53

Milho

1. Principais países do mercado – Safras 2010/11-2011/12	58
2. Principais produtores - Mundo – Safras 2007/08-2011/12	59
3. Oferta e demanda - Mundo – Safras 2007/08 - 2011/12	59
4. Oferta e demanda – Estados Unidos - Safras 2007/08-2011/12	59
5. Milho e etanol - Produção – Estados Unidos - Safras 2006/07-2010/11	59
6. Oferta e demanda – Argentina - Safras 2007/08-2011/12	59

Lista de tabelas

- Parte I

7. Valor, volume e preço das exportações - Brasil e Santa Catarina - 2005-11	60
8. Principais estados produtores – Brasil - Safras 2006/07-2010/11	60
9. Oferta e demanda – Brasil - Safras 2006/07-2011/12	61
10. Maiores países importadores do grão - Brasil - 2004, 2007 e 2010	61
11. Área, produção e rendimento – Santa Catarina - Safras 2006/07-2010/11	62
12. Déficit na produção - Santa Catarina - 2004-11	62
13. Área, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2008-10	63

Soja

1. Principais países do mercado – Safras 2010/11-2011/12	64
2. Principais produtores - Mundo – 2008-12	64
3. Oferta/demanda - Mundo – 2007/08-2011/12	65
4. Oferta e demanda – Estados Unidos - 2007/08-2011/12	65
5. Produção - América do Sul – 2006/07-2010/11	65
6. Principais estados produtores – Brasil - 2006/07-2010/11	66
7. Complexo soja – Oferta/demanda – Brasil - 2009/10-2011/12	66
8. Soja e derivados – Exportações de Brasil e Santa Catarina - 2007-11	67
9. Exportação de grão, farelo e óleo - Brasil - 2010	67
10. Área, produção e rendimento - Santa Catarina - 2006/07-2010/11	68
11. Estimativa de oferta e demanda - Santa Catarina - 2005/06-2010/11	68
12. Área plantada, quantidade produzida e rendimento médio por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2008-10	69

Tomate

1. Área colhida, quantidade produzida e rendimento médio – Mundo e principais países – Safras 2006/07-2008/09	70
2. Área, produção e rendimento médio - América do Sul – Safras 2006/07-2008/09	71
3. Valor - Principais países importadores - 2004-08	72
4. Valor - Principais países exportadores - 2004-08	72
5. Área plantada, produção e rendimento médio – Brasil e regiões - Safras 2008/09-2010/11	73
6. Área plantada, quantidade produzida e rendimento médio – Brasil e principais estados - Safras 2008/09-2010/11	74
7. Área plantada, quantidade produzida e rendimento médio por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras 2007/08-2009/10	75
8. Área plantada e quantidade produzida - Principais municípios produtores - Santa Catarina - Safras 2007/08-2009/10	75

Trigo

1. Produção mundial e dos principais países produtores – Safras 2007/08-2011/12	76
2. Balanço mundial de oferta e demanda – Safras 2007/08-2011/12	76
3. Principais países consumidores – 2003-07	77
4. Consumo per capita - Mundo - 2003-07	77
5. Trigo e seus derivados – Principais países exportadores - 2004-08	78
6. Trigo e seus derivados – Principais países importadores – 2004-08	78
7. Comparativo das safras - Brasil - Safras - 2007/08-2011/12	78
8. Comparativo de safras, segundo os principais estados produtores - Brasil – Safras 2008/09-2011/12	79
9. Oferta e demanda - Brasil - Safras 2007/08-2011/12	79
10. Trigo em grão – Quantidade importada pelo Brasil – Safras 2006/07-2010/11	80
11. Farinha de trigo – Quantidade importada - Brasil – Safras 2006/07-2010/11	80
12. Comparativo das safras - Santa Catarina – Safras 2007/08-2011/12	80
13. Comparativo de safras, segundo as microrregiões - Santa Catarina – Safras 2007/08-2010/11	81
14. Preços médios mensais aos produtores - Santa Catarina – 2007-11	81

Uva e vinho

1. Produção, segundo os principais estados produtores - Brasil - 2003-10	84
2. Produção, segundo as mesorregiões e microrregiões - Santa Catarina - 2003-09	85

Lista de tabelas - Parte I

Flores e plantas ornamentais

1. Proporção entre municípios atuantes na floricultura e o total da microrregião - Santa Catarina - 2010	93
--	----

Hortifrutigranjeiros

Comercialização de produtos hortifrutigranjeiros na Ceasa/SC - Unidade de São José

1. Quantidade e valor, por grupo de produtos comercializados, no atacado - Ceasa/SC - 2010	94
2. Produtos mais comercializados no atacado - Ceasa/SC - 2009-10	95
3. Quantidade comercializada, local de origem e participação percentual dos produtos monitorados pela Ceasa/SC - 2009	96

Desempenho da produção animal

Carne bovina

1. Principais países produtores e exportadores - 2010-11	98
2. Principais países do mercado - 2010-11	98
3. Efetivo do rebanho bovino por estado - 2005-09	99
4. Abates mensais de bovinos - Brasil - 2004-10	100
5. Balanço de oferta e demanda - Brasil - 2005-11	100
6. Exportações por tipo de produto - Brasil - 2007-10	100
7. Principais países importadores - Brasil - 2007-10	101
8. Efetivo bovino - Ordenado por tamanho - microrregião geográfica - Santa Catarina - 2005-09	101
9. Oferta e demanda - Santa Catarina - 2005-10	102
10. Valor, volume e preço das exportações - Brasil e Santa Catarina - 2006-11	102

Carne de frango

1. Exportações - Brasil e EUA - 2007-11	103
2. Principais países do mercado - 2010-11	103
3. Alojamento de pintos de corte - Brasil - 2006-10	104
4. Participação dos estados nos abates - Brasil - 2006-10	104
5. Produção mensal de carne - Brasil - 2006-10	104
6. Oferta e demanda - Brasil - 2006-10	105
7. Principais países importadores do frango brasileiro - 2007-10	105
8. Produção e exportação - Brasil e Santa Catarina - 2005-10	105
9. Oferta e demanda - Santa Catarina - 2006-10	106
10. Exportações - Brasil e Santa Catarina - 2008-10	100
11. Exportações por destino - Santa Catarina - 2004-10	107
12. Efetivo de frango - Santa Catarina - 2005-09	107

Carne suína

1. Maiores países do mercado - 2010-11	109
2. Matrizes alojadas - Brasil - 2006-10	110
3. Produção de suínos para abate - Brasil - 2006-10	110
4. Produção de carne suína - Brasil - 2006-10	111
5. Balanço de oferta e demanda - Brasil - 2006-10	111
6. Valor, volume e preço de exportação - Brasil - 2006-11	111
7. Destino das exportações - Brasil - 2006-10	112
8. Exportação total por estado e tipo de produto - Brasil - 2010	112
9. Produção e exportação - Brasil e Santa Catarina - 2006-10	113
10. Valor das exportações - BR e SC - 2006-11	113
11. Oferta e demanda - Santa Catarina - 2006-10	113
12. Destino das exportações catarinenses - 2006-10	113
13. Valor, volume e preços de exportação - Santa Catarina - 2006-11	114
14. Efetivo por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2005-09	114

Lista de tabelas

- Parte I

Leite

1. Produção mundial, importação e exportação, segundo os principais blocos econômicos ou países produtores - 2010-11	118
2. Produção no Brasil e nos principais estados produtores - 2005-09	119
3. Número de vacas ordenhadas, produção e rendimento médio de leite, segundo os principais estados produtores - 2000, 2005 e 2009 ..	119
4. Quantidade adquirida pelas indústrias nos principais estados produtores - Brasil - 2005-09	120
5. Importações e exportações brasileiras - 2002-10	120
6. Produção nas meso e microrregiões geográficas - Santa Catarina - 2005-09	121
7. Produção total e volume destinado à indústria - Santa Catarina - 2005-10	121
8. Preço médio mensal recebido pelo produtor - Santa Catarina - 2008-11	123

Desempenho da pesca e da aquicultura

1. Estimativa do valor da produção da maricultura - Santa Catarina - 2006-10	132
--	-----

Desempenho do setor florestal

1. Produtos florestais - Área de florestas naturais e plantadas - Mundo - 2010	134
2. Produção mundial de madeira em toras, segundo os principais países - 2005-09	135
3. Produção mundial de madeira em toras para uso industrial, segundo os principais países - 2005-09	135
4. Produção mundial de celulose, segundos os principais países - 2005-09	136
5. Produção mundial de papel e cartões, segundo os principais países - 2005-09	136
6. Produtos florestais - Valor das exportações mundiais, segundo os principais países - 2005-09	137
7. Área plantada com pinus e eucalipto - Brasil - 2010	139
8. Valor financiado pelos programas Pronaf Eco e Propflora - 2010	140
9. Produção das principais matérias-primas de origem florestal - Brasil - 2005-09	140
10. Consumo de madeira em toras para uso industrial por espécie, segundo os principais segmentos industriais - Brasil - 2009-10	141
11. Produção e destino dos painéis de madeira reconstituída - Brasil - 2000-10	143
12. Produção de papel e celulose - Brasil - 2006-10	146
13. Produção dos principais produtos florestais - Santa Catarina - 2005-09	148
14. Preço médio dos principais produtos florestais - Santa Catarina - 2005-11	150
15. Preço médio de insumos e fatores de produção florestal - Santa Catarina - 2005-11	151
16. Exportação de produtos florestais - Santa Catarina - 2002-10	152

Crédito Rural

1. Financiamentos a produtores e cooperativas, por atividade - Brasil - 2006-10	153
2. Financiamentos a produtores e cooperativas, por finalidade - Brasil - 2006-10	153
3. Financiamentos a produtores e cooperativas, por atividade - Santa Catarina - 2006-10	154
4. Financiamentos a produtores e cooperativas, por finalidade - Santa Catarina - 2006-10	154
5. Pronaf - Financiamentos concedidos a produtores, por atividade - Brasil - 2006-10	155
6. Pronaf - Financiamentos concedidos a produtores, por finalidade - Brasil - 2006-10	155
7. Pronaf - Financiamentos concedidos a produtores, por atividade - Santa Catarina - 2006-10	155
8. Pronaf - Financiamentos concedidos a produtores, por finalidade - Santa Caraina - 2006-10	155

Crédito fundiário

1. Evolução da idade média dos beneficiários - Santa Catarina - 2002-10	156
2. Evolução anual do número de famílias beneficiárias e número de hectares adquiridos do Crédito Fundiário até o ano de 2011, a partir do número obtido com o Banco da Terra (até 2003)	157
3. Alcances obtidos pelos programas do Banco da Terra e do Crédito Fundiário de 1999 a junho de 2011	157

Lista de tabelas - Parte II

Lista de tabelas - Parte II

Divisão do território catarinense e população

1. Área territorial, população residente total, urbana e rural - 2010	158
---	-----

Informações econômicas da agropecuária

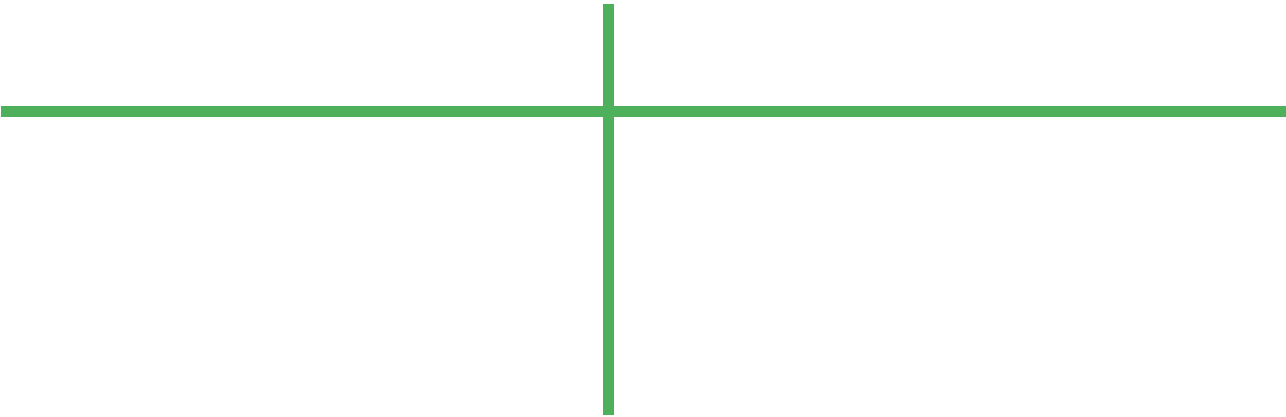
2. Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo – Santa Catarina – 2005-10	164
3. Consumo aparente de fertilizantes, segundo o tipo – Santa Catarina – 2004-09	164
4. Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais – Santa Catarina – Safras – 2009/10-2010/11	165
5. Exportações do agronegócio catarinense – 2006-11	166
6. Importações do agronegócio catarinense – 2006-11	167
7. Valor bruto corrente da produção dos principais produtos da agropecuária catarinense 2004-09	168

Preços agrícolas

8. Preços mínimos do Programa de Garantia de Preços para Agricultura Familiar (PGPAF)- 10/01/2011 a 09/01/2013	169
9. Preços médios mensais recebidos pelos produtores dos principais produtos agropecuários – Santa Catarina – 2008-11	170

Índice remissivo

Agricultura familiar, 7-10
Alho, 11-17
Área territorial, 158-163
Arroz, 18-22
Balanço de oferta e demanda, 165
Banana, 23-29
Calendário agrícola, 97
Camarão, 132-133
Carne bovina, 98-102
Carne de frango, 103-108
Carne suína, 109-116
Cebola, 30-33
Crédito rural, 153-155
Crédito fundiário, 156-157
Divisão territorial, 158-163
Exportação do agronegócio, 166
Feijão, 34-39
Fertilizantes, 164
Flores e plantas ornamentais, 89-93
Fumo, 40-46
Hortifrutigranjeiros, 94-96
ICMS, 10
Importação do agronegócio, 167
Leite, 117-123
Maçã, 47-52
Mandioca, 53-57
Máquinas agrícolas, 164
Maricultura, 129
Mexilhão, 130
Milho, 58-63
Ostra, 130-131



Pesca e aquicultura, 124-133
Pesca extrativa, 126
Pesca industrial, 126-127
Piscicultura de água doce, 127-128
População residente, 158-163
População rural, 158-163
População urbana, 158-163
Preços mínimos, 169
Preços recebidos pelos agricultores, 170-171
Produção animal, 98-123
Produção florestal, 134-152
Produção vegetal, 11-88
Soja, 64-69
Tilápias marinhas, 133
Tomate, 70-75
Trigo, 76-82
Uva e vinho, 83-88
Valor bruto da produção, 7-8, 168
Vieiras, 131-132

